

DOCUMENTOS

Antologia de Crítica a **Teng Siao-Ping**

(Artigos seleccionados
da revista chinesa **Pékin Information**)



EDIÇÕES MARIA DA FONTE



Edições Maria da Fonte

Δ

EDIÇÕES MARIA DA FONTE

Colecção «DOCUMENTOS»

- 1 — Sobre o Trabalho de Propaganda — Um Congresso Histórico — Mao Tsé-tung, Chu En-lai e Wang Hong-Wen.
- 2 — A Linha Política Revolucionária do Partido Comunista do Brasil (M-L).
- 3 — Proclamação-Programa dos Comunistas (Bolcheviques) Revolucionários Soviéticos.
- 4 — Guerra Popular — Caminho da Luta Armada no Brasil.
- 5 — Programa e Estatutos da Internacional Comunista.
- 6 — Sobre a Experiência da Guerra de Libertação Nacional da Albânia — Mehmet Shehu.
- 7 — Têmpera no Fogo da Luta — Resumo breve da História do Exército de Libertação Nacional do Povo Albanês (1941-1944) — Lefter Kasneci.
- 8 — Primeiro Congresso do Partido Comunista da Bélgica (M-L).
- 9 — Informe da Actividade do C.C. do P.T.A. — Enver Hoxha.
- 10 — História do Partido dos Trabalhadores do Vietname
- 11 — 50 Anos de Luta — Partido Comunista do Brasil.
- 12 — Teoria da Construção Económica do Socialismo — Kim Il Sung.
- 13 — Escritos I (1920-1954) — Ho Chi Minh.
- 14 — Escritos II (1954-1969) — Ho Chi Minh.
- 15 — I Congresso do P.C.E. (M-L) (I Parte).
- 16 — Dos Presos Políticos Brasileiros.
- 17 — I Congresso do P.C.E. (M-L) (II Parte).
- 18 — Relatório sobre o V Plano Quinquenal do Partido do Trabalho da Albânia — Mehmet Shehu.
- 19 — Os Quatro Primeiros Congressos da Internacional Comunista (1919-1923).

- 20 — História da Revolução de Agosto.
- 21 — Política e Revolucionarização do Partido — Partido Comunista do Brasil.
- 22 — Três Anos de Luta contra o Fascismo em Espanha — José Díaz (I volume).
- 23 — Três Anos de Luta contra o Fascismo em Espanha — José Díaz (II volume).
- 24 — Três Anos de Luta contra o Fascismo em Espanha — José Díaz (III volume).
- 25 — Posições do C.C. da Organização dos Marxistas-Leninistas da Grécia (O.M.L.E.) — Por ocasião do 56º aniversário do P.C.G.
- 26 — Discurso de Teng Siao-ping na Assembleia Extraordinária da O.N.U. (10 de Abril de 1974).
- 27 — Antologia de textos de crítica a Teng Siao-ping (extraídos da revista chinesa *Pékin Information*).
- 28 — Antologia de textos de crítica ao *bando dos quatro* (extraídos da revista chinesa *Pékin Information*).

Outras Colecções:

Textos Maria da Fonte
Cultura Popular
Estudos
Libertação Nacional
Luta Operária
Textos Manuel Quirós
Textos Marte
Textos Confronto
Nova China

EDIÇÕES MARIA DA FONTE
Rua da Fé, 26 — 2º.
Tel: 562693
LISBOA

Antologia de Crítica a Teng Siao-Ping

**(Artigos seleccionados
da revista chinesa Pékin Information)**

Colecção «DOCUMENTOS»

Editor: Maria Isabel Pinto Ventura

ANTOLOGIA DE TEXTOS
DE CRÍTICA
A TENG SIAO-PING

(extraídos da revista
chinesa *Pékin Information*)

Para a versão portuguesa de Edições Maria da Fonte

NOTA INTRODUTÓRIA

Aos nossos leitores:

A publicação das Antologias (Crítica ao Bando dos Quatro, Crítica a Teng Siao-ping), bem como do discurso de Teng Siao-ping na O.N.U. em 1974 tem como objectivo exclusivo fornecer material aos nossos leitores.

Isabel Ventura

MANTER A LINHA FUNDAMENTAL
DO PARTIDO

*Notas de estudo sobre «Da justa solução das contradições
no seio do povo»*

(Resumo do artigo de Tcheng Kui,
do *Hongqi*, n.º 1, de 1976, publi-
cado pela revista chinesa *Pékin
Information*, n.º 4, de 26 de
Janeiro de 1976)

Esta importante obra do Presidente Mao representa uma poderosa arma ideológica para guiar o proletariado e o povo revolucionário na revolução e na edificação socialistas, e depois para consolidar a ditadura do proletariado e para impedir a restauração do capitalismo. Numa análise cerrada das contradições fundamentais da sociedade socialista, o Presidente Mao mostra que uma vez praticamente levadas a bom êxito a transformação socialista da propriedade dos meios de produção, as classes, como as contradições de classe e a luta de classes, continuam a existir, do

mesmo modo que estes dois tipos de contradições de natureza diferente: contradições entre nós e os nossos inimigos, contradições no seio do povo; finalmente, formula um conjunto de teses, de princípios e de medidas políticas com vista a resolver correctamente estas contradições. Hoje, no movimento de estudo da teoria sobre a ditadura do proletariado, uma nova aproximação desta obra, ligada à realidade da luta entre as duas classes, entre as duas vias e as duas linhas, é de uma importância capital imediata, se se quer criticar seriamente as linhas revisionistas de Liu Chao-chi e de Lin Piao, se se quer ter uma melhor consciência da necessidade de aplicar a linha fundamental do Partido, tomar sem desfalecimento a luta de classes como eixo, e conduzir a bom termo o trabalho em todos os domínios.

Linha vital para o Partido e o Estado

«Num processo de desenvolvimento complexo de uma coisa ou de um fenómeno, existe toda uma série de contradições: uma delas é necessariamente a contradição principal, cuja existência e desenvolvimento determinam a existência e o desenvolvimento das outras contradições ou agem sobre elas» — sublinha o Presidente Mao em *Da contradição*. Dirigindo a revolução de democracia nova, e depois a revolução socialista, ajudou constantemente o conjunto do Partido a compreender e a resolver de modo judicioso a contradição principal em cada período revolucionário. Desde Março de 1949, na segunda sessão plenária do Comité Central saído do VII Congresso do Partido, mostrou claramente que depois da tomada do poder nacional pelo proletariado, a contradição principal no interior do País seria *«a contradição entre a classe operária e a burguesia»*. Tendo dissecado o conteúdo e a forma das lutas entre o proletariado e a burguesia, forneceu ao Partido a linha

directriz e todos os princípios políticos permitindo a transição da revolução de democracia nova para a revolução socialista. Partindo da contradição principal que marca a revolução no estágio socialista, elaborou a linha geral do Partido para este período de transição. Graças a esta linha, alguns anos bastaram para alcançar por todo o lado grandes vitórias nos domínios da transformação socialista da agricultura, do artesanato, assim como da indústria e do comércio capitalistas; mudando deste modo uma economia individual em economia colectiva, e a propriedade capitalista em propriedade socialista.

Depois de ter completado no essencial a transformação socialista da propriedade dos meios de produção, a revolução socialista e a ditadura do proletariado na China encontravam-se confrontadas com novos problemas: Qual era a contradição principal? Existiam ainda classes, contradições de classe e uma luta entre elas? Era preciso consolidar a ditadura do proletariado e continuar a revolução socialista? Outras tantas questões consideráveis para o futuro da revolução e o destino do Estado. Baseando-se no princípio da união da verdade universal do marxismo-leninismo à prática concreta da revolução chinesa, o Presidente Mao esclarecia as experiências históricas — positivas como negativas — da ditadura do proletariado e dava pela primeira vez uma resposta científica e metódica a estas questões. Nesta brilhante obra, escreve nomeadamente: *«Na verdade, na China, a transformação socialista, no que respeita à propriedade, está praticamente concluída; (...) Contudo, subsistem vestígios das classes derrubadas dos latifundiários e dos compradores, a burguesia existe ainda, e a transformação da pequena burguesia apenas começou. A luta de classes não chegou ainda ao seu termo. A luta de classes entre o proletariado e a burguesia, entre as diversas forças políticas e entre as ideologias proletária e burguesa será ainda longa e sujeita a vicissitudes, e por momentos ela poderá mesmo tornar-se muito aguda.*

O proletariado procura mudar o mundo segundo a sua própria concepção, e a burguesia, segundo a sua. A este respeito, a questão de saber quem vencerá, se o socialismo ou o capitalismo, não está ainda verdadeiramente resolvida.» Isto mostra-nos claramente o erro completo do ponto de vista segundo o qual a quase-realização da transformação socialista da propriedade dos meios de produção seria acompanhada pela abolição das classes; no decurso da etapa socialista, classes, contradições de classe e luta entre elas existirão ainda muito tempo; com a contradição entre proletariado e burguesia como contradição principal na sociedade socialista. A realidade da luta de classes na China e a restauração do capitalismo que se operou na U. R. S. S. com a camarilha dos renegados revisionistas soviéticos provam com eloquência a justeza desta brilhante conclusão do Presidente Mao.

A sua análise das classes, das contradições e das lutas entre elas na sociedade socialista está baseada no princípio fundamental do materialismo dialéctico e do materialismo histórico. *«Na sociedade socialista, as contradições fundamentais persistem como no passado: a contradição entre as relações de produção e as forças produtivas, a contradição entre a superestrutura e a base económica.»* *«As relações de produção socialistas estão já criadas e correspondem ao desenvolvimento das forças produtivas, mas estão ainda longe de ser perfeitas e esta perfeição está em contradição com o desenvolvimento das forças produtivas. Não só as relações de produção correspondem ao desenvolvimento das forças produtivas ao mesmo tempo que estão em contradição, mas, além disso, a superestrutura corresponde à base económica ao mesmo tempo que está em contradição com ela.»* *«Devemos constantemente resolver tais contradições tendo em conta circunstâncias concretas.»* O Presidente Mao mostra-nos aqui explicitamente que a lei da unidade dos contrários — lei fundamental que age universalmente tanto na natureza

como na sociedade humana e no pensamento dos homens — é igualmente a lei fundamental da sociedade socialista. Estas teses refutam categoricamente os erros de julgamento tais como os que pretendiam que na sociedade socialista as relações de produção estejam em perfeita harmonia com as forças produtivas, a superestrutura com a base económica, e que já não existem mais contradições entre elas; da mesma maneira que depois de ter no essencial realizado a transformação socialista da propriedade dos meios de produção, já não se tem mais necessidade de continuar a revolução no domínio das relações de produção nem do da superestrutura, e que a tarefa principal consiste em desenvolver as forças produtivas; que a luta de classes não representa o motor poderoso do progresso da sociedade socialista. Também as concepções científicas do Presidente Mao iluminam o proletariado e o povo revolucionário sobre esta grande via da revolução que continuam sob a ditadura do proletariado.

Por outro lado, esta obra continua a dar uma sólida base teórica à linha fundamental do Partido: Em 1962, o Presidente Mao reafirmava a questão da luta de classes, e elaborava o conjunto da linha fundamental do Partido para todo o período histórico do socialismo: *«A sociedade socialista prolonga-se por um muito longo período histórico, no decurso do qual continuam a existir as classes, as contradições de classes e a luta de classes, do mesmo modo que a luta entre a via socialista e a via capitalista, assim como o perigo de uma restauração do capitalismo. É preciso compreender que esta luta será longa e complexa, redobrar de vigilância e prosseguir a educação socialista. É preciso compreender e resolver correctamente os problemas colocados pelas contradições de classe e a luta de classes, distinguir as contradições entre o inimigo e nós, e as contradições no seio do povo, para lhes dar uma justa solução. Senão, um país socialista como o nosso transformar-se-á no seu contrário: mudará de natureza e verá a restauração do*

capitalismo. Desde agora, devemos falar desta questão, dia após dia, mês após mês, ano após ano, para ter uma compreensão suficientemente clara e seguir uma linha marxista-leninista.» Esta linha é vital para o nosso Partido e para o nosso Estado. Enquanto a seguirmos na nossa marcha em frente, iremos de vitória em vitória.

Desenvolvimento na luta

«O marxismo também se desenvolveu no decurso da luta.» (Mao Tsé-tung: *Da justa solução das contradições no seio do povo.*) As teorias do Presidente Mao sobre a existência das classes, da luta de classes durante o período histórico do socialismo e sobre o prosseguimento da revolução sob a ditadura do proletariado são o fruto de uma longa luta contra o revisionismo, contra a «teoria da extinção da luta de classes» e contra a «teoria das forças produtivas» de Liu Chao-chi e de Lin Piao. Antes mesmo da quase transformação socialista da propriedade dos meios de produção, o primeiro lançava já ideias absurdas como «mecanização antes, cooperação em seguida», com o fim de se pôr em oposição ao grande surto da transformação socialista da agricultura. Esta transformação praticamente conquistada, Liu Chao-chi e Lin Piao opuseram-se então às concepções do Presidente Mao sobre a existência de classes, de contradições de classe e de luta entre elas na sociedade socialista; tomaram a direcção oposta à linha fundamental do Partido definida para este período histórico do socialismo, assim como ao prosseguimento da revolução sob a ditadura do proletariado.

Quando, em 1956, o revisionismo se enfurecia na arena internacional e a luta de classes era muito encarniçada no interior do País, Liu Chao-chi, de conivência com Chen Po-ta, opunha-se abertamente às directivas do Presidente Mao na segunda sessão plenária do C. C. saído do VII Congresso — apresentando a contradição principal do País

como uma «contradição entre sistema socialista avançado e forças produtivas atrasadas da sociedade»; sem o conhecimento do Presidente Mao, incluiu este contra-senso revisionista na resolução do VII Congresso do P. C. C.. O Presidente Mao mostrou então solenemente o que nele havia de errado e de antimarxista.

Segundo o marxismo, com o desenvolvimento das forças produtivas, as relações de produção que não lhes convêm modificar-se-ão tarde ou cedo. Trata-se de um princípio fundamental; e Marx notava que *«num certo grau do seu desenvolvimento da sociedade, as forças produtivas materiais da sociedade entram em conflito com as relações de produção existentes, ou com as relações de propriedade no seio das quais se moveram até então, e que não são mais do que a sua expressão jurídica»*. (Prefácio à *Crítica da economia política*). E Engels sublinhava do mesmo modo que *«a sua libertação (a dos meios de produção) destas cadeias é a única condição requerida para um desenvolvimento ininterrupto das forças produtivas, progredindo a um ritmo cada vez mais rápido»*. (*Anti-Duhring.*) A revolução socialista chinesa pretende justamente transformar as antigas relações de produção que entravam seriamente o desenvolvimento das forças produtivas em relações socialistas conformes a um tal desenvolvimento, e que permitam a libertação destas forças produtivas. E a contradição entre forças produtivas «atrasadas» e relações de produção «avançadas», inventada por Liu Chao-chi e consortes, não é mais do que uma nova mistura dos argumentos impertinentes como «mecanização primeiro, cooperação em seguida». Que é o mesmo que dizer, a acreditar nas suas frivolidades, que a revolução socialista teria avançado depressa demais, e que seria preciso voltar ao capitalismo! O seu objectivo era pois abrir o caminho para a restauração do capitalismo.

Ainda que estas patranhas revisionistas de Liu Chao-chi tenham sido submetidas à crítica, o combate entre a via

marxista e a via revisionista não cessou. Assim, em 1969, nas vésperas do IX Congresso do Partido, de combinação com Chen Po-ta, Lin Piao montava um relatório pondo ainda uma vez mais em evidência «a extinção da luta de classes», e considerando que depois deste Congresso a tarefa principal seria desenvolver a produção. Este relatório revisionista tornou-se objecto de uma crítica severa por parte do nosso grande dirigente o Presidente Mao que, com o C. C. do P. C. C., o rejeitou; as principais intenções criminosas que aí se revelam eram pregar a «teoria das forças produtivas», a «teoria da extinção da luta de classes», e de contestar a linha fundamental do Partido definida para o período histórico do socialismo. Não defende Lin Piao que não existia o «menor revisionismo» entre nós? Assim, combater e travar este último, consolidar a ditadura do proletariado, impedir a restauração do capitalismo, foram tarefas que suprimiu de uma penada, após o que não nos resta mais do que desenvolver a produção.

A «teoria das forças produtivas» é uma velha espada de que se servem desde sempre os revisionistas — novos ou velhos — para sabotar a revolução socialista. Bernstein, revisionista à antiga maneira da II Internacional, defendia que o capitalismo se podia pacificamente «integrar no socialismo» tendo por única condição que o desenvolvimento das forças produtivas alcançasse um alto grau; e que o recurso à revolução violenta seria então uma palavra vã. Mais tarde, é o renegado Kautsky que se desfaz por sua vez em propostas do género: só um grande desenvolvimento das forças produtivas, tal como o do capitalismo, tornaria possível um socialismo sinónimo de bem-estar geral numa civilização moderna. Foi para isso que estes revisionistas se opuseram ferozmente à grande Revolução socialista de Outubro na Rússia, proclamando que «a Rússia não atingiu o grau de desenvolvimento das forças produtivas necessário para tornar possível o socialismo». (Cf. *Sobre a nossa Revolução*, de Lenine.) Mas Lenine demonstra a sua argu-

mentação falaciosa retorquindo que «*para criar o socialismo, dizeis vós, é preciso ser-se civilizado. Muito bem. Mas porque não poderíamos nós começar por criar aqui essas condições prévias da civilização expulsando os grandes latifundiários, expulsando os capitalistas da Rússia para, em seguida, começar a nossa marcha para o socialismo?*» (*Sobre a nossa Revolução*.) É pois claro que pregando a «teoria das forças produtivas», estes renegados tinham em vista impedir a tomada do poder pelo proletariado. Digna herdeira dos revisionistas da velha escola, a clique dos renegados revisionistas soviéticos faz também desta teoria a sua bíblia, e clama que «o essencial são a economia e a produção», que «no socialismo, a política cede o passo à economia», etc., etc. O que nem sequer é verdadeiro no que respeita a esta clique, porque ela própria sempre pôs a sua política contra-revolucionária em primeiro plano. Sendo o seu verdadeiro objectivo substituir a tese marxista-leninista da luta de classes e da ditadura do proletariado pela «teoria das forças produtivas» — para sustentar a combatividade dos povos revolucionários e cobrir o seu crime, tendo restaurado o capitalismo integral na U. R. S. S..

Toda esta grande algazarra em redor da «teoria das forças produtivas», que Liu Chao-chi e Lin Piao conduziam, tinha como único objectivo empenhar a China na via capitalista. Ora a questão fundamental da luta que travam as duas linhas no seio do Partido depois da vitória da revolução democrática na China persiste: seguir a via socialista ou a via capitalista? Escusado será dizer que a burguesia quer seguir a via capitalista; enquanto que no Partido, se é verdade que pretendemos seguir a via socialista, alguns pensam que, como a China é muito pobre e mal equipada para se lançar no socialismo, não lhe resta mais do que comprometer-se na via capitalista. Representantes desta linha revisionista, Liu Chao-chi e Lin Piao elogiavam fortemente a «teoria das forças produtivas» e a «teoria da extinção da luta de classes». Mas estaria a luta de classes

verdadeiramente extinta entre nós? Certamente que não, porque, com um amontoado de renegados e acólitos a seu soldo, Liu Chao-chi tinha fabricado um quartel-general da burguesia, para conduzir a sua linha revisionista e lançar uma luta de classes feroz contra o proletariado, numa vã tentativa de derrubar a ditadura do proletariado e voltar ao capitalismo. Era esse o sinal de uma extinção da luta de classes? Além disso, após o IX Congresso do Partido, Lin Piao e companhia tinham em vão declarado que a tarefa principal era o desenvolvimento da produção; na realidade a sua tarefa consistia então — no que respeita a «desenvolver a produção» — em derrubar o proletariado. Entre Outubro de 1969 e Janeiro de 1970, caligrafavam nos seus rolos a inscrição: «Em todos os tempos e em todas as coisas, a única coisa que importa é moderar-se e voltar aos ritos.» Tal era a sua impaciência febril em realizar o que eles consideravam como a única coisa que contava: mudar a linha fundamental do Partido para voltar ao capitalismo. E era pois com este programa político reaccionário que eles tinham desencadeado o golpe de Estado contra-revolucionário durante a segunda sessão plenária do C. C. saído do IX Congresso, querendo usurpar o poder supremo do Partido e do Estado, e operar esse retorno ao capitalismo. Uma vez a sua maquinaria esmagada, tinham então suspenso o Projecto dos «trabalhos 571» para um golpe de Estado contra-revolucionário armado desencadeado em 8 de Setembro de 1971 que visava atentar contra a vida do nosso grande dirigente o Presidente Mao, e depois pôr de pé um outro Comité Central. Desnorteados após o insucesso da sua empresa, esconderam-se para se juntarem aos revisionistas soviéticos, traindo assim o Partido e o País, e causando a sua própria perda. Essas pessoas tiveram alguma vez a produção como tarefa principal? Se Liu Chao-chi e Lin Piao tivessem conseguido um destes «complots», o nosso País teria dado uma reviravolta para se tornar numa colónia a reboque do social-imperialismo soviético. Então, a pro-

dução social seria derrubada, a classe operária e todos os outros trabalhadores teriam de novo conhecido sofrimentos e misérias. É assim que se vai desenvolver a produção?

Na China antiga, semicolonial e semifeudal, todos os que tinham sonhado desenvolver a produção viram de cada vez os seus sonhos iludidos. Porquê? Porque *«sem reformas políticas, todas as forças produtivas iriam infalivelmente para a ruína, na indústria como na agricultura»*. (Mao Tsé-tung: *Do Governo de coligação*.) As forças produtivas não podem com efeito ser libertadas senão quando estiverem reunidas as condições seguintes: tomada do poder pelo proletariado e reforma agrária pela grande massa dos camponeses sob a direcção do Partido; nacionalização da indústria e colectivização da agricultura. Em sistema socialista persistirão as contradições fundamentais que existem entre relações de produção e forças produtivas, entre superestrutura e base económica, e encontram a sua expressão cristalizada na contradição e luta entre a burguesia e o proletariado. E este último será impotente para reforçar de forma mais impetuosa a base económica socialista e acelerar as forças produtivas, se renunciar à luta de classes e se deixar de conduzir a revolução no domínio das relações de produção como no da superestrutura. Será de preferência o inverso que se produzirá: as relações de produção criadas, e que estão em harmonia com as forças produtivas, esboroar-se-ão, e a superestrutura estabelecida e adaptada à base económica desmoronar-se-á. É por isso que o Presidente Mao nos repete desde sempre: *«fazer a revolução e promover a produção»* — explicação correcta das relações entre a revolução e a produção, entre o espírito e a matéria, entre a superestrutura e a base económica, entre as relações de produção e as forças produtivas; é diametralmente oposta às teorias das «forças produtivas» e de «extinção da luta de classes», pregadas por Liu Chao-chi e Lin Piao.

Esta «teoria das forças produtivas», criada pelos revisionistas da II Internacional que negavam a revolução violenta.

começava a emergir quando Engels a refutou, dizendo que *«segundo a concepção materialista da história o factor determinante na história é, em última instância, a produção e a reprodução da vida real. Marx e eu nunca o afirmámos. Se alguém desnatura esta posição no sentido de que o factor económico é o único determinante, transforma-o assim numa frase vazia, abstracta, absurda»*. (Engels a Joseph Bloch). *«Porque combatemos nós então pela ditadura política do proletariado se o poder político não tem força do ponto de vista económico?»* (Engels a Conrad Schmidt). Mais tarde, criticando as declarações erradas de Bukharine, que punha no mesmo plano política e economia, Lenine nota ainda mais claramente que *«a política não pode deixar de ter a primazia sobre a economia. Raciocinar de outro modo, é esquecer o abc do marxismo»*. E acrescenta que *«a questão põe-se (e, para falar em marxismo, pode pôr-se) apenas assim: sem uma posição política justa uma dada classe não pode manter a sua dominação e, por consequência, não pode desempenhar a sua tarefa na produção»*. (De novo os sindicatos, a situação actual e os erros de Trotsky e Bukharine). O Presidente Mao prossequindo e desenvolvendo os conceitos de Marx, de Engels e de Lenine, ensina-nos constantemente que um Partido marxista-leninista deve atribuir uma grande importância à superestrutura e à linha. Diz-nos ele que é a política que comanda; ela é a alma de tudo, *«o trabalho político é vital para toda a nossa actividade no domínio económico»* e *«a justeza da linha ideológica e política é determinante em tudo»*. Assim refuta perfeitamente, tanto na teoria como na prática, os sofismas revisionistas em questão.

Um poderoso motor para o desenvolvimento da produção

Numa sociedade de classes, a luta entre as classes é um

poderoso motor de progresso para a sociedade, e de desenvolvimento para a produção. No socialismo, é a luta que o proletariado trava contra a burguesia que é a energia poderosa susceptível de estimular o desenvolvimento da produção socialista. Se pudemos hoje alcançar também esplendorosas vitórias na edificação socialista, é porque, sob a direcção do Presidente Mao, criticámos a linha revisionista de Liu Chao-chi e de Lin Piao, seguimos firmemente a linha fundamental do Partido, e tomámos sempre a luta de classes como eixo. Mas se não agíssemos assim, a produção perderia a sua justa direcção e seria incapaz de prosseguir uma verdadeira marcha em frente. O que um grande número de experiências, positivas e negativas, demonstrou.

Depois de um quarto de século de existência da China nova, não fazemos outra coisa senão fazer a revolução e estimular a produção. Sob a direcção do Presidente Mao e do C. C. do Partido, desencadeámos uma série de movimentos políticos, consolidámos a ditadura do proletariado, edificámos e aperfeiçoámos sem cessar as relações de produção socialistas e a superestrutura proletária; criticámos as ideologias burguesa e revisionista; modificámos o que, na superestrutura, não convinha à base económica socialista. Assim, a iniciativa socialista das largas massas populares foi posta em jogo. A matéria transformando-se em espírito, o espírito em matéria, a revolução assim conduzida teve como resultado o desenvolvimento rápido da produção e da edificação. A Grande Revolução Cultural Proletária apareceu então como uma grande revolução política baseada nos princípios do Presidente Mao respeitantes ao prosseguimento da revolução sob a ditadura do proletariado, apoiada sobre a linha fundamental do Partido, e que desmantelou dois quartéis-generais da burguesia — o de Liu Chao-chi e o de Lin Piao —, cuja linha revisionista foi criticada; do mesmo modo que transformou o que na superestrutura (literatura e arte, educação, etc.) não correspondia à base económica socialista — a qual consolidou e

desenvolveu — harmonizou simultaneamente as relações entre os homens. O que esta revolução criou de novo no domínio socialista — no que toca às relações de produção, ou à superestrutura — responde às necessidades do desenvolvimento das forças produtivas e às da base económica socialista. A Grande Revolução Cultural relançou pois energicamente a edificação socialista, e alcançou uma nova prova de que a revolução é a locomotiva da história.

A GRANDE REVOLUÇÃO CULTURAL CONTINUARÁ SEMPRE A BRILHAR

*No X aniversário da «Circular» de 16 de Maio de 1966
do Comité Central do Partido Comunista Chinês*

(Artigo das redacções do *Renmin Ribao*,
Hongqi e *Jiefangjun Bao*, publicado na
revista chinesa *Pékin Information*,
n.º 21, de 24 de Maio de 1976)

Há dez anos, o Presidente Mao, nosso grande dirigente, presidiu pessoalmente à redacção da «Circular» do 16 de Maio do Comité Central do Partido Comunista Chinês. Este brilhante documento marxista-leninista lançou a Grande Revolução Cultural Proletária e iluminou o caminho da vitória desta revolução. Hoje, no momento em que a luta para criticar Teng Siao-ping e ripostar ao vento desviacionista de direita que voltava a pôr em causa as conclusões justas alcança grandes êxitos celebramos calorosamente o X aniversário da Grande Revolução Cultural e estudamos de

novo a «Circular». Deste modo podemos compreender melhor a necessidade desta revolução e o seu imenso alcance o que confirmou a nossa convicção de continuar firmemente a revolução sob a ditadura do proletariado.

A «Circular» surgiu na luta renhida entre o quartel-general do proletariado, dirigido pelo Presidente Mao e o quartel-general da burguesia que Liu Chao-chi comandava. Este documento critica a fundo a linha revisionista, contra-revolucionária, deste último, revela a natureza reaccionária do «Plano de Fevereiro» e refuta os sofismas de todo o tipo que os responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista tinham criado para se oporem à Grande Revolução Cultural. Forneceu a todo o Partido uma arma, a teoria marxista-leninista da luta de classes e da ditadura do proletariado, chama-nos a denunciar e a criticar os representantes da burguesia no seio do Partido para lhes arrancar a parte do poder que usurparam. A elaboração da «Circular» consumou a derrota do «Plano de Fevereiro». Desde então, a Grande Revolução Cultural Proletária teve um desenvolvimento prodigioso.

O Presidente Mao indicou: «*Se não se fizer a Grande Revolução Cultural Proletária, isto não vai.*» Esta grande revolução foi longamente preparada e é o desfecho inevitável da luta aguda que se desenrolou entre as duas classes, as duas vias e as duas linhas. Durante estes anos, Liu Chao-chi — esse renegado, agente do inimigo e traidor da classe operária — e os seus reles lacaios aplicaram febrilmente uma linha revisionista, contra-revolucionária, e obstinaram-se em seguir a via capitalista. Defenderam acerca dos capitalistas, que a sua «exploração tinha os seus méritos» e que era preciso «consolidar a ordem de democracia nova»; suprimiram um grande número de cooperativas de produção agrícola, encorajaram o *san-zi-yi-bao* (extensão de parcelas individuais de uso privado e mercados livres; multiplicação das pequenas empresas assumindo a inteira responsabilidade dos seus lucros e perdas; fixação das normas de produção

sobre a base da família); alugaram filmes reaccionários como *A História secreta da corte dos Tsing* e *A Vida de Wu Hsiun*, e tomaram o sentido oposto das críticas endereçadas à peça *A Destituição de Hai Juei*. Em suma, em todos os domínios, opunham-se com todas as suas forças à linha revolucionária do Presidente Mao. Durante um certo período, o quartel-general burguês de Liu Chao-chi dominava o poder no seio do Partido, no trabalho cultural e de propaganda, bem como em numerosos lugares. Nos departamentos da ideologia e da cultura que controlava, o capitalismo tinha o campo livre, o revisionismo desencadeava-se e os génios malfetores manifestavam-se ao desafio, invadindo os jornais e as revistas, as emissões de rádio, os

livros e nomeadamente as obras literárias e artísticas. Disso resultou uma grave situação num certo número de sectores da superestrutura: nisso a burguesia exercia a sua ditadura sobre o proletariado. Liu Chao-chi e o seu grupo encorajavam vivamente a prática do estímulo material e a concessão de prémios que, aos seus olhos, desempenhariam um papel preponderante; impulsionavam assim as pessoas a seguir a via capitalista. Numa muito grande maioria de fábricas e outras empresas, a direcção não estava nas mãos de verdadeiros marxistas nem das massas operárias. A base da nossa economia socialista não era sólida. Se não se tivesse feito a Grande Revolução Cultural, não tardaria que a contra-revolução se instalasse à escala nacional, para que o nosso Partido se tornasse um partido revisionista e que toda a China mudasse de natureza.

Com a sua grande perspicácia de marxista-leninista, o Presidente Mao apercebeu-se a tempo do grave perigo que constituíam os responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista que queriam derrubar a ditadura do proletariado. Ele indicava na «Circular»: «*Os representantes da burguesia que se infiltraram no Partido, no Governo, no*

Exército e nos diferentes sectores do domínio cultural são um punhado de revisionistas contra-revolucionários. Se tivessem oportunidade conquistavam o poder e transformavam a ditadura do proletariado em ditadura da burguesia.» E na luta actual para ripostar ao vento desviacionista de direita que punha de novo em causa as conclusões justas, fez notar o seguinte: *«Faz-se a revolução socialista, nem sequer se sabe onde está a burguesia; ela existe no Partido Comunista, são nomeadamente os responsáveis comprometidos na via capitalista. Não deixaram de seguir esta via.»* Estas importantes directivas do Presidente Mao analisam de um modo profundo as mudanças ocorridas nas relações de classe e as características da luta de classes no período socialista, formulam uma tese científica — a burguesia existe no Partido Comunista —, constituem um desenvolvimento do marxismo-leninismo e indicam-nos mais claramente a orientação a seguir para continuar a revolução sob a ditadura do proletariado.

Nestes dez últimos anos, lutámos contra Liu Chao-chi, contra Lin Piao, contra Teng Siao-ping; estas lutas provam o seguinte: a burguesia existe efectivamente no Partido Comunista. Os responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista constituem, para a burguesia, a força principal no seu confronto com o proletariado com vistas a restaurar o capitalismo. Aqui, o problema-chave é que os responsáveis comprometidos na via capitalista se infiltraram nos órgãos da ditadura do proletariado. Liu Chao-chi, Lin Piao e Teng Siao-ping, promotores da linha revisionista detinham cada um uma grande parte do poder no seio do Partido e do Estado, o que os colocava à altura de transformar os instrumentos da ditadura do proletariado em instrumentos da ditadura sobre o proletariado; deste modo, em termos de restauração do capitalismo, eram mais eficazes do que a burguesia fora do Partido. Tinham a possibilidade de usar do seu poder para recrutar os capitulacionistas e os renegados, formar clãs ao serviço

das suas ambições pessoais, constituir os quartéis-generais da burguesia, elaborar e pôr em prática, do topo até à base, uma linha revisionista. Podiam reforçar e alargar o direito burguês, proteger os seus interesses de «grandes dignitários» praticantes do revisionismo, apropriar-se e delapidar grandes riquezas pertencentes à sociedade, lançar-se a fundo na restauração capitalista, sabotar e desintegrar as relações de produção socialistas. Usavam sempre o manto do marxismo-leninismo e arvoravam os mais diversos ensinamentos, o que lhes permitiu mistificar e enganar — se bem que temporariamente — pessoas que não compreendiam o que se passava e cujo nível de consciência política era insuficiente, para seguirem a linha revisionista que tinham elaborado. Numa palavra, os responsáveis em questão são os representantes políticos da burguesia, os campeões a que fazem apelo nas suas provas de força com o proletariado todas as forças sociais e todos os grupos sociais que combatem a revolução socialista, que são hostis à edificação socialista e que manobram para a sabotar.

Teng Siao-ping, o principal responsável do Partido comprometido na via capitalista e que não se arrependeu, desempenhou precisamente tal papel no desencadeamento do vento desviacionista de direita, até ao incidente político contra-revolucionário da praça de Tien-an-men. Antes da Grande Revolução Cultural, era o segundo chefe de fila do quartel-general burguês de Liu Chao-chi. Esta revolução esmagou os dois quartéis-generais da burguesia, o de Liu Chao-chi e o de Lin Piao, e Teng Siao-ping, submetido à crítica pelas massas, tinha afirmado que se «arrepedia», que mudaria, e que não «voltava a pôr em causa as conclusões estabelecidas». Ora, uma vez de novo em funções e detentor de poderes importantes, tirou a máscara e, aproveitando toda a sua experiência contra-revolucionária em matéria de luta política, com uma sanha decuplicada e um frenesim centuplicado, lançou ataques contra o Partido e apontou a ponta da sua lança ao Presidente Mao, nosso

grande dirigente — ataques apoiados num programa, sustentados por uma corrente de opinião, conduzidos de uma forma organizada e seguindo um plano pré-estabelecido.

«Tomar as três directivas como eixo» era o programa político de Teng Siao-ping nos seus esforços para voltar a pôr em causa as conclusões justas e restaurar a antiga ordem. Este programa revisionista pregava a extinção da luta de classes e a teoria das forças produtivas, opunha-se a que a luta de classes fosse tomada como eixo, atacava a linha fundamental do Partido e negava a necessidade da Grande Revolução Cultural. Teng Siao-ping tinha em vão procurado fazer disso o «programa geral de todos os sectores de actividade» a longo prazo para o impor a todo o Partido e ao povo do País inteiro, abrindo caminho a uma restauração generalizada do capitalismo.

«Conquistar as posições ideológicas», eis como Teng Siao-ping preparava a opinião para voltar a pôr em causa as conclusões justas e restaurar a antiga ordem. Após o seu retorno ao poder, em particular depois dos meses de Julho, Agosto e Setembro do ano passado, boatos de carácter político e estranhas propostas começaram a difundir-se na sociedade. Na origem de tudo isso, estava Teng Siao-ping; era a fábrica de mexericos Teng e C.^a que os produzia. Assim, essas pessoas tinham recorrido a toda a espécie de meios ignóbeis para suscitar uma corrente de opinião contra-revolucionária, bajular os espíritos com manobras demagógicas, provocar uma cisão, apontando sempre a ponta de lança sobre o Comité Central do Partido dirigido pelo Presidente Mao; toda esta dança tinha por objectivo permitir a Teng Siao-ping usurpar a direcção do Partido e do Estado.

«Primeiro, dominar as equipas dirigentes». Este era o resultado das medidas organizativas que Teng Siao-ping tinha tomado para voltar a pôr em causa as conclusões justas e restaurar a antiga ordem. Ele era contra as equipas dirigentes revolucionárias de tripla união, atacava e eliminava

os quadros idosos, de meia idade e jovens fiéis à linha revolucionária do Presidente Mao, reagrupava os responsáveis comprometidos na via capitalista não arrependidos e entregava-lhes os postos importantes; constituía «comandos» com vista a voltar a pôr em causa as conclusões justas e a restabelecer a antiga ordem. Esforçava-se por manter no Partido os renegados e os agentes secretos desalojados no decurso da Grande Revolução Cultural para um dia voltarem a ser dirigentes.

«Restabelecer a ordem em todos os campos» era a fórmula do plano de acção de Teng Siao-ping para voltar a pôr em causa as conclusões justas e restabelecer a antiga ordem. E no seu primeiro movimento neste sentido, desencadeou-se um vento sinistro que punha de novo em causa as conclusões justas. Queria «estabelecer a ordem» na linha e nas medidas políticas revolucionárias fixadas pelo Presidente Mao, nas conquistas da Grande Revolução Cultural, na superioridade do sistema socialista, quer dizer, pretendia fazer tábuas rasas de tudo isso. Assim, «restabelecer a ordem» significava no fundo permitir à burguesia atacar o proletariado e restaurar o capitalismo.

Todos estes procedimentos de Teng Siao-ping constituem a continuação e o desenvolvimento do reaccionário «Plano de Fevereiro» já criticado pelo Presidente Mao na «Circular». O programa de Teng Siao-ping — «tomar as três directivas como eixo» — é o regresso desta linha revisionista que a «Circular» condena sublinhando que *«nega categoricamente que a história várias vezes milenária da humanidade é a da luta de classes; nega categoricamente a necessidade da luta do proletariado contra a burguesia, da revolução conduzida pelo proletariado contra a burguesia, e da ditadura exercida pelo proletariado sobre a burguesia»*. A «Circular» denunciava Peng Chen que tinha deliberadamente fabricado falsas notícias, que se empenhava em desviar a luta da orientação estabelecida, e lhe opunha uma refutação fustigante a propósito do «movi-

mento de rectificação», cuja ideia tinha formulado para atacar a esquerda proletária e proteger os direitos burgueses. As acções de Teng Siao-ping mostram que ele foi ainda mais longe. A sua linha constitui o prolongamento da linha revisionista, contra-revolucionária, de Liu Chao-chi e de Lin Piao. Se esta linha fosse seguida, conduziria à liquidação não só das conquistas da Grande Revolução Cultural, mas também das conquistas da Grande Revolução chinesa.

A sua via capitalista levava-nos à condição semicolonial e semifeudal que foi a da antiga China, a sujeitar o nosso País ao imperialismo e ao social-imperialismo. Assim a indicou o Presidente Mao na «Circular» criticando os representantes da burguesia: *«São fiéis lacaios da burguesia e do imperialismo com os quais se empenham em manter a ideologia burguesa de opressão e de exploração do proletariado, assim como o regime capitalista; opõem-se à ideologia marxista-leninista e ao regime socialista.»* *«A luta que travam contra nós é uma luta de morte na qual de modo nenhum se trata de igualdade. A luta que travamos contra eles não pode pois ser, ela também, senão uma luta de morte.»*

O grande mérito histórico da Grande Revolução Cultural Proletária, desencadeada e dirigida pessoalmente pelo Presidente Mao, é ter esmagado a tempo e com a firmeza pretendida a conspiração da burguesia no seio do Partido, ter condenado a sua linha revisionista, contra-revolucionária, ter conquistado de novo a parte do poder que tinham usurpado no seio do Partido e do Estado, e ter assegurado o progresso contínuo do nosso País na linha revolucionária do Presidente Mao; é ainda ter resolvido nos planos teórico e prático o importante problema do movimento comunista internacional contemporâneo: consolidar a ditadura do proletariado e impedir a restauração do capitalismo. As nossas centenas de milhões de operários, camponeses, soldados, quadros revolucionários e intelectuais revolucionários realizam melhor do que nunca que a Grande Revolução Cul-

tural «é completamente indispensável e o mais oportuna possível». E aclamam-na: «Viva a Grande Revolução Cultural!» Apenas os responsáveis do género de Teng Siao-ping, comprometidos na via capitalista e que não se arrependeram, odeiam visceralmente esta revolução. Teng Siao-ping teimava em pôr de novo em causa as justas conclusões desta revolução e tinha contas a ajustar com ela. Assim opôs-se à vontade da grande maioria, porque esta não o aprova e não admite as suas lições. *«Voltar a pôr em causa as conclusões justas vai contra a vontade do povo.»* Continuar a revolução e combater a regressão e a restauração, tal é a vontade do povo, do Partido e dos seus membros. É a razão por que a grande batalha contra o vento desviacionista de direita — desencadeada e dirigida pessoalmente pelo Presidente Mao — teve a adesão entusiástica de todo o Partido, de todo o Exército e de todo o povo. O nosso povo foi unânime ao saudar o acontecimento e mostrar a sua satisfação. Os que queriam pôr de novo em causa as conclusões justas e vingar-se estão extremamente isolados e correm para a derrota.

Alcançámos grandes vitórias mas a luta de modo nenhum terminou. É preciso desenvolver em profundidade a luta para criticar a linha revisionista, contra-revolucionária de Teng Siao-ping. Não devemos abrandar a nossa vontade de combate. Por seu lado, o punhado de inimigos de classe não estão dispostos a reconhecerem-se vencidos. Depois destas derrotas, estão a estudar as tácticas e os meios que poderiam utilizar contra nós; o povo revolucionário deve ter uma consciência lúcida. O Presidente Mao sublinhou: *«Lenine falou do estabelecimento de um Estado burguês sem capitalistas encarregado de proteger o direito burguês. Nós próprios, edificámos precisamente um Estado deste tipo que não difere nada da antiga sociedade: aí se encontra hierarquia, salários de oito escalões, repartição segundo o trabalho, trocas de valor igual.»* Enquanto existir um tal estado de coisas, enquanto existirem classes, contradições de

classe e luta de classes, enquanto subsistir a influência da burguesia, do imperialismo e do revisionismo internacionais, o facto de que «eles (os responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista) não deixaram de seguir esta via» permanecerá um fenómeno de longa duração no decurso da história. Por altura do primeiro aniversário da «Circular», o Presidente Mao tinha-nos já advertido que *«a Grande Revolução Cultural Proletária não é senão a primeira do género. No futuro, tais revoluções voltarão a verificar-se»*. Depois, na luta actual contra o vento desviacionista de direita, sublinhou: *«Após a revolução democrática, os operários, os camponeses pobres e remediados não pararam; querem continuar a revolução. Mas alguns membros do Partido não querem avançar, alguns fizeram mesmo marcha atrás e opõem-se à revolução. Porquê? Passaram a ser grandes dignitários, têm a proteger os interesses da sua casta.»* *«Será preciso fazer ainda a revolução durante mais cem anos? Durante mais mil anos? Será preciso ainda e sempre fazer a revolução. Há sempre pessoas que se sentem oprimidas; os pequenos funcionários, os estudantes, os operários e os soldados não gostam que os grandes personagens os oprimam, e é por isso que querem fazer a revolução. Será que dentro de dez mil anos já não haverá mais contradições? Como não! Continuarão a existir.»* Devemos pois estar ideologicamente preparados para um combate de longo prazo contra os responsáveis comprometidos na via capitalista e para prosseguir a revolução sob a ditadura do proletariado.

No princípio do ano o Presidente Mao disse: *«Sem luta, não há progresso.»* *«Com uma população de oitocentos milhões de homens, poderíamos avançar sem luta?»* Estes dez anos da Grande Revolução Cultural Proletária foram uma década de progressos realizados pela luta e uma década de mudanças gigantescas no nosso país. Foi na luta que as centenas de milhões de homens estudaram o marxismo, o leninismo e o pensamento de Mao Tsé-tung, que tomaram bem consciência da necessidade de combater o revisionismo,

de lutar para impedir a sua vinda e de prosseguir a revolução. Assim, a linha revolucionária proletária do Presidente Mao penetrou mais profundamente nos seus corações. Rejeitando o que se tinha degradado, e enriquecido com sangue novo, o nosso Partido tornou-se ainda mais firme e mais dinâmico. A concretização pelo nosso Exército das tarefas do *san-zhi-liang-jun* (apoio à indústria, à agricultura e à esquerda, controlo e instrução militares) deu-lhe uma nova ocasião de se aguerrir e de levar a cabo proezas ao serviço do povo, e tornou-se assim ainda mais poderoso. Os membros da milícia popular participam na defesa do País e nas lutas de classes sociais, e contribuem para consolidar a ditadura do proletariado. As equipas dirigentes a todos os níveis formaram-se na base da tripla união dos quadros idosos, de meia idade e jovens, e seguindo o critério dos cinco pontos enunciados pelo Presidente Mao, milhões de continuadores da causa revolucionária do proletariado aguerriram-se na luta e ganharam em maturidade. A revolução socialista nos domínios do ensino, da literatura e da arte, da saúde pública, da ciência e da técnica, vai impetuosamente para a frente através da áspera luta entre as duas linhas. Os jovens instruídos instalam-se, em grande número, nas regiões rurais, e os quadros de todos os escalões seguem com perseverança a via traçada pela directiva do 7 de Maio de 1966 do Presidente Mao. Os movimentos de massas para tomar como exemplo Tatchai na agricultura, Taking na indústria, desenvolvem-se com vigor. A produção industrial e agrícola, toda a economia nacional, estão em pleno surto. A nossa grande pátria oferece o brilhante espectáculo de uma actividade dinâmica. A Grande Revolução Cultural Proletária tem, mais do que nunca, libertado a energia das centenas de milhões de chineses e os seus poderosos efeitos começam agora a fazer-se sentir; eles manifestar-se-ão sempre com mais clamor à medida que a revolução ganhar em profundidade.

Devemos avançar sobre o nosso impulso vitorioso e

desenvolver a situação excelente que reina. Membros do Partido Comunista, quadros, massas populares, todos devem estudar com seriedade as importantes directivas do Presidente Mao sobre a Grande Revolução Cultural e sobre a réplica ao vento desviacionista de direita, assim como a teoria da continuação da revolução sob a ditadura do proletariado; todos devem compreender claramente onde se encontra a burguesia e compreender bem o problema da ditadura integral sobre ela, prosseguir com perseverança a luta para combater e impedir o revisionismo e para continuar a revolução. É preciso que compreendamos bem em que consistem as vitórias resplandescentes da Grande Revolução Cultural, assim como a sua grande significação, é preciso que apoiemos com entusiasmo as realidades novas do socialismo, consolidar e desenvolver as conquistas desta revolução. Devemos aprofundar ainda a crítica a Teng Siao-ping, continuar a ripostar ao vento desviacionista de direita e reprimir com a firmeza requerida as actividades de sapa dos contra-revolucionários. Na concretização deste objectivo geral que é a crítica de Teng Siao-ping, devemos unir mais de noventa e cinco por cento dos quadros e das massas e continuar a assegurar o bom desenvolvimento da revolução, tanto na superestrutura como na infra-estrutura económica. Devemos fazer a revolução e promover a produção, melhorar o nosso trabalho, preparar-nos activamente na previsão de uma guerra, e continuar a fazer progredir o trabalho em todos os sectores da edificação socialista.

O proletariado é optimista quanto à revolução. Nós acreditamos na dialéctica. Estamos absolutamente convencidos de que *«a substituição do antigo pelo novo é a lei geral e imprescritível do universo» (Da contradição)*. O caminho da revolução por mais sinuoso e pleno de vicissitudes que seja, a verdade do marxismo, do leninismo, do pensamento de Mao Tsé-tung é irresistível. As massas populares, que representam mais de noventa e cinco por cento da população, aspiram sempre a fazer a revolução;

a revolução leva necessariamente de vencida a reacção; o que nasce leva necessariamente de vencida o que está podre. Tal é a lei da história. Mais de um século passou depois do nascimento do marxismo e o velho mundo já foi rebatido. Hoje, para o capitalismo e o revisionismo já na noite da sua existência, é o declínio que precede o fim. É possível que os pequenos personagens grotescos que vão ao contrário da corrente da história possam por um tempo impor-se mais, mas, no fim de contas, serão lançados no caixote do lixo da história pelo povo. Do mesmo modo que Marx e Engels o afirmaram: *«A queda da burguesia e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis» (Manifesto do Partido Comunista)*. No momento em que celebramos o X aniversário da «Circular», sentimo-nos cheios de um grande sentimento de firmeza revolucionária evocando o caminho assinalado de combates que a Grande Revolução Cultural percorreu, abraçando num olhar a situação tão exaltante e encarando as radiosas perspectivas do mundo em plena subversão; e nós estamos resolvidos, sob a direcção do Comité Central do Partido, tendo à cabeça o Presidente Mao, a tomar sempre como eixo a luta de classes a fim de prosseguir até ao fim a revolução sob a ditadura do proletariado.

A linha revolucionária proletária do Presidente Mao é invencível! Nada pode deter-nos na nossa marcha em frente!

A Grande Revolução Cultural Proletária raiará sempre em todo o seu esplendor!

UMA GRANDE VITÓRIA DA DITADURA DO PROLETARIADO

(Artigo de Tche Heng no *Hongqi*,
n.º 9, de 1976, publicado na re-
vista chinesa *Pékin Information*,
n.º 19, de 10 de Maio de 1976)

As duas lúcidas resoluções do Comité Central do Partido Comunista Chinês propostas pelo nosso grande dirigente, o Presidente Mao, e o esmagamento do incidente político contra-revolucionário da praça de Tien-an-men pela milícia operária da capital em estreita cooperação com a polícia popular e os combatentes da guarda do Exército Popular de Libertação, constituem uma grande vitória da luta que o nosso grande dirigente, o Presidente Mao, desencadeou e dirige contra o vento desviacionista de direita cujo objectivo é pôr de novo em causa as conclusões justas; trata-se por isso de uma grande vitória da linha revolucionária proletária do Presidente Mao e da ditadura do proletariado. Todas as nacionalidades chinesas o aclamam com muito gosto.

O recente incidente político contra-revolucionário da praça de Tien-an-men não é um acontecimento fortuito, nem isolado. Reflecte a acuidade da luta entre as duas

linhas; é o combate desesperado que a burguesia — que se encontra tanto no seio como no exterior do Partido e que tem como chefe de fila Teng Siao-ping — conduziu para tentar sair-se bem deste mau passo depois de ter sofrido rudes golpes com a resposta ao vento desviacionista de direita que levantou para voltar a pôr em causa as conclusões justas. Um punhado de inimigos de classe, reunidos sob a bandeira negra de Teng Siao-ping, suscitou abertamente distúrbios contra-revolucionários com o objectivo criminoso de derrubar o regime socialista sob a ditadura do proletariado, permitir a Teng Siao-ping usurpar o poder do Partido e do Estado e restaurar na China o capitalismo. Atacados pela ditadura do proletariado, estas manobras abortaram rapidamente. Como o Presidente Mao declarou acerca da ditadura do proletariado: *«Se o povo revolucionário não consegue possuir o método que permite exercer a dominação sobre as classes contra-revolucionárias, não estará à altura de manter o seu poder de Estado, a reacção interna e externa derrubá-lo-á para restaurar a sua própria dominação na China, e o desastre abater-se-á sobre o povo revolucionário»* (*Sobre a Ditadura Democrática e Popular*). A travagem deste incidente político revelou-nos muitas coisas: o essencial é tornar-nos mais conscientes da primazia da consolidação da ditadura do proletariado; e, ao mesmo tempo, isso permitiu-nos adquirir mais experiência no exercício desta ditadura.

As classes, as contradições e a luta entre elas existem ou não na sociedade socialista? É preciso ou não exercer a ditadura do proletariado? Sobre estas questões desenvolve-se desde sempre uma luta no seio do nosso Partido entre a linha marxista e a linha revisionista. O Presidente Mao, fazendo uma análise científica das relações de classes na sociedade socialista formulou a linha fundamental que o nosso Partido deve seguir durante todo o período histórico do socialismo, e sublinhou a necessidade de reforçar a ditadura do proletariado sobre a burguesia, recomendando-nos

que nunca esquecêssemos a existência das classes e a luta de classes. Criticou longamente a teoria da extinção da luta de classes, que pregavam Liu Chao-chi, Lin Piao e Teng Siao-ping, promotores de uma linha revisionista. Depois, recentemente, o Presidente Mao indicou de novo que *«em 1949, foi avançado que a contradição principal no interior do país é a que opõe o proletariado e a burguesia. Treze anos mais tarde era de novo colocada a questão da luta de classes, e acrescentava-se que a situação começava a melhorar. Em que consiste a Grande Revolução Cultural? É uma luta de classes! Liu Chao-chi defendia a teoria da extinção da luta de classes; ora ele próprio não a extinguiu, queria proteger um punhado de renegados e de fanáticos seus devotos; Lin Piao quis derrubar o proletariado — tramou um golpe de Estado. Então, houve extinção?»* Através do incidente da praça de Tien-an-men vimos claramente que, se os defensores da linha revisionista avançavam esta teoria absurda, era com o objectivo de paralisar a vontade revolucionária das massas, enfraquecer a sua vigilância, para que eles próprios pudessem facilmente derrubar a ditadura do proletariado e restaurar o capitalismo. Teng Siao-ping tinha lançado o seu programa «tomar as três directrizes como eixo» para se opor à luta de classes como eixo e a que ela entre nos debates de todos os dias; quando, ao mesmo tempo, um punhado de inimigos de classe ao seu serviço criava na praça de Tien-an-men distúrbios contra-revolucionários do género dos da Hungria. Não indica isso muito bem que a teoria da extinção da luta de classes defendida por Teng Siao-ping só serve para proteger os ataques furiosos da burguesia contra o proletariado, para restaurar uma ditadura contra-revolucionária dos latifundiários e da burguesia? A luta de classes que rebentou na praça de Tien-an-men revelou claramente como esta teoria era reaccionária e falsa.

O presidente Mao disse: *«Faz-se a revolução socialista, e nem sequer se sabe mesmo onde está a burguesia; ela*

existe no Partido Comunista, são os responsáveis comprometidos na via capitalista. Eles não deixaram de seguir essa via.» O incidente político recente fez-nos compreender melhor a clarividência destas palavras; porque enquanto nós ripostávamos ao vento desviacionista de direita e criticávamos a linha revisionista de Teng Siao-ping, porque é que um punhado de inimigos de classe se apressou a entrar na liça e a dirigir o ferro de lança contra o nosso grande dirigente, o Presidente Mao, assim como contra o Comité Central do Partido a que ele preside? Por que razão proclamou abertamente o seu apoio a Teng Siao-ping, depois glorificou a sua linha revisionista qualificando-a de «verdadeiro marxismo-leninismo», e proferiu que «o trabalho do Comité Central do Partido deve ser presidido por Teng Siao-ping»? Os factos mostram claramente que quando Teng Siao-ping levantou este vento desviacionista de direita, quando prosseguiu uma linha revisionista, devia apoiar-se na burguesia — tanto no seio como no exterior do Partido — e nos latifundiários, nos camponeses ricos, nos contra-revolucionários, nos maus elementos, nos direitistas burgueses; e estes, se quisessem derrubar a ditadura do proletariado, fazer voltar o capitalismo, tomassem Teng Siao-ping como seu protector. Representados, encorajados, protegidos pela sua linha revisionista, os contra-revolucionários colocaram Teng Siao-ping, o seu pavilhão negro, na primeira fila, e cantaram à sua glória. Se rebentou na praça de Tien-an-men, o incidente é devido aos responsáveis irredutíveis do Partido comprometidos na via capitalista, e de que Teng Siao-ping é o apoio principal. Este último está portanto estreitamente ligado politicamente a este punhado de inimigos de classe que provocou o incidente. Uma análise de classe permite-nos compreender porque é que estes inimigos de classe tentaram fazer dele um Nagy, chefe de fila do levantamento contra-revolucionário da Hungria. Para conduzir a revolução socialista, e exercer a ditadura do proletariado, devemos compreender que a burguesia existe no Partido, e sobretudo

o perigo que representam os seus representantes do tipo de Teng Siao-ping. Devemos claramente saber que a revolução «visa principalmente os responsáveis do Partido que se comprometeram na via do capitalismo» — desconhecê-lo é desconhecer o significado da ditadura do proletariado.

Na sua luta para travar o incidente político da praça de Tien-an-men, a milícia operária da capital forneceu-nos uma experiência preciosa que toca o exercício da ditadura do proletariado baseado nas massas. A ditadura do proletariado é a ditadura das massas como indicou o Presidente Mao: *«Quem exerce a ditadura? É, bem entendido, a classe operária e o povo dirigido por ela»* (*Sobre a Justa Solução das Contradições no Seio do Povo*). Que em plena capital da nossa grande pátria, na praça de Tien-an-men para a qual todo o País dirige os olhares, um punhado de inimigos de classe se lance numa louca propaganda contra-revolucionária, fira brutalmente pessoas, provoque um incêndio, é o cúmulo da insolência reaccionária! Mas bastou que a milícia operária da capital chegasse à praça e, em ligação com os agentes da polícia popular e os soldados da guarda do Exército Popular de Libertação, tenha agido com resolução para que este punhado de inimigos de classe se afundasse imediatamente. A milícia, armada com o pensamento de Mao Tsé-tung sob a direcção e o comando unificados do Partido, mostrou brilhantemente toda a força da ditadura do proletariado.

Os marxistas dão uma importância muito especial ao papel da violência revolucionária; e desde sempre defendem que se esmague a violência contra-revolucionária com a violência revolucionária. Lenine diz que a ditadura do proletariado *«pressupõe o exercício de uma violência implacável, pronta e resoluta, para esmagar a resistência dos exploradores, capitalistas, latifundiários e dos seus cúmplices»*, e conclui: *«Quem não o compreendeu não é um revolucionário»* (*Saudação aos operários húngaros*). Contendo os distúrbios da praça de Tien-an-men, a milícia operária

utilizou bem a violência revolucionária para se opor à violência contra-revolucionária. Este belo exemplo e a experiência que se tira dela são significativas; profunda e duradoura, uma tal experiência permitirá esmagar, numa sociedade socialista, todos os actos de sabotagem dos inimigos de classe, consolidar a ditadura do proletariado e impedir o retorno do capitalismo, apoiando-se na classe operária e nas massas revolucionárias.

A opinião pública revolucionária desempenha um papel importante na ditadura do proletariado; e na altura do combate para esmagar o incidente da praça de Tien-an-men, demonstrou esse grande poder. O Presidente Mao notou que *«para esmagar um poder político começa-se sempre por preparar a opinião pública e agir no domínio ideológico. Isto é verdadeiro tanto para uma classe revolucionária como para uma classe contra-revolucionária»*.

A burguesia, tanto no seio como no exterior do Partido, da mesma maneira que o pequeno punhado de inimigos de classe, também compreendem muito bem isso; deste modo, para levantar o seu vento desviacionista de direita, Teng Siao-ping inventou um grande número de mentiras. Fazendo-se eco disso, boatos com objectivo político contra-revolucionário, circularam por toda a parte; na praça de Tien-an-men, este pequeno punhado de inimigos de classe pronunciou discursos, afixou cartazes com poemas e «slogans», distribuiu tarjetas, outros tantos esforços reaccionários que queriam suscitar uma opinião pública contra-revolucionária.

Os nossos inimigos são reaccionários apodrecidos, decadentes, votados à ruína. Enganando não só os outros, como a si próprios, não podem viver na mentira e no sofisma; esclarecida a opinião pública revolucionária e as suas manobras frustradas, a sua posição é insustentável.

O Presidente Mao revelou que *«na época em que as classes e a luta de classes existem ainda à escala nacional e internacional, a classe operária e as massas populares, que*

conquistaram o poder de Estado, devem esmagar qualquer resistência que se oponha à revolução pelas classes, grupos e indivíduos contra-revolucionários, pôr fim às actividades destes que visam a restauração do seu domínio e proibir todos os elementos contra-revolucionários de usarem da liberdade de expressão para atingir o seu objectivo contra-revolucionário».

Se nós quisermos consolidar, reforçar a ditadura do proletariado, devemos fixar este ensinamento do Presidente Mao e nunca, em nenhuma circunstância, dar liberdades à propaganda contra-revolucionária. A liberdade de expressão deve existir no seio do povo, que pode exprimir diferentes opiniões, sendo as ideias falsas criticadas por um trabalho ideológico.

Guiada pela linha revolucionária do Presidente Mao, estimulada pelas duas resoluções do Comité Central do Partido, a luta desencadeia-se contra Teng Siao-ping, contra o vento desviacionista de direita para encurralar os contra-revolucionários, criando uma atmosfera revolucionária de unidade e combate em todo o país. Novos sucessos se registaram na revolução, na produção e nos preparativos em previsão de uma guerra. Os factos provaram, portanto, que, na nossa marcha em frente, uma vez superado o obstáculo e abortada a sabotagem das forças reaccionárias, a nossa causa revolucionária conhecerá um novo e grande desenvolvimento.

COMPREENDER O ESSENCIAL PARA
APROFUNDAR A CRÍTICA A TENG
SIAO-PING

(Editorial do *Renmin Ribao*, de
23 de Agosto de 1976, publi-
cado na revista chinesa *Pékin
Information*, n.º 35, de 30 de
Agosto de 1976)

Sob a direcção do Comité Central do Partido tendo à sua cabeça o Presidente Mao, a luta para criticar Teng Siao-ping e ripostar ao desviacionismo de direita que contestava as conclusões justas, aprofundou-se constantemente. No auge de um estudo atento da série de importantes directivas do Presidente Mao empenhadas numa crítica penetrante da linha revisionista contra-revolucionária de Teng Siao-ping, os quadros e as massas elevaram consideravelmente o seu nível de consciência sobre a luta de classes, a luta entre duas linhas e a continuação da revolução, consolidando e desenvolvendo através disso as conquistas da Grande Revolução Cultural Proletária, acelerando a edificação socialista em todos os sectores e estimulando a luta em curso contra o sismo. Uma excelente situação

prevalece à escala nacional na revolução e na produção.

Devemos ir por diante neste impulso vitorioso. Devemos aprofundar a nossa crítica da linha revisionista contra-revolucionária de Teng Siao-ping nos planos ideológico e político, e imprimir-lhe assim um novo desenvolvimento. Devemos compreender que a luta não acabou com a destituição de Teng Siao-ping. A crítica da sua linha revisionista e a liquidação da influência nefasta desta linha constituem uma tarefa de superior importância que compromete o futuro e o destino do nosso Partido e do nosso País. É pois uma grande tarefa militante que se impõe para combater e impedir o revisionismo, para consolidar a ditadura do proletariado; temos ainda muito por fazer neste sentido, não devemos em nenhum caso afrouxar a nossa combatividade.

«A propósito do programa geral de todos os sectores de trabalho para todo o Partido e todo o País» (A propósito do programa geral), «Alguns problemas sobre o trabalho científico e técnico» («Plano do relatório») e «Certos problemas respeitantes à aceleração do desenvolvimento da indústria» (abreviado: «Regulamentos»), textos compostos por instrução de Teng Siao-ping — o maior dos responsáveis do Partido empenhados na via capitalista e não arrependidos — são a manifestação concentrada da essência da extrema-direita desta linha contra-revolucionária revisionista. Estas três grandes ervas venenosas, antipartido e antimarxistas, constituem uma grande quantidade de matéria de estudos de carácter negativo, em relação à qual é difícil encontrar equivalente e provas irrefutáveis de que *«os responsáveis do Partido empenhados na via capitalista não cessaram de seguir essa via»*. O Presidente Mao ensina-nos: *«um partido revolucionário, um povo revolucionário não se podem aguerir, alcançar uma plena maturidade e assegurar a vitória senão instruindo-se constantemente pelas experiências positivas e negativas, senão promovendo uma comparação entre elas fazendo sobressair o seu con-*

traste. Não é um materialista dialéctico consequente o que subestima o papel do professor pelo exemplo negativo». A difusão junto das massas destes três documentos de carácter negativo, a mobilização sem reserva de todo o Partido, de todo o Exército e de todo o povo é o aprofundamento da vasta crítica de massas dirigida sobre a linha ideológica e política revisionista — ponto essencial — devem permitir que a luta pela crítica a Teng Siao-ping se aprofunde continuamente e prossiga a sua via.

«A propósito do programa geral» constitui o manifesto político da restauração do capitalismo desejada por Teng Siao-ping. Síntese de uma série dos seus discursos de 1975, este escrito antipartido é uma resposta aberta à luta de classes tomada como eixo, uma reacção ao programa fundamental do Partido, uma alteração da sua linha fundamental, uma propaganda apaixonada do programa revisionista «tomar as três directivas como eixo» e a apologia da teoria da extinção da luta de classes e da teoria das forças produtivas, uma ofensiva geral contra a linha revolucionária proletária do Presidente Mao. O «Plano do relatório» é um exemplar revisionista de ataque pelo flanco de um Teng Siao-ping que tentava, pela «abertura de uma grande brecha» na frente das ciências e das técnicas, combater a ditadura integral do proletariado sobre a burguesia em todos os domínios da superestrutura. Quanto aos «Regulamentos», são o espelho das ideias económicas deste comprador obsequioso diante dos países estrangeiros e da sua linha revisionista sobre a gestão das empresas. Sob a capa de «aceleração do desenvolvimento industrial», tentavam favorecer a aceleração do retorno ao capitalismo. Estes três documentos, todos inspirados no programa «tomar as três directivas como eixo», constituem uma grande quantidade de provas de que como as conclusões justas são postas em causa por Teng Siao-ping e da sua empresa de restauração do capitalismo, uma grande quantidade de bugiarias daquele que brandia a «bandeira ver-

melha» para combater a bandeira vermelha e arvorava o estandarte do marxismo-leninismo para o alterar e mutilar. Estes documentos mostram à evidência como a sua linha contra-revolucionária revisionista é o prolongamento da de Liu Chao-chi e de Lin Piao. A crítica a fundo destas «três ervas venenosas», nomeadamente «a propósito do programa geral», tem por consequência um importante significado para melhor permitir discernir o carácter reaccionário e enganador desta linha, para defender o marxismo e opor-se ao revisionismo durante todo o período histórico do socialismo.

É preciso, no decurso da crítica aprofundada de Teng Siao-ping, estudar atentamente a série de importantes directivas do Presidente Mao bem como as importantes instruções sobre o movimento de educação socialista, compreender bem que a burguesia «existe no Partido Comunista» e que a sua característica política essencial é a aplicação da linha revisionista — e isto para melhor perceber como a luta contra esta burguesia será longa e complexa, e adquirir uma melhor concepção da continuação da revolução sob a ditadura do proletariado. Só assim poderemos destacar melhor a importância e a necessidade da crítica de Teng Siao-ping e elevar esta crítica a um novo auge. Devemos estudar de modo aprofundado e repetido as directivas do Presidente Mao. Apenas um estudo atento pode permitir aprofundar a crítica.

Os comités do Partido nos diferentes escalões devem reforçar a direcção do movimento de crítica a Teng Siao-ping e unir mais de 95% dos quadros e das massas com este objectivo geral: concentrar o fogo sobre a crítica de Teng Siao-ping. O estudo da teoria e esta crítica — nas quais, como na denúncia de Teng Siao-ping, os quadros dirigentes têm de dar o exemplo — devem estar combinadas na prática da luta de classes e da luta entre as duas linhas nas diversas frentes. É preciso concretamente centrar todos os sectores de actividades sobre a luta de classes, incluindo o

combate contra o sismo e pelos socorros às regiões sinistradas. Os camaradas que cometeram erros devem estudar com os quadros e as massas e criticar Teng Siao-ping com eles, para elevarem o seu nível de consciência para corrigir as suas faltas. À semelhança destes camaradas, o nosso Partido espera continuar fiel ao princípio: «*Tirar a lição dos erros passados para evitar que se repitam*» e «*curar a doença para salvar o homem*». Princípio que convém seguir na luta pela resposta ao desvio de direita. As massas revolucionárias devem reforçar a sua união e criticar conjuntamente Teng Siao-ping, e sem formar clãs, sem organizar «grupos de combate» nem se perder no velho ajuste de contas. Devem redobrar de vigilância sobre as manigâncias do inimigo de classe e ripostar-lhe resolutamente. Devem também fazer a revolução, promover a produção, melhorar o trabalho, preparar-se activamente na previsão de uma guerra e esforçar-se por completar todas as tarefas apontadas pelo Partido.

Unamo-nos ainda mais estreitamente, sob a direcção do Comité Central do Partido tendo à sua cabeça o Presidente Mao, para conseguir vitórias ainda maiores no movimento de crítica a Teng Siao-ping e ripostar contra o desvio de direita, na revolução e na edificação socialistas.

A PROPÓSITO DA IDEOLOGIA BURGUESA COMPRADORA DE TENG SIAO – PING NO PLANO ECONÓMICO

(Resumo do artigo do *Hongqi*,
n.º 7, de 1976, publicado na
revista chinesa *Pékin Infor-
mation*, n.º 35, de 30 de
Agosto de 1976)

Teng Siao-ping, o maior dos responsáveis do Partido obstinadamente comprometidos na via capitalista, divulgou muitas teses aberrantes sobre o desenvolvimento económico — e, neste domínio, a sua ideologia pertence em profundidade à burguesia compradora. Representando a burguesia no interior do País, pretendia disputar ao proletariado a direcção da nossa economia socialista, até a transformar numa economia de capitalismo monopolista-burocrático. Enquanto isso, no plano externo, seguia uma linha de capitulação e de traição nacional, que visava transformar o nosso País em colónia e semicolónia do imperialismo e do social-imperialismo.

*Partidário do «controlo directo e exclusivo
das empresas pelo ministério interessado»*

De volta ao seu posto, volta as costas ao Comité Central do Partido, dirigido pelo Presidente Mao, e lança-se na edifi-

cação de um sistema de gestão económica, dito «controlo directo e exclusivo das empresas pelo ministério interessado». Tratava-se de facto de verticalizar a direcção das empresas, colocando-as directamente sob as ordens de um pequeno número de pessoas dos respectivos ministérios. De tal modo que todos os sectores económicos se constituíssem em sistemas, desde a base até ao topo. Mas no plano económico, fora da autoridade do Comité Central do Partido e dos comités locais do Partido, portanto, em todos os escalões, afastar-nos-íamos da direcção única.

Já em 1956, o Presidente Mao tinha sublinhado a obrigação de regulamentar judiciosamente as relações entre autoridades centrais e locais, para consolidar a ditadura do proletariado, reforçar o fundamento económico socialista e construir um poderoso país socialista. É preciso, dizia ele, «*deixar às autoridades locais maiores possibilidades de acção no quadro do plano unificado das autoridades centrais*», valorizar o espírito de iniciativa tanto de uns como de outros. Princípio justo que Liu Chao-chi e Teng Siao-ping se recusam durante muito tempo a aplicar, na sua apologia dos *trusts* imperialistas e do recurso activo a um sistema de gestão económica contra o qual deviam revoltar-se, no decurso da Grande Revolução Cultural Proletária, as massas e os quadros revolucionários que vão destruir os dois quartéis-generais burgueses — o dirigido por Liu Chao-chi e o de Lin Piao — contribuindo assim para a materialização deste princípio.

A situação em que se viam os cereais do Sul partir para o Norte e o carvão do Norte expedido para o Sul começou a mudar. Não cessámos de descobrir os recursos minerais — hulha, petróleo e gás natural — nas regiões meridionais; pequenas indústrias locais produzindo aço, ferro fundido, adubo, químicos, cimento, máquinas de energia hidro-eléctrica, foram gradualmente criadas e a sua produção

duplicou; certas cidades de pequena e média importância transformaram-se em novas aglomerações industriais. Sendo tudo isso uma prova incontestável da justeza desta observação do Presidente Mao: «*No que respeita ao espírito de iniciativa, dois valem muito mais do que um só*» — uma observação de significado particularmente profundo e importante no processo de um desenvolvimento económico nacional conforme ao princípio: quantidade, rapidez, qualidade e economia.

Depois de voltar às suas funções, Teng Siao-ping reincidiu. A pretexto de «concentração e unificação da direcção», pretendia «colocar sob a direcção das autoridades centrais» «as empresas-chave ao serviço do conjunto nacional solicitando uma cooperação à escala de todo o território». Quer dizer, a esmagadora maioria das grandes unidades e as conexas ou anexas de pequena e média dimensão. A inevitável consequência era sufocar o entusiasmo das autoridades locais e das massas e minar a edificação socialista. Esta medida confirma claramente como e com que obstinação o seu instigador se opunha ao princípio formulado pelo Presidente Mao sobre a iniciativa a deixar às autoridades centrais e locais. Era uma maneira de ajustar velhas contas com a Grande Revolução Cultural, de prosseguir a linha revisionista e de retomar o atalho batido dos *trusts* imperialistas.

Porque «o controlo directo e exclusivo das empresas pelo ministério interessado» se contrapõe à direcção única do Partido. Uma tal política visa encorajar a descentralização perante o Comité Central, estimular o «policentrismo», exercer uma autocracia e uma ditadura de tipo burguês sobre as autoridades locais e as massas. Teng Siao-ping não voltava senão para fazer estagnar a nossa economia socialista — em que a propriedade pública seria de facto convertida em economia privada de cada sector. Erguendo uma barreira entre os departamentos e as categorias profissionais, orientados no sentido de se cortar as

pernas uns aos outros devido à estrita divisão das suas atribuições, enveredar-se-ia por um quadro de relações depressa transformadas nas da concorrência capitalista.

Em detrimento de um equilíbrio de conjunto entre diferentes sectores económicos, esta política teria liquidado a repartição racional da economia nacional, comprometido a utilização integral dos recursos e seria oposta a uma vasta cooperação socialista.

Utilizando-o para «pôr de novo em ordem» a economia, Teng Siao-ping pretendia alcançar a situação de concentração de monopólio da produção capitalista, e efectuar os seus truques revisionistas — gestão das fábricas pelos peritos, lucro no posto de comando, estímulos materiais, produção e técnica antes de tudo, alteração da linha e dos princípios políticos do Presidente Mao sobre a revolução e edificação socialistas, extensão e reforço do direito burguês, desvio da orientação e da via socialistas das nossas empresas e, por fim, transformação da economia socialista numa economia de capitalismo monopolista-burocrático.

Adoptar o sistema de gestão das empresas do revisionismo soviético

Duas consequências do capitalismo monopolista-burocrático aplicado na versão Teng Siao-ping. Uma: ao nível nacional, restabelecer o «controlo directo e exclusivo das empresas pelo ministério interessado». A outra: ao nível das empresas tornar operacional o sistema de administração do revisionismo soviético — modo de exercer a ditadura da burguesia sobre os operários. O Presidente Mao notou-o em 1964: *«A gestão é também a educação socialista. Se os quadros encarregados da gestão não vão para os ateliers ou para as equipas para trabalhar, estudar e viver com os operários, e se eles não se lançam na sua escola para fazer aprendizagem de uma ou várias artes, encontrar-se-ão toda a sua vida numa situação de luta de classes aguda que os*

opõe à classe operária para acabarem por ser derrubados por ela, como burgueses.» Teng Siao-ping, então aferrado numa linha revisionista hostil à classe operária, injuriou constantemente a directiva do Presidente Mao: *«Devemos apoiar-nos com toda a nossa vontade na classe operária.»* «O apoio dos operários, camponeses e soldados é relativo», disse ele claramente. Isto mostra como recusava considerá-los como senhores do seu País e negava o seu direito à gestão económica. Tinha um rancor implacável pelos actos revolucionários dos que tinham criticado, no decurso da Grande Revolução Cultural, os princípios e os regulamentos capitalistas e revisionistas sobre a gestão da administração das empresas. Daí, uma vez de regresso, a sua impaciência de tomar medidas de represália, não só restabelecendo os processos de outrora que consistiam em «estrangular a iniciativa dos operários, a impor-lhes restrições e a oprimi-los», mas ainda proclamando que era preciso fazê-los *«severamente»*. E com isso não se podia designar melhor como representante em chefe destes *elementos burgueses que sugam o sangue dos operários*, vivamente criticados pelo Presidente Mao.

A que classe pertence na realidade uma empresa? Isso depende da linha que nela se aplique e da classe que detém a direcção. A seguir-se a linha de Teng Siao-ping, o poder director passa para a autoridade dos responsáveis comprometidos na via capitalista — a burguesia no seio do Partido — e estes podem usar este poder usurpado para se apoderarem massivamente dos bens criados pela classe operária, para os desperdiçar, para pôr as massas operárias sob a sua bota. Assim, as empresas nominalmente socialistas transformam-se em fábricas do capitalismo monopolista-burocrático.

O que Teng Siao-ping preconizava não é mais do que uma reposição da «reforma económica» de Krutchev e de Brejnev. Ora para desenvolver este capitalismo monopolista-burocrático, os revisionistas soviéticos recorreram a um

«novo sistema económico» centrado sobre os estimulantes materiais e a prioridade do lucro. Dão a primazia à técnica e confiam a gestão das empresas aos peritos. É a burguesia monopolista-burocrática quem tem as rédeas da economia nacional. Os regulamentos das suas empresas estipulam explicitamente o direito de vender, de ceder e de alugar os meios de produção, que é reconhecido ao seu director, que é livre além disso para contratar e licenciar, para ditar a sua lei aos operários e exercer sobre eles uma ditadura burguesa. Os revisionistas soviéticos exercem uma direcção verticalizada sobre as empresas, por intermédio de um sistema de organização a dois ou três escalões: ministério — consórcio da indústria — consórcio de empresas de produção. Consórcios muito poderosos que concentram praticamente todos os poderes das empresas. Este «novo sistema económico» aplicado é para a clique dos renegados revisionistas soviéticos o instrumento do seu monopólio e da sua dominação sobre todas as empresas do país.

A realidade soviética actual é o exemplo que nos permite discernir claramente o desastre para o povo trabalhador de uma economia socialista transformada na do capitalismo monopolista-burocrático. O povo soviético, politicamente privado do poder e economicamente explorado, encontra-se hoje num abismo. O nono quinquénio, elogiado como «plano de bem-estar» pelos revisionistas do Kremlin, é um fiasco. A taxa de expansão industrial baixa de ano para ano. A agricultura está em pleno caos e as relações entre os diferentes sectores da economia nacional estão gravemente desequilibradas. A contradição que opõe as massas operárias e camponesas a um punhado de burgueses monopolistas-burocráticos agudiza-se cada dia mais. Este estado de coisas aprofunda constantemente a crise político-económica do social-imperialismo soviético. A tentativa de Teng Siao-ping para seguir os seus passos teria tido como consequência minar gravemente as nossas relações de produção e a nossa

superestrutura socialistas, torpedear a economia socialista do nosso País.

*A «medida política prioritária»
ao serviço da capitulação
e da traição nacional*

Nas condições históricas da China, disse o Presidente Mao, os que se comprometem na via capitalista e não a querem abandonar, *estão prontos a capitular perante o imperialismo, o feudalismo e o capitalismo burocrático*. Teng Siao-ping é um dos seus representantes. Segundo ele, nós, os Chineses, não seríamos capazes de empreender a nossa edificação económica e de realizar as quatro modernizações, sendo o sistema socialista caduco, em relação a isto. «A aceleração da evolução das técnicas industriais e a elevação da produtividade do trabalho dependem da «introdução de tecnologias exteriores e da importação de equipamentos estrangeiros». Depois, consequente consigo próprio, formulou a sua «medida política prioritária»: «assinemos contratos com os países estrangeiros, a fim de que os seus capitalistas nos forneçam os seus melhores e mais recentes equipamentos»; nós lhes «pagaremos» em produtos mineiros. Uma «política superior» que cheira a xenófilo, a traição e a cobardia.

Porque apoiar-se na força do povo ou bajular o estrangeiro e dele depender na expansão económica, constituem duas linhas diametralmente opostas. O Presidente Mao ensina-nos que é preciso *«contar principalmente com as próprias forças, tomar a ajuda exterior apenas como apoio, fazer tábua rasa dos velhos mitos, empreender de forma independente a produção industrial, a produção agrícola, a revolução técnica e a revolução cultural, acabar com o espírito de servilismo e enterrar o dogmatismo, estudar seriamente as boas experiências do estrangeiro e nunca deixar de examinar as más experiências para disso tirar*

lição. É essa a nossa linha.» Uma linha que Teng Siao-ping traiu completamente com esta «medida» que na realidade se opõe à que aponta que o desenvolvimento da nossa economia assenta sobre o poder do povo chinês, para se basear na «introdução de tecnologias e de equipamentos estrangeiros».

Manter ou não o princípio de independência e da autonomia, contar ou não com as próprias forças não é apenas uma questão de economia, é prioritariamente um problema político. Fazer da tecnologia e dos equipamentos avançados um monopólio e servir-se do poder económico para entravar o desenvolvimento de outros países, que saqueia, que engana, nos quais se infiltra para extrair matéria para a sua própria expansão, são os principais meios a que sempre recorreram o imperialismo e o social-imperialismo para controlar e pilhar. No mundo actual, um país não é independente economicamente se não contar com as suas próprias forças, não pode conquistar a sua independência política, não terá mais do que uma frágil independência; mais dia menos dia passará para o controlo de uma ou de outra das superpotências. No entanto, é efectivamente necessário introduzir do estrangeiro técnicas e equipamentos adequados que a nossa revolução e a nossa edificação socialistas reclamam. Mas numa base de igualdade e de vantagem mútuas, e seguindo o princípio «independência e autonomia, contar com as suas próprias forças». Porque um tal recurso não deve em nenhum caso significar que nisso colocamos as nossas esperanças de modernização. Contando, exclusivamente, como faz Teng Siao-ping, com a importação de técnicas, com a cópia de estudos e de tecnologias ou com a imitação de equipamentos estrangeiros, em vez de ter confiança em nós próprios, encontrar-nos-íamos reduzidos à situação de mendigos atrás do estrangeiro, nunca mais poderíamos escapar ao domínio do capital monopolista estrangeiro no desenvolvimento da técnica e de toda a economia nacional.

Certos economistas a soldo da burguesia monopolista pretendem que os países industrialmente atrasados devem apelar para a técnica dos imperialistas se querem ver «desenvolver-se» a sua economia. As propostas de Teng Siao-ping, que se vale do título de comunista, coincidem com esta concepção absurda. Que ironia! Mas a identidade, não fortuita, explica como as suas sugestões económicas respondiam precisamente às necessidades do imperialismo.

A *Pravda* falou aliás de utilizar os recursos soviéticos como garantia para sugar o capital e o *know-how* estrangeiros, depois de reembolsar no futuro as dívidas assim contraídas com uma parte da produção destas unidades a cons-

truir. A «medida» política prioritária de Teng Siao-ping é bem do mesmo tipo. A sua essência é vender em saldo os nossos recursos naturais e a nossa soberania de Estado, a troco dos empréstimos do estrangeiro.

Teng Siao-ping descreveu-a sem vergonha como possuindo três vantagens: exportações asseguradas, transformação técnica assegurada e mão-de-obra empregue. Belas vantagens! Consistindo em abrir ambas as portas ao imperialismo para que possam pilhar os nossos recursos naturais e esmagar o nosso povo, trocando o seu dinheiro e os seus equipamentos pela força de trabalho chinesa. O nosso povo já teve a experiência de tais vantagens antes da libertação. Que o nosso País aplique esta «medida política prioritária» capitulacionista, e pouco a pouco tornar-se-á num fornecedor de matérias-primas para o imperialismo e o social-imperialismo, um mercado onde escoam os seus produtos, o lugar privilegiado dos seus investimentos. Assim perderíamos não só todas as conquistas da revolução socialista, mas também as da revolução democrática. Aí se revela verdadeiramente a odiosa face de Teng Siao-ping, representante dos interesses da grande burguesia estrangeira, que servia como um verdadeiro comprador do imperialismo.

Uma experiência centenária ensina-nos que querer edificar a prosperidade e o poder chinês através de um desenvolvimento económico unicamente fundado sobre a técnica e os empréstimos do imperialismo é sonhar acordado. Já no fim do século XIX, sob a dinastia dos Tsing, os partidários do «movimento de ocidentalização» insistiam na necessidade de «aceitar os empréstimos para desenvolver o país». Segundo eles, a China não podia ter «ocasião de se tornar poderosa e chance de assegurar a sua existência» senão hipotecando os seus recursos nacionais contra importantes créditos dos imperialistas, dos quais era preciso «imitar» as técnicas para lançar a indústria. Ora os factos revelaram o contrário: tais inaptidões respondiam justamente às necessidades do imperialismo que queria escoar as suas mercadorias, exportar os seus capitais e desmembrar o nosso País. O movimento de ocidentalização empobreceu-nos ainda mais, os nossos recursos esgotaram-se mais e a crise nacional agravou-se de dia para dia.

Na antiga China, semicolonial e semifeudal, houve gente para trabalhar com zelo pela «salvação da China pela indústria». Considerando o subdesenvolvimento como causa fundamental da pobreza e do atraso. Só o grande desenvolvimento da indústria e do comércio podia, segundo eles, permitir a este País, desprovido e enfraquecido, conhecer a riqueza e o poder. Mas revelaram-se incapazes de ousar combater até ao fim o imperialismo e o feudalismo. Imaginando que a China podia desenvolver uma indústria capitalista sem derrubar a dominação imperialista. Ora, nesta China colocada sob a dupla opressão do imperialismo e dos seus lacaios, estavam votados ao fracasso e ao fim das suas ilusões, ou então a correr para o regaço do imperialismo e abraçar a causa da burguesia compradora. Na sua juventude, Teng Siao-ping alimentava tais ideias. E após tantas dezenas de anos a sua posição e a sua concepção do mundo

burguesas não mudaram. Depois, com o aprofundamento contínuo da revolução, a sua natureza reaccionária burguesa apenas se revelou um pouco mais. Opondo-se à revolução socialista, praticando a restauração e o retorno ao passado, cobrindo-se das falsas aparências da burguesia compradora, entregando-se à sua capitulação e à sua traição nacional, apenas podia conhecer o fim historicamente ignominioso de todos os compradores que se curvam perante o estrangeiro.

O Presidente Mao disse: «*Só o socialismo pode salvar a China.*» Conclusão histórica que o nosso povo tira dos longos combates revolucionários. Sem a linha revolucionária do Presidente Mao, sem a ditadura do proletariado, sem a via socialista não há independência e prosperidade para a China, não há mais liberdade e felicidade para o nosso povo. A revolução pode mudar tudo, e ela está em vias de o fazer. Enquanto mantivermos inflexivelmente esta linha, enquanto continuarmos a centrar tudo sobre a luta de classes, enquanto aplicarmos o princípio «independência e autonomia, contar com as suas próprias forças», enquanto nos apoiarmos firmemente nas largas massas populares desenvolvendo o seu espírito de iniciativa e de criação, poderemos transformar, e antes do fim do século, o nosso País numa potência socialista dotada de uma agricultura, de uma indústria, de uma defesa nacional, duma ciência e duma técnica modernas, e continuar a avançar para o objectivo grandioso do comunismo.

CRÍTICA DOS SOFISMAS REVISIONISTAS DE TENG SIAO-PING NA INDÚSTRIA E NOS TRANSPORTES

(Artigo de Tchong Che no *Hongqi*, n.º 5, de 1976, publicado na revista chinesa *Pékin Information*, n.º 24, de 14 de Junho de 1976)

O principal responsável do Partido que persiste na via capitalista, Teng Siao-ping, aplicou um programa e uma linha revisionistas. Pôs-se à cabeça daqueles que fizeram soprar o vento desviacionista de direita para pôr de novo em causa as conclusões justas. Difundiu largamente falsidades, que tocam nos domínios da superestrutura, e, além disso, tomou uma direcção diametralmente oposta à da linha revolucionária e proletária do Presidente Mao para a frente económica. Dizendo querer «tudo pela modernização», interferiu directamente nos assuntos da indústria, das comunicações e dos transportes; fê-lo elaborando uma pretensa regulamentação para o desenvolvimento industrial, louvando o revisionismo e tentando em vão fazer da indústria socialista uma base que permitiria restaurar o capitalismo. A sua táctica, embora mistificadora, não

podia enganar a classe operária, que se forjou na Grande Revolução Cultural e no movimento de crítica a Lin Piao e Confúcio. Mal nasceu o revisionismo de Teng Siao-ping foi boicotado e censurado pelos operários e pelos quadros. O Presidente Mao lançou e dirige ele próprio a luta contra o desvio de direita; isso galvaniza a combatividade revolucionária dos operários e permitiu-lhes discernir melhor o que tinha de reaccionário a linha revisionista de Teng Siao-ping.

*A ameaça principal para a indústria,
as comunicações e os transportes*

Teng Siao-ping queria a regressão, voltar ao passado. A sua recomendação era «tomar as três directrizes como eixo». Negou que a contradição principal nas três frentes que nos dizem respeito — a indústria, as comunicações e os transportes — fosse a oposição entre o proletariado e a burguesia. Opôs-se a que a luta de classes fosse tomada como eixo. Para ele, o perigo principal da hora era que «não se ouse falar da produção», pois que «se trata de um problema universal». Recusou abertamente reconhecer o papel dirigente que a linha fundamental do Partido desempenhou nas nossas três frentes. Queria, pois, desviar a indústria, no seu desenvolvimento, da orientação socialista.

Desde 1949, o Presidente Mao não deixou de sublinhar que *«a contradição principal no interior do País é a que existe entre o proletariado e a burguesia»*. Esta contradição é também a das três frentes, e a sua existência, o seu desenvolvimento fizeram com que durante muito tempo, para eles, o problema universal permanecesse a escolha da via socialista ou capitalista e da direcção — seja a dos marxistas e das massas operárias, seja a da burguesia no seio do Partido e dos seus responsáveis comprometidos na via capitalista. A ameaça continua a ser, portanto, essencialmente o revisionismo e um regresso ao capitalismo. Mostrando a

necessidade da Grande Revolução Cultural na altura da Primeira Sessão Plenária do Comité Central saído do IX Congresso do Partido Comunista Chinês, o Presidente Mao realçava: *«Segundo parece, se não se faz a Grande Revolução Cultural Proletária, não avançamos, porque a nossa base não é sólida. A julgar pelo que observei, não digamos na totalidade nem na maioria esmagadora, mas, receio-o, numa maioria bastante grande das fábricas, a direcção não está entre as mãos de verdadeiros marxistas nem das massas operárias. Não que não haja bons elementos entre os que dirigiam as fábricas. Há-os, há-os entre os secretários, os secretários-adjuntos e os membros dos comités do Partido, há-os entre os secretários de célula. Mas seguem a linha outrora avançada por Liu Chao-chi, o que se traduz simplesmente na sua prática por práticas do tipo dos estimulantes materiais, lucro no posto de comando, nada de política proletária no posto de honra, distribuição de prémios, e assim seguidamente. Contudo, encontram-se efectivamente maus elementos nas fábricas. Isto mostra que a revolução não terminou.»* Também nas nossas três frentes, a luta entre o proletariado e a burguesia não terá fim antes do desaparecimento das classes, porque antigos burgueses e intelectuais mal reeducados existirão sempre; delapidação, roubo, especulação produzem-se de vez em quando. Assim como a existência do direito burguês gera novos burgueses. A linha revisionista aplicada na gestão das empresas — lucro no posto de comando, estimulantes materiais, prémios, etc. — encontrou também alguma audiência. Os responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista *não deixaram de seguir esta via* e isso durará muito tempo. Se Teng Siao-ping negou a luta de classes junto de nós foi para melhor camuflar a que ele conduzia contra o proletariado em nome da burguesia que se encontra no seio e no exterior do Partido, para esconder o facto que ele aplicava uma linha revisionista e que se lançou na via capitalista.

No regime socialista, as fábricas e as outras empresas são as praças fortes donde o proletariado combate a burguesia; não é conveniente de maneira nenhuma considerá-las como instituições puramente económicas, porque se cairia na teoria das forças produtivas. O Presidente Mao disse: *«Unamo-nos num só objectivo, o de consolidar a ditadura do proletariado. Isso deve-se realizar em cada fábrica, em cada aldeia, em cada organismo e em cada escola.»* Só a consolidação da ditadura que o proletariado exerce sobre a burguesia, e uma melhoria constante das relações de produção socialistas podem fazer aumentar a produção socialista segundo o princípio de quantidade, rapidez, qualidade e economia; só elas permitirão transformar todas estas empresas em poderosas muralhas contra o revisionismo. Se elas esquecessem o seu objectivo, o de consolidar esta ditadura, e se se afastassem da luta de classes no único objectivo da produção, essas empresas não só não saberiam desenvolver a produção para o socialismo, mas tornar-se-iam o terreno gerador da burguesia e do capitalismo. Passando-se as coisas assim, a propriedade socialista das fábricas degeneraria em possessão capitalista, e a classe operária tornar-se-ia escrava assalariada. Quando convidou a «ousar falar da produção», Teng Siao-ping não tinha a intenção real de alcançar bom êxito para a produção socialista, queria levar as pessoas a renunciar à luta de classes nas empresas assim como à ditadura que o proletariado exerce sobre a burguesia, para voltar sem obstáculo ao capitalismo.

É óbvio que as empresas socialistas devem esforçar-se por cumprir, por ultrapassar mesmo, o plano de produção, de resolver os problemas constantes da conservação do material, das inovações técnicas, da qualidade da produção. Mas as soluções destes problemas não podem estar separadas da luta do proletariado contra a burguesia. O Presidente Mao disse que *«a luta de classes é o eixo que arrasta tudo o resto.»* Só agindo segundo esta directriz, prosse-

guindo a crítica contra o revisionismo e o capitalismo, continuando a resolver os problemas da linha a aplicar e da via a seguir, é que se assegurará uma justa orientação, é que se imprimirá um poderoso impulso à produção socialista, é que se regularão judiciosamente todos os problemas que dizem respeito à produção, compreendendo aí as do material, das técnicas e da qualidade: assim poder-se-á também desenvolver a indústria segundo o princípio da quantidade, da rapidez, da qualidade e da economia; criar-se-á rapidamente um conjunto industrial independente e bastante completo; e finalmente realizar-se-á a modernização da indústria socialista. Opondo-se a que se tome a luta de classes como eixo, e apaixonado pela sua fórmula «gato branco, gato preto» — que não quer fazer diferença entre marxismo e imperialismo — Teng Siao-ping comprometia-se inevitavelmente na via capitalista; sabotava a produção socialista. Para ele, «modernizar» era fazê-lo de forma capitalista, favorável à burguesia, era reconduzir o nosso País a uma dependência económica para com o imperialismo e o social-imperialismo.

*Porquê repetir inutilmente lucro
no posto de comando
e estímulos materiais?*

Um vector importante da luta de classes que o proletariado conduz contra a burguesia nas três frentes é atacar os sistemas revisionistas — lucro no posto de comando, estímulos materiais. Depois da Grande Revolução Cultural, os operários não deixaram nunca de fazer tais críticas; e isso enraiveceu Teng Siao-ping. Tratou esta oposição ao lucro no posto de comando de «oposição tendenciosa contra a procura de lucro», dizendo que «se põe um pouco o lucro no posto de comando, o que é que isso importa? Que pode fazer o Estado doutro modo?» Opôs-se claramente, aliás, a

que se condenassem os estímulos materiais e não escondeu ser favorável ao revisionismo.

Porque é que o nosso País socialista de ditadura do proletariado cria uma indústria? Porque é que se faz um trabalho económico? Porque é que as fábricas produzem? Porque é que os operários trabalham? Para o lucro e o dinheiro, ou para a revolução e o povo? Tais são os problemas a esclarecer nos nossos debates. O Presidente Mao disse que *«desenvolver a economia e assegurar o abastecimento, tal é a orientação geral do nosso trabalho nos domínios económico e financeiro»* (*Problemas económicos e financeiros no período da resistência ao Japão*). Nós aumentamos a produção da indústria, ligeira e pesada, com o único objectivo de assegurar o abastecimento, de servir a revolução e a edificação socialistas, de assegurar a existência e a actividade produtiva das massas populares, de *«nos prepararmos em previsão duma guerra e de calamidades naturais, e fazer tudo no interesse do povo»*. Estas tarefas estão ligadas à consolidação da aliança entre operários e camponeses, à da ditadura do proletariado e à realização do grande objectivo futuro — o comunismo. Servir a revolução e o povo, tal é o critério fundamental que permite distinguir produção socialista e capitalista. Quando os capitalistas gerem empresas, têm por objectivo fundamental realizar grandes lucros. Marx assinalava que *«a vocação da sociedade burguesa (...) é fazer dinheiro»* (*Crítica da Economia Política*). *«Fabricar mais-valia, tal é a lei absoluta deste modo de produção.»* (*O Capital*). Exaltando o lucro no posto de comando e os estímulos materiais, apagando as distinções fundamentais entre socialismo e capitalismo, Teng Siao-ping revelou-se de novo como reaccionário e burguês nas suas posições e na sua concepção do mundo.

Lucro no posto de comando, estímulos materiais, são outros tantos sinónimos de dinheiro e de material, isto é, da política que a burguesia utiliza para corromper os nossos

quadros e as nossas massas populares, para minar as relações de produção socialistas. Como se pode dizer «isso não tem nada a ver», quando as aplicamos nas empresas socialistas? A economia socialista avança de forma ordenada, segundo um plano bem estabelecido. O que é que uma fábrica vai produzir? Quanto? Tudo isso é função dum plano estabelecido que servirá os interesses do povo. Se cada fábrica puser o lucro no posto de comando e não trabalhar senão em função do rendimento, não será isso atacar, arruinar a economia socialista planificada, fazer reinar a anarquia na produção? A corrida aos lucros leva as empresas a causar prejuízo aos seus vizinhos, e a cooperação socialista pode transformar-se em concorrência capitalista. Se se colocar o lucro no posto de comando, se se procurar apenas a relação financeira da produção e do lucro, se se estimar «o marechal Tchao» (o deus da riqueza na lenda popular chinesa), se se distribuírem prémios, se se utilizarem meios materiais para promover o ardor dos trabalhadores, alterar-se-á o espírito dos quadros e das massas, minar-se-á a unidade dos operários, impulsionar-se-ão as pessoas a calcular tudo e a disputar entre si honra e lucro, a fazer das relações entre os homens relações de empregadores a empregados, baseadas no dinheiro. Assim podem ser minadas as relações de produção socialistas, e o direito burguês espalhar-se-á subrepticamente. Os progressos duma tal situação conduziriam ao reaparecimento da propriedade capitalista; do que o social-imperialismo é um bom exemplo que reflecte as intenções de Teng Siao-ping.

Para responder às necessidades da revolução e da edificação, as empresas socialistas devem avaliar o custo dos seus produtos e fazer orçamentos, e, segundo as indicações do Estado, fazer lucros apropriados, que são a fonte essencial da acumulação socialista. Orçamento e acumulação foram sempre a nossa preocupação e rejeitámos as ideias erradas tais como: não se preocupar com o custo de produção, negligenciar a acumulação de capitais e esbanjar. Teng

Siao-ping queria deliberadamente provocar perturbações, com um motivo oculto, quando acusava os ataques contra o lucro no posto de comando e contra os estímulos materiais de «oposição tendenciosa à procura de lucro». Depois da Grande Revolução Cultural, as críticas dirigidas contra toda esta mexerufada revisionista deram livre curso à iniciativa dos operários; permitiram aplicar escrupulosamente a linha, os princípios e as medidas políticas do Partido, executar os planos de Estado, acumular fundos cada vez mais importantes para fazer a revolução e a edificação socialistas. O Presidente Mao disse que *«o trabalho ideológico e político é a garantia do trabalho económico e técnico, serve a base económica. Simultaneamente, são a ideologia e a política que comandam, são a alma de tudo. O menor relaxamento no nosso trabalho ideológico e político arrastará para uma via errada o nosso trabalho económico e técnico»*. Junto de nós, país socialista, para desenvolver a produção, não contamos nem com o lucro no posto de comando, nem com os estímulos materiais, mas com o que é fundamental para encaminhar bem as empresas — a linha revolucionária e proletária do Presidente Mao, a política proletária no posto de comando, a luta de classes que serve de eixo central e um grande trabalho político-ideológico.

Devemos apoiar-nos na Classe Operária ou na Burguesia?

Se queremos tomar a luta de classes como eixo para dirigir a indústria, devemos apoiar-nos sinceramente sobre a classe operária, suscitar o interesse das massas pelo socialismo, empreender amplos movimentos de massas. Tais são os conceitos permanentes do Presidente Mao, verdades confirmadas pela prática. No outro extremo, Teng Siao-ping declarava que *«apoiar-se nos operários-camponeses-soldados é muito relativo»*, isto é, que se opunha a que se conte com a classe operária. Foi assim que ele quis intro-

duzir de novo o seu sistema — dominar, estrangular, reprimir os operários, exercer a ditadura através dos regulamentos minuciosos — de forma a resfriar o seu ardor pelo socialismo; por outro lado, falava constantemente de colocar os especialistas à cabeça das fábricas e louvava a filosofia do servilismo perante tudo o que vem do estrangeiro. Ele prosternou-se perante as «sumidades» burguesas do País e do estrangeiro — verdadeira posição de supercomprador burguês.

Devemos ter ou não confiança nas massas operárias? Apoiar-nos nelas? São estes os graves problemas da luta entre as duas classes, entre as duas linhas. O Presidente Mao mostrou que a classe operária é a classe dirigente porque é *«a mais desinteressada, aquela cujo espírito revolucionário é mais consequente»* (*Da Ditadura Democrática Popular*). Se não existir nem confiança nem apoio, é impossível conduzir com sucesso a revolução, empreender a edificação nas três frentes; a classe operária, com efeito, nasceu e cresceu durante lutas contra a burguesia e o capitalismo, que odeia completamente, ao mesmo tempo que tem um amor sem limites pelo socialismo, cuja via segue resolutamente. Ligando-se a essa classe, fazendo-a participar na direcção, na administração das empresas e nas discussões políticas, interessando-a nos grandes acontecimentos, assegurando um controlo revolucionário na direcção dos negócios, poder-se-á aplicar a linha revolucionária do Presidente Mao, modelar as empresas segundo a ideologia avançada da classe operária, permitir aos marxistas e às massas operárias segurar bem nas suas mãos o poder de direcção e finalmente poder-se-á reforçar a ditadura do proletariado sobre a burguesia. A classe operária deve, ela também, reeducar-se constantemente durante as lutas, de tal forma que compreenda melhor a sua missão histórica, que é um dos vectores da sua reeducação. Uma grande transformação que se produziu nas empresas, depois da Grande Revolução Cultural, foi que a classe operária

desempenhou melhor o seu papel de mestre; as organizações do Partido, em muitos casos, apoiando-se nas massas operárias para dirigir as empresas, desembaraçaram-se desse preconceito burguês que Lenine tinha combatido: «*só as pretensas 'classes superiores', só os ricos ou os que passaram pela escola das classes ricas, podem administrar o Estado, organizar a edificação da sociedade socialista*» (*Como organizar a Emulação?*). Por isso o grande papel da classe operária está particularmente manifesto na revolução e na edificação socialistas. O que é uma boa resposta às propostas revisionistas de Teng Siao-ping.

As massas operárias, uma vez armadas com o pensamento de Mao Tsé-tung, têm uma força criadora ilimitada. Formam o pilar da revolução e da edificação socialistas. Se quisermos verdadeiramente encaminhar-nos para um desenvolvimento industrial à nossa maneira, se quisermos acelerar a modernização da indústria socialista, apoiemo-nos na classe operária e nas massas populares armadas com o pensamento de Mao Tsé-tung, que seguem a linha revolucionária e proletária do Presidente Mao — e não num hegemonismo que se estende por toda a parte para pilhar os outros, nem na filosofia de servilismo para com o estrangeiro, que consiste em pedir a ajuda da burguesia. Os imperialistas tinham-nos imposto um bloco, e a clique dos renegados revisionistas soviéticos queria manter-nos à sua mercê. Nós pudemos superar as dificuldades e os obstáculos e caminhar em frente; conseguimos hoje grandes vitórias. Isso porque nos apoiámos nas massas, mobilizámo-las, e, em conjunto, aviltámos esse servilismo, assim como o seguidismo; fizemos brilhar o seu espírito revolucionário, que quer trabalhar para a força do País, na independência e contando com as próprias forças. Quando estamos assim apoiados honestamente na classe operária, quando lançamos com vigor movimentos de massas, a revolução atinge o seu auge e a produção segue o princípio da quantidade, da rapidez, da qualidade e da economia. Depois da Grande Revolução

Cultural, a classe operária, pela prática, franqueou mesmo «zonas interditas» que aterrorizaram sempre certos estrangeiros, e conduziram com sucesso e correcção o que os «especialistas» e as «sumidades» julgavam impossível. Estas realizações irrefutáveis mostram uma vez mais que, incontestavelmente, «*as massas são os verdadeiros heróis*».

«O apoio relativo na classe operária» de Teng Siao-ping lembra a variante que Liu Chao-chi enunciava: «as massas são atrasadas». Um «apoio relativo» significa de facto não se apoiar nas massas, impedir mesmo que se faça isso. Depois de ter retomado as suas funções, Teng Siao-ping foi visitar os «eremitas», «os que voltaram às trevas», depois quis que retomassem funções os responsáveis do Partido irredutivelmente comprometidos na via capitalista, os partidários do *Jusqu'aboutisme* (1) que «não temem ser abatidos uma segunda vez». Podemos assim ver como queria apoiar-se na burguesia que se encontra no seio do Partido. Disse que devia «colocar nos postos de direcção» os intelectuais burgueses «que têm um alto nível de conhecimentos» — e cujos interesses coincidiam com os seus. Aí está a prova de que queria ser assistido por um pequeno número de «especialistas» e de «sumidades» burguesas. Do mesmo modo, prosternou-se perante o estrangeiro, considerando como sacrossantos os «especialistas» e os «equipamentos» estrangeiros. Esforçou-se por espalhar o servilismo e o seguidismo, de forma a depender da burguesia estrangeira. O incidente político contra-revolucionário que teve lugar no começo de Abril na praça Tien-an-men permitiu-nos ver que ele tinha o apoio de um punhado de inimigos de classe hostis à ditadura do prolétariado, de novos burgueses e da escória da sociedade — vadios e tiranetes — em quem se apoia. Conservando-se ao lado da burguesia para impedir que nos apoiemos na classe operária, Teng Siao-ping mostrou que era o representante dos interesses da burguesia tanto no seio como fora do Partido, e o grande patrão das (I) — *Jusqu'aboutisme*: atitude tomada pelos que, numa guerra ou em qualquer conflito de interesses, recusa o compromisso e querem lutar até ao fim. (N.T.)

forças da restauração contra-revolucionária. Vê-se muito bem se ele praticava o socialismo ou o capitalismo, e em que direcção, em que via, queria conduzir a nossa indústria.

*O verdadeiro objectivo de
«voltar a pôr em ordem»*

Sob o pretexto de «desenvolver a produção», Teng Siao-ping queria «pôr em ordem» todos os domínios da indústria e das comunicações. Uma medida que visava implantar a sua linha revisionista.

Apresentou sob uma luz sombria a situação destes sectores depois da Grande Revolução Cultural, e anunciou que «muitos problemas» existiam na indústria. Para ele, por toda a parte só existe «desordem», que deve merecer «a nossa atenção ponderada», e que é necessário «corrigir» «gastando às mãos cheias» e ousando «pôr isso em ordem». As suas propostas e os seus actos mostram que «voltar a pôr em ordem» significa pôr em causa conclusões da Grande Revolução Cultural, regressão e retorno ao passado.

Durante a Grande Revolução Cultural, destruámos os quartéis-generais burgueses de Liu Chao-chi e de Lin Piao; criticámos a sua linha revisionista e lançámos violentos assaltos contra o que havia de capitalista na superestrutura e nas relações de produção. Transformou-se o que era burguês e revisionista. Que há, portanto, de mau em tudo isso? Efectuaram-se transformações notáveis nas fábricas e nas outras empresas que, em aplicação das directrizes do Presidente Mao sobre a luta-crítica-transformação, passaram pelas etapas seguintes: criação de um comité revolucionário de tripla união (quadros idosos, de meia idade e jovens), crítica de massas, saneamento das nossas fileiras, consolidação das organizações do Partido, simplificação das estruturas administrativas, racionalização dos regulamentos, envio do pessoal administrativo para o trabalho produtivo na base. Durante as lutas, a regulamentação melhorou constantemente. Os quadros e as massas compreendem cada vez melhor a luta de classes e a luta entre as duas

linhas. Os operários participam na direcção e na gestão das suas empresas. Enquanto os quadros e os técnicos vêm participar no trabalho produtivo. A divisão rígida do trabalho, uma vez quebrada pelos operários, o seu espírito de cooperação comunista tem o campo livre, e a «*Carta da Sociedade Siderúrgica de Anchan*» pode melhor ser aplicada. Apareceram grande número de inovações que contribuem para restringir o direito burguês. Sob a palavra de ordem «*Que a Indústria tome como exemplo a exploração petrolífera de Tating*», os movimentos de massas não deixaram de ganhar profundidade. Todas estas transformações, que são favoráveis ao socialismo, se operaram nos sectores industriais ao nível da superestrutura e das relações de produção, e alegram bastante a classe operária assim como todas as massas populares.

Teng Siao-ping defendeu que os regulamentos feitos antes da Grande Revolução Cultural, em aplicação da linha revisionista de Liu Chao-chi no tocante à marcha das empresas, «eram bons e valiosos». Eis portanto reveladas as suas verdadeiras intenções, porque estes «regulamentos» que dizia «necessários» não passam de revisionismo. E a classe operária sabe perfeitamente se eles são bons ou maus, ela que têm bastantes vezes problemas com eles. Durante a Grande Revolução Cultural, uma vez a linha revisionista criticada pelas massas, Teng Siao-ping fez a sua «autocrítica». Mas quando o *raz de marée* (1) passou, ele quis de novo pôr em uso os seus procedimentos, e conseguiu; foi assim que sob a sua instigação um documento sobre «alguns problemas a respeito da aceleração do desenvolvimento industrial» viu a luz do dia — documento que retoma integralmente a linha revisionista de Liu Chao-chi e que até a ultrapassa. O seu pretenso «voltar a pôr em ordem» visava apenas asfixiar a nascente das coisas novas, restaurar as velharias. Pretendia dessa maneira

(1) — Raz de marée: onda muito alta que vem do fundo do mar e bate depois violentamente na praia, arrastando tudo à sua passagem. (N.T.)

fazer tábua rasa da linha revolucionária e proletária do Presidente Mao para prosseguir as tradições revisionistas. Como ele queria destruir as relações de produção socialistas já criadas, suprimir as coisas novas favoráveis à limitação do direito burguês que nasceram na superestrutura assim como nas relações de produção. Queria restabelecer e desenvolver os aspectos capitalistas e revisionistas. Queria abolir a «*Carta da Sociedade Siderúrgica de Anchan*» e reintroduzir a «*Carta (soviética) do Complexo Metalúrgico de Magnitogorsk*». Teng Siao-ping declarava que «a questão das equipas dirigentes» era o fecho da abóbada do «voltar a pôr em ordem», e que era preciso criar, do topo à base, equipas dirigentes «dinâmicas, ousadas e capazes». Queria dizer com isso que era necessário voltar a pôr na sela aqueles que tinham audácia, experiência e capacidade na prática do revisionismo a fim de poder conduzir, de alto a baixo, uma linha revisionista que serve para voltar a pôr em causa as conclusões justas e que restaura a ordem antiga.

Para legitimar este «voltar a pôr em ordem», Teng Siao-ping defendeu que as empresas «não utilizaram em pleno a sua capacidade de produção». Por outras palavras, era com o fim de desenvolver a produção que ele queria «pôr em ordem». Ninguém se podia enganar. Tanto a experiência positiva como negativa mostra que só a revolução pode libertar as forças produtivas e estimular a produção. Se se quiser valorizar melhor a capacidade das empresas industriais, é preciso aplicar sem falha o princípio «*fazer a revolução e promover a produção*»; é preciso continuamente resolver as contradições entre as relações de produção e as forças produtivas, entre a superestrutura e a base económica.

Antes da Grande Revolução Cultural, em conluio com Liu Chao-chi, Teng Siao-ping dirigia uma linha revisionista na indústria e nas comunicações; esforçava-se por preservar, e seguidamente por aumentar, nos sectores da superestrutura e das relações de produção, as coisas que não diferiam

nada das da antiga sociedade. Isso teve como resultado combater e sabotar a aplicação da linha revolucionária do Presidente Mao e entravar o desenvolvimento da nossa indústria socialista.

Durante a Grande Revolução Cultural, as críticas que a classe operária e o resto do povo revolucionário fizeram da linha revisionista de Liu Chao-chi e de Lin Piao venceram a resistência das velharias que sobreviviam na superestrutura e nas relações de produção; deram além disso um forte impulso à expansão da produção e da edificação industriais. À medida que se aprofundou a luta contra o desvio de direita que queria voltar a pôr em questão as conclusões justas, operários, quadros, intelectuais revolucionários dos sectores da indústria e das comunicações manifestam um dinamismo maior para *fazer a revolução e promover a produção*, daí os progressos notáveis da produção industrial. Todos estes factos desmentem com força os absurdos reaccionários de Teng Siao-ping. Dedicando-se a combater as transformações efectuadas nos domínios das relações de produção e da superestrutura, isto revelou portanto a sua verdadeira natureza — a dum sabotador da revolução e da produção socialistas, dum restaurador do capitalismo.

TENG SIAO-PING TRAI O MARXISMO- -LENINISMO NA SUA TOTALIDADE

Artigo de Li Tchang do
Hongqi, nº 5, de 1976,
publicado pela revista chinesa
Pékin Information nº 23, de
7 de Junho de 1976.

Teng Siao-ping, o principal dos responsáveis do Partido que se obstinam na via capitalista, construiu um programa revisionista: «tomar as três directrizes como eixo», e aplicou uma linha revisionista e contra-revolucionária. Este programa e esta linha reaccionários, opostos à linha revolucionária e proletária do Presidente Mao, traduzem politicamente os interesses e as esperanças da burguesia que existem tanto no seio como no exterior do Partido. Tentou em vão derrubar a ditadura do proletariado e restaurar o capitalismo. No domínio da ideologia, isto é, da teoria, reviu completamente as três partes do marxismo — a filosofia, a economia política e o socialismo científico. Actualmente, a grande luta conduzida contra esta linha, contra o vento desviacionista de direita que queria voltar a pôr em causa as conclusões justas, desenvolve-se com sucesso. Para

assegurar a condenação dos crimes de Teng Siao-ping, é importante que se denunciem e estigmatizem de forma profunda, no plano ideológico, isto é, teórico, o que neles há de reaccionário, de traição em relação ao marxismo.

I

A doutrina da ditadura do proletariado, ponto fulcral do marxismo, é a essência do socialismo científico. Manter esta ditadura, ou opor-se-lhe, foi sempre esse o significado da luta entre o marxismo e o revisionismo.

Teng Siao-ping revelou-se como um traidor à ditadura do proletariado: negou a luta de classes na sociedade socialista, opôs-se à ditadura integral do proletariado sobre a burguesia — numa tentativa de subversão e de retorno ao capitalismo. Assim traiu completamente a pouco e pouco a teoria marxista sobre esta ditadura.

Falando da necessidade da sua existência, Lenine declarava que *«a ditadura do proletariado é a guerra mais heróica e mais implacável da nova classe contra um inimigo mais poderoso, contra a burguesia cuja resistência é dez vezes maior pelo facto de ter sido derrubada (mesmo num só país e cuja força não reside apenas na força do capital internacional, na força e na solidez das ligações internacionais da burguesia, mas também na força do hábito, na força da pequena produção.*

Porque, infelizmente, ainda existe no mundo uma quantidade muitíssimo grande de pequena produção: ora, a pequena produção gera constantemente o capitalismo e a burguesia, todos os dias, a todo o momento, duma forma espontânea e em vastas proporções. Por todas estas razões, a ditadura do proletariado é indispensável» (Lenine, *O «Esquerdismo», Doença Infantil do Comunismo*).

O Presidente Mao, por seu lado, fez um balanço do conjunto da experiência histórica — positiva e negativa — da

ditadura do proletariado desde a Revolução de Outubro. Perpetuou a teoria marxista-leninista da ditadura do proletariado, defendeu-a e desenvolveu-a; tornou clara a lei que rege a luta de classes na sociedade socialista; resolveu na teoria e na prática problemas como: é preciso prosseguir a revolução sob a ditadura do proletariado? Como conduzi-la? Quais são os objectivos? Como consolidá-la? Como impedir o retorno ao capitalismo? Como edificar o socialismo? Já em 1949 tinha previsto que depois da tomada do poder pelo proletariado, a contradição principal no País seria entre o proletariado e a burguesia. Depois de ter concluído por grosso a transformação socialista da propriedade dos meios de produção, repetiu, nas suas obras e nas suas directrizes, que todo o período histórico do socialismo conhece as classes, as contradições de classes e as lutas de classes e que a principal contradição é entre o proletariado e a burguesia. Formulou, em honra do nosso Partido, uma linha fundamental que permite exercer sem cair em erro a ditadura do proletariado e evitar a restauração do capitalismo. Analisou em particular o problema da luta contra a burguesia no seio do Partido, mostrou, num documento redigido em Janeiro de 1965 a propósito do movimento de educação socialista: *«Este movimento visa principalmente os responsáveis do Partido que se comprometeram na via capitalista.»* Recentemente, acrescentou que *«conduz-se a revolução socialista e nem sequer se sabe onde está a burguesia; ora ela existe no Partido Comunista; são nomeadamente os responsáveis comprometidos na via capitalista que não deixaram de seguir essa via»*. Assim, não só resolveu os problemas teóricos de consolidação da ditadura do proletariado, como desencadeou e dirigiu pessoalmente a Grande Revolução Cultural Proletária, o movimento de crítica a Lin Piao e Confúcio, o movimento para o estudo da teoria desta ditadura, a crítica do *Chuei Hu (À Borda da Água)* e a resposta actual ao desvio de direita. Estes movimentos políticos representam outras tantas lutas —

entre o proletariado e a burguesia — que visam consolidar a ditadura do primeiro e a impedir um retorno ao capitalismo.

Teng Siao-ping virou as costas tanto à teoria como à prática que formam os fundamentos da acção do nosso Partido durante este vinte e tal anos, e fez tudo para negar a luta de classes na sociedade socialista. Na época em que a transformação socialista da propriedade dos meios de produção estava pouco mais ou menos acabada, alinhou com Liu Chao-chi para preconizar a teoria da extinção da luta de classes, dizendo que «agora as contradições de classe estão quase resolvidas», que «as classes estavam praticamente suprimidas, já não se tem de colocar o acento tónico nas suas lutas». E depois da Grande Revolução Cultural Proletária, não modificou de maneira nenhuma a sua posição revisionista. Pouco depois de ter retomado o seu posto, propôs seguidamente o programa revisionista de que falámos mais acima, e segundo o qual, em vez de tomar a luta de classes como o eixo de todas as actividades, deformou a linha fundamental do Partido e chegou a declarar: «Como é possível passar o tempo a falar desta luta?» Aí está uma recusa aberta do marxismo.

A ideia mestra da sua teoria da extinção da luta de classes é esta renúncia à ditadura do proletariado. Lenine tinha observado que *«a ditadura do proletariado não é o fim da luta de classes; é a sua continuação sob novas formas. A ditadura do proletariado é a luta de classes do proletariado vitorioso que tomou em mãos o poder político, contra a burguesia vencida, mas não destruída, não desaparecida que, longe de ter deixado de resistir, intensificou a sua resistência»* (Prefácio à edição do discurso *Como se engana o povo com as palavras de ordem de liberdade e de igualdade*). Se se contestar a luta do proletariado contra a burguesia, se nos colocarmos contra ela, isso levar-nos-á a fazermos o mesmo em relação à ditadura do proletariado. Como é que os revisionistas traíram?

Abandonaram-na e atacaram-na directamente, por um lado, e, por outro, servem-se dos termos de «ditadura do proletariado» para a deformar de facto, a truncar e falsificar no seu conteúdo revolucionário, difundindo a teoria da extinção da luta de classes, que nega a luta que o proletariado conduz contra a burguesia e a ditadura que ele lhe impõe, falando apenas de direcção do Estado na edificação económica. Este último método, ainda mais cínico, visa converter subrepticiamente a ditadura do proletariado na da burguesia; foi com este símbolo que a clique dos renegados revisionistas soviéticos derrubou a ditadura do proletariado que o próprio Lenine tinha criado na União Soviética, que implanta a ditadura burocrática e monopolista. Liu Chao-chi e Lin Piao também tinham este tipo de táctica quando conspiravam para derrubar a ditadura do proletariado; e foi Teng Siao-ping o seu herdeiro.

Na resposta ao vento desviacionista de direita, o Presidente Mao disse que *«em 1949, afirmou-se que a contradição principal no interior do País é a que existe entre o proletariado e a burguesia. Treze anos mais tarde, de novo colocada a questão da luta de classes, acrescentou-se que a situação começava a melhorar. Em que consiste a Grande Revolução Cultural? É uma luta de classes! Liu Chao-chi preconizava a teoria da extinção da luta de classes; ora ele próprio não a extinguiu, queria proteger um punhado de renegados e de fanáticos seus devotos. Lin Piao queria derrubar o proletariado, montou um golpe de Estado. Então, houve extinção?»* Viu claramente aqui o que tem de reacção esta teoria defendida por Liu Chao-chi, Lin Piao e Teng Siao-ping. E este último, longe de suprimir os ataques da burguesia contra o proletariado, colocou-se à cabeça daqueles que faziam soprar o vento desviacionista de direita. Foi assim que prosseguiu uma linha revisionista, que quis repor mais uma vez em causa os conhecimentos adquiridos pela Grande Revolução Cultural e ajustar velhas contas com ela; foi para servir a burguesia que lançou

ataques frenéticos contra o proletariado. Mas todas as suas conversas e os seus actos permitiram-nos ver que ele atacava, desde a superestrutura à base económica, tudo o que favorece a consolidação da ditadura do proletariado e impede a restauração capitalista, e que louvava, que queria fazer aplicar tudo o que pudesse servir para o retorno à ditadura do proletariado.

O Presidente Mao disse que *«o proletariado deve exercer, em todos os domínios, a sua ditadura sobre a burguesia ao nível da superestrutura, compreendendo aí os diversos sectores da cultura.»* Depois da tomada do poder pelo proletariado, a burguesia detém ainda importantes forças nestes domínios. Se não se acabar com esta situação, nem pensar em consolidar a ditadura do proletariado. Quer-se fazer a revolução socialista nos diversos sectores da superestrutura, e quer-se exercer uma ditadura integral sobre a burguesia? Aí está o grande critério que permite saber se se prossegue a ditadura do proletariado ou se a rejeitamos. Teng Siao-ping e C.^a diziam bem alto que não se podia aplicá-la nos domínios científico e técnico; tentavam também opor-se a que os estabelecimentos de ensino fossem transformados em instrumentos da ditadura do proletariado e a que se levasse a cabo a revolução nos domínios do ensino, da literatura e da arte, da saúde pública, etc. Com isso procuravam revalorizar a linha revisionista aplicada nestes sectores durante os dezassete anos que precederam a Grande Revolução Cultural — e isto a fim de voltar à ditadura da burguesia.

O Presidente Mao, no fim de 1974, lançou um apelo à nação para que ela compreenda bem *«porque é que Lenine disse que é necessário exercer a ditadura sobre a burguesia»*. Falou de restringir o direito burguês como sendo a medida essencial para combater o revisionismo até ao fim e para consolidar a ditadura do proletariado. Este direito burguês que existe sempre na sociedade socialista, forma o terreno favorável, as condições que geram a renovação da burguesia e do capitalismo, *«é por isso*

que, se pessoas como Lin Piao chegam ao poder, lhes é muito fácil instaurar o regime capitalista». Reduzir ou não o direito burguês, significa que se quer ou não atacar esta ditadura. A este respeito, Teng Siao-ping revelou também a sua natureza reaccionária e a sua traição a esta ditadura. Se se opunha de tal modo à limitação do direito burguês e se detestava de tal forma as inovações socialistas que limitassem este direito sob todos os seus aspectos, é porque os seus sentimentos reaccionários o impeliam a isso, é porque ele se opunha à ditadura do proletariado.

O Presidente Mao observou que *«os representantes da burguesia que se infiltraram no Partido, no governo, no Exército e nos diferentes sectores do domínio cultural constituem uma corja de revisionistas contra-revolucionários. Se a ocasião se apresentasse, arrancariam o poder pela força e transformariam a ditadura do proletariado em ditadura da burguesia»*. Os crimes reaccionários de Teng Siao-ping, e o incidente político contra-revolucionário do começo de Abril na Praça Tien-an-men, confirmaram mais uma vez que esta afirmação era tão clarividente como justa. Teng Siao-ping tentava, com efeito, ao querer aplicar o seu programa e a sua linha revisionista, fazer degenerar a ditadura do proletariado para que passasse para as mãos da burguesia. A sua maquinação, uma vez desmascarada e frustrada, a burguesia — tanto no seio como fora do Partido — e todos os que representa — proprietários de terras, camponeses ricos, contra-revolucionários, maus elementos e direitistas mal reeducados — se precipitaram em contra-ataques desvairados contra o proletariado. E caluniaram a ditadura deste, tentaram — em vão — fazer de Teng Siao-ping o Nagy da China, para desencadear um golpe de Estado contra-revolucionário e instaurar de novo a ditadura da burguesia. Isto mostra ainda melhor o que é este representante titular das forças reaccionárias hostis à ditadura do proletariado, uma ditadura instaurada ao fim da longa luta revolucionária que o Presidente Mao dirigiu;

ditadura que ganhou raízes nas largas massas populares, que se consolidou e reforçou através da Grande Revolução Cultural. A luta desesperada de um Teng Siao-ping e de um punhado de inimigos de classe terá tido apenas como resultado levantar uma pedra para a deixar cair em cima dos pés, e estão votados a uma derrota irremediável.

II

A economia política marxista é uma base teórica importante que permite a um partido proletário traçar uma linha e lançar os seus princípios políticos. A teoria da ditadura do proletariado é a conclusão que Marx tinha tirado depois de ter analisado a lei do desenvolvimento das relações de produção capitalistas. Mas Teng Siao-ping rejeitou-a, assim como aos princípios fundamentais desta economia política.

Pela unidade dos contrários, lei fundamental da unidade, Marx e Lenine tinham submetido a sociedade socialista a uma análise profunda, tinham mostrado claramente que esta trazia as marcas da antiga sociedade e que o direito burguês existia na repartição dos artigos de consumo. Lenine dizia além disso: *«Segue-se que... subsistem... não só o direito burguês, mas também o Estado burguês — sem burguesia! (O Estado e a Revolução).*

O Presidente Mao fez o balanço da experiência prática depois do tempo de Lenine. Analisou com subtileza as relações de produção na sociedade socialista e as consequências das suas contradições com as forças produtivas, levando assim mais longe a economia marxista. Observou a este respeito que *«as relações de produção socialistas estão já criadas e correspondem ao desenvolvimento das forças produtivas, mas estão ainda longe de ser perfeitas e esta imperfeição está em contradição com o desenvolvimento das forças produtivas»*. (Da justa solução das contradições no seio do povo). E nas suas importantes directrizes a respeito do problema da Teoria, acrescentou: *«Numa*

palavra, a China é um país socialista. Antes da Libertação, era pouco mais ou menos como o capitalismo. Ainda agora pratica-se o sistema dos salários em oito escalões, a repartição segundo o trabalho, a troca através da moeda, e tudo isso não difere nada da antiga sociedade. A diferença é que o sistema de propriedade mudou.» «O nosso País pratica na hora actual o sistema mercantil, e o sistema dos salários é desigual, há os salários em oito escalões, etc. Tudo isso só pode ser restringido sob a ditadura do proletariado.»

Estas teorias científicas mostram-nos claramente que na sociedade socialista as relações de produção e as forças produtivas permanecem em contradição, encontrando esta a sua expressão concentrada na luta entre o proletariado e a burguesia, entre a via socialista e a capitalista. O terreno, as condições favoráveis a uma nova burguesia, incluem não só certos restos da propriedade privada, mas também o direito burguês que se encontra na repartição segundo o trabalho, nas trocas de igual valor e nas relações entre os homens. É necessário restringir um tal direito sob a ditadura do proletariado de forma a eliminar a base social do revisionismo e a criar condições que impeçam a burguesia de sobreviver e de renascer. Todas as teorias do Presidente Mao visam refutar os pontos de vista metafísicos que se encontram desde há muito tempo na economia política, e desferem um golpe fulminante nos conceitos revisionistas multiformes.

Para os revisionistas, a revolução terminou no que respeita às relações de produção e à superestrutura quando se concluiu globalmente a transformação socialista da propriedade dos meios de produção; depois do que o desenvolvimento das forças produtivas será para eles a tarefa essencial, senão única. Teng Siao-ping foi o propagador inflexível desta teoria das forças produtivas. Já em 1956, de conivência com Liu Chao-chi, proclamava bem alto que a contradição principal era *«a que existe entre um sistema socialista avançado e forças produtivas sociais atrasadas»*,

que uma vez que as tarefas da revolução estão praticamente cumpridas, a seguinte é empreender a edificação». No ano passado, retomou esta teoria e fez dela a base da sua linha revisionista. Dizendo «tomar as três directrizes como eixo», recusou ver na luta de classes o eixo de todas as nossas actividades; colou à sua teoria a etiqueta das «quatro modernizações» (da indústria, da agricultura, da defesa nacional, da ciência e da tecnologia), para as quais propunha fazer soprar «o tufão do economismo e do profissionalismo». Queria de facto sobretudo suprimir o movimento de estudo da teoria da ditadura do proletariado, depois de defender o direito burguês e, portanto, a base económica sobre a qual a burguesia vive, em particular a que existe no Partido.

Uma tal teoria nega que ainda haja contradições entre as relações de produção e as forças produtivas, entre a superestrutura e a infra-estrutura económica na sociedade socialista, que o homem — e não a matéria — seja decisivo em tudo o que toca às forças produtivas. Por isso não reconhece que estas forças produtivas podem progredir se se tomar a luta de classes como eixo, se se colocar a política proletária no comando, se se aprofundar a revolução socialista, se se apoiar solidamente nas massas e se as mobilizarmos. Nega que haja ainda restos do capitalismo nas relações de produção socialistas, que existam duas vias para o seu desenvolvimento. Mas se o proletariado renunciasse a prosseguir a revolução, a limitar o direito burguês e a lutar contra a burguesia no seio do Partido, o socialismo, em vez de chegar ao comunismo, degeneraria em capitalismo. É claro que se tudo estivesse submetido à teoria das forças produtivas de Teng Siao-ping, as relações de produção socialistas existentes sofreriam com isso e o que sobrevive da antiga sociedade perpetuar-se-ia e depois multiplicar-se-ia. Isso permitiria ao capitalismo e aos novos burgueses renascer no terreno favorável que é o direito burguês e que serviria de ponto de partida para uma restau-

ração do capitalismo.

Teng Siao-ping gostava de dizer que «qualquer que seja a sua cor, o bom gato é aquele que apanha os ratos». Melhor do que longos discursos, isto revela o espírito revisionista da sua teoria. O Presidente Mao, criticando-o, disse: *«Ele não dá nenhuma importância à luta de classes, nunca menciona este eixo. E é sempre a sua fórmula 'gato branco, gato preto', sem distinção entre imperialismo e marxismo.»* Teng Siao-ping dá valor ao que é revisionista e imperialista; aos seus olhos, os estímulos materiais, o lucro no posto de comando, a filosofia do servilismo frente a tudo o que vem do estrangeiro, o seguidismo, etc., tudo isso é necessário. Mas se seguisse a sua linha revisionista, seria impossível aumentar o nível de produção socialista. Só o socialismo, o marxismo, o leninismo e o pensamento de Mao Tsé-tung podem salvar a China. A história provou-o assim como a realidade das coisas. Por isso o desenvolvimento das forças produtivas e a realização das quatro modernizações à maneira de Teng Siao-ping não passam de mentiras, cujo objectivo real era um regresso ao capitalismo. A nossa divergência fundamental, contudo, não reside na oportunidade das quatro modernizações e do desenvolvimento das forças produtivas, mas na via a seguir, o socialismo ou o capitalismo.

Louvando a teoria dos estímulos materiais, grande teoria revisionista na economia política, queria reforçar e alargar o direito burguês. A clique dos renegados revisionistas soviéticos serve-se dela com efeito para conservar os seus privilégios, para legalizar a sua dominação do trabalho do proletariado, de cujos frutos se apodera. Ao mesmo tempo, ensina aos trabalhadores o egoísmo — um conceito burguês decadente — de forma a embotar a sua vontade revolucionária e a deixá-los fazer-se explorar e oprimir. Lenine disse que *«a base económica do oportunismo é a mesma do social-chauvinismo: os interesses duma escassa camada de operários privilegiados e da pequena burguesia, que*

defendem a sua situação privilegiada, o seu 'direito' às migalhas dos lucros realizados nas pilhagens das outras nações pela 'sua' burguesia nacional, graças às vantagens inerentes à sua situação de grande potência, etc. (O Socialismo e a Guerra). As classes permanecem na sociedade socialista assim como as condições económicas geradoras de revisionismo. Preconizando os estímulos materiais, Teng Siao-ping visava preservar estas condições e desenvolvê-las, o que é diametralmente oposto aos interesses dos operários, dos camponeses, dos quadros e dos revolucionários. O presidente Mao disse que *«é a política que comanda; ela é a alma de tudo»*. *«O trabalho político é vital para toda a nossa actividade no domínio económico.»* Mais de vinte anos de prática mostram que só uma política proletária consolidada no posto de comando permite verdadeiramente suscitar o entusiasmo das massas populares para o socialismo e conduzi-las na larga via do socialismo. Quanto mais se põem em prática os estímulos materiais, mais o direito burguês aumenta; tal como quanto mais se implanta o conceito da propriedade privada, mais nos afastamos do socialismo e nos aproximamos de novo do capitalismo. O que se passa na URSS deve servir-nos de contra-exemplo: os estímulos materiais estão generalizados em todos os sectores, e daí resultou que um punhado de burgueses monopolistas e burocráticos se enriqueceram enquanto os trabalhadores se empobreciam cada vez mais. A que classe tudo isso aproveita, a que classe é prejudicial ao marxismo ou ao revisionismo — tudo isso é muito claro. Teng Siao-ping, agarrando-se a isso, provou que era um revisionista, um traidor ao marxismo.

III

As lutas entre as duas linhas, no domínio político e no plano filosófico, estão frequentemente ligadas. No nosso Partido, todos os chefes de fila das linhas oportunistas —

desde Tchen Tu-sieu e Wang Ming, a Liu Chao-chi e Lin Piao — foram, filosoficamente falando, traidores ao materialismo dialéctico e histórico do marxismo porque fizeram do idealismo e da metafísica a base filosófica das suas linhas oportunistas. Tal é também o caso para Teng Siao-ping. Uma manifestação precisa da sua traição ao marxismo encontra-se na sua opção pelo idealismo contra o materialismo e do ecletismo contra a dialéctica.

Para o marxismo, o povo é o criador da história. O Presidente Mao disse: *«O povo, só o povo, é a força motriz, o criador da história universal» (Do Governo de coligação)*. E também: *«As massas são os verdadeiros heróis enquanto nós somos frequentemente de uma ingenuidade ridícula»* (Prefácio e posfácio aos *Inquéritos no Campo*). A nossa obra, todo o nosso trabalho, todos os nossos planos, reflectem apenas aspirações de massas. O método fundamental que empregamos na direcção é partir das massas para voltar a elas. É essa a única linha ideológica correcta que nos permite conhecer o mundo e transformá-lo segundo a dialéctica materialista. Todos os revisionistas são idealistas quanto à sua concepção da história, porque agem contra esta linha marxista-leninista. Para eles, a história é feita por um pequeno número de heróis e de valentes, não pelos escravos. Não acreditam nunca nesta verdade que *«as massas são os verdadeiros heróis»*. Temem os seus movimentos e fazem o impossível para reprimi-los desde o princípio. Teng Siao-ping demonstrou-o muito bem: na altura da transformação socialista da agricultura, opôs-se às cooperativas. No início da Grande Revolução Cultural, associou-se com Liu Chao-chi para aplicar uma linha reaccionária burguesa e para reprimir as massas revolucionárias. E agora fez soprar este vento desviacionista de direita que rejeitava a Revolução Cultural e as inovações socialistas, que se opunha a que nos apoiássemos de todo o coração na classe operária e nos outros trabalhadores. Tudo isso pôs a claro o que há de idealista na sua concepção

da história.

Na filosofia marxista, a unidade dos contrários é a lei fundamental do universo. Entre dois estados contraditórios, há simultaneamente unidade e luta; e é desta causa que as coisas são incitadas a desenvolver-se. Durante o desenvolvimento complexo duma coisa, ou de um fenómeno, surgem diversas contradições; uma, entre elas, é necessariamente a principal, a sua existência e o seu desenvolvimento determinam então e influenciam as das outras contradições. Se se utilizar esta lei para estudar a sociedade, vemos que na sociedade socialista a contradição principal do País é a que existe entre o proletariado e a burguesia. Se nos persuadirmos disto e se fizermos da luta entre estas duas classes o eixo que arrasta o resto, estamos em posição de resolver de forma apropriada as outras contradições. Teng Siao-ping deformou abertamente estes princípios tomando como eixo a estabilidade e a unidade assim como o desenvolvimento da economia nacional, negação por excelência da contradição principal da sociedade socialista e da lei fundamental da unidade dos contrários; o que o fez resvalar para o ecletismo.

O ecletismo é revisionismo porque Teng Siao-ping pôs no mesmo plano as três directrizes; pôs no mesmo plano a política e a economia, a política e o trabalho profissional e técnico; serviu-se de sofismas para confundir a contradição principal e o aspecto essencial da contradição. Aí estão os seus procedimentos. Lenine tinha criticado Bukharine, dizendo: «*E um e outro*», *'dum lado e doutro'*: eis a posição teórica de Bukharine. O ecletismo é isso» (*De novo os sindicatos, a situação actual e os erros de Trotsky e de Bukharine*). Estas mesmas palavras aplicam-se muito bem a Teng Siao-ping. E vê-se aqui a fraqueza dos revisionistas: querem desembaraçar-se dos problemas que o marxismo, o leninismo, o pensamento de Mao Tsé-tung resolveram há muito tempo para os substituir pelas suas próprias teorias. Mas, praticando o revisionismo, colo-

cando-se em oposição aos interesses dos operários-camponeses-soldados, quadros e intelectuais revolucionários, isto é, das massas populares que representam 95 o/o da população, vão contra a vontade do povo. E com medo de se fazer notar de novo tiveram de recorrer ao ecletismo, porque «*a falsificação oportunista do marxismo, a falsificação eclética da dialéctica é a que engana as massas com mais facilidade*» (Lenine, *O Estado e a Revolução*). Subterfúgio inútil perante massas cada vez mais conscientes da luta de classes e da luta entre as duas linhas.

IV

Lenine dizia: «*A filiação formal dos oportunistas nos partidos operários não os impede de modo nenhum de serem — objectivamente — um destacamento político da burguesia, de serem o canal pelo qual ela exerce a sua influência, de serem os seus agentes no seio do movimento operário*» (*A falência da II Internacional*). Os oportunistas e os revisionistas censuraram e reviram os três elementos do marxismo, para aplicarem uma linha política ao serviço da burguesia. De Bernstein à clique dos renegados revisionistas soviéticos, traíram todos até ao fim o marxismo que consideram «caduco». Depois de Liu Chao-chi e Lin Piao, eis Teng Siao-ping que nos serve de exemplo negativo. Não foi ele que repetiu que «não convém falar sempre da mesma coisa, é preciso algumas inovações?» A nossa análise permite-nos ver claramente que esta «mesma coisa» designa os fundamentos do marxismo, e as «algumas inovações» são o seu ferro-velho revisionista de teorias da extinção da luta de classes, das forças produtivas, do idealismo e do ecletismo. Quando os inimigos de classe se serviram deles como arma para atacar a ditadura do proletariado, fizeram delas sujas palavras de ordem políticas ultra-reaccionárias para as lançar na altura do incidente político contra-revolucionário da praça Tien-an-men. Um punhado

de contra-revolucionários, autores deste incidente, não gritaram por toda a parte que queriam «o verdadeiro marxismo-leninismo»? Estes reaccionários anticomunistas, hostis ao povo e odiando o nosso sistema socialista de ditadura do proletariado, amaldiçoavam o marxismo, o leninismo, o pensamento de Mao Tsé-tung; esperavam a vinda dum revisionismo e dum fascismo integrais. Foi assim que dirigiram os seus ataques contra o nosso grande dirigente, o Presidente Mao, e o Comité Central do Partido que dirige e que apregoaram o seu apoio a Teng Siao-ping. A «doutrina» destes contra-revolucionários, vê-se, não é mais que o revisionismo de Teng Siao-ping. Eis que revela ainda mais que este deitou pela borda fora o marxismo para praticar o revisionismo, e que representa os interesses da burguesia tanto no seio como no exterior do Partido e dos inimigos de classe tanto do interior como do estrangeiro.

Alcançámos uma grande vitória contra o vento desviacionista de direita. Por proposta do nosso grande dirigente, o Presidente Mao, o Comité Central do Partido decidiu destituir Teng Siao-ping de todas as suas funções, tanto no seio como no exterior do Partido. Esta decisão reforçou a vontade do povo revolucionário e arrefeceu a arrogância reaccionária dos inimigos de classe. Mas a luta não acabou. A nossa missão de combate importante continua: criticar a fundo a linha revisionista de Teng Siao-ping ideológica e teoricamente.

Lenine disse que o marxismo *«teve de conquistar após aturados esforços cada passo dado no caminho da vida»* (*Marxismo e Revisionismo*). Nem a burguesia nem os revisionistas querem reconhecer a sua derrota perante a vitória e o desenvolvimento do marxismo; e continuarão a contestá-lo, a querer revê-lo. Mas a história é testemunho que, depois de cada grande combate contra o revisionismo, o marxismo se reforça, se torna mais dinâmico; que este último progride sem cessar lutando contra o primeiro que,

como a burguesia que ele representa, está apodrecida, decadente e votada ao fracasso.

TENG SIAO-PING E O INCIDENTE CONTRA-REVOLUCIONÁRIO DA PRAÇA TIEN-AN-MEN

(Artigo de Liang Hsiao, no *Renmin Ribao*, de 28 de Abril de 1976, publicado pela revista chinesa *Pékin Information*, n.º 20, de 17 de Maio de 1976).

Um punhado de inimigos de classe desencadeou um motim contra-revolucionário sobre a praça Tien-an-men, mundialmente conhecida, numa vã tentativa para derrubar a ditadura do proletariado e restaurar em todos os domínios o capitalismo na China. Com isso Teng Siao-ping sonhava noite e dia desde há muito tempo, era esse o objectivo do vento desviacionista de direita que ele provocou o ano passado, e que pretendia voltar a pôr em causa as conclusões justas; era essa a essência de classe de uma linha revisionista e contra-revolucionária que prosseguia. Este incidente não é um facto isolado, nem fortuito: foi premeditado segundo um plano preciso, duma forma organizada, e representa uma das manifestações da luta aguda que se desenrola actualmente entre as duas classes, entre as duas vias e entre

as duas linhas políticas. Revela assim a face contra-revolucionária da burguesia que se encontra no interior do Partido, representa o resultado do vento desviacionista de direita que Teng Siao-ping fez soprar para desdizer as conclusões justas e voltar à sua linha revisionista; enfim, é a cena montada por uma burguesia corrompida e decadente que se sente agonizar.

Lenine dizia que *«nenhuma classe na história alcançou a dominação sem ter encontrado no seu seio chefes políticos, representantes de vanguarda capazes de organizar o movimento e de o dirigir»* (*Os objectivos imediatos do nosso movimento*). É por isso que os representantes da burguesia desferem sempre os seus ataques contra os dirigentes do proletariado. Antes da Grande Revolução Cultural Proletária, Teng Siao-ping, à semelhança de Krutchev, tinha procurado, — a pretexto de «combater o culto da personalidade» — opor as massas ao seu dirigente; depois vociferou: «Demissão, deixai o lugar», num ataque furioso contra o nosso grande dirigente, o Presidente Mao. Quando foi criticado durante a Grande Revolução Cultural, Teng Siao-ping declarou que ia «corrigir-se» e que «nunca mais voltaria a pôr em causa as conclusões estabelecidas». Mas, uma vez recuperada uma parte do seu poder, esforçou-se por reagrupar os responsáveis do Partido de tendência capitalista e os elementos desejosos de restabelecer o antigo regime para se opor ao Comité Central do Partido que o Presidente Mao dirige.

Assim, quando Teng Siao-ping atacou o nosso grande dirigente, o Presidente Mao, e o Comité Central do Partido que dirige, o punhado de contra-revolucionários conhecia muito bem as suas intenções, fazendo-lhe eco, e com ele, lançou as calúnias mais vergonhosas contra os revolucionários, os dirigentes do proletariado e as massas populares. Solidários pelos interesses comuns duma classe reaccionária, essas pessoas são-no também pelas suas aspirações à restauração contra-revolucionária.

É preciso notar que ao mesmo tempo que vilipendiava o Presidente Mao, este punhado de inimigos de classe teceu elogios a Teng Siao-ping, e queria realizar as aspirações deste chefe de fila da burguesia — usurpar a direcção do Partido e apoderar-se do poder de Estado.

«Para derrubar um poder político, começa-se sempre por preparar a opinião pública e por agir no domínio ideológico. Isso é verdade tanto para uma classe revolucionária como para uma classe contra-revolucionária.» Este incidente da praça Tien-an-men tinha sido precedido por uma longa preparação da opinião; certos elementos da burguesia — da velha e da nova —, os burocratas reaccionários a soldo desta, insensatos que sentiam próximo o seu fim sob o peso da vontade revolucionária do proletariado, toda essa gente não podia ficar sossegada. Já em Julho, em Agosto e em Setembro do ano passado, tinham espalhado por toda a parte falsas notícias de ordem política para atribuir culpas ao Comité Central do Partido, para o dividir, para preparar uma opinião contra-revolucionária. E a sociedade que fabricava tais opiniões tinha por director-geral Teng Siao-ping, o mais importante responsável do Partido comprometido na via capitalista, o homem que recusa emendar-se. Não contente em criar ele próprio boatos reaccionários, incentivou pessoas a redigir sinistros artigos antipartido e anti-socialistas; depois, lançando falsos boatos, disparou as suas flechas para trás a fim de dividir o Comité Central do Partido, dirigido pelo Presidente Mao, e estava de tal modo imbuído de si próprio que se tomava pelo «salvador», sem se esquecer de tecer elogios aos irreduzíveis responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista.

A burguesia, no seio como fora do Partido, lançou-se contra os camaradas dirigentes do Comité Central do Partido que mantêm a linha revolucionária e proletária do Presidente Mao; pelo contrário, prodigalizou os seus elogios a Teng Siao-ping e à sua linha revisionista e contra-

-revolucionária. Eis, pois, posta a nu a face infame de Teng Siao-ping, esse conspirador contra-revolucionário, esse chefe da burguesia, no seio como fora do Partido. O punhado de inimigos de classe que provocou o incidente da praça Tien-an-men tinha sentido o fim de Teng Siao-ping, o seu grande patrão fantasma. É a razão por que lançou todas as suas cartas sobre a mesa e, à luz do dia, com uma tal impudência, propagou estes boatos políticos contra-revolucionários, afixou poemas contra-revolucionários, distribuiu folhetos contra-revolucionários e provocou distúrbios contra-revolucionários.

Teng Siao-ping e essa clique pertencem à classe decadente reaccionária. Trabalhando pelo regresso ao antigo regime, retrógrado, ele e os outros não detêm qualquer verdade, de tal modo que para enganar as massas, não tinham mais que boatos e mensagens, com os quais tentaram — mas em vão —, semear a dúvida nos espíritos e aproveitar a situação assim criada para levar a bom termo os seus desígnios ocultos. Mas, perante o vigor da opinião revolucionária, a da contra-revolução, qualquer que fosse a sua forma, estava votada à derrota.

As contradições de classe estão na origem do incidente da praça Tien-an-men; e este tem uma base social bem tangível: quando os proprietários e os capitalistas perderam todo o crédito na sociedade, a burguesia e outros inimigos de classe não tiveram outra escolha senão colocar as suas esperanças de restauração nos impenitentes responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista, como Teng Siao-ping. É a razão por que este se tornou o chefe de fila da burguesia e instrumento para derrubar a ditadura do proletariado e restaurar o capitalismo. É também a razão por que um punhado de inimigos de classe o queriam levar ao poder e fazer dele um Nagy, o chefe do golpe de Estado contra-revolucionário da Hungria. O recente incidente representa uma luta de classes encarniçada na qual a burguesia, no seio como no exterior do Partido, e repre-

sentada por Teng Siao-ping, se dirigiu contra o proletariado, contra o socialismo para refrear a réplica a este vento desviacionista de direita. No decurso deste incidente, os burocratas reaccionários escreveram poemas contra-revolucionários nos quais lamentaram sem se conterem a «injustiça» que se fazia aos responsáveis comprometidos na via capitalista. Isso mostrou muito bem que essa acção tinha os seus laços estreitos com a burguesia que se encontra no Partido.

Mas, sob a ditadura do proletariado, a burguesia de que o arquétipo é Teng Siao-ping não constitui mais do que velhas forças no declínio como o sol caindo no horizonte.

Quando a grande luta contra este vento desviacionista de direita alcançou vitória sobre vitória, estes contra-revolucionários, encurralados entre a espada e a parede, desencadearam um furioso contra-ataque e criaram este incidente na praça Tien-an-men, numa vã tentativa para derrubar a ditadura do proletariado pela violência contra-revolucionária; esperavam assim instaurar de novo a ditadura da burguesia. Mas era apenas um último sobressalto; sob o punho de ferro do proletariado, apenas podiam conhecer um fim abjecto.

Este incidente deu uma contra-lição ao povo e fê-lo compreender melhor esta verdade de que «o revisionismo no poder é a burguesia no poder». O revisionismo representa nos nossos dias o perigo principal, e este incidente confirmou, assim, melhor que «o voltar a pôr em causa as conclusões justas vai contra a vontade do povo», que os contra-revolucionários são efémeros e que as massas populares, os quadros revolucionários, querem continuar a revolução sob a ditadura do proletariado. Devemos aplicar rigorosamente a estratégia do nosso grande dirigente, o Presidente Mao, e — levantando bem alta a bandeira de luta contra o revisionismo —, concentrar o fogo das nossas críticas sobre os crimes reaccionários de Teng Siao-ping e da sua linha revisionista.

AVANCEMOS CONTRA VENTOS E MARÉS

*Por ocasião do X aniversário da travessia no Yangtsé do
nosso grande dirigente, o Presidente Mao*

Editorial do *Renmin Ribao*,
de 16 de Junho de 1976, na
revista chinesa *Pékin In-
formation*, n.º 30. de 26 de
Julho de 1976

Há dez anos, o nosso grande dirigente, o Presidente Mao, foi nadar ao lado das massas nas águas do Yangtsé. No importante contexto histórico do vigoroso desencadeamento da Grande Revolução Cultural Proletária, encorajava assim poderosamente, pelo seu grande espírito de revolucionário, todo o nosso povo a conduzi-la à vitória, chamando-o a lançar-se na tempestade da luta de classes. Comemorarmos hoje solenemente esse dia esplendoroso não pode senão exortar todo o nosso Partido, todo o nosso Exército e todo o nosso povo a permanecerem fiéis à linha revolucionária proletária do Presidente Mao, e a levar até ao seu termo a luta para criticar Teng Siao-ping e para rechaçar o desvio de direita que contestava as conclusões justas.

Estes dez anos de Revolução Cultural terão sido dez anos de um corajoso combate conduzido segundo o Presidente Mao na luta de classes e na luta entre as duas linhas, dez anos de progresso transpostos em poderosos rasgos pela nossa grande pátria em luta — era a prova prática de que podemos despedaçar as vagas por mais elevadas e assustadoras que sejam, transpor as correntes mais perigosas e avançar de vitória em vitória na revolução e edificação socialistas tanto que sigamos a via indicada pelo nosso grande dirigente, o Presidente Mao.

O Presidente Mao ensinou-nos: *«Os ventos e as tempestades não devem mais fazer-nos medo. É através de ventos e tempestades que se desenvolve a sociedade humana.» «Sem luta, não há progresso.» «Com uma população de oitocentos milhões de homens, sem luta, poderia isto avançar?»* A sociedade socialista prolonga-se por um muito longo período histórico, no decurso do qual a principal contradição interna é a que opõe o proletariado à burguesia. Visto que devemos consolidar a ditadura do proletariado e evitar a restauração do capitalismo, assegurar o triunfo do socialismo sobre o capitalismo, fazer desaparecer gradualmente o terreno e as condições necessárias à existência da burguesia e indispensáveis à sua génese para a eliminar definitivamente, suprimir as classes e as diferenças de classe, é natural que a luta entre essas classes seja de longa duração, sinuosa e, muitas vezes, de uma grande obstinação. Pensar que o socialismo se pode praticar na calma, ou iludir as contradições, fatigar-se da luta, não tem nada a ver com uma concepção marxista do mundo. Todos os comunistas, todos os combatentes revolucionários, devem preparar-se ideologicamente para uma luta a longo prazo, conservar o seu ardor revolucionário de combate, perseverar na linha fundamental do Partido, e, contra ventos e marés, dirigir a nave da revolução em direcção ao comunismo.

A liberdade é determinar o que é necessário e transformar o mundo objectivo. É nadando que se aprende a

nadar, e é fácil praticar natação desde que se assimilem as regras. O mesmo se passa na luta de classes. A tese clarividente do Presidente Mao segundo a qual a burguesia «existe no Partido Comunista», faz emergir uma característica principal e a lei da luta de classes no período socialista, define-nos a orientação para prosseguir a revolução sob a ditadura do proletariado. É preciso estudar de modo constante e aprofundado as suas importantes directivas e compreender bem que os responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista constituem a força principal da tendência para o derrubamento da ditadura do proletariado e para a restauração do capitalismo. *«Não deixaram de seguir esta via»*, o que representa um fenómeno histórico prolongado; não é senão conduzindo uma luta resoluta contra os responsáveis do género de Liu Chao-chi, Lin Piao e Teng Siao-ping, limitando o direito burguês sob a ditadura do proletariado e perseverando na revolução contra a burguesia no seio do Partido, com princípios e métodos apropriados, que asseguraremos o nosso triunfo contra o conjunto da burguesia, contra todas as forças capitalistas, o triunfo da nossa luta para combater e impedir o revisionismo e consolidar a ditadura do proletariado. Na hora presente, devemos armar-nos com as importantes directivas do Presidente Mao, criticar em profundidade a linha revisionista e contra-revolucionária de Teng Siao-ping, estabelecendo a relação com a prática da luta de classes e da luta entre as duas linhas sobre as diversas frentes, e unir-nos para arrancar, sob a direcção dos comités do Partido a todos os escalões, vitórias ainda mais clamorosas, na luta contra o desvio de direita.

O Presidente Mao lançou-nos que *«a natação é um desporto no qual os nadadores lutam contra a natureza; deveis nadar nos grandes rios e no mar para vos enfiurecer»*.

Encorajada por este apelo e a sua prática alargada, a natação de massas conhece um desenvolvimento considerável no nosso País. Aguerir-se nos rios, nos lagos e no mar tornou-

-se coisa corrente. Devemos centrar tudo na luta de classes, e sob a direcção única do Partido, aplicar com consciência a linha revolucionária do Presidente Mao em matéria de desportos e de cultura física, desenvolver ainda mais a natação de massas e outros desportos, segundo as condições locais, fortificar a constituição física do povo e pôr à prova a nossa vontade revolucionária a fim de melhor fazer a revolução e promover a produção, melhorar o nosso trabalho e preparar-nos activamente na previsão de uma guerra.

A nossa causa revolucionária avança impetuosamente como o Yangtsé rolando as suas ondas em direcção ao oriente. Dentro de cem anos, será preciso fazer a revolução, será preciso ainda fazê-la durante mil anos, e dentro de dez mil anos haverá ainda contradições e lutas. *«Sem medo do vento nem das vagas, melhor do que um passeio pelo meu pátio»*. Estudemos com aplicação o marxismo, o leninismo, o pensamento de Mao Tsé-tung, e avancemos corajosamente, contra ventos e marés, segundo a orientação revolucionária indicada pelo Presidente Mao!

EDIFICAR O PARTIDO NA LUTA

Editorial do *Renmin Ribao*, do *Hongqi* e do *Jiefangjun Bao*, de 1 de Julho de 1976, publicado na revista chinesa *Pékin Information*, n.º 27, de 5 de Julho de 1976

Hoje celebramos calorosamente o 55º. aniversário do nascimento do Partido Comunista Chinês, quando a luta contra o vento desviacionista de direita, que contestava as conclusões justas, se coroou de grandes vitórias.

Sob a direcção do Presidente Mao, o nosso grande dirigente, o nosso Partido conduziu um povo de centenas de milhões de homens à vitória na revolução da democracia nova, depois às vitórias da revolução socialista e da edificação do socialismo. Durante a Grande Revolução Cultural Proletária, fizemos abortar as conspirações de Liu Chao-chi, de Lin Piao e de Teng Siao-ping, que tentavam derrubar a ditadura do proletariado e restaurar o capitalismo, e submetemos à crítica a sua linha contra-revolucionária revisionista. O nosso Partido ficou ainda mais unido, mais dinâmico e mais militante. E está a conduzir o povo das

nossas diversas nacionalidades no seu avanço contínuo na via do socialismo.

Alcançámos grandes vitórias, mas as tarefas que nos esperam são ainda muito árduas. O nosso Partido é o destacamento de vanguarda do proletariado. O seu programa fundamental consiste em derrubar definitivamente a burguesia e todas as outras classes exploradoras, substituir a ditadura da burguesia pela ditadura do proletariado, assegurar o triunfo do socialismo sobre o capitalismo e realizar finalmente o comunismo. Para cumprir este programa, todo o Partido terá ainda de travar um longo combate. Devemos gravar na nossa memória o programa fundamental do Partido, manter a sua linha fundamental e nunca esquecer o seu objectivo final; só assim nos será possível resolver correctamente o problema da edificação do Partido sob a ditadura do proletariado.

No período do socialismo, é extremamente importante compreender tanto em teoria como na prática, que a burguesia *«existe no Partido Comunista»*. Durante a luta contra o desvio de direita que contestava as conclusões justas, o Presidente Mao fez uma análise profunda deste problema, e, assim, desenvolveu o marxismo-leninismo. Em 1964, numa observação à margem dum documento sobre o movimento de educação socialista, o Presidente Mao indicava: *«A classe dos burocratas, por um lado, a classe operária e os camponeses pobres e médios por outro, são duas classes em oposição extrema.»* E acrescentava: *«A gestão é também educação socialista. Se os quadros encarregados da gestão não vão às oficinas ou às equipas para trabalhar, estudar e viver com os operários, e se eles não aprenderem com estes uma ou várias artes, ficarão toda a vida numa situação de luta de classes aguda que os opõe à classe operária para finalmente serem derrubados por ela, como burgueses. Se eles não adquirirem a técnica e permanecerem profanos, não conseguirão mesmo assegurar-lhe a gestão com êxito. Quem tem*

as suas próprias ideias baralhadas, não pode esclarecer os outros.» O Presidente Mao, além disso, notava: *«Transformados ou em vias de se transformarem em elementos burgueses que sugam o sangue dos operários, como poderiam estes quadros dirigentes comprometidos na via capitalista compreender a necessidade da revolução socialista? Estas pessoas são o ponto de mira da luta, o ponto de mira da revolução; no movimento de educação socialista, não nos devemos em nenhum caso apoiar neles. Nós só podemos contar com os quadros a quem nenhum ódio opõe aos operários e que estão animados dum espírito revolucionário.»* Esta observação do Presidente Mao, assim como as suas importantes directrizes durante a Grande Revolução Cultural, e em particular depois da luta contra o desvio de direita, aclararam vivamente a natureza de classe dos responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista tais como Liu Chao-chi, Lin Piao e Teng Siao-ping, analisaram as características e a origem da burguesia no seio do Partido, e indicaram os meios de a vencer; têm para nós um importante significado actual e um grande alcance histórico na continuação da revolução sob a ditadura do proletariado. Todos os camaradas do Partido, e sobretudo os quadros dirigentes, devem estudá-las seriamente e penetrar-se delas a fim de extraírem delas um ensinamento profundo. Na sociedade socialista, em que ainda existem classes, contradições de classe e luta de classes, as relações entre os homens, naquilo que têm de essencial, resumem-se sempre a relações de classe. Reconhecer que a burguesia existe no Partido, estar bem consciente de que os responsáveis comprometidos na via capitalista constituem a principal das forças que causam prejuízo ao Partido e procuram derrubar a ditadura do proletariado, e fazer sem interrupção a revolução contra esta burguesia, é assim — e apenas assim — que o nosso Partido poderá continuar a ser o que é: o destacamento de vanguarda do proletariado, que poderá dirigir o proletariado e as massas revolucionárias para levar

a bom termo a revolução e a edificação socialistas no nosso País, prosseguir até ao fim, com os outros povos revolucionários do mundo, a luta contra o imperialismo, o revisionismo e a reacção, num mesmo combate para emancipar toda a humanidade.

O Partido Comunista Chinês é um grande, glorioso e justo Partido, um Partido armado com o marxismo-leninismo e o pensamento de Mao Tsé-tung. Representados pelo camarada Mao Tsé-tung, o grande dirigente do nosso Partido, a esmagadora maioria dos comunistas e dos quadros dedicam-se a servir o povo de todo o coração, estão ligados intimamente aos operários, aos camponeses e aos soldados, e combatem resolutamente a burguesia. Na primeira linha dos três grandes movimentos revolucionários (a luta de classes, a luta pela produção e a experimentação científica), conduzindo as largas massas nos esforçados combates, numerosos militantes extraordinários desempenham um papel exemplar de vanguarda. Contudo, a burguesia está efectivamente presente no Partido, como sublinhou o Presidente Mao, no seio duma parte dos seus membros, uns degeneraram, outros degeneram, e degenerarão outros ainda se não estiverem vigilantes. Graças ao auxílio recebido do Partido e das massas durante a Grande Revolução Cultural, a maior parte dos que cometeram erros como responsáveis comprometidos na via capitalista tomaram consciência dos seus erros, tiraram daí as lições e continuam a avançar na via da revolução. Por outro lado, há quem, como Teng Siao-ping, se obstine no erro e se torne defensor inveterado da via capitalista. Os nossos camaradas devem ter solidamente presente no espírito os ensinamentos do Presidente Mao e prosseguir sem desfalecimento a revolução sob a ditadura do proletariado. Devem ligar-se estreitamente às massas, participar activamente no trabalho colectivo de produção, apoiar com entusiasmo as novas realidades do socialismo e imprimir à causa do socialismo um novo impulso em todos os domínios. Devem

conservar o seu estilo de perseverança na luta, rejeitar a corrupção burguesa e restringir conscientemente o direito burguês. Devem, no combate, estudar conscienciosamente o marxismo, o leninismo e o pensamento de Mao Tsé-tung, transformar a sua concepção do mundo e esforçar-se por aderir inteiramente ao Partido no plano ideológico.

Na hora actual, devemos concentrar o fogo da crítica sobre Teng Siao-ping e aprofundar a luta contra o vento desviacionista de direita. A característica política essencial dos responsáveis comprometidos na via capitalista, é que eles aplicam uma linha revisionista. E na nossa luta contra eles, o mais importante é resolver o problema da linha a seguir, assegurar a vitória da linha marxista sobre a sua linha contra-revolucionária revisionista. Os membros do Partido, e sobretudo os quadros dirigentes, devem ter uma posição firme, exprimir a sua opinião sem equívocos, aguerrir-se e passar pelas provas da luta permanecendo na primeira fila; em ligação com a prática da luta de classes e da luta entre as duas linhas em todas as frentes, devem dirigir activamente as massas na luta contra a linha revisionista de Teng Siao-ping. Para com os camaradas que cometeram erros, é preciso aplicar o princípio: *«tirar a lição dos erros passados para evitar a sua repetição e curar a doença para salvar o homem.»* As organizações do Partido em todos os escalões devem dedicar-se a reforçar no decurso da luta a edificação do Partido nos planos ideológico e organizativo.

Guiado pelo Comité Central do Partido, tendo à cabeça o Presidente Mao, o nosso grande dirigente, orientado pela linha revolucionária proletária do Presidente Mao, e fortalecido pelo grande número dos seus membros que estão decididos a prosseguir a revolução e recusam o retrocesso e a restauração, o nosso Partido é digno do nome de núcleo dirigente de todo o povo chinês, digno do nome de pilar da causa do socialismo. Ousarmos denunciar a burguesia presente no seu seio mostra bem como ele é forte, confiante,

capaz de vencer esta burguesia interna, e, portanto, de vencer definitivamente toda esta burguesia. O aparecimento nas suas fileiras de responsáveis comprometidos na via capitalista não poderia em nada conservar a imagem gloriosa do nosso Partido. O aparecimento de Liu Chao-chi e do seu bando derrubou os montes Kuen-luen? O aparecimento da clique antipartido de Lin Piao arrasou o monte Luchan? E hoje, depois da de Teng Siao-ping e dos distúrbios provocados por um punhado de contra-revolucionários na Praça de Tien-an-men, uma vez a sua conspiração esmagada, Tien-an-men não é mais majestosa e mais bela? A experiência histórica provou-o muitas vezes: dismantelar um partido como o nosso não é coisa fácil. Como o Presidente Mao afirmou, «este nosso Partido tem futuro.»

UMA GRANDE VITÓRIA

Editorial de *Renmin Ribao*, de 10 de Abril de 1976, publicado no *Pékin Information*, n.º 16 de 19 de Abril de 1976

Por proposta do nosso grande dirigente, o Presidente Mao, com a aprovação unânime do Bureau Político do Comité Central do Partido Comunista Chinês, o camarada Hua Kuo-feng assume as funções de Primeiro Vice-Presidente do C. C. do P. C. C. e de Primeiro Ministro do Conselho dos Assuntos de Estado da República Popular da China; e Teng Siao-ping é destituído de todas as funções no seio e fora do Partido. Esta medida importante foi tomada pelo Presidente Mao e o Comité Central do Partido para combater e evitar o revisionismo, e para assegurar o prosseguimento da revolução pelo nosso Partido e o nosso Estado sob a ditadura do proletariado; é uma grande vitória na luta contra o vento desviacionista de direita que põe de novo em causa as conclusões justas.

Esta boa nova provocou um júbilo geral, e o País inteiro, como a capital, está em efervescência. Centenas de milhões de militares e de civis organizam manifestações, e o barulho

dos gongos, dos tambores, das aclamações ressoaram por todo o céu. Através do País realizam-se grandes comícios seguidos de mensagens dirigidas ao Presidente Mao e ao Comité Central do Partido para aprovar com entusiasmo, para apoiar com força, estas duas decisões brilhantes. Por todo o País cintila uma atmosfera revolucionária de solidariedade militante impregnada pela determinação de todo o povo de conduzir até ao fim esta grande luta que responde ao vento desviacionista de direita que põe de novo em causa as conclusões justas.

Teng Siao-ping era o principal importante responsável do Partido comprometido na via capitalista e que recusava emendar-se. Desde há muito tempo, opõe-se ao Presidente Mao, ao pensamento de Mao Tsé-tung e à linha revolucionária proletária do Presidente Mao. De conivência com Liu Chao-chi, aplicava uma linha revisionista contra-revolucionária antes da Grande Revolução Cultural Proletária; no princípio desta, esteve ao lado do próprio Liu Chao-chi para reprimir as massas e para aplicar uma linha reaccionária burguesa. Após ter sido criticado pelas massas, manifestou a intenção de se emendar, de «nunca mais pôr em causa as conclusões estabelecidas». Para lhe dar uma chance, o Presidente Mao ofereceu-lhe a possibilidade de retomar o seu posto. Mas ele desiludiu a esperança que tinha o Presidente Mao para o educar e ajudar. No mesmo instante em que teve uma parte do poder na mão, reincidiu voltando a pôr em causa as conclusões da Grande Revolução Cultural com a qual queria ajustar contas, digerindo o seu programa revisionista: «tomar as três directivas como eixo», continuando a aplicar uma linha revisionista contra-revolucionária e dirigindo o incitamento ao desvio de direita que punha de novo em causa as conclusões justas.

O Presidente Mao, com a sua clarividência, desvendou as actividades conduzidas neste objectivo por Teng Siao-ping. Desde o princípio do mês de Outubro último, deu uma série de importantes instruções, e, sob a sua direcção, todo

o Partido, todo o Exército e todo o povo travaram uma grande luta para ripostar ao vento desviacionista de direita que visava pôr de novo em causa as conclusões justas. O Presidente Mao salientou que *«ele não dá qualquer importância à luta de classes, nunca mencionou este eixo.»* *«Ele não sabe nada de marxismo-leninismo, ele representa a burguesia. Desdenhosamente, jurou 'jamais pôr em causa as conclusões estabelecidas', não se lhe pode dar crédito.»* Estas directivas tocaram no ponto sensível de Teng Siao-ping, e desvendaram a sua natureza de classe reaccionária.

No mesmo momento em que os quadros e as massas do conjunto do País, de acordo com as directivas do Presidente Mao, criticavam a linha revisionista contra-revolucionária de Teng Siao-ping, rebentava na praça Tien-an-men um incidente político contra-revolucionário: um punhado de inimigos de classe proclamaram abertamente o seu apoio a Teng Siao-ping e entregaram-se a actividades contra-revolucionárias. Isso não foi de modo algum obra do acaso. Furiosos, estes contra-revolucionários dirigiram os seus ataques contra o nosso grande dirigente, o Presidente Mao, a fim de dividir o Comité Central do Partido, que dirige; e teceram louvores a Teng Siao-ping, imaginando fazer dele um Nagy, o chefe dos acontecimentos contra-revolucionários da Hungria. Isto mostra claramente os interesses que Teng Siao-ping representa; e como os responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista se ligaram à burguesia da nossa sociedade, assim como aos latifundiários, aos camponeses ricos, aos contra-revolucionários, aos maus elementos, aos direitistas burgueses, que se reeducaram mal. Em coordenação com os agentes da polícia popular e os soldados da guarda, corajosos milicianos operários da capital exerceram a ditadura do proletariado sobre este punhado de inimigos de classe, o que lhes valeu o apoio e os elogios das largas massas populares. Perante o incidente político contra-revolucionário da praça Tien-an-men e o recente comportamento de Teng Siao-ping, o Comité

Central do Partido, considerando que o caso Teng Siao-ping mudou de natureza, que se tornou numa contradição antagónica, decidiu destituí-lo de todas as suas funções no seio e fora do Partido, o que reforçou consideravelmente a determinação do povo revolucionário, e rebateu devidamente a arrogância reaccionária dos inimigos de classe.

O incidente político contra-revolucionário da praça Tien-an-men dá-nos pela negativa uma lição muito edificadora sobre a luta de classes: ensina-nos com efeito como a luta de classes é encarnizada durante o período da revolução socialista: primeiro, na nossa capital, em segundo lugar, na praça Tien-an-men, em terceiro lugar, viaturas e um edifício incendiados, milicianos operários, agentes da polícia popular, soldados do E.P.L., massas revolucionárias espancadas — era o cúmulo da arrogância contra-revolucionária! Ensina-nos também como é complexa a luta de classes. Com premeditação, seguindo um plano determinado, de modo organizado, estes contra-revolucionários capazes de tudo, lançaram boatos de ordem política, pronunciaram discursos reaccionários, afixaram poemas reaccionários, distribuíram panfletos reaccionários, incitaram à formação de grupos contra-revolucionários para enganar as massas e provocar distúrbios — como tudo isso é pérfido e criminoso! Ensina-nos igualmente que as largas massas populares querem o bem da revolução, que votam um ódio implacável a estes contra-revolucionários. Apesar do seu ardor enraivecido, este punhado de inimigos de classe, perante as massas populares, perante a força da ditadura do proletariado, desmoronou-se num instante, ao primeiro assalto.

As duas resoluções do Comité Central do Partido deram um imenso encorajamento à combatividade de todo o Partido, de todo o Exército, de todo o povo, e imprimiram um novo surto à luta para rechaçar o vento desviacionista de direita que põe de novo em causa as conclusões justas. Conduziremos esta grande luta até ao fim. É-nos pois pre-

ciso manter solidamente a orientação da luta, concentrar o fogo da crítica sobre Teng Siao-ping, denunciando o seu programa revisionista que queria «tomar as três directivas como eixo», e a sua linha contra-revolucionária assim como os actos criminosos que perpetrou voltando a pôr em causa as conclusões da Grande Revolução Cultural, tentando vingar-se dela, na esperança de derrubar a ditadura do proletariado e de restaurar o capitalismo. Devemos redobrar de vigilância revolucionária e prestar uma atenção constante às novas tendências que toma a luta de classes. Devemos saber que o inimigo de classe não se resignou à sua derrota e que ainda se debate, e devemos atacar resolutamente todas as suas conspirações e todas as suas manobras de sabotagem. Devemos velar por fazer a distinção entre os dois tipos de contradições de diferente natureza e conduzir a bom termo o trabalho ideológico para educar os que se deixaram enganar.

Unamo-nos para alcançar vitórias ainda maiores na luta oposta ao vento desviacionista de direita que repõe em causa as conclusões justas, a fim de defender o Presidente Mao, o Comité Central do Partido, a linha revolucionária e proletária do Presidente Mao!

MANTER FIRMEMENTE A ORIENTAÇÃO GERAL DA LUTA

Editorial do *Renmin Ribao*, de
6 de Abril de 1976, publicado
na revista chinesa *Pékin Infor-
mation*, n.º 15, de 12 de Abril
de 1976

Desencadeada e dirigida pessoalmente pelo nosso grande dirigente, o Presidente Mao, a luta para rechaçar o vento desviacionista de direita que queria voltar a pôr em causa as conclusões justas prossegue vitoriosamente em todo o País.

Os operários, os camponeses, os soldados, os quadros e os intelectuais revolucionários estudam conscienciosamente uma série de importantes directivas do Presidente Mao, utilizam largamente como armas os debates, as críticas e os *dazibao* para pôr à luz do dia a natureza de classe desse responsável do Partido, comprometido na via capitalista e não arrependido, que levantou este vento desviacionista de direita. O seu programa revisionista: «tomar como eixo as três directivas», a sua linha revisionista, os seus propósitos e os seus actos reaccionários para pôr de novo em causa as conclusões justas da Grande Revolução Cultural

da qual queria tirar a desforra, tudo isso é criticado pelas largas massas plenas de uma justa cólera. *«Voltar a pôr em causa as conclusões justas vai contra a vontade do povo.»* Este impenitente responsável do Partido comprometido na via capitalista tornou-se o alvo do ataque e está muito isolado. A revolução socialista nos diversos domínios da superestrutura não cessou de se aprofundar e as novas coisas socialistas desenvolvem-se saudavelmente na luta. Os trabalhos de Primavera atingem o seu auge, a produção industrial está em surto constante. O nosso trabalho é melhor conduzido em todos os sectores.

Alcançámos já uma grande vitória. Mas a luta de classes continua a ser aguda e complexa, e existem ainda obstáculos e meandros na via que perseguimos. Devemos tomar a luta de classes como eixo, manter firmemente a orientação geral da luta e conduzir até ao fim a luta contra este vento desviacionista de direita.

Criticando este vento desviacionista de direita, o Presidente Mao indicou que: *«Em 1949, foi avançado que a contradição principal no interior do País é entre o proletariado e a burguesia. Treze anos mais tarde era de novo posta a questão da luta de classes, e era acrescentado que a situação começava a melhorar. Em que consiste a Grande Revolução Cultural? É uma luta de classes! Liu Chao-chi pregava a teoria da extinção da luta de classes; ora nem ele próprio a extinguiu, ele queria proteger um punhado de renegados e de fanáticos seus devotos. Lin Piao queria abater o proletariado, tramou um golpe de Estado. Então, houve extinção?»*

Esta directiva mostra muito bem o carácter reaccionário e enganador da teoria da extinção da luta de classes que Liu Chao-chi, Lin Piao e esse responsável do Partido comprometido na via capitalista e não arrependido, andaram a propagar; expõe de modo penetrante a natureza da Grande Revolução Cultural Proletária, e ensina-nos uma vez mais que é preciso analisar as contradições da sociedade socialista

de um ponto de vista ligado à luta de classes. A luta contra este vento desviacionista de direita prolonga e aprofunda a Grande Revolução Cultural Proletária, ela também uma importante luta de classes. É-nos preciso analisar, a partir da luta do proletariado contra a burguesia, a essência de classe das diversas palavras de ordem e tendências aparecidas no decurso do movimento, mas *«nós não devemos em nenhum caso dar provas de inocência do letrado derretido nos livros e considerar de maneira simplista a luta das classes que é de natureza complexa.»*

Coloquemos à cabeça o estudo das importantes directivas do Presidente Mao. Elas são para nós uma arma poderosa nesta luta para rechaçar o vento desviacionista de direita, um farol luminoso sobre a via do prosseguimento da revolução sob a ditadura do proletariado. Devemos estudá-las conscienciosamente para bem compreender a natureza da luta em curso, assim como os seus princípios e as suas medidas políticas. Não os estudando, arriscar-nos-emos a perder-nos, a deixar-nos enganar e cair na armadilha.

É preciso concentrar os ataques nesse responsável do Partido comprometido na via capitalista e que recusa emendar-se. O Presidente Mao disse: *«Ei-los eles próprios sob o fogo da revolução socialista. Por altura do movimento de cooperação, havia no seio do Partido pessoas que se lhe opunham. E a crítica do direito burguês repugna-lhes. Conduz-se a revolução socialista, e não se sabe sequer onde está a burguesia; ora ela está no Partido Comunista, são os responsáveis comprometidos na via capitalista, eles não cessaram de seguir essa via.»* Este impenitente responsável do Partido é o chefe de fila dos representantes da burguesia. O seu programa e a sua linha revisionistas, os seus propósitos e os seus actos reaccionários, encarnam de uma forma condensada o desejo de restauração da burguesia. Agarando-nos a ele, continuando a denunciá-lo e a criticá-lo, saberemos distinguir o verdadeiro do falso na luta entre as duas linhas e unir mais de 95 % dos quadros e das massas

para alcançar maiores vitórias ainda na luta contra o vento desviacionista de direita. Se agirmos deste modo, o complot dos inimigos de classe que querem desviar a orientação da luta falhará completamente.

Devemos redobrar de vigilância revolucionária. A réplica a este vento desviacionista de direita forma uma grande luta de classes que não deixará de se chocar com uma resistência desenfreada, com provocações de sarilhos da parte dos inimigos de classe tanto no interior como no exterior, e em particular da parte da burguesia no seio do Partido. Devemos constantemente prestar atenção às novas tendências da luta de classes. Devemos impedir os inimigos de classe de propagar boatos, de criar incidentes, de lançar uma parte das massas contra outra e de sabotar a revolução e a produção. Um punhado de inimigos de classe inventa mentiras políticas para enganar as pessoas, ataca e quer dividir o Comité Central do Partido que o Presidente Mao dirige. É preciso exercer sobre eles a ditadura do proletariado, persegui-los até ao fim e castigá-los duramente.

É preciso também reforçar a direcção deste movimento: a luta contra este vento desviacionista de direita desenvolve-se sob a direcção única dos comités do Partido a todos os escalões; não se devem empreender marchas para estabelecer contactos, nem organizar equipas de combate, nem formar clãs. É preciso ter confiança nas massas e apoiar-se sobre elas. É preciso conduzir a bom termo a educação e o trabalho ideológico entre o pequeno número de pessoas enganadas pelas mentiras.

Unamo-nos e avancemos sobre a via que nos indica o Presidente Mao!

O INCIDENTE POLÍTICO CONTRA-REVOLUCIONÁRIO DA PRAÇA TIEN-AN-MEN

Artigos de correspondentes operários, camponeses e soldados, do *Renmin Ribao*, e jornalistas publicado na revista chinesa *Pékin Information*, n.º 15, de 12 de Abril de 1976

No decurso desta primeira semana do mês de Abril, na capital, a praça Tien-an-men foi cenário de um incidente político contra-revolucionário que um punhado de inimigos de classe criou, com premeditação, segundo um plano determinado e de uma forma organizada, a pretexto de render homenagem à memória do Primeiro Ministro Chu En-lai, por altura da festa dos mortos. Pronunciaram deliberadamente discursos reaccionários, afixaram cartazes dos poemas e dos slogans reaccionários, distribuíram folhetos reaccionários e incitaram à formação de organizações contra-revolucionárias. Numa linguagem contra-revolucionária, ora velada ora sem disfarce, gritaram com frenesim que «a época do imperador Ts'in Che Huang terminou», proclamaram abertamente o seu apoio a Teng Siao-ping, e, como furiosos, dirigiram os seus ataques contra o nosso

grande dirigente, o Presidente Mao, e queriam dividir o Comité Central do Partido que dirige; era uma vã tentativa de desviar da sua orientação a luta conduzida actualmente para criticar Teng Siao-ping e ripostar ao vento desviacionista de direita que volta a pôr em causa as conclusões justas; em poucas palavras, entregaram-se a actividades contra-revolucionárias.

Em 5 de Abril, estes actos atingiram o seu apogeu; por volta das oito horas, um carro de propaganda do Bureau da Segurança Pública da Municipalidade de Pequim foi derrubado, a carroçaria e o altifalante foram completamente danificados. Depois das nove horas, uma multidão de uma dezena de milhar de pessoas apertava-se à entrada do Palácio da Assembleia do Povo; no momento em que a multidão era mais densa na praça, devia haver, segundo todas as avaliações, perto de 100 000 pessoas. À excepção de um número muito pequeno de elementos nocivos — os autores dos incidentes —, esta multidão era, na sua esmagadora maioria, composta por néscios. Alguns encontravam-se à volta do Monumento aos heróis do povo, mas o grosso encontrava-se na extremidade oeste da praça, em frente da entrada oriental do Palácio da Assembleia do Povo. Uma dezena de jovens foram, então, rodeados e espancados pelos agitadores que os deixaram de crâneo tumefacto, de rosto inchado, a deitarem sangue. Os brutos dos agitadores gritaram: «Matem-nos! Matem-nos!» Um soldado da guarda quis meter-se de permeio, mas os amotinadores arrancaram-lhe imediatamente as dragonas do colarinho e a estrela do boné, depois rasgaram-lhe o vestuário e bateram-lhe no rosto; depressa ficou com a cabeça em sangue. Os agitadores enfurecidos lançaram: «Tentem então pôr fim a um espectáculo deste modo, não existe um no Comité Central que seja capaz disso; e se ele vier hoje, não se poderá sair bem!» O ardor belicoso destes contra-revolucionários estava no auge. Muitas pessoas, extremamente indignadas, disseram:

«Depois da Libertação, a praça Tien-an-men é sempre o local onde o nosso grande dirigente, o Presidente Mao, passa em revista os desfiles das massas revolucionárias. Não se pode tolerar um incidente contra-revolucionário assim.» Para defender o Palácio da Assembleia do Povo, um grupo da milícia operária, de várias centenas de homens, penetrou debaixo do peristilo do Palácio; foi dividido em vários troços pelos promotores de distúrbios, que se puseram a gritar sem interrupção, como furiosos, slogans reaccionários e a moer com pancada os que, na multidão, se manifestavam contra eles, espancando-os até fazer sangue. Depois disso, arrastaram-nos para a base do Monumento e obrigaram-nos a ajoelhar-se para «reconhecerem os seus crimes».

Às onze horas e cinco minutos, muitas pessoas se dirigiram para o Museu de História da China, na parte oriental da praça Tien-an-men. Lá, uma camarada tentou interpor-se; foi imediatamente apanhada e espancada. Nesse momento, tinha-se reunido um bando à volta de um edifício utilizado pelo Exército Popular de Libertação junto da pequena torre do relógio na extremidade sueste da praça. Ocupou o edifício depois de lhe ter forçado a porta. Vários energúmenos de cabelos à escovinha, todos de megafone na mão, cada um por sua vez, puseram-se, com uma voz rouca, a criar a agitação. Perto do meio-dia, alguns desses elementos proclamaram a formação de um intitulado «comité da população da capital para honrar a memória do Primeiro Ministro». Um deles, que usava óculos, lançou ao serviço de segurança pública que tinham dez minutos para dar a resposta, acrescentando que os seus gabinetes seriam saqueados se recusassem as condições.

Ao meio-dia e trinta minutos, a fim de defender o edifício utilizado pelo Exército de Libertação, os soldados da guarda de sentinela na praça Tien-an-men avançaram em fileiras para o edifício. Sobre este, os promotores de distúrbios entregaram-se à agitação, gritando: «Os soldados

do povo estão ao lado do povo!», «Enganar-se não é um crime!» Depois, viraram uma limusina Xangai e deitaram-lhe fogo. Os bombeiros e os soldados da guarda enviados para o local foram interceptados, e um carro de bombeiros danificado. Os promotores de distúrbios gritavam que extinguir o incêndio seria «reprimir o movimento de massas». E vários sapadores-bombeiros foram espancados e feridos.

Ao meio-dia e quarenta e cinco, um grupo da polícia popular apressou-se a vir em socorro e foi igualmente apupado e detido. Os agitadores arrancaram os bonés a vários agentes da polícia popular e lançaram-nos ao ar. Navalhas, punhais, projecteis diversos foram lançados sobre os polícias, dos quais vários foram cercados e espancados.

À tarde, os actos de sabotagem deste punhado de contra-revolucionários recrudesceram: incendiaram ao todo quatro veículos — transportando água e alimentos para os milicianos operários em serviço, ou pertencentes ao serviço de segurança pública. Perto das dezassete horas, o bando de furiosos irrompeu de novo pelo edifício do Exército. Arrastou consigo as sentinelas que se encontravam à entrada, espancando-as brutalmente. Forçou as janelas do rés-do-chão e saquearam o local. Postos de rádio, telhados, tecidos, vestuário e livros, tudo foi deitado nas chamas. Várias dezenas de bicicletas pertencentes a milicianos operários da capital foram incendiadas ou destruídas. Nuvens de fumo subiam no céu, no meio dos clamores produzidos por este bando de contra-revolucionários, que seguidamente deitou fogo ao edifício após ter partido quase todos os vidros.

Este incidente político contra-revolucionário suscitou a hostilidade das largas massas revolucionárias; enquanto este punhado de amotinadores rejubilava, e diziam: «É isto a força das massas», e a crescentavam com arrogância: «Agora, ninguém pode fazer mais nada, mesmo que enviem um regimento ou um exército, isso não servirá para nada.», etc.

O ardor belicoso destes reaccionários estava no auge.

Vejam como estes contra-revolucionários lançaram ataques e calúnias recheados de insinuações pífidas contra o nosso grande dirigente, o Presidente Mao, e contra os camaradas dirigentes do Partido, utilizando uma linguagem reaccionária corrupta: «Aos meus lamentos respondem gritos de fantasmas; e quando choro, os lobos uivam de alegria. O meu sangue, vertê-lo-ei sobre o altar dos heróis desaparecidos e quando voltar a erguer a cabeça, a minha espada saltará da bainha. A China já não é a China de outrora. E o povo já não é ignorante. A sociedade feudal do imperador dos Ts'in acabou para sempre. Nós acreditamos no marxismo-leninismo. Que os burocratas que o castraram vão para o diabo! O que nós queremos, é o verdadeiro marxismo-leninismo. Por ele, não tememos verter o nosso sangue, dar a nossa vida. No dia em que as quatro “modernizações” se realizarem, de vinho, regaremos o vosso túmulo.»

A linguagem usada por este bando de contra-revolucionários que falam em se opor ao «imperador dos Ts'in» e de querer o «verdadeiro marxismo-leninismo», é exactamente a mesma que a de Lin Piao no seu plano de golpe de Estado contra-revolucionário conhecido pelo nome *Projecto dos «Trabalhos 571»*; esta linguagem é sem dúvida sediciosa. Dirigindo os seus ataques contra o nosso grande dirigente, o Presidente Mao, e contra o Comité Central do Partido que dirige, louvando a linha revisionista contra-revolucionária de Teng Siao-ping, estes contra-revolucionários não fazem senão revelar mais claramente o seu objectivo criminoso — que é o de instaurar o revisionismo na China e de aí restaurar o capitalismo.

Nestes últimos dias, não contentes em escrever poemas reaccionários e em afixar cartazes e folhetos reaccionários, estes indivíduos teceram louvores a Teng Siao-ping com vista a fazer dele um Nagy — que foi o chefe de um incidente contra-revolucionário na Hungria. Defenderam que

«com Teng Siao-ping encarregado do trabalho do Comité Central do Partido, a nossa luta alcançou uma vitória decisiva» e que «o povo de todo o País rejubilou de todo o seu coração». Eles lançaram, por outro lado, ataques e calúnias pífidas, dizendo que «a dita luta travada nestes últimos tempos contra o desviacionismo de direita não é senão o feito de um pequeno punhado de arrivistas que querem pôr de novo em causa as conclusões estabelecidas». Estes energúmenos opõem-se abertamente à grande luta que o Presidente Mao desencadeou e que dirige pessoalmente para escorraçar o vento desviacionista de direita visando pôr de novo em causa as conclusões justas. A sua arrogância contra-revolucionária não conhece limites. Mas no dia em que os contra-revolucionários se desenfream é o dia em que correm para a sua perda. Ei-los fortemente isolados, impopulares. Assim, logo que estes elementos indesejáveis criaram incidentes, se entregaram a violências e cometeram delitos, logo que provocaram sarilhos e fizeram sabotagem, numerosos revolucionários saíram corajosamente das fileiras para estigmatizar as suas atitudes contra-revolucionárias e para lutar contra eles. Os milicianos operários da capital, os agentes da polícia popular, os soldados da guarda assim como as massas revolucionárias que se encontravam nos lugares, lutaram bravamente conjugando estreitamente os seus esforços, a fim de defender nestes actos concretos o Presidente Mao, o Comité Central do Partido, a linha revolucionária do Presidente Mao e a grande capital da pátria socialista. Às dezassete horas, quando este punhado de malfeitores deitava de novo fogo ao edifício do Exército, os soldados da guarda arriscaram as suas vidas para apagar o incêndio. Nesta luta para defender a segurança do Palácio da Assembleia do Povo, uma centena de milicianos operários da capital foram feridos, de entre os quais uma boa dezena, gravemente. Seis combatentes da guarda foram raptados e muitos outros feridos. Os agentes da polícia popular não

cessaram de se bater, enfrentando constantemente o perigo. Os camaradas dirigentes do comando da milícia operária da capital continuaram a lutar no segundo piso do edifício cercado e incendiado quando a situação era crítica, e o fogo tinha ganho o primeiro piso. Durante estes acontecimentos, o telefonista, com sangue-frio e presença de espírito, manteve os departamentos dirigentes ao corrente das coisas.

Às dezoito horas e meia, após a mensagem do camarada Wu Teh ter sido difundida pelos altifalantes, a maior parte dos basbaques que estavam na praça e pessoas que se tinham deixado enganar deixaram rapidamente o local. Só um pequeno punhado de contra-revolucionários continuou a resistir obstinadamente, e a afixar cartazes de outros poemas reaccionários em torno do Monumento aos heróis do povo. Às vinte e uma e trinta, por ordem do Comité Revolucionário do Município de Pequim, várias dezenas de milhar de milicianos operários da capital, em coordenação com os agentes da polícia popular e os soldados da guarda, tomaram medidas enérgicas para aplicar a ditadura do proletariado. Em fileiras, bravos milicianos operários da capital, de moral elevada, penetraram firmemente na praça Tien-an-men e ripostaram vigorosamente. Cercaram os facciosos que procuravam ainda cometer delitos e provocar sarilhos em torno do Monumento aos heróis do povo; aqueles que foram apanhados em flagrante delito e os principais suspeitos foram detidos para interrogatório. Face à poderosa força da ditadura do proletariado, este punhado de elementos indesejáveis, após se terem mostrado cara a cara, abatiam-se agora ao primeiro golpe; tais como os cães batidos, estavam agachados, tremendo como varas verdes. Alguns apressavam-se a largar o seu punhal, a sua faca de lâmina triangular e o pequeno cartão no qual tinham copiado poemas reaccionários. Alguns criminosos que tinham desembainhado o seu punhal na vã e criminosa tentativa de resistir, foram punidos devidamente. As largas

massas revolucionárias aplaudiram isso de todo o coração, e toda a população da cidade apoiou calorosamente e saudou unanimemente esta acção revolucionária dos milicianos operários da capital, da polícia popular e dos combatentes da guarda.

PÔR DE NOVO EM CAUSA AS CONCLUSÕES JUSTAS VAI CONTRA A VONTADE DO POVO

Editorial do *Renmin Ribao*, de
10 de Março de 1976, publicado na revista chinesa *Pékin Information*, n.º 11, de 15 de
Março de 1976

Sob a direcção do Comité Central do Partido Comunista Chinês, dirigido pelo Presidente Mao, uma grande luta contra o vento desviacionista de direita que visa voltar a pôr em causa as conclusões justas desenvolve-se vitoriosamente em toda a China.

Recentemente, o nosso grande dirigente, o Presidente Mao, indicou: «*Voltar a pôr em causa as conclusões justas vai contra a vontade do povo.*» Esta palavra traduz plenamente o desejo ardente do povo revolucionário de combater a restauração e regressão e de prosseguir indefectivelmente a revolução. Põe à luz do dia a natureza reaccionária de um responsável do Partido, que se comprometeu na via capitalista mas recusa emendar-se e vai contra a corrente da história. Encoraja todo o nosso Partido, todo o nosso Exército e o nosso povo inteiro a prosseguir esta luta ainda mais

activamente.

Esta luta foi provocada pela burguesia. Por altura do Verão do ano passado, levantou-se um vento desviacionista de direita, para voltar a pôr em causa as conclusões justas na sociedade. Os que o levantaram opunham-se a que a luta de classes fosse tomada como eixo, deformavam a linha fundamental do Partido, negavam a revolução proletária no ensino, na literatura e na arte, negavam a revolução socialista no domínio científico e técnico, negavam a tripla união dos quadros idosos, de meia idade e jovens, e todas as novas realidades socialistas surgidas nas diversas frentes. Negavam a Grande Revolução Cultural Proletária, cujas conclusões repunham em causa e com a qual queriam ajustar contas. As suas actividades visando pôr de novo em causa as conclusões justas foram conduzidas segundo uma teoria e um programa definidos, e de forma organizada. Dirigiam o ferro de lança contra o nosso grande dirigente, o Presidente Mao, contra a sua linha revolucionária e contra as largas massas revolucionárias. Não repelir este vento, não será tolerar a invasão do revisionismo e a restauração do capitalismo?

O grande debate revolucionário que começou na Universidade de Hsin Hua lançou uma resposta de frente a este vento desviacionista de direita e, traduzindo a vontade do nosso povo multinacional, ganhou o seu apoio e a sua aprovação entusiastas. As largas massas e os quadros revolucionários estudam conscienciosamente a experiência da Universidade de Hsin Hua e, sob a direcção do Partido, criticam o programa que consiste em «tomar as três directivas como eixo», encurralando assim num isolamento completo os responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista, que levantaram esse vento. Os factos provam que os operários, camponeses e soldados, os quadros e intelectuais revolucionários, quer dizer as largas massas populares que representam mais de 95% da população, querem a revolução e apoiam o socialismo. Não gostam que grandes perso-

nagens que praticam o revisionismo os submetam. Seguir a via socialista é a sua aspiração fundamental. Quanto à Grande Revolução Cultural Proletária, representando os seus interesses fundamentais, querem consolidar e desenvolver as suas conquistas, pretendem restringir o direito burguês e fazer progredir a revolução socialista. As massas populares não aceitarão jamais que se pratique o revisionismo nem que se ponham de novo em causa as conclusões da Grande Revolução Cultural.

Recentemente o Presidente Mao sublinhou: *«Ei-los eles próprios sob o fogo da revolução socialista. Por alturas do movimento de cooperação, havia no seio do Partido pessoas que se lhe opunham. E a crítica do direito burguês repele-os. Conduz-se a revolução socialista, e não se sabem mesmo onde está a burguesia; ora ela está no Partido Comunista, são os responsáveis comprometidos na via capitalista. Não deixaram de seguir esta via.»* Nesta análise marxista-leninista extremamente penetrante, o Presidente Mao faz o ponto da experiência histórica adquirida na revolução socialista que continua no nosso País após vinte e tal anos, e defende, desenvolve, o marxismo-leninismo; esta análise dá-nos uma poderosa arma ideológica para combater e impedir o revisionismo, e para assegurar a continuação da revolução sob a ditadura do proletariado. O Presidente Mao precisa que, durante a revolução socialista, os responsáveis comprometidos na via capitalista constituem uma burguesia no seio do Partido. Para cada progresso que faz, do movimento de cooperação à crítica do direito burguês esta revolução montou-se com a resistência da burguesia. Como existem ainda, na sociedade socialista, as classes, as contradições de classe e a luta de classes, assim como o terreno e as condições engendram o capitalismo e a burguesia, responsáveis comprometidos na via capitalista e novos representantes da burguesia aparecerão sempre no seio do Partido e ver-se-à durante muito tempo «os

responsáveis comprometidos na via capitalista continuarem a seguir esta via». O que está na origem do vento desviacionista de direita é esse responsável comprometido na via capitalista que, antes da Grande Revolução Cultural, ajustou o passo com Liu Chao-chi na prática do revisionismo e opôs-se a todos os movimentos revolucionários socialistas, e que foi criticado no decurso da Grande Revolução Cultural, mas recusa emendar-se. De má vontade, jurou «jamais voltar a pôr em causa as conclusões estabelecidas», mas uma vez de volta ao seu posto de trabalho, reencidiu e continuou a seguir a via capitalista. Pessoas como ele nunca foram marxistas, mas democratas burgueses cujo pensamento, como indicou o Presidente Mao, é ainda hoje o que era no período da revolução democrática. Do mesmo modo que Song Kiang, no romance Chuei Hu (À Beira da Água) que, ainda que nas fileiras dos camponeses ricos, representa a classe dos latifundiários, os responsáveis comprometidos na via capitalista «membros do Partido Comunista» de nome, representam de facto a burguesia antiga e nova, no seio como fora do Partido. Devemos reter bem isto: Durante todo o período histórico do socialismo, a contradição principal é a que é o revisionismo; a revolução tem por alvo a burguesia, principalmente os responsáveis do Partido que se comprometeram na via capitalista.

A luta desencadeada e dirigida pelo Presidente Mao em pessoa para repelir o vento desviacionista de direita empenha o futuro e a sorte do nosso Partido e do nosso País. Na história, após cada importante transformação social, houve sempre pessoas que, como Confúcio, se manifestaram para pôr de novo em causa as conclusões justas e trabalhar para a restauração. E numa revolução tão grandiosa como a Grande Revolução Cultural Proletária, é inevitável que tais pessoas apareçam. O combate em curso entre os que querem voltar a pôr em causa as conclusões justas e os que se lhe opõem, entre os

que são pela restauração e os que são contra, é a continuação e o aprofundamento da luta entre a linha revolucionária proletária do Presidente Mao e a linha revisionista contra-revolucionária de Liu Chao-chi e de Lin Pião, a continuação e o aprofundamento da Grande Revolução Cultural Proletária. Tais lutas prosseguir-se-ão ainda. Também devemos conservar o espírito lúcido.

A luta contra este vento desviacionista de direita desenrola-se sob a direcção dos comités do Partido dos diversos escalões. Não é preciso nem empreender marchas para estabelecer contactos, nem organizar equipas de combate. É preciso estudar assiduamente a teoria da ditadura do proletariado, as teses sobre as classes, as contradições de classe, e a luta de classes, formuladas pelo Presidente Mao depois da segunda sessão plenária do Comité Central saído do VII Congresso do Partido, e as suas importantes directivas respeitantes à Grande Revolução Cultural Proletária e à luta contra o vento desviacionista de direita a fim de discernir claramente a natureza, o alvo as tarefas e o resultado da revolução socialista. Os quadros dirigentes devem manter-se à cabeça do movimento e dar o exemplo no estudo, na denúncia, na crítica e na resposta a este vento desviacionista de direita. É preciso ter confiança nas massas apoiar-se nelas mobilizá-las sem reservas. É preciso manter solidamente a orientação geral da luta e unir-se para concentrar o fogo da crítica sobre a linha revisionista avançada por esse responsável que, comprometido na via capitalista recusa emendar-se. As largas massas e os quadros revolucionários devem reter bem estes ensinamentos do Presidente Mao: *«educar o maior número e reduzir assim o alvo do ataque», «tirar a lição dos erros passados para evitar que se repitam e curar a doença para salvar o homem»*. É preciso ajudar o pequeno número de quadros dirigentes que aplicaram a linha errada a rectificar a sua posição e acolhê-los se eles corrigirem os seus erros. É

preciso manter invariavelmente este princípio: «fazer a revolução e promover a produção, melhorar o nosso trabalho, preparar-nos activamente na previsão de uma guerra», a fim de cumprir melhor com o nosso trabalho em todos os sectores, que compreende a produção industrial e agrícola.

Devemos precaver-nos contra os inimigos de classe que provocarem sarilhos e contra os que tentarem tropeçar a revolução pela sabotagem da produção. Pela luta contra o vento desviacionista de direita, continuaremos a encorajar estabilidade e unidade, a consolidar e desenvolver as magníficas conquistas da Grande Revolução Cultural e do movimento de crítica contra Lin Piao e Confúcio.

Sob a direcção do Comité Central, com o Presidente Mao à cabeça, prosseguimos até ao fim, tomando a luta de classes como um eixo, o combate para repelir o vento desviacionista de direita que visa voltar a pôr em causa as conclusões justas!

TOMAR INFALIVELMENTE A LUTA DE CLASSES COMO EIXO

Artigo de Tche Heng, do
Hongqi, nº 1, de 1976,
publicado na revista chinesa
Pékin Information, nº 6, de
9 de Fevereiro de 1976.

«Estabilidade e unidade não querem dizer supressão da luta de classes; a luta de classes é o eixo que arrasta tudo o resto.» Devemos penetrar nesta recente directiva do Presidente Mao. E, por outro lado, estudar outra vez as outras diferentes teses que avançam ao longo de vários anos sobre esta questão. Devemos criticar a «teoria da extinção da luta de classes». Temos de lutar contra a tendência

errada que consiste em negligenciar a luta de classes. Porque tudo isto se reveste duma grande importância para concretizar em perfeita consciência de causa a linha fundamental do Partido, para centrar firmemente o nosso trabalho sobre a luta de classes e conduzi-lo em todos os domínios a bom termo.

Criticando a linha revisionista de Liu Chao-Chi, o Presidente Mao indicava em 1965: *«Durante todo o período de transição existem as contradições de classe, a luta de classes entre o proletariado e a burguesia, a luta entre as duas vias, socialista e capitalista. Comprometer-nos-íamos numa falsa via se esquecêssemos esta teoria e esta prática fundamental que são as do nosso Partido há mais de dez anos.»* . A história dos vinte e tal anos da nossa revolução socialista confunde-se com a da luta de classes que, sob a direcção do Presidente Mao, nunca cessou de nos opor à burguesia, e que viu a sociedade chinesa progredir sob este impulso. É a razão por que a luta entre as duas classes e as duas vias resume a teoria e a prática fundamentais do nosso Partido. Na condição de nos conformarmos à teoria da continuação da revolução sob a ditadura do proletariado, teoria enunciada pelo Presidente Mao, de estabelecer constantemente o balanço da prática adquirida na luta de classes, e de termos firmemente na mão o eixo da luta de classes, a nossa causa socialista irá de vitória em vitória.

Para distinguir o verdadeiro marxismo do falso

Em última análise, tomar ou não a luta de classes como eixo na obra socialista constitui uma chave determinante para reconhecer, ou não, que existem as classes, as contradições de classe e a luta de classes nas condições socialistas; para reconhecer, ou não, que é indispensável manter a ditadura do proletariado sobre a burguesia durante todo este período. Ora, na arena internacional ou no

interior do país, uma luta encarniçada entre o marxismo e revisionismo desenrolou-se constantemente em torno desta questão, que é além disso um importante critério para distinguir o verdadeiro marxismo do falso — basta lembrar a luta que conduzimos contra os chefes de fila das linhas revisionistas, em particular contra Liu Chao-chi e Lin Piao para distinguir mais claramente os seus contornos.

Na véspera da fundação da República Popular da China, no decurso da segunda sessão plenária do Comité Central saído do VII Congresso do Partido (em Março de 1949), o Presidente Mao sublinhou explicitamente que, depois da vitória da revolução de democracia nova, a contradição principal, de ordem interna, é *«a contradição entre a classe operária e a burguesia»*; recordava ao mesmo tempo que *«depois do aniquilamento dos inimigos armados, haverá ainda inimigos não armados; estes não deixarão de conduzir contra nós uma luta de morte; nunca devemos subestimá-los»*. Formulava além disso um certo número de princípios e de medidas políticas para a nossa luta contra a burguesia; sublinhava que importa permanecer vigilante relativamente aos que no seio do Partido, são atingidos pelas *«balas de açúcar da burguesia»*. Fazendo isto, indicava-nos a orientação da revolução socialista. Mas a tudo isso, Liu Chao-Chi, renegado, agente do inimigo e traidor à classe operária, tomava a oposição: ouvi-lo-emos nas costas do Comité Central do Partido e em detrimento da resolução adoptada pela segunda sessão plenária do Comité Central saído do VII Congresso do Partido, elogiar em todos os lugares os «méritos da exploração» e preconizar a «consolidação da ordem da democracia nova». Todas estas afirmações — que apenas visavam negar a luta de classes e ir contra a revolução socialista — foram no seu tempo criticadas e rejeitadas pelo Presidente Mao. Sob a sua direcção, todo o Partido e o povo desencadearam uma vasta campanha de repressão dos contra-revolucionários,

assim como os movimentos de *san – fan* e de *Wu-fan*, (1) campanha e movimentos que, além da perseguição dos contra-revolucionários, permitiram rechaçar as loucas ofensivas da burguesia, assegurar a vitória da Guerra de resistência à agressão americana e de ajuda à Coreia, a rápida correcção da economia nacional. Depois, seguindo a linha geral para o período de transição, quebrámos em 1954 a aliança anti-partido de Kao-Kang e de Jao Chu-che. Conduzimos em 1955 uma luta contra a clique contra-revolucionária de Hu Feng (2) e desencadeámos o movimento de eliminação dos contra-revolucionários. Completámos a transformação socialista da agricultura, do

(1) – Os movimentos de *san-fan* e de *wu-fan* designam a luta que se desenrolou entre Dezembro de 1951 e Junho de 1952: nos organismos do Partido e do Estado contra a corrupção, contra o desperdício e a burocracia (*san-fan*); e na indústria e no comércio privados, contra a burguesia para impedir gratificações, fraude fiscal, desvio dos bens do Estado, fraude na execução de contratos de Estado, e roubo de informações económicas de origem governamental (*wu-fan*). Foi a primeira grande prova de força entre o proletariado e a burguesia durante o período do socialismo. Devia acabar-se após seis meses de luta encarniçada com brilhante vitória do proletariado.

(2) – A clique contra-revolucionária de Hu Feng era uma quadrilha de contra-revolucionários que dirigia o renegado Hu Feng, e infiltrados nas nossas fileiras revolucionárias. Em 1954, lançava numa carta objecta, intitulada: «As minhas opiniões», um programa anti-socialista em matéria de literatura e arte, que atacava perfidamente os princípios do Partido neste domínio e a ditadura do proletariado. O *Renmin Ribao* publicaria em 1955 a propósito deste grupo três séries sucessivas de materiais anotados pelo Presidente Mao. Assim, os manejos desta clique eram radicalmente patenteados e esmagados.

artesanato e da indústria e do comércio capitalistas. Paralelamente, no plano ideológico, lançámo-nos numa série de combates contra as ideias burguesas. Combates cujos primeiros fogos foram a crítica da *História Secreta da Corte dos Tsing* (1) – filme que propagava a traição nacional (mas cuja crítica não pôde ser conduzida devido à obstrução de Liu Chao-chi e dos seus acólitos) – e a crítica do filme reaccionário *A Vida de Wu Hsiun* (2). O idealismo burguês foi criticado como foram atacados os revisionistas que pretendiam «ter conquistado o marxismo» mas que de facto capitulavam perante a ideologia burguesa. Todas estas vitórias, devêmo-las à direcção do Presidente Mao, e ao

(1) – A *História Secreta da Corte dos Tsing* é um filme reaccionário que foi projectado em algumas das nossas cidades em princípios de 1950. Tenebrosa calúnia contra a nossa luta anti-imperialista, exaltava a agressão imperialista e embelezava a dinastia moribunda dos Tsing, por meio de muitas imagens para exaltar o capitulacionismo, nacional ou de classe. O Presidente Mao denunciou-o severamente indicando que «A *História Secreta da Corte dos Tsing* é um filme que prega a traição à pátria, um filme que é necessário submeter à crítica». Mas a crítica não pôde então ser conduzida devido à obstrução de Liu Chao-chi e seus acólitos.

(2) – A *Vida de Wu Hsiun* é um filme reaccionário que pregava o capitulacionismo de classe e negava a luta de classes. Wu Hsiun (1838-1896), que ele glorifica não passa de um defensor devotado do feudalismo e de um adorador de Confúcio, tão vil como desprezível. Quando o movimento revolucionário camponês está em pleno desenvolvimento, recolhe fundos para organizar escolas e propagar a cultura feudal. Aliás, a classe dominante feudal saberá recompensá-lo pelo seu zelo. Em Maio de 1951, o Presidente Mao redigirá um artigo intitulado: «É preciso dar toda a importância ao debate sobre o filme, *A Vida de Wu Hsiun*», e dirigirá pessoalmente a sua crítica.

facto de termos firmemente tomado em mãos o eixo que é a luta entre as duas classes e entre as duas vias.

Em 1956 a transformação socialista da propriedade dos meios de produção estava no essencial completada no nosso País. Nestas condições, as classes e a luta de classes deviam ainda subsistir? E a luta entre o proletariado e a burguesia permanecia ainda a principal contradição interna? Esta questão ia determinar uma nova polémica entre marxistas e revisionistas. A isso Liu Chao-chi e os seus concorrentes responderão que «a contradição entre o proletariado e a burguesia foi fundamentalmente resolvida» e que a principal contradição interna «é a contradição entre o sistema socialista avançado e a força produtiva social atrasada». É claro que um tal absurdo revisionista ia ser imediatamente apercebido e criticado severamente pelo Presidente Mao. E foi visando tais aberrações que por várias vezes sublinhou em 1957 a dureza prolongada da luta de classes e a sua complexidade, indicando de uma maneira explícita: *«Na China, a transformação socialista, no que respeita à propriedade, está praticamente acabada... Contudo, subsistem vestígios das classes derrubadas dos latifundiários e dos compradores, a burguesia ainda existe e a transformação da pequena burguesia apenas começou. A luta de classes não chegou ainda ao seu termo. A luta de classes entre o proletariado e a burguesia, entre as diversas forças políticas e entre as ideologias proletária e burguesa será ainda longa e sujeita a vicissitudes, e por momentos poderá mesmo tornar-se muito aguda.»* (Da justa solução das contradições no seio do povo). A luta que se seguirá pouco depois contra os direitos burgueses (1) ia verificar a inteira justeza deste ponto de vista. Logo que triunfou, o

(1) – Contra-ataque lançado em 1957 contra os direitos burgueses que aproveitavam o movimento de rectificação do estilo de trabalho do nosso Partido para desencadear ataques de envergadura contra o proletariado.

Presidente Mao definiu a linha geral – edificar o socialismo segundo os princípios: empregar todos os esforços; caminhar sempre em frente; quantidade, rapidez, qualidade e economia – , segundo a qual as nossas centenas de milhões de habitantes, criticando a filosofia de servilismo perante o estrangeiro e a indolência, iam imprimir em 1958 o Grande Salto em Frente e generalizar o estabelecimento de comunas populares: a causa do socialismo tinha avançado um grande passo no nosso país.

Mas a luta não parou aí. No decurso da sessão plenária do Comité Central saído do VIII Congresso de Partido, em Lauchan, ver-se-á a clique antipartido de Peng Teh-huai tomar a dianteira, atacar a linha geral, o Grande Salto em Frente e a criação das comunas populares. Esta luta é pela sua natureza *uma luta de classes; é o prolongamento da luta de morte que foi prosseguida no decurso dos dez anos de revolução socialista entre as duas grandes classes antagónicas, a burguesia e o proletariado*», sublinhará o Presidente Mao. Baseando-se na experiência adquirida no decurso do seu desenvolvimento e dos combates anteriores, escreverá que *«na China, no seio do nosso Partido, este género de lutas, parece, prosseguirá ainda durante vinte anos pelo menos, talvez mesmo durante meio século; em suma, estas lutas não chegarão ao fim senão com o desaparecimento completo das classes.»*

Depois, aproveitando as dificuldades económicas temporárias devidas a três anos consecutivos de calamidades naturais, à denúncia dos acordos económicos e à retirada dos peritos pela clique renegada revisionista soviética, Liu Chao-chi e Ca. vão uma vez mais combater a justa linha do Presidente Mao pregando que «a indústria – como a agricultura – deve saber recuar o que for preciso». Vão

avançar a linha revisionista dita de san-zi-yi-bao (1) e aplicá-la abertamente. Apercebendo-se do perigo de tal tendência contra-revolucionária, o Presidente Mao recordará a certos camaradas, por altura duma conferência de trabalho do Comité Central do Partido realizada em Janeiro de 1962 que, face à aparição do revisionismo era preciso estar vigilante. Em Agosto do mesmo ano, no decurso de uma outra reunião semelhante em Peitaiho, depois em Setembro na X Sessão Plenária do Comité Central saído do VII Congresso do Partido, lançará a seguinte ordem ao conjunto do Partido: «*Nunca esquecer a existência das classes e a luta de classes*», definindo em todos os seus termos a linha fundamental do nosso Partido para todo o período histórico do socialismo: a sociedade socialista estende-se por um período histórico bastante longo, no decurso do qual continuam a existir as classes, as contradições de classes e luta de classes, do mesmo modo que a luta entre as duas vias, socialista e capitalista, assim como o perigo de uma restauração do capitalismo; pedir-nos-á para falar desta questão «*dia após dia, mês após mês, ano após ano*». Em Maio de 1963, uma vez mais o Presidente Mao alerta assim o conjunto do Partido: «se se esquece a existência das classes e a luta de classes, se se esquece a ditadura do proletariado, então passar-se-ia pouco tempo, talvez alguns anos ou um decénio, quanto muito alguns decénios, antes que uma restauração contra-revolucionária tivesse inevitavelmente lugar à escala nacional, que o Partido marxista-leninista se tornasse um Partido revisionista, um Partido fascista, e que toda a China

(1) O san-zi-yi-bao significa: extensão das parcelas individuais, desenvolvimento dos mercados livres, multiplicação das pequenas empresas assumindo a inteira responsabilidade dos seus lucros e perdas, e fixação das normas de produção na base da família.

mudasse de cor.» De uma forma penetrante esta questão — conduzir ou não a luta de classes e consolidar ou não a luta de classes — é assim exposta como constituindo uma determinante superior para o futuro e destino do nosso Partido e do nosso Estado.

Ora, acontece muitas vezes assim: quanto mais o proletariado redroba de esforços para manter firmemente na mão a luta de classes, mais os representantes da burguesia — que conduzem a contra-ofensiva — tentam hipocritamente «apagar» as contradições de classe. Em 1964, quando em todo o País as cidades e os campos seguem a linha fundamental do Partido e desencadeiam um vasto movimento de educação socialista, Liu Chao-chi intervém uma vez mais para desorientar o seu curso. Nas nossas regiões rurais, afirma ele, a contradição principal é «entre os quatro saneamentos e os quatro não-saneamentos», e «a interpenetração das contradições no seio e fora do Partido». Posição imediatamente criticada pelo Presidente Mao, que mantém — e é a posição correcta — que a contradição principal durante o período do socialismo é a luta entre as duas classes e as duas vias, e que indica com clareza que «o movimento visa principalmente os responsáveis do Partido que se comprometeram na via capitalista» — quer dizer os agentes da burguesia infiltrados no seio do Partido — assegurando assim um harmonioso desenvolvimento à campanha em curso. Esta tese é retomada na Decisão do Comité Central do Partido Comunista Chinês sobre a Grande Revolução Cultural Proletária, adoptada em Agosto de 1966, e diversas medidas políticas assentes neste sentido. Desde que se atingiu a compreensão de que a existência da luta de classes entre o proletariado e a burguesia é, na sociedade socialista, um fenómeno de longa duração, pode-se então perceber a importância das diversas análises científicas do Presidente Mao para a consolidação da ditadura do proletariado e a prevenção dum regresso ao capitalismo.

A Grande Revolução Cultural Proletária, desencadeada e conduzida pessoalmente pelo Presidente Mao, é uma grande revolução política do proletariado contra a burguesia e todas as outras classes exploradoras. De improviso, o quartel-general burgês que Liu Chao-chi dirige faz circular em todo o Partido, supostamente em nome do Comité Central, o «programa de Fevereiro». Programa que, usando uma fraseologia hipócrita, procura de facto enfraquecer a ponta de lança da luta de classes encarniçada que então se desenrola na frente ideológica e cultural. A sua palavra de ordem, tipicamente burguesa, é: «todos os homens são iguais perante a verdade». Isto, para tentar transformar a política de opinião travada entre proletariado e burguesia num debate «puramente académico». Mas esta tentativa é imediatamente denunciada pelo Comité Central do Partido tendo à sua cabeça o Presidente Mao, que vai dirigir o conjunto do Partido e do povo através de uma sucessão de lutas complexas, cujo resultado será o desmantelamento do quartel-general burgês de Liu Chao-chi.

Então manifesta-se a clique anti-partido de Lin Piao que, de conluio com Chen Po-ta, redigiu um relatório político para o IX Congresso — relatório nos termos do qual a tarefa principal seria desenvolver a produção. Trata-se da mesma mercadoria ordinária que tinham introduzido Liu Chao-chi e Chen Po-ta na resolução do VIII Congresso do Partido, sem conhecimento do Presidente Mao. Mas que é rejeitado pelo Comité Central, que confirma totalmente no IX Congresso do Partido a linha fundamental formulada para o nosso Partido pelo Presidente Mao, durante o período histórico do socialismo.

Seguir-se-ão os movimentos de crítica ao revisionismo e de rectificação do nosso estilo de trabalho, vitoriosamente encerrados com o esmagamento da clique anti-partido de Lin Piao. Em Agosto de 1973, o Partido Comunista chinês convoca o seu X Congresso que faz o balanço da luta contra

esta clique e reafirma a linha fundamental do Partido. E no decurso destes dois anos que se seguiram ao X Congresso do Partido, continuamos, sob a direcção do Presidente Mao, a tomar a luta de classes como eixo, a aprofundar o movimento de crítica de Lin Piao e de rectificação do nosso estilo de trabalho, o movimento de crítica a Lin Piao e Confúcio, e o movimento de estudo da teoria da ditadura do proletariado; empreendemos a crítica do romance Chuei Hu (À Beira da Água) (1) — uma matéria de ensino pelo exemplo negativo que propaga o capitulacionismo —, e conduzimos hoje um grande debate sobre a revolução no ensino. Tendo por consequência as nossas vitórias magníficas nas frentes política, económica, ideológica e cultural.

«A experiência histórica merece atenção». O caminho que percorremos depois de mais de vinte anos mostrou-nos-lo bem: a questão fundamental para praticar o marxismo é tomar indefectivelmente a luta de classes como eixo, conduzir activamente a luta do proletariado contra a burguesia, prosseguir a revolução socialista nos domínios político e económico, ideológico e cultural, e consolidar e reforçar a ditadura do proletariado. Senão pratica-se o revisionismo. Liu Chao-chi e Lin Piao — chefes de fila das linhas revisionistas no seio do Partido — tentavam propagar a «teoria da extinção da luta de classes» e apagar a diferença entre socialismo e capitalismo, entre ditadura do proletariado e ditadura da burguesia. Mas, na realidade, não

(1) — O Chuei Hu (À Beira da Água), romance célebre durante vários séculos que descrevia uma guerra camponesa nos últimos anos da dinastia dos Song do Norte (960-1127), mas que, na verdade, glorifica uma linha capitulacionista: criticar apenas os funcionários corruptos, mas não o imperador, aceitar a submissão para ser recompensado.

queriam de maneira nenhuma «extinguir» a luta de classes. O que eles esperavam era adormecer ideologicamente o proletariado e o povo revolucionário, era contrariar a luta do proletariado contra a burguesia. As suas manigâncias criminosas consistiam em encarar o derrubamento da ditadura do proletariado e o regresso ao capitalismo. Eis porque não devemos em nenhum caso esquecer uma tal experiência, nem em nenhuma circunstância abrandar a nossa vigilância, nem esquecer que existem as classes e a luta de classes, nem esquecer a ditadura do proletariado.

A ESSÊNCIA DA LUTA ACTUAL

Encontramo-nos numa excelente situação. Mas a luta entre as duas classes, entre as duas vias e entre as duas linhas ainda existe. A corrente ideológica errada que recentemente apareceu na sociedade é um reflexo concentrado disso. É a negação da Grande Revolução Cultural Proletária, das novas realidades socialistas e da revolução do proletariado no ensino.

As nossas brilhantes vitórias depois da Grande Revolução Cultural Proletária constituem outros tantos reveses pungentes para a burguesia e para todas as classes exploradoras. Ora, estas, que não podem resignar-se, procuram todas as ocasiões para voltar à carga, a fim de destruir as conquistas da Grande Revolução Cultural Proletária. Quando levantam um vento desviacionista de direita contra as conclusões bem estabelecidas para o futuro, e avançam inépcias revisionistas — tais como os argumentos absurdos recentemente apregoados na frente do ensino —, o proletariado e o povo revolucionário têm razão em ripostar. E isto está bem de acordo com a lei de desenvolvimento. *«Qualquer erro é para criticar, qualquer erva venenosa é para combater» (Da Justa Solução das Con-*

tradições no Seio do Povo). Temos de seguir este ensinamento do Presidente Mao, tomar indefectivelmente a luta de classes como eixo e conduzir activamente esta luta de forma organizada e metódica. Sob a direcção do Partido, devemos prosseguir a crítica das linhas revisionistas e contra-revolucionárias de Liu Chao-chi e de Lin Piao, criticar os pontos de vista e desvios errados surgidos na frente do ensino, pontos de vista e desvios opostos à linha revolucionária proletária do Presidente Mao e estabelecer durante a luta uma clara distinção entre os dois tipos de contradições de natureza diferente, dar-lhes uma solução justa, ligar a nós 95 % das massas e dos quadros, a fim de consolidar e desenvolver as vitoriosas aquisições da Grande Revolução Cultural Proletária. O grande debate na frente da educação deve ser travado sob a direcção dos comités do Partido aos diversos escalões e sem que se organizem «equipas de combate».

Na nossa sociedade socialista, qualquer fenómeno social se reveste de determinado conteúdo de classe, qualquer pensamento traz a marca duma determinada classe. As diversas contradições que encontramos no nosso trabalho estão, sem nenhuma excepção, dependentes desta contradição principal que é a luta entre o proletariado e a burguesia, luta que determina ou condiciona a existência e a evolução das outras contradições. Nenhuma tarefa pode existir isoladamente e independentemente da luta de classes: qualquer que ela seja, devemos sempre accionar esse eixo que é a luta de classes para que arraste o resto e o ponha em movimento.

Nos domínios da cultura, da educação, da literatura e da arte, das ciências e da saúde pública, a principal contradição permanece a oposição entre o proletariado e a burguesia. Os diversos tipos de trabalho nestes domínios devem todos tentar resolver a questão da orientação política. Por outras palavras, a questão de estar ou não ao serviço da política proletária, e do exercício ou não nestes domínios duma

ditadura da burguesia. O actual debate na frente do ensino diz respeito ao sistema pedagógico, o princípio do ensino e o método de educação. Mas a questão que esconde fundamentalmente é que é necessário conduzir a revolução no ensino, fazer das nossas escolas um instrumento da ditadura do proletariado, constituí-las numa posição em que sejam formados trabalhadores instruídos com uma consciência socialista. No fim de contas, trata-se de saber se é o proletariado ou a burguesia quem exerce a ditadura. Tal é a essência do debate actual: desde que o tenham compreendido, podem-se então varrer todos os argumentos fraudulentos.

SEGUIR A LINHA FUNDAMENTAL E ESTUDAR A TEORIA

Tomar a luta de classes como eixo requer que a linha fundamental do Partido seja firmemente prosseguida. O Presidente Mao disse: *«O nosso Partido definiu a linha geral e a política geral da revolução chinesa e fixou diversas linhas de trabalho e medidas políticas particulares. Contudo, acontece frequentemente que os camaradas retêm as linhas de trabalho e medidas políticas particulares e esquecem a linha geral e a política geral do Partido. Se na verdade as esquecermos seremos revolucionários cegos, revolucionários duvidosos de espírito confuso e aplicando uma linha de trabalho e medidas políticas particulares, perderemos o sentido de orientação, penderemos ora para a esquerda ora para a direita, e o nosso trabalho sofrerá com isso»*. (*«Discurso pronunciado numa conferência dos quadros e da região libertada do Chansi-Sueiyuán»*).

O estudo desta directiva reveste-se de uma grande importância prática. No nosso trabalho concreto, temos princípios e medidas políticas particulares, princípios e medidas subordinados a uma linha directriz — isto é, a linha fundamental do Partido, à luta que o proletariado conduz contra a burguesia, e à ditadura do proletariado. Ao

desviarmo-nos disso, não só não se saberia aplicar correctamente os diversos princípios e medidas políticas concretas, como chegaríamos a cometer erros. Por isso devemos esforçar-nos por nunca nos afastarmos, tanto nos pensamentos como nos actos, da direcção definida pela linha fundamental do Partido.

Tomar a luta de classes como eixo requer ainda o estudo atento da teoria da ditadura do proletariado. Devemos, sob o impulso do estudo do ano passado, esforçar-nos por progredir nisso. Porque não podemos aplicar a linha fundamental do Partido com consciência de causa nem judiciosamente regular as relações entre o «eixo» e o resto, nem adoptar uma atitude adequada em relação à Grande Revolução Cultural Proletária para com as massas trabalhadoras para com nós próprios, e não podemos apoiar as inovações socialistas — condições favoráveis à restrição do direito burguês — senão a condição de ter uma perfeita e justa compreensão da teoria da ditadura do proletariado, da existência das classes, das contradições de classes, da luta de classes durante o período do socialismo, assim como da natureza, do objectivo, da tarefa e do futuro da revolução socialista e do exercício necessário da ditadura sobre a burguesia. Queremos conseguir a estabilidade e a unidade. Mas isso não significa renunciar à luta de classes. Porque a estabilidade e unidade são as suas consequências. Consequências dum combate convenientemente conduzido neste sentido, sob a direcção da linha revolucionária do Presidente Mao, depois de ter sido definida uma justa solução para os dois tipos de contradições de natureza diferente. Devemos multiplicar os esforços para acelerar o desenvolvimento da economia nacional. Mas isso também não significa renunciar à luta de classes. Porque está fora de questão que a nossa economia avance numa via justa se não estiver centrada na luta de classes. As ideias e os actos que

negam a luta de classes enquanto eixo, e contribuem para negligenciar ou abrandar o estudo e a prática da teoria da ditadura do proletariado, são completamente erradas. Porque ao fazer isto, apaga-se a principal contradição que é, precisamente, a luta entre as duas classes, entre as duas vias e entre as duas linhas, e coloca-se no mesmo plano a política e a economia, a política e os assuntos profissionais, é ir contra o princípio marxista-leninista: «*A política é a expressão concentrada da economia, a política não deixa de ter a primazia sobre a economia*». (Lenine: De novo os sindicatos, a situação actual e os erros de Trotsky e de Bukharine).

Sob a direcção da linha revolucionária proletária do Presidente Mao, enquanto detivermos indefectivamente o eixo que é a luta de classes, enquanto estudarmos com consciência a teoria da ditadura do proletariado e prosseguirmos a revolução sob essa ditadura, a nossa causa socialista poderá conquistar novas vitórias, ainda maiores.

A DITADURA DO PROLETARIADO E A GRANDE REVOLUÇÃO CULTURAL

Artigo de Tchong Che, do
Hongqi n°1 de 1976, publica-
do na revista chinesa *Pékin*
Information, n°7, de 16 de
Fevereiro de 1976.

Por ocasião do 4º aniversário da Revolução de Outubro Lenine, educador revolucionário do proletariado, proferiu esta frase muito famosa: *«Quanto mais esta grande data se afasta de nós, mais claro se torna o papel da revolução proletária na Rússia, e mais profundamente, também, reflectimos sobre a experiência prática do nosso trabalho, considerado no seu conjunto»*. Frase verdadeira também para a China, no que respeita à vitória nacional da revolução de democracia nova alcançada em 1949, no que respeita à Grande Revolução Cultural Proletária, cuja influência à medida que passa o tempo, se revela cada vez mais manifesta na consolidação da ditadura do proletariado, no progresso da causa socialista e em todos os outros domínios.

Uma grande revolução para consolidar a ditadura do proletariado

A teoria da ditadura do proletariado é a essência do marxismo. Lenine notava que *«a ditadura do proletariado, é a guerra mais heróica e a mais implacável da nova classe contra o inimigo mais poderoso, contra a burguesia, cuja resistência é decuplicada pelo facto do seu derrubamento (apenas o foi num só país) e cujo poder não reside apenas na força do capital internacional, na força e na solidez das ligações internacionais da burguesia, mas ainda na força do hábito, na força da pequena produção. Porque, infelizmente, resta ainda no mundo uma muito, muito grande quantidade de pequena produção: ora, a pequena produção gera o capitalismo e a burguesia constantemente, em cada dia, em cada hora, duma forma espontânea e em vastas proporções. Por todas estas razões, a ditadura do proletariado é indispensável.»* (A Doença Infantil do Comunismo (O «Esquerdismo»)

Afirmção muito clara: após a tomada do poder político pelo proletariado, os latifundiários e a burguesia abatidos não deixaram de transformar a sua esperança de restauração em tentativas de restauração; os novos elementos burgueses — que aparecem constantemente — lançaram ataques contra o sistema socialista. É a razão por que, se o proletariado não instaura a sua ditadura, não poderá manter o seu poder, não poderá vencer a burguesia, nem edificar e consolidar o socialismo. É a razão por que, durante todo o período histórico do socialismo, e particularmente após a realização fundamental da transformação socialista do sistema de propriedade dos meios de produção, reconhecer ou não a existência das classes e a luta de classes, manter ou não a ditadura do proletariado, constitui uma questão de importância superior, que determina o futuro e o destino do nosso Partido e do nosso País, o futuro e o destino do proletariado e do povo trabalhador. Precisamente nesta

questão fundamental, a clique dos renegados revisionistas soviéticos traiu inteiramente o marxismo-leninismo, fazendo do primeiro país socialista que existiu, um Estado social-imperialista. Opondo-se-lhe numa luta de todos os momentos o Presidente Mao continuou a defender e desenvolveu as teorias marxistas-leninistas sobre a revolução proletária e a ditadura do proletariado. Depois, partindo do balanço do conjunto das experiências da ditadura do proletariado na história — experiências positivas ou negativas no seu desenvolvimento —, avançou esta teoria capital: o prosseguimento da revolução sob a ditadura do proletariado. Dotou por outro lado o nosso Partido duma linha fundamental para todo o período histórico do socialismo; dirige-o, como dirige o povo inteiro, na luta para consolidar e reforçar esta ditadura: é assim que o nosso país alcança a garantia de que poderá progredir sempre na via socialista.

A Grande Revolução Cultural Proletária, pessoalmente desencadeada e conduzida pelo Presidente Mao, é uma grande revolução conduzida pelo proletariado contra a burguesia e contra todas as outras classes exploradoras nas condições do socialismo; uma revolução duma extrema importância para o reforço da sua ditadura e a prevenção de um retorno ao capitalismo. Após a realização fundamental da transformação socialista do sistema de propriedade dos meios de produção no nosso País, o Presidente Mao dirigiu o conjunto do Partido e do povo numa sucessão de lutas destinadas a combater a burguesia e o revisionismo — do combate contra os direitistas burgueses em 1957 à luta contra a clique antipartido de Peng Teh-huai em 1959, do grande debate sobre a linha geral para a edificação socialista ao movimento de educação socialista conduzido nas cidades e no campo. Todas terminaram com esplendorosas vitórias.

Mas, tal como indicaria em Fevereiro de 1967, no decurso de uma conversa, *«no passado, conduzimos a luta*

nos campos, fábricas e meios culturais, empreendemos o movimento de educação socialista, sem conseguir contudo resolver o problema, porque não tínhamos encontrado uma forma, um método que permitisse mobilizar abertamente as largas massas, em todos os domínios, a partir da base, para que elas denunciem o nosso lado sombrio». Esta forma vai encontrá-la, de acordo com a teoria da revolução e da ditadura proletárias, e após ter estabelecido o balanço das experiências adquiridas nas lutas passadas: será a Grande Revolução Cultural Proletária — consequência manifesta da luta encarniçada e prolongada que existe durante todo o período do socialismo entre as duas classes, entre as duas vias e entre as duas linhas, revolução que ia permitir ao combate que opõe o proletariado à burguesia e o marxismo ao revisionismo avançar um grande passo. Contribuiu na teoria como na prática para enriquecer e desenvolver a tese marxista sobre a ditadura do proletariado. «A Grande Revolução Cultural Proletária em curso é completamente indispensável e não pode ser mais oportuna para consolidar a ditadura do proletariado, impedir a restauração do capitalismo e edificar o socialismo.» Eis o que a nossa realidade provou totalmente.

Destruição dos dois quartéis-generais da burguesia

Através desta revolução foram desmantelados os complots de Liu Chao-chi e de Lin Piao que visavam restaurar o capitalismo: a ditadura do proletariado na China foi consolidada.

Sabemos que no interior do País, os latifundiários e a burguesia derrubados procuram constantemente operar uma restauração: toda a história da luta de classes depois da fundação da China nova o testemunha; sabemos que novos elementos burgueses aparecem e que a luta entre as duas classes e as duas vias na sociedade encontra necessariamente

o seu reflexo no seio do Partido. No plano internacional, o imperialismo e o social-imperialismo, pelas suas actividades subversivas e de agressão contra a China, tentam necessariamente encontrar agentes nas fileiras do nosso Partido. Uma vez assim infiltrados, estes representantes da burguesia aplicam-se em prosseguir linhas revisionistas e contra-revolucionárias, a fim de modificar a linha fundamental do Partido e o sistema socialista. Quando a ocasião se apresentar, não hesitarão em se apoderar do poder político, a fim de transformar a ditadura do proletariado em ditadura da burguesia. Assim o fizeram Liu Chao-chi e Lin Piao. Não pouparam qualquer esforço para difundir a «teoria da extinção da luta de classes», ou a das «forças produtivas», para alcançarem o seu objectivo de restauração do capitalismo. A partir da parte do poder que detinham, exerceram uma ditadura burguesa em certos domínios da superestrutura, mas esforçando-se por outro lado por mudar a natureza da propriedade socialista da nossa base económica. Daí esta observação do Presidente Mao por altura da primeira sessão plenária do Comité Central saído do IX Congresso do Partido: «Ao que parece, se não se faz a Grande Revolução Cultural Proletária, isto não anda porque a nossa base não é sólida. A julgar pelo que observei, não dizemos na totalidade nem na esmagadora maioria, mas, creio, numa maioria bastante grande das fábricas, a direcção não está nas mãos de verdadeiros marxistas nem das massas operárias». O problema é que os dirigentes destas unidades «seguem a linha outrora avançada por Liu Chao-chi».

Graças à Grande Revolução Cultural Proletária, destruímos dois quartéis-generais da burguesia, dirigidos por Liu Chao-chi e Lin Piao, estigmatizámos a fundo as suas linhas revisionistas e contra-revolucionárias, depurámos as fileiras do Partido de um punhado de renegados, de agentes secretos e de responsáveis irremediavelmente comprometidos na via capitalista, e esmagámos a sua

manobra de retorno ao capitalismo. Tais são algumas das gloriosas vitórias da Grande Revolução Cultural Proletária.

Reforço da ditadura integral sobre a burguesia

A Grande Revolução Cultural Proletária reforçou a ditadura integral do proletariado sobre a burguesia na superestrutura, incluindo os domínios culturais, e consolidando assim a nossa base económica socialista. A experiência histórica da revolução chinesa prova-o: não basta conduzir a revolução socialista unicamente na frente económica. Esta não teria então qualquer poder. Importa que ela seja igualmente empreendida numa forma radical nas frentes política e ideológica. Porque, embora privada de meios de produção, a burguesia conserva ainda grandes vantagens nos domínios da cultura e do ensino e, apoiando-se nestas «posições hereditárias», prossegue a sua luta contra o proletariado. Antes da Grande Revolução Cultural, Liu Chao-chi e os seus acólitos despenderam grandes esforços para tomar nas mãos todos os sectores ideológicos de toda a superestrutura, com vistas a restaurar o capitalismo em diversos departamentos que controlavam, exerciam uma feroz ditadura contra-revolucionária sobre o proletariado. Esta situação ia ser severamente criticada pelo Presidente Mao, que sublinhou então que o Ministério da Cultura, *«se não muda, deveria voltar a ser baptizado como ministério dos imperadores e altos dignitários, ministério dos donzéis e das donzelas e ainda ministério das personagens estrangeiras dos tempos volvidos»*. Quanto ao Ministério da Saúde Pública, dirá ele, seria também preciso mudar-lhe o nome e chamar-lhe *«ministério da saúde para os senhores da cidade»*. Enfim, falando do meio de ensino, dirá que *«é inadmissível que os intelectuais burgueses continuem a reinar nas nossas escolas»*.

Segundo o marxismo a base económica determina a

superestrutura mas, em certas condições, esta chega a desempenhar um papel principal e decisivo: logo que a política, a cultura e outros domínios da superestrutura entravam o desenvolvimento da base económica, uma renovação nestes domínios torna-se principal e decisiva. Ora como poderíamos mudar um estado de coisas onde a burguesia exerce uma ditadura sobre o proletariado nos meios da cultura e do ensino senão tivéssemos lançado a partir da base uma vasta e profunda Grande Revolução Cultural? Como poderíamos consolidar a ditadura do proletariado e a base económica socialista? Através da Grande Revolução Cultural, criticámos a fundo as linhas revisionistas de Liu Chao-chi e de Lin Piao, varremos as imundícies deixadas pela burguesia e pelas outras classes exploradoras, e colocámos de novo entre as mãos do proletariado as posições ocupadas pela burguesia. Seguindo a directiva do Presidente Mao: *«A classe operária deve exercer a sua direcção em tudo»*, a classe operária e os seus aliados mais seguros — os camponeses pobres e médios da camada inferior — subiram à cena política da superestrutura; um grande número de novidades socialistas desenvolveram-se poderosamente; uma profunda transformação interveio no conjunto da superestrutura, transformação que joga a favor do proletariado; e uma situação revolucionária, plena de vitalidade, apareceu.

Mas devemos estar conscientes de que a luta neste domínio permanecerá ainda aguda e complexa, e de que a burguesia, não se resignando seguramente à sua derrota, não abandonará jamais esta posição de sua própria vontade. A Grande Revolução Cultural foi lançada a partir dos meios da cultura e do ensino. Ora, é igualmente por isso que a burguesia procura negá-la e voltar à carga. É a razão por que temos que aplicar firmemente a linha revolucionária proletária do Presidente Mao, e no conjunto da superestrutura, conduzir até ao seu termo a revolução socialista — revolução no

ensino, revolução literária e artística, revolução da saúde pública, etc.

Edificar uma muralha de bronze para combater e impedir o revisionismo

A ditadura do proletariado é uma ditadura das massas, uma ditadura da maioria sobre uma minoria: é o que a distingue fundamentalmente da de todas as classes exploradoras: aí reside a fonte do seu poder. Uma total mobilização das massas é necessária se se quer construir uma muralha de bronze para combater e impedir o revisionismo e consolidar realmente a ditadura do proletariado. Ora o comprometimento directo de centenas de milhões de homens na luta para consolidar a ditadura do proletariado foi um traço saliente da Grande Revolução Cultural Proletária. *«Jamais um movimento de massas teve tanta amplitude e profundidade»*, dirá o Presidente Mao. Foram várias centenas de milhões que exprimiram as suas opiniões, a colocar *dazibaos* e a participar nos debates, vários milhões confundidos num poder gigantesco que, num lapso de tempo, destruiu vários «reinos independentes» revisionistas em certas regiões, e retirou as muralhas até então obstinadamente estabelecidas pela burguesia em certos departamentos. Ninguém saberia apagar as façanhas memoráveis deste movimento de massas. No decurso da Grande Revolução Cultural, as massas populares educaram-se profundamente no marxismo, no leninismo, no pensamento de Mao Tsé-tung. Elas compreenderam esta verdade: *«a justeza da linha ideológica e política é determinante em tudo»*, verdade que elevou a sua aptidão para distinguir o marxismo e o revisionismo, a linha justa da linha errada, sob a ditadura do proletariado. Lenine disse: *«Nada tem uma importância comparável a esta educação directa das massas... no próprio decurso da luta revolucionária.»* (*«Jornadas revolucionárias»*) Temperados

pela Grande Revolução Cultural, são cada vez mais numerosos os camaradas, de todos os horizontes, que defendem o marxismo e combatem o revisionismo, mesmo no meio do ensino, onde *«os preconceitos burgueses estão particularmente enraizados»*. (Lenine, «Discurso na Conferência da Rússia das direcções do ensino político das secções de província e de distrito da instrução pública») Isso exercerá uma influência profunda e durável na luta para combater e impedir o revisionismo, no cumprimento da tarefa que é a consolidação da ditadura do proletariado em cada unidade.

Neste sentido, contra o revisionismo, para impedir o seu aparecimento, para consolidar a ditadura do proletariado, a Grande Revolução Cultural Proletária permitiu-nos acumular experiências muito preciosas para a luta ulterior. Enquanto forma do prosseguimento da revolução sob a ditadura do proletariado, o seu significado estender-se-ia a todo o período histórico do socialismo. O Presidente Mao sublinhou: *«O nosso País pratica no momento actual o sistema mercantil e o sistema de salários é desigual, há salários de oito escalões, etc. Tudo isso apenas se pode restringir sob a ditadura do proletariado. É a razão por que, se pessoas como Lin Piao acedem ao poder, lhes é muito fácil instaurar o regime capitalista.»*

O aparecimento do revisionismo não é um acaso e esta proposta indica-o: possui uma profunda fonte social. As classes, as contradições de classes e a luta de classes existem na sociedade socialista, como o direito burguês, o terreno e as condições que dão o nascimento ao capitalismo e à burguesia, tal como existe o perigo de uma restauração do capitalismo. E em razão disso a Grande Revolução Cultural Proletária foi pois completamente indispensável.

OS PROLETÁRIOS SÃO OPTIMISTAS REVOLUCIONÁRIOS

Artigo de Pi Cheng, do
Hongqi, nº. 8, de 1976, pub-
licado na revista chinesa
Pékin Information, nº36, de
6 de Setembro de 1976.

A luta pessoalmente desencadeada e dirigida pelo Presidente Mao contra o desvio de direita que contestava as conclusões justas destruiu as manigâncias de Teng Siao-ping — o principal responsável do Partido comprometido na via capitalista e não arrependido —, manigâncias que visavam o derrubamento da ditadura do proletariado e o retorno ao capitalismo. Isto constituiu uma nova grande vitória sobre a burguesia no seio do Partido. Vitória que se sucedeu ao desmantelamento dos quartéis-generais burgueses de Liu Chao-chi e de Lin Piao no decurso da Grande Revolução Cultural Proletária. É certo que o processo da nossa luta contra esta burguesia continuará longo e complexo, e que o risco de restauração capitalista acompanhará a totalidade do período histórico do socialismo; esta tendência geral do desenvolvimento

histórico e inelutável, como o são a derrota da burguesia e o triunfo do proletariado.

O triunfo da revolução sobre a reacção

O aparecimento de uma burguesia no seio do Partido, a existência de contradições e de luta no Partido, são factos objectivos. Nada se pode desenvolver fora de uma luta entre contradições internas. O Partido não é uma excepção à regra. E, como o indicava Engels: «*O desenvolvimento do proletariado é sempre acompanhado por lutas internas.*» «*Os que, como Marx e eu, combateram toda a sua vida os pretensos socialistas mais do que quaisquer outros (porque nós visámos a burguesia apenas como classe e quase nunca travámos com ela combates isolados), esses não ficarão demasiado desolados por ver rebentar a inevitável luta.*» («*Carta de Friedrich Engels a A. Bebel*») E falando da luta que se trava contra a burguesia no seio do Partido, o Presidente Mao sublinhará com força: «*Sem luta, não há progresso.*» «*Com uma população de oitocentos milhões de homens, sem luta, como podíamos avançar?*» Os responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista como Liu Chao-chi, Lin Piao e Teng Siao-ping representam o arquétipo dos interesses da antiga e nova burguesia, e de todas as classes exploradoras; eles são as principais forças negativas viradas contra o Partido e pelo derrubamento da ditadura do proletariado. A luta que nos opõe a eles cristaliza a luta entre as duas classes e entre as duas vias no período do socialismo; o seu resultado condiciona o destino e o futuro do nosso País. Se não se denuncia e não se destrói a tempo os seus complots, que visam a usurpação da direcção do Partido e por intermédio disso a tomada do poder, a burguesia exercerá a sua ditadura sobre o proletariado; e este, se não se critica a sua linha revisionista, perderá as conquistas da revolução, arrancadas na

superestrutura e na infra-estrutura. É pois muito claro que fora desta luta, nada poderia avançar convenientemente. É preciso estar profundamente consciente do risco de restauração do capitalismo à qual a burguesia no interior do Partido entende recorrer e, respondendo-lhe taco a taco, com conhecimento de causa, saber que só assim poderemos reforçar eficazmente a ditadura do proletariado, impedir o regresso ao capitalismo e fazer avançar, sem parar, a obra socialista. Não reconhecer a contradição entre proletariado e burguesia, ou iludi-la, ter aversão pela luta contra a burguesia no seio do Partido ou temer conduzi-la não é uma atitude própria de marxistas.

Os proletários são optimistas revolucionários, plenamente confiantes na vitória desta luta. «*Nós falamos muitas vezes da substituição do antigo pelo novo, porque tal é a lei geral e imprescritível do universo.*» (Mao Tsé-tung, *Da contradição*). O novo vencerá o que é decadente, a revolução vencerá a reacção. A burguesia, quer esteja ou não no Partido, é a incarnação das relações de produção corrompidas e constitui uma força reaccionária em decomposição. Que tenha transferido o seu posto de comando para o seio do Partido não manifesta o seu poder, mas testemunha pelo contrário a reputação execrável que está associada na sociedade depois de tropeçar nos nossos ataques, reconhece-se assim incapaz de arvorar a sua própria bandeira e de aparecer unificada, para se medir com o proletariado, à luz do dia e em todos os domínios. Mesmo se dispõe de um certo potencial de reacção e duma força destrutiva contra-revolucionária, esta burguesia no Partido não é mais do que o reflexo da luta desesperada de todas as classes reaccionárias abatidas e agonizantes; idêntica nisto a todas as reacções da história, é mais um tigre de papel e não tem nada que nos possa assustar; o facto de agir contra a corrente histórica e de se empregar em «*manter a ideologia burguesa de opressão e de exploração do proletariado, assim como o regime capitalista*», resulta no seu esmagamento

inelutável pela roda da história. No fim de contas, o regime socialista substituirá o capitalismo; isto está conforme a um processo objectivo que não deve nada à boa vontade humana. O facto de que os chefes de fila da linha revisionista, Liu Chao-chi, Lin piao e Teng Siao-ping, tenham que recorrer, com a voz carregada de desespero, ao ataque e ao denegrimento quezilento da excelente situação da revolução, é incapaz de abalar a determinação do nosso povo de continuar sem nunca se afastar da via socialista e de prosseguir a revolução sob a ditadura do proletariado; isso não poderia de modo algum refrear a sua convicção na vitória.

Nascente de forças

O Presidente Mao indicou: *«é preciso ter confiança nas massas; é preciso ter confiança no Partido: são dois princípios fundamentais. Se temos a menor dúvida a este respeito, seremos incapazes de realizar o que quer que seja»*. (*«Sobre o problema da cooperação agrícola»*) Esta é a fonte de forças inesgotáveis que nos permitirão derrotar a burguesia presente no Partido.

O nosso Partido é uma organização política proletária fundada e constituída pessoalmente pelo nosso grande dirigente, o Presidente Mao. O aparecimento duma burguesia nas suas fileiras não pode mudar a sua natureza de vanguarda do proletariado, nem em nada ofuscar a sua imagem gloriosa. Muito pelo contrário, ousar reconhecer publicamente esta existência e denunciá-la abertamente, é justamente uma manifestação de força e poder. *«A justeza da linha ideológica e política é determinante em tudo.»* A linha revolucionária proletária do Presidente Mao ocupa uma posição dominante e penetra cada dia mais no coração das massas; tal é a garantia fundamental que lhe permite vencer. Após ter desmascarado e criticado, no decurso da Grande Revolução Cultural Proletária, Liu Chao-chi, Lin

Piao e Teng Siao-ping, representantes da burguesia, e os renegados e agentes secretos que protegiam, o nosso Partido depurou-se, fortificou-se e dinamizou-se. Em particular, o balanço da experiência histórica da ditadura do proletariado, no interior e no exterior do País, permitiu-lhe tirar a lição histórica da transformação da União Soviética em país revisionista, e de acumular uma experiência preciosa no decurso da sua luta prolongada contra o oportunismo e o revisionismo. Trata-se duma importante condição se quiser vencer a burguesia presente nas suas fileiras. Há 55 anos que existe, avança através das vagas da luta entre as duas classes e entre as duas linhas. Mas nenhum dos chefes de fila do oportunismo e do revisionismo que, um após outro, se manifestaram para tentar desuni-lo internamente, conseguiu alcançar os seus fins. Muito pelo contrário, a eliminação destes vermes reforçou a sua coesão em torno do Comité Central do Partido, dirigido pelo Presidente Mao, no seu avanço vitorioso, seguindo a linha revolucionária proletária do Presidente Mao. *«Este Partido que é o nosso tem futuro.»* A experiência histórica dá-nos essa convicção.

Os operários, os camponeses pobres e médios da camada inferior são as forças principais graças às quais derrotou a burguesia no seu seio. O Presidente Mao notou-o: *«Após a revolução democrática, os operários, os camponeses pobres e médios da camada inferior não pararam; eles querem a revolução.»* *«Será preciso ainda fazer a revolução durante cem anos? Durante mil anos? Será preciso ainda e sempre fazer a revolução. Há sempre pessoas que se sentem oprimidas; os pequenos funcionários, os estudantes, os operários, os camponeses e os soldados não gostam que as grandes personagens os oprimam, e é por isso que querem fazer a revolução.»* Liu Chao-chi, Lin Piao, Teng Siao-ping e os seus semelhantes, «grandes dignitários» desta burguesia, abusaram do seu poder para praticarem a restauração e a regressão e para se oporem à revolução; oprimiram a

maioria: por essa razão o povo combateu-os e amaldiçoou-os. Na Grande Revolução Cultural Proletária, as massas populares deram provas do seu imenso poder na luta contra esta burguesia. É certo que Liu Chao-chi, Lin Piao e Teng Siao-ping tiveram o seu momento de celebridade, mas isso não impediu a sua queda, uma após outra, quando as massas se levantaram. São várias centenas de milhões de pessoas que lêem e estudam com consciência as obras teóricas para possuir o marxismo, e que participam na grande luta contra o revisionismo, para impedir o seu aparecimento. Assim desenvolveram a sua percepção da luta entre as duas classes e as duas linhas, e estão mais aptas para discernir entre o verdadeiro e o falso marxismo. Fortes por causa duma consciência política elevada, denunciarão, recusarão e estigmatizarão qualquer táctica à qual a burguesia do Partido possa recorrer e qualquer complot que tente urdir — temos disso a convicção absoluta. Nesta grande réplica ao vento desviacionista de direita, um bom número de simples operários, de simples camponeses, de simples combatentes do E. P. L., de simples estudantes ou de quadros de unidades de base não tiveram medo de se levantar com audácia para recusar e criticar o programa revisionista de Teng Siao-ping: «tomar as três directivas como eixo», tornando-se por isso pioneiros na luta heróica contra a sua linha revisionista. Este estado de coisas é satisfatório e encorajador. A história provou, e continuará a fazê-lo, que a grande luta entre o proletariado e a burguesia vê constantemente aparecer entre as massas populares um grande número de militantes de elite fiéis à linha revolucionária do Presidente Mao, assim como milhões de continuadores da causa revolucionária proletária, comprometidos a fundo na grande empresa inaugurada pelos revolucionários proletários da primeira geração.

Os materialistas consequentes não têm nada a temer

«O futuro é radioso mas o nosso caminho é sinuoso.»

(Mao Tsé-tung, *Sobre as negociações de Tchongking*) O optimismo revolucionário do proletariado difere do optimismo cego, porque se alimenta na dialéctica da evolução histórica. Os optimistas cegos não distinguem ou não sabem reconhecer claramente a lei da luta de classes na sociedade socialista. Inclina-se facilmente para o relaxamento da vigilância e caem na teoria da extinção da luta de classes. Ou ainda deixam-se levar pelo pessimismo desde que a revolução esteja sujeita a vicissitudes. Ora, não só devemos encarar o futuro cintilante da revolução e manter uma confiança total na sua vitória, mas também reconhecer os meandros do caminho que ela toma e elevar a nossa combatividade revolucionária, para estarmos prontos a lutar com tenacidade e consciência para as suas brilhantes perspectivas. As classes decadentes são como árvores carcomidas de raízes apodrecidas, não se extirparão nunca por si próprias. Há muito tempo que estão no terreno da história e lançarão recurso de tudo para se agarrarem avidamente e sobreviverem. Um antigo regime nunca desaparece sem uma longa fase de fluxo e refluxo. E cada vez que no passado, um novo regime substituiu um antigo e que uma nova classe triunfou sobre uma classe em decadência, foi através de um processo de lutas, longo e sinuoso. Na China, a revolução, pela qual o sistema feudal substituiu o escravagismo durou 370 anos — de 594 antes de Cristo, ano em que o Estado de Lu começou a cobrar os impostos prediais (Transformação entre o escravagismo onde as terras pertencem à família real, e a sociedade feudal onde se começa a receber o imposto sobre as terras da classe dominante dos latifundiários e em que é reconhecida a sua propriedade privada) até 221 antes da nossa era onde Ts'in Che Huang (primeiro imperador dos Ts'in) realiza a unificação nacional. 370 anos marcados várias vezes pela luta pelo progresso, contra a regressão, pela revolução e contra a restauração, luta que se prolongou durante numerosos anos após a classe dominante dos latifundiários se ter apoderado do poder. Em Inglaterra, em França e nos

Estados Unidos, a revolução burguesa necessitou de respectivamente 48 anos, 86 anos e perto de um século de uma luta complexa. Uma vez que assim é para um processo revolucionário que substitui um sistema de exploração por outro, é normal que a revolução proletária reclame uma duração mais prolongada e seja acompanhada ainda mais de altos e baixos na eliminação da burguesia, de todas as classes exploradoras, de todo o sistema de exploração do homem pelo homem. *«A desordem sobre a Terra engendra a ordem sobre a Terra, disse o Presidente Mao. Ao fim de sete ou oito anos, isto recomeça, os génios malfetores pulam eles próprios para a cena. Isso está determinado pela sua natureza de classe e não podem fazer de outra maneira.»* *«Os responsáveis comprometidos na via capitalista não cessaram de seguir esta via.»* Fenómeno inevitável, enquanto no interior do País existirem as classes, a luta de classes e o direito burguês e exteriormente o imperialismo e o social-imperialismo. A queda de um ou dois chefes de fila da linha revisionista não poderia significar a destruição definitiva da burguesia no seio do Partido ou no seu conjunto. Não se resignarão à sua derrota, reunirão de novo as suas forças contra-revolucionárias e transformarão a sua táctica contra-revolucionária para continuar a desafiar o proletariado. A luta de classes e a luta entre as duas linhas não dependem da vontade humana. Como imaginar o inimigo de classe mudando a sua natureza, os génios malfetores renunciando a entrar na arena e os burgueses, novos e antigos, abandonando os seus complots e o seu trabalho de sapa? Como podemos pensar que travar três ou quatro vezes a luta chegará para abater definitivamente o conjunto da burguesia no seio como fora do Partido e para limpar toda a imundície da antiga sociedade? A renovação constante da luta de classes e da luta entre as duas linhas estão em perfeita conformidade com a lógica das coisas, nada de espantoso nem de inquietante nisso. O Presidente Mao disse: *«Nadando nos rios e nas ribeiras, onde se*

encontram redemoinhos, pode-se fortificar a vontade e a coragem.» Fluxo, refluxo e vicissitudes na luta revolucionária permitem temperar a vontade dos quadros e das massas comprometidas na revolução sob a ditadura do proletariado, permitem dar toda a sua estatura ao seu entusiasmo, reforçar as suas aptidões e elevar a sua capacidade para distinguir o verdadeiro marxismo do falso.

No fim de contas, é um problema de concepção do mundo que a adoptar ou não, para com a luta actual e o futuro da nossa revolução, uma atitude optimista revolucionária. Um optimismo revolucionário, ideologicamente fundado sobre o materialismo dialéctico e o materialismo histórico, enquanto que toda a teoria pessimista do conhecimento não se alimenta senão do idealismo e da metafísica. Alguns dos nossos camaradas sonham, cheios de bons sentimentos, com fileiras revolucionárias eternamente puras, com uma via revolucionária sempre rectilínea. E é a razão por que eles estão ansiosos, e é a razão por que eles perdem de vista as perspectivas magníficas perante as dificuldades. Muitas vezes, quando analisam a situação da luta revolucionária, sobrestimem as forças do adversário e subestimem as do povo; ao ponto de estabelecer uma avaliação irrealista. Muito simplesmente porque a sua maneira de raciocinar no exame dos problemas é em grande parte subjectiva, superficial e unilateral; eles não chegam a discernir a natureza do aspecto nem a corrente principal das correntes secundárias. Também, quando encaram a luta de classes e o futuro da evolução social, caem facilmente sob a influência das concepções pessimistas espalhadas pela burguesia. A respeito destas calamidades naturais também é necessário adoptar uma atitude optimista revolucionária e fazer prevalecer o heroísmo revolucionário. Nem as calamidades naturais nem o sismo nos podem refrear: *«A vontade do homem triunfa sobre a natureza»*, tal é o incontestável *«medo.»* (Mao Tsé-tung, *Intervenção na conferência nacional*

do Partido Comunista Chinês sobre o trabalho de propaganda») Para sermos optimistas revolucionários proletários, temos que ser materialistas consequentes. E para isso, devemos estudar atentamente o marxismo, o leninismo, o pensamento de Mao tsé-tung, participar activamente na luta ardente das massas, alimentar-nos copiosamente com elementos políticos nutritivos, aprofundar conscienciosamente a nossa concepção do mundo e proceder constantemente à eliminação da influência do idealismo e da metafísica. Assim poderemos valorizar o nosso espírito revolucionário, reforçar a nossa confiança na vitória sobre a burguesia no interior do Partido, e constituir a vanguarda na continuação da revolução sob a ditadura do proletariado.

A LUTA NO SEIO DO PARTIDO E O DESENVOLVIMENTO DO PARTIDO

Artigo de Tche Heng, do *Hongqi*, nº7 de 1976, publicado na revista chinesa *Pékin Information*, nº34 de 23 de Agosto de 1976.

Celebramos o LV aniversário da fundação do Partido Comunista Chinês, animados de um orgulho revolucionário proletário e na excelente situação devida às grandes vitórias alcançadas na luta para criticar Teng Siao-ping e replicar ao desvio de direita que contestava as conclusões justas. A este respeito, o Presidente Mao deu uma série de directivas importantes que constituem um desenvolvimento superior da teoria marxista-leninista, tanto no que respeita à luta de classes, como à ditadura do proletariado e ao Partido. Aprofundar o estudo destas instruções, fazer o balanço da experiência da luta entre as duas linhas no seio do Partido e combater incansavelmente a burguesia nas suas fileiras, permitirá reforçar consideravelmente a sua edificação ideológica e organizativa e fazer progredir a grande obra comprometida sob a direcção para o prosseguimento da revolução sob a ditadura do proletariado.

*A luta no interior do Partido
está de acordo com a
lei geral do desenvolvimento de um
Partido proletário*

Engels escreveu: *«O desenvolvimento do proletariado acompanha-se por toda a parte de lutas internas.»* (*«Carta a Augusto Bebel»*) E o Presidente Mao indicou: *«Se não houvesse no Partido contradições e lutas ideológicas para as resolver, a vida do Partido chegaria ao fim»* (Sobre a Contradição) *«Sem a luta não há progresso.»* Síntese da experiência histórica adquirida no movimento comunista internacional e acumulada pelo nosso Partido, estas observações dos nossos educadores revolucionários proletários esclarecem as leis gerais que regem o processo do progresso e desenvolvimento do proletariado e do seu Partido; é necessário compreendê-las e ensiná-las para criticar em profundidade a linha revisionista de Teng Siao-ping, para reforçar a edificação do Partido e promover o seu desenvolvimento.

O Partido da classe operária é produto, do mesmo modo que é instrumento, da luta que trava contra a burguesia; o seu aparecimento resulta desta luta de classes cuja existência se acompanha pela luta nas suas próprias fileiras — ela própria reflexo da luta de classes. Assim, o P.C.C. é a vanguarda do proletariado chinês. Durante a revolução democrática, foi sob a sua direcção que o nosso povo conduziu os combates prolongados e as guerras revolucionárias que iam culminar com o derrube da dominação reaccionária do imperialismo, do feudalismo e do capitalismo burocrático — período assinalado pelas lutas entre as duas linhas no seio do Partido em torno das questões da frente unida e da luta armada. Depois, com o advento da revolução socialista, tornando-se a contradição principal da sociedade a contradição entre o proletariado e a burguesia, a luta de linhas no interior do Partido nunca

cessaria em torno do ponto seguinte: que via tomar, a do socialismo ou a do capitalismo? Esta luta prosseguirá durante todo o período histórico do socialismo. E não se pode cingir à necessidade da existência e da luta no seio do Partido — e fazendo isto preparar-se ideologicamente para a duração prolongada de um tal fenómeno no qual deve edificar-se e desenvolver-se o Partido — senão examinando a via interna a partir da luta de classes.

Ora, nas condições do socialismo, esta luta no interior do Partido opõe essencialmente os marxistas aos responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista — a burguesia no seio do Partido —, reflecte o antagonismo de duas classes, o proletariado e a burguesia. Sendo a característica destes responsáveis aproveitar o poder que detêm para aplicar uma linha revisionista, é, por consequência, sobre a luta entre as linhas, marxista e revisionista, que se cristaliza a luta de classes no seio do Partido. Em 1964, anotando um documento relativo ao movimento de educação socialista, o Presidente Mao escrevia: *«A classe dos burocratas, por um lado, a classe operária e os camponeses pobres e médios da camada inferior, por outro, são duas classes em oposição aguda.»* *«transformados ou em vias de se transformarem em elementos burgueses que sugam o sangue dos operários, como poderiam estes quadros dirigentes comprometidos na via capitalista compreender suficientemente a necessidade da revolução socialista? Essas pessoas são o alvo da luta, o alvo da revolução; no movimento de educação socialista, não devemos em nenhum caso apoiar-nos neles. Não podemos contar senão com os quadros que não têm ódio aos operários e que são animados por um espírito revolucionário.»* O estudo desta observação, capital, deve permitir-nos adquirir uma melhor compreensão desta tese judiciosa: a burguesia *«está no Partido Comunista»*.

Para a «classe dos burocratas», e os «quadros dirigentes comprometidos na via capitalista», o Presidente Mao

formula noções de classe bem precisas que designam os responsáveis comprometidos na via capitalista. Por outras palavras, a burguesia existe no Partido durante o período do socialismo. Estão neste caso Liu Chao-chi, Lin Piao e Teng Siao-ping, burgueses no seio do Partido que, submetendo a classe operária, os camponeses pobres e médios da camada inferior à opressão política e à exploração económica, se colocavam no coração de uma situação de luta de classes aguda, na qual se tornavam, desde então, o alvo principal da revolução socialista. Detentores de um muito grande poder no Partido e no Estado, puderam definir e pôr em prática uma linha revisionista partindo do topo para a base, e operar activamente um retorno ao capitalismo na superestrutura e na infra-estrutura económica, tentando transformar a ditadura do proletariado na da burguesia. Eles e os seus semelhantes são, por consequência, mais agressivos e mais perigosos do que a burguesia no exterior do Partido. Daí a importância de saber denunciar a natureza reaccionária e burguesa destes responsáveis comprometidos na via capitalista, de compreender bem que a luta no seio do Partido é uma séria luta de classes, de assegurar a vitória da linha revolucionária proletária do Presidente Mao sobre a linha revisionista da burguesia.

*Conduzir a vida interna do
Partido de acordo com a
dialéctica materialista*

Alguns pensam que não devem existir nem contradições nem lutas no Partido Comunista e que este deve ser de uma pureza absoluta, uma vez que é a vanguarda do proletariado. Uma tal concepção, ilusão ingénua, opõe-se à dialéctica materialista. «A lei da contradição inerente às coisas, aos fenómenos, ou lei da unidade dos contrários, é a lei fundamental da dialéctica materialista». (Mao Tsé-tung: *Da Contradição*) Um divide-se em dois é válido para todas as coisas

no mundo. A pureza é relativa, mas a ausência de pureza é absoluta. Entre os dois aspectos da contradição existem, por sua vez, unidade e luta, e é precisamente isso que impulsiona as coisas e os fenómenos a moverem-se e a mudarem-se. Tal é a lei fundamental de todo o desenvolvimento, incluindo o do Partido. Porque ele não está no vazio.

Vive numa situação de luta de classes complexa. No decurso da revolução democrática, em particular na altura em que a revolução atingia o seu auge — e como a torrente que arrasta por sua vez e inevitavelmente «os peixes e os dragões», «a areia e o lodo» — um número ínfimo de agentes secretos, de traidores e de elementos estrangeiros ao proletariado infiltraram-se nas suas fileiras, além de certas pessoas que, aceitando mais ou menos o seu programa mínimo, entraram, com as ideias da revolução democrático-burguesa na cabeça. Nada disso é de espantar. Mas, após a libertação, veremos as suas fileiras dividirem-se cada vez mais com o aprofundamento gradual da revolução socialista, e um certo número dos seus membros agarra-se à posição da burguesia recusando proceder à sua refutação ideológica. Pretenderão ficar por aí, até se oporem à revolução socialista, para se transformarem finalmente em responsáveis comprometidos na via do capitalismo. A existência de classes, da luta de classes, do direito burguês e da influência da burguesia e do revisionismo internacional gera no Partido novos elementos burgueses. E as contradições que se manifestam no seu seio entre proletariado e burguesia traduzem-se necessariamente por uma luta de classes entre as duas linhas nas suas próprias fileiras: só se pode desenvolver e progredir através delas.

O Presidente Mao teve sempre o cuidado de construir o nosso Partido guiando-o na sua actividade de acordo com a dialéctica materialista, desenvolvendo-o e fazendo-o progredir na luta. Falando da consolidação do Partido no decurso da Grande Revolução Cultural Proletária, disse: «O

homem tem artérias e veias que, por intermédio do coração, permitem a circulação do sangue, e respira pelos pulmões, expirando o gás carbônico e inspirando o oxigénio fresco; é rejeitar o que está alterado e absorver o novo. Da mesma maneira, um Partido proletário deve rejeitar o que está alterado e absorver o novo para ser pleno de dinamismo. Sem rejeitar os resíduos e absorver o sangue novo, o Partido não poderia ser dinâmico.» Metáfora familiar e figurativa que põe à vista a dialéctica das contradições no seio do Partido e esta lei objectiva: este não pode arrancar o seu dinamismo senão de uma luta constante no seu seio. A classe dos proprietários de escravos, a classe dos latifundiários e a burguesia eram activas, revolucionárias, avançadas, verdadeiros tigres — antes da sua tomada do poder, e também depois, durante um certo tempo. Mas mais tarde transformaram-se gradualmente no seu contrário, até ficarem reaccionárias, retrógradas, tigres de papel e obstáculos ao desenvolvimento social e ao sentido da história. O proletariado é a *«classe mais clarividente, a mais desinteressada, aquela cujo espírito revolucionário é o mais consequente»* (Mao Tsé-tung, *Sobre a Ditadura Democrática e Popular*), classe ardente, avançada, na luta pelo comunismo, alcançando o poder, não fez mais do que estimular a sua revolução, como no princípio de uma longa marcha, de acordo com a sua missão histórica, que é conduzir até ao seu termo a revolução socialista e eliminar as classes. Um Partido proletário deve cristalizar em si tais características de classe, educar o proletariado e as massas populares, de modo a que compreendam a sua missão histórica e lutem incansavelmente pela sua realização. Ora ele não está à altura de conservar e de irradiar a sua natureza proletária e o seu espírito revolucionário consequente senão no combate. Sem conduzir a luta nas suas fileiras, sem assegurar a vitória da linha revolucionária do Presidente Mao sobre a linha revisionista dos responsáveis comprometidos na via capitalista, mudaria de

natureza desde que a linha revisionista nele viesse a predominar. Assim o P.C.U.S., fundado e dirigido por Lenine, transbordava de dinamismo. Mas depois da sua direcção ter sido usurpada por uma clique de renegados, transformou-se num Partido revisionista, partido burguês, partido fascista e força política o mais reaccionária e apodrecida possível. A julgar pelas experiências acumuladas na história, positivas e negativas, nos planos nacional e internacional, não fica claro que é capital conduzir a luta no seio do Partido para reforçar a edificação e para combater e evitar o revisionismo?

A divergência de princípio entre as duas linhas quanto à edificação do Partido

Persistir ou não na luta no seio do Partido constitui uma divergência de princípio entre a linha do Presidente Mao e a linha revisionista em matéria de edificação do Partido. Impulsionados pelos imperativos da sua política contra-revolucionária, Liu Chao-chi, Lin Piao, Teng Siao-ping e outros chefes de fila da linha revisionista tornaram-se apóstolos furiosos da teoria da extinção da luta de classes, ora negando o conteúdo de classe das lutas no Partido — qualificadas de conflitos entre pessoas — ora acusando-os de «criar contradições» e recusando reconhecer-lhes existência peremptória no seu seio. Todos estes absurdos se inscrevem na profunda traição da doutrina marxista-leninista sobre a ditadura do proletariado e da teoria da edificação do Partido. Preconizando a extinção da luta de classes nesta questão, os chefes de fila da linha revisionista recorrem de facto a uma dupla tática: cobrir hipocritamente os seus ataques insensatos contra o Partido e contra o proletariado. Assim, sob o pretexto de que é preciso saber «sofrer a injustiça no interesse geral», Liu Chao-chi dedicou-se a proteger um punhado de renegados e de fanáticos seus devotos para constituir um quartel-general

burguês. Quanto a Lin Piao, organizava um golpe de Estado armado contra-revolucionário e projectava calcar aos pés o proletariado, pretendendo que a «paz entre as duas partes conduz à fraternidade». E Teng Siao-ping, que nega a existência de luta de classes no seio do Partido, avançou o seu «tomar a três directivas como eixo», esse programa revisionista, redobrando de esforços para constituir «grupos de vingadores» chamados sem perda de tempo a pôr de novo em causa as conclusões da Grande Revolução Cultural – ao mesmo tempo que tentava ajustar as suas contas. É claro que se estes chefes de fila da linha revisionista no Partido tinham tanto empenho em deformar e apagar a luta no seu seio, é porque procuravam desarmar ideologicamente os membros, para os tornar indiferentes ante a gravidade da luta de classes e a luta entre as duas linhas, a fim de ter as mãos livres para um retorno ao capitalismo e uma transformação da natureza proletária do nosso Partido e do nosso Estado. Eis quem nos ensina pela negativa a obrigação de aprofundar a crítica da linha revisionista de Teng Siao-ping e a necessidade de continuar a liquidar a influência nefasta da teoria da extinção da luta de classes.

Para conduzir a revolução à vitória, um Partido deve apoiar-se na justeza da sua linha política e na solidez da sua organização.» (Mao Tsé-tung; *Da Contradição*) Devemos constantemente reforçar a sua unidade e conduzir a nossa causa revolucionária a vitórias ainda mais brilhantes, perseverando na luta para criticar a linha revisionista, segundo a justa linha do Presidente Mao. Ora, para se opor a esta, Liu Chao-chi, Lin Piao, e Teng Siao-ping, chefes de fila da linha revisionista, entregaram-se invariavelmente, no plano organizativo, à sabotagem contra-revolucionária da unidade do Partido, na tentativa ilusória de cindir o seu Comité Central, dirigido pelo Presidente Mao. Quem se preocupa por pouco que seja com a unidade do Partido deve, pois, lutar resolutamente contra tais condutas

cisionistas. O reforço desta unidade na base da linha revolucionária do Presidente Mao impõe-nos aprofundar a crítica a Teng Siao-ping, eliminar a sua influência nociva e continuar a conduzir a bom termo a luta contra o desvio de direita. No decurso desta luta, devemos aplicar a política que sempre manteve o Presidente Mao: discernir atentamente os dois tipos de contradições de natureza diferente, adoptar os métodos correctos, criticar resolutamente a linha revisionista de Teng Siao-ping e aplicar aos quadros em falta o princípio de *«tirar a lição dos erros passados para lhes evitar que se repitam»* e *«curar a doença para salvar o homem»*. Esta crítica e a luta contra o desvio de direita desenrolam-se sob a direcção única dos comités do Partido em todos os escalões e não se devem organizar nem companhias nem «equipas de combate». As organizações do Partido devem materializar o princípio: *«fazer a revolução e promover a produção, melhorar o nosso trabalho, preparamo-nos activamente na previsão de uma guerra»*, apoiar com calor as inovações socialistas, permanecer vigilantes no que respeita ao inimigo de classe que provocará sarilhos e se entregará à sabotagem, e assegurar a marcha contínua de todo o nosso trabalho, seguindo a linha revolucionária do Presidente Mao.

O nosso Partido e o futuro

No decurso de uma viagem de inspecção efectuada em Agosto e em Setembro de 1971 em diferentes regiões, o Presidente Mao disse: *«Nós cantamos a Internacional há cinquenta anos, e no nosso Partido encontraram-se por mais de dez vezes pessoas que procuraram criar a cisão. Na minha opinião, isso poder-se-á repetir ainda dez vezes, vinte vezes, trinta vezes, não acreditam? Podeis não o acreditar, eu, em todo o caso, penso assim. As lutas desaparecerão com o advento do comunismo? Estou convencido que não.»*

«Favê-las-á ainda sob o comunismo, só que serão lutas entre o novo e o antigo, entre o que é justo e o que é errado, é tudo. Mesmo dentro de dezenas de milhar de anos, o que é errado não será tolerado e nunca permanecerá de pé.» Depois, na luta para responder ao desvio de direita que contestava as conclusões justas, indicava ainda: *«Será preciso ainda fazer a revolução durante cem anos? Durante mil anos? Será preciso ainda e sempre fazer a revolução.»* Teses brilhantes, alimentadas por um optimismo revolucionário próprio do proletariado e que anunciam que a luta de classes no seio do Partido e a luta entre as duas linhas prosseguirão ainda durante muito tempo. Na história, para vencer as classes contra-revolucionárias, as classes revolucionárias tiveram sempre de seguir o processo dum longa série de provas de força. É inconcebível que o proletariado possa derrubar definitivamente a burguesia e todas as classes exploradoras, substituir a ditadura da burguesia, pela sua ditadura, assegurar a vitória do socialismo sobre o capitalismo e realizar o comunismo, sem passar pelas lutas experimentadas e graves, sem transpor caminhos de combates sinuosos e difíceis. Todos os verdadeiros marxistas se devem lançar com ardor e confiança na luta revolucionária para preparar um futuro brilhante; iludir as contradições, deixar-se dos combates é um estado de espírito que não lhes pertence.

«Este nosso Partido tem futuro», disse o Presidente Mao. Se atravessou várias grandes lutas entre as duas linhas no decurso dum meio século, e viu surgir nas suas fileiras diferentes chefes de fila da linha revisionista, nenhum de entre eles pôde entrar a marcha impetuosa da causa revolucionária do proletariado. Graças à vitória da linha justa do Presidente Mao sobre as linhas oportunistas, o nosso Partido conduziu todo o povo na grande vitória da revolução de democracia nova e da revolução socialista. Saiu da Grande Revolução Cultural mais homogêneo, mais poderoso, mais considerado e mais

desenvolvido. O proletariado e as largas massas populares querem prosseguir a revolução; são quem decide da orientação da história, e não as forças ou os grupos sociais partidários do regresso e do retorno ao passado, incluindo a burguesia no seio do Partido. Invencível é a linha revolucionária do Presidente Mao, porque está de acordo com a lei objectiva do desenvolvimento da história e com os interesses fundamentais do proletariado e das largas massas populares. Inversamente, os chefes de fila da linha revisionista no seio do Partido, que representam a burguesia, vão contra a história; nem a verdade nem a vontade do povo estão do seu lado. Estão extremamente isolados e, por consequência, votados ao fracasso. Enquanto mantivermos a linha revolucionária do Presidente Mao, enquanto perseverarmos na filosofia de luta, enquanto permaneceremos unidos em torno do Comité Central do Partido, tendo à cabeça o Presidente Mao conduziremos a causa revolucionária do proletariado à vitória total. Por muito numerosos que sejam os combates, por muito diversas que sejam as suas formas, o complot de restauração urdido pela burguesia está condenado a uma lamentável derrota.

AS MASSAS SÃO OS VERDADEIROS HERÓIS

Editorial do *Renmin Ribao*
de 29 de Maio de 1976. Publicado no *Pékin Information*
nº 23, de 7 de junho de 1976.

Ao abrir os jornais nestes últimos tempos, pode-se ver constantemente notícias sobre acções de camaradas de unidades de base que, desde o ano passado, fizeram frente, com inteiro conhecimento de causa, ao vento desviacionista de direita que queria pôr em causa as conclusões justas e que tinha sido levantado por Teng Siao-ping. De tudo isso tiram-se grandes lições e um grande encorajamento.

Todos sabem que os professores e os estudantes revolucionários tanto das universidades de Tsinghua e de Pequim, como do Instituto de Agronomia de Tchaoyang, não deixaram de reagir contra a linha revisionista de Teng Siao-ping. Eis alguns exemplos disso:

Quando o programa «tomar as três directrizes como eixo» chegou à mina de chumbo e de zinco de Tchaio, numa região montanhosa do norte de Liaoning, os membros do Comité do Partido da mina, sob a direcção do seu secretário, dedicaram-se a estudar as directrizes do Presidente

Mao, o que lhes permitiu permanecer firmes perante este sinistro programa. Adoptaram, aliás, a resolução que, para o futuro, em todas as circunstâncias, a propósito de artigos, de discursos ou de relatórios, não se falaria de «tomar as directrizes como eixo», mas se permaneceria fiel aos ensinamentos do Presidente Mao, segundo os quais se deve tomar como eixo a luta de classes; perseverar na linha fundamental do Partido.

No último Verão, a velha fórmula de Teng Siao-ping «tomar as três directrizes como eixo» chegou à fábrica de aço nº5 de Xangai. Houve quem perguntasse a um camarada do grupo de estudo de Teoria da oficina, nº2: «É correcto tomar as três directrizes como eixo?» Não, isso não está de acordo com os ensinamentos habituais do Presidente Mao», respondeu ele categoricamente. Em Julho passado, durante uma reunião de quadros da fábrica de acessórios Singhuo, em Xangai, o secretário duma célula da Liga da Juventude Comunista declarou, claramente: «Tomar as três directrizes como eixo é opor-se, de facto, a colocar a politica no posto de comando, tanto no domínio económico como na profissão».

Quando ouviu falar de «tomar as três directrizes como eixo», o secretário da célula do Partido na brigada de produção de SiaoKintchuang em Tientsin, achou a formulação singular; por isso não a comunicou às massas, e ainda menos a aplicou no trabalho. Quando Teng Siao-ping fez passar este vento sinistro da calúnia sobre Siaokintchuang, a célula do Partido não deixou de continuar a fazer avançar o trabalho em todos os domínios, e os camponeses pobres e médios resistiram, dizendo: «mesmo que fosse 'um tufão de energia 12' ter-se-ia entrado nele».

Em Setembro último, tendo tomado conhecimento dum discurso de Teng Siao-ping que acabavam de lhe comunicar, um soldado de vinte e dois anos da VI Companhia duma unidade da guarnição de Wuan

notou que Teng Siao-ping não tinha mencionado, nem a luta de classes nem a linha política, mas que se tinha alongado sobre «voltar a pôr em ordem», pretendendo que a rude batalha a dirigir era a «batalha do aço» e outras palavras diametralmente opostas aos ensinamentos do Presidente Mao. Comparando-as à fórmula «gato branco, gato preto, utilizada por Teng Siao-ping, compreendeu que esta é um problema de importância a respeito da linha política. Foi então que ele escreveu ao Presidente Mao para lhe expor o seu ponto de vista.

Poder-se-ia aumentar esta lista com outros exemplos.

O nosso grande dirigente, o Presidente Mao, disse-nos sempre que as massas eram os verdadeiros heróis. Durante a Grande Revolução Cultural Proletária, ele deu o seu apoio repetido ao espírito criador das massas populares, descobriu, sintetizou e generalizou numerosas inovações, fazendo assim progredir interruptamente a revolução. Durante a crítica actual contra Teng Siao-ping e a resposta ao vento desviacionista de direita, o presidente Mao indicou de novo que *«as massas são os verdadeiros heróis, enquanto nós somos duma ingenuidade ridícula»*; e que *«geralmente os subordinados têm um nível melhor que os seus superiores, e as massas, do que os dirigentes; os dirigentes não valem os simples trabalhadores, porque se afastam das massas e carecem de experiência prática* Os factos apoiaram perfeitamente esta verdade do materialismo histórico que o Presidente Mao enunciou de forma penetrante, e demonstraram que, depois de aguerridas na Grande Revolução Cultural Proletária, as massas tomaram melhor consciência da luta de classes e da que existe entre as duas linhas; que elas são capazes de reconhecer o verdadeiro marxismo do falso; que elas imunizaram e se levantaram cada vez mais contra o revisionismo. Com tais massas heróicas, o nosso Partido e o nosso País conhecerão grandes realizações, grandes esperanças.

Porque é que os trabalhadores vulgares, estes quadros das unidades de base ousaram lutar contra a linha revisionista de Teng Siao-ping? Porque eles seguiram sem desvios a teoria do Presidente Mao sobre a continuação da ditadura do proletariado. Graças à Grande Revolução Cultural, eles conservaram bem na cabeça as análises do Presidente Mao sobre as classes, sobre a luta de classes na sociedade socialista, assim como os ensinamentos de nunca esquecer essa luta. Eles querem fazer a revolução e caminhar em frente. Eles pedem a limitação progressiva do direito burguês e a supressão, em todos os domínios, da superestrutura assim como da infra-estrutura, «vestígios da antiga sociedade», para que a burguesia não possa mais, nem existir nem tornar a aparecer. Eles compreendem que seguir a via socialista corresponde ao desejo fundamental das massas populares, que representam mais de 95 % da população; que é preciso levantar-se contra os responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista, praticistas da linha revisionista que, trabalhando para a regressão e para a restauração, se mantêm no extremo oposto das largas massas populares. Este espírito revolucionário proletário é muito precioso — é preciso que toda a gente o tome como modelo.

As massas populares não se contentam em combater energicamente o revisionismo, sabem também muito bem descobri-lo. É porque elas se aplicam para isso a armar-se do marxismo, do leninismo, do pensamento de Mao Tsé-tung. Assim que a mercadoria revisionista de Teng Siao-ping saiu do cesto, que os camaradas mencionados pressentiram alguma coisa de suspeito. Isto foi possível porque eles se aplicaram no estudo das obras de Marx, Engels, de Lenine, de Staline e das do Presidente Mao, porque eles se aplicaram no estudo das obras de Marx, Engels, de Lenine, de Staline e das do Presidente Mao, porque eles se apropriaram dos conceitos fundamentais do marxismo. É com efeito pelo marxismo que, tal como um telescópio e

um microscópio, permite simultaneamente alargar o seu horizonte e agudizar a sua vista, e também quaisquer que sejam os disfarces, os subterfúgios dos revisionistas, de os mostrar claramente. A luta entre as duas linhas não se vê? Devemos fatalmente deixar-nos arrastar desse modo? Não, a questão é saber se se *«lê e estuda conscientemente para dominar bem o marxismo»*.

Desde o início da Grande Revolução Cultural Proletária, que o Presidente Mao sublinhou que tal linha e tal conceito deviam ser explicados constantemente e de forma repetida e que *«era necessário dá-los a conhecer às grandes massas revolucionárias»*. Quando nos pedia para compreendermos melhor porque é que Lenine disse que era necessário exercer a ditadura sobre a burguesia, o Presidente Mao fazia notar que *«isso deve ser levado ao conhecimento de todo o país»*. No seu apelo para criticar o Chuei Hu (À Borda da Água), insistiu *«para que todo o povo saiba o que são os capitulacionistas»*. O Presidente Mao deu assim parte às massas da luta que se desenrola entre as duas linhas no seio do Partido; mobilizou o povo em centenas de milhões de homens para denunciar e criticar o revisionismo. Isto é uma nova experiência, duma experiência extrema, para a continuação da revolução sob a ditadura do proletariado. Devemos valorizá-la plenamente no movimento actual das críticas contra Teng Siao-ping. Críticas conduzidas sob a direcção dos Comités do Partido nos diversos escalões. Os dirigentes devem seguir o exemplo das massas, e os superiores dos seus subordinados. É preciso mobilizar sem reservas as massas, fazer irradiar o seu espírito criador e pôr em comum o seu saber, guiá-las na sua marcha em frente na linha revolucionária do Presidente Mao, fazer com que condenem a linha revisionista contra-revolucionária de Teng Siao-ping e levem a termo a grande luta de resposta ao vento desviacionista de direita que queria pôr em causa as conclusões justas.

OS COMUNISTAS AO SERVIÇO DA GRANDE MAIORIA

Artigo de Yué Hai, publicado
na revista chinesa *Pékin Infor-
mation* n^o26, de 28 de Junho
de 1976.

Pôr-se ao serviço da grande maioria, na China e em todo o mundo, é o objectivo do nosso Partido e é também a regra de conduta de todos os seus membros que queiram verdadeiramente dedicar-se à causa do comunismo.

A propósito destas condições requeridas para ser dignos continuadores da revolução proletária, o Presidente Mao faz do desejo de servir a grande maioria ou a minoria um importante critério entre marxistas e revisionistas; ensina-nos com efeito que *«é preciso lutar pelos interesses da grande maioria da população da China e do mundo e não para uma minoria, para as classes exploradoras, para a burguesia, para os latifundiários, os camponeses ricos, os em que classe nos colocamos. Nós, comunistas, devemos permanecer solidamente ao lado do proletariado, trabalhar sem cessar no interesse da grande maioria, seguir a linha marxista-leninista, prosseguir a revolução sem nunca*

paramos pelo caminho.

Hoje que conduzimos a grande luta contra o vento desviacionista de direita que queria voltar a pôr em causa as conclusões justas, revemos este ensinamento do Presidente Mao, examinamos quem quer servir os responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista, mostramos à luz do dia o carácter de classe destes representantes da burguesia; isso poderá esclarecer-nos de forma muito útil pelos exemplos positivos e negativos.

Traição dos responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista

Quais são os interesses essenciais, durante o período histórico do socialismo, dos operários, dos camponeses pobres e médios da camada inferior, assim como dos outros trabalhadores que constituem a esmagadora maioria da população? É, sob a direcção do Partido Comunista — vanguarda do proletariado — o prosseguimento da revolução sob a ditadura deste último, até à supressão de todas as classes, de todas as diferenças de classe, e por fim a realização do comunismo. Na véspera do nascimento da China nova, o Presidente Mao declarava perante todo o Partido que a vitória da revolução democrática *«não é mais do que o primeiro passo duma longa marcha de dez mil lis»* (*«Relatório à segunda sessão plenária do Comité Central saído do VII Congresso do Partido Comunista Chinês»*), que o caminho a percorrer seria bem mais longo, as tarefas bem maiores, bem mais rudes. Com o regime socialista, o Presidente Mao dizia-nos que era preciso considerar a sociedade socialista através da lei da unidade de contrários; que era preciso compreender que durante este período as classes existiriam e, da mesma forma, as contradições de classe e a luta de classes; que o perigo do retorno ao capitalismo subsistiria e que era preciso continuar a revolução. E eis que um Teng Siao-ping, esse responsável

irredutivelmente comprometido na via capitalista, traiu estes interesses fundamentais dos proletários e dos outros trabalhadores. Para salvaguardar os interesses da burguesia, pôs tudo em movimento para consolidar e ampliar o direito burguês, aplicou uma linha revisionista e tentou em vão restaurar o capitalismo e fazer caminhar a história em sentido contrário.

Nas suas importantes directivas em relação à Teoria, o Presidente Mao nota: *«Numa palavra, a China é um país socialista. Antes da libertação, era com pouca diferença como o capitalismo. Ainda agora, se pratica o sistema de salários em oito escalões, a repartição segundo o trabalho, a troca por intermédio do dinheiro, e tudo isso não difere nada da antiga sociedade. A diferença é que o sistema de propriedade mudou.»* Acrescenta: *«O nosso País pratica no momento actual o sistema marcantil, e o sistema dos salários é desigual, há salários a oito escalões, etc. Tudo isso, não se pode restringir senão sob a ditadura do proletariado. Por essa razão, se pessoas como Lin Piao chegam ao poder é-lhes muito fácil instaurar o regime capitalista. Devemos pois ler ainda mais obras marxistas-leninistas.»* Hoje, nós contruímos ainda um Estado burguês sem capitalistas no qual o direito burguês subsiste; o que constitui uma importante base económica para a criação de novos elementos burgueses. Tudo isso não difere nada da antiga sociedade. É-nos, pois, preciso lutar durante muito tempo e restringir o direito burguês sob a ditadura do proletariado. Apenas assim poderemos provocar progressivamente condições tais que a burguesia não possa nem sobreviver, nem reformar-se, e alcançar o nosso grande objectivo, o comunismo.

Os marxistas mantêm constantemente uma atitude crítica a respeito do direito burguês, que consideram como um «mal» inevitável no período socialista, mas que é preciso limitar e eliminar gradualmente. Por seu lado, os revisionistas consideram este direito como sacrossanto;

também dão o seu melhor para o consolidar e alargar. Porquê? Porque a sua existência constitui o terreno, as condições propícias ao renascimento do capitalismo e da burguesia, assim como o refúgio dos revisionistas, o seu meio de assegurar a restauração e a regressão. O direito burguês utiliza uma igualdade aparente para esconder uma desigualdade real; deste modo desenvolvê-lo é aumentar as desigualdades reais. Os que aspiram a reencontrar o capitalismo servem-se do sistema mercantil e das trocas pelo dinheiro para tentar apropriar-se dos bens do Estado e da colectividade pelas vias legais ou ilegais; do mesmo modo que aproveitam este direito burguês no domínio da repartição e nas relações humanas para praticar os «estimulantes materiais» e alargar os desvios entre escalões. É deste terreno, que «não difere nada da antiga sociedade», que nascem os novos elementos burgueses.

O direito burguês representa, não só o solo que pode fazer renascer a burguesia na sociedade, mas também um terreno favorável à mudança dessas pessoas no Partido — desejosos de preservar e de aumentar o direito burguês — em elementos burgueses no seio do Partido. Os responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista são novas ervas venenosas saídas deste solo. Lenine tinha, aliás, indicado, após a vitória da revolução de Outubro: *«E os que consideram a vitória sobre os capitalistas do ponto de vista dos pequenos proprietários: eles embolsaram, agora é a nossa vez: dão origem a uma nova geração de burgueses.»* (Sessão do Comité Executivo Central da Rússia) E os responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista, ei-los que representam esta «nova geração de burgueses». Com mais altas funções, melhores salários e uma boa existência, eles já não querem fazer a revolução; o que eles querem é conservar o que já têm, e tentar ter ainda mais. É a razão por que velam naturalmente pelos interesses da nova e da velha burguesia, de que fazem parte, e se põem de acordo para restabelecer o capitalismo. Por outro lado,

desde que se lancem no revisionismo, *«conduzem o proletariado a conformar-se com os interesses egoístas da burguesia e do seu Partido político»* (Mao Tsé-tung: *«Para o aparecimento da revista O Comunista»*), traem o proletariado e a sua posição de classe para ir ao encontro da burguesia.

Isto vê-se claramente no caso de Teng Siao-ping que, de «companheiro de caminho» do Partido Comunista durante o período da revolução democrática, tornou-se na época da revolução socialista um representante da burguesia no seio do Partido. Aderiu ao Partido Comunista já com ideias de direito burguês, quer dizer, com a segunda intenção de obter um alto posto bem remunerado e de ter, chegado o momento, uma parte do bolo; para ele, a revolução não era mais do que um trampolim para satisfazer a sua ambição. Uma vez vitoriosa a revolução democrática não lhe restava mais do que aproveitar-se dela política e materialmente. Quando a revolução socialista progrediu e o direito burguês foi cada vez mais restringido, tornou-se, então, em guarda e defensor deste último, atacando com todas as suas forças a Grande Revolução Cultural Proletária e as inovações socialistas — que desbaratam o direito burguês; quis ajustar contas e pôr de novo em causa as conclusões justas, conclusões que esta revolução estabeleceu; graças ao direito burguês, reagrupou um bando, que também seguia a via capitalista, com o qual criou um «comando» destinado a instalar de novo o capitalismo; aproveitando o direito burguês que existe nas relações entre homens, semeou a discórdia entre quadros veteranos e jovens quadros, provocou assim o ataque às forças revolucionárias novas: pelo engodo do direito burguês, tentou fazer dos intelectuais especialistas burgueses em busca das «três celebridades» e das «três grandes vantagens» (tornar-se célebre como escritor, como encenador ou como actor, e atingir salários, indemnizações e prémios elevados), etc. Fazendo isto, tornou-se por consequência no Partido o

representante dos interesses da burguesia e um perfeito traidor dos interesses revolucionários do proletariado.

Uma luta inevitável

Os responsáveis do Partido que se comprometeram na via capitalista, uma vez que representam os interesses da burguesia e que pertencem eles próprios à classe burguesa no seio do Partido, não podem senão estar em contradição aguda com os operários, os camponeses e os soldados, com os quadros e intelectuais revolucionários. E estas contradições encerram de uma forma condensada a luta entre as duas classes, entre as duas vias e entre as duas linhas tal como ela se desenvolve ao longo do período do socialismo; da mesma forma que reflectem no Partido as que, na sociedade, dividem as classes. Os operários, os camponeses e os soldados, os quadros e os intelectuais revolucionários querem prosseguir a revolução; querem reduzir o direito burguês; querem edificar o socialismo e alcançar o comunismo, enquanto que os responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista, esses senhores revisionistas, querem preservar, em seguida alargar o direito burguês e regressar ao capitalismo. A luta entre eles é a de duas classes antagónicas; e continuará durante muito tempo na sociedade socialista. Os segundos, revisionistas que são, não podem com efeito senão procurar sufocar o desejo popular de revolução. Os primeiros, que não gostam de ser oprimidos por estas grandes personagens, não têm outra escolha senão fazer a revolução. Tal é a conjuntura em que arrancou a luta contra o desvio de direita. Logo que Teng Siao-ping, desejoso de defender os interesses da burguesia, içou o seu pavilhão negro das «três directivas como eixo», brandiu a sua matraca para «assegurar a ordem» e deitou por toda a parte a sua rede, o povo revolucionário apenas se podia orientar para a luta resoluto contra ele.

O Presidente Mao notou recentemente: «*Conduz-se a*

revolução socialista, e nem sequer se sabe onde está a burguesia; ora ela existe no Partido Comunista, são nomeadamente os responsáveis comprometidos na via capitalista. Eles não cessaram de seguir essa via.» Nesta directiva, mostra-nos claramente o carácter de classe dos partidários da via capitalista, representantes da burguesia; e diz-nos sem ambiguidades que essas pessoas se encontram no Partido durante a revolução socialista. E Teng Siao-ping, o irreductível seguidor da via capitalista que levantou o vento desviacionista de direita, é o representante em chefe desta burguesia no seio do nosso Partido. Lenine ensinou-nos que para analisar todos os problemas da sociedade, é preciso «*tomar de uma vez para sempre como fio de Ariana a divisão da sociedade em classes, a mudança das formas de dominação de classe*» («*Do Estado*»). Se, a partir deste fio de Ariana, se examinarem os responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista, dá-se perfeitamente conta de que concentram os interesses da burguesia, da antiga e da nova, de que são os representantes do Partido, e pode também ver-se manifestadas as suas características de classe nos domínios da política, da economia e da ideologia. Por que razão, politicamente, assumem uma posição reaccionária e burguesa, se opõem à linha revolucionária proletária do Presidente Mao, ao Comité Central do Partido que este dirige, ao sistema socialista de ditadura do proletariado, e se obstinam em aplicar uma linha revisionista, retrógada? Por que razão, no plano económico, empregam todas as suas forças em consolidar, alargar o direito burguês, sabotam a base económica socialista, praticando tanto quanto se pode os estimulantes materiais, e pondo o lucro no posto de comando, nos seus vãos esforços para transformar a propriedade socialista em propriedade capitalista? Por que razão, no domínio ideológico, se comprometem na sua concepção burguesa do mundo, defendem os conceitos, na cultura, os usos e os

costumes de outrora, todas as formas feudais, burguesas e revisionistas, instilam o veneno da doutrina confucio-menciana destinada a abrir a porta a uma restauração do capitalismo? Isso só se pode explicar pelo carácter de classe representativo da burguesia. com a penetração da revolução socialista, *«uma forma nova, superior, de luta (do proletariado) contra a burguesia e inscreve-se na ordem do dia»* (V. Lenine: *«As tarefas imediatas do poder dos Sovietes»*). Precisamos de, compenetrados dos perigos e dos riscos que representam estes responsáveis, conduzir contra eles uma luta decidida, assegurar-nos de que o poder de todas as organizações do Partido e de todos os organismos do Estado está solidamente nas mãos de verdadeiros marxistas-leninistas, e de modo nenhum usurpado pela burguesia.

Continuar indefectivelmente a revolução

Logo que o proletariado tomou o poder, o Partido Comunista tornou-se o partido detentor desse poder. A questão essencial, então, é de saber se os comunistas e em particular os da direcção, estão dispostos do mesmo modo a comportar-se correctamente face postos que o Partido e o povo lhes confiaram, bem como ao poder e à honra que lhes são atribuídos — e isso está ligado a esta questão de princípio, de saber se são capazes de continuar a revolução e de servir os interesses da grande maioria. O Presidente Mao colocou o seguinte: *«O poder, quem no-lo deu? Foi a classe operária, são os camponeses pobres e meio-pobres, as massas trabalhadoras que formam mais de noventa por cento da população.» «Nós, comunistas, não aspiramos a tornar-nos grandes dignitários»; queremos fazer a revolução. Cada um de nós deve estar animado de um espírito revolucionário consequente e não deve em nenhum momento distanciar-se das massas.»* Ao conquistar o poder e ao exercê-lo, o proletariado entende servir-se desta arma

poderosa para aplicar a ditadura integral sobre a burguesia, de modo a vir a suprimir todas as classes, todas as diferenças de classe e a realizar o comunismo. Não é permitido a ninguém usar do poder confiado pelo povo para servir os interesses privados duma minoria, para estender o direito burguês, para facilitar o nascimento de uma nova burguesia. São numerosos os quadros de elite do Partido que, segundo os ensinamentos do Presidente Mao, souberam restringir a si próprios o direito burguês, continuam a fazer trabalho manual, continuam próximos das massas; que são funcionários sem lhes tomar as maneiras, que não utilizam o poder para si próprios, que não reclamam privilégios a pretexto da sua posição e que se abrem de todo o coração para a grande maioria. Mas existem os que, partindo de posições burguesas, agem de uma forma completamente diferente. Segundo eles, participar na revolução é um «investimento», de que eles querem tirar «lucro»; consideram que exercer o poder, é ser um «grande dignitário»; que é preciso obter privilégios; que as vantagens materiais que lhes dá o povo são um «usufruto» natural; recorrem mesmo a meios ilegais para procurar benefícios pessoais e fazer do poder que exercem um verdadeiro «capital». À medida que sobem de posto e o seu poder aumenta, estas pessoas tornam-se mais ávidas, mais ásperas, e inevitavelmente praticam o revisionismo e comprometem-se na via capitalista. É a razão por que precisamos de estar particularmente vigilantes. Se um quadro *«não quer senão 'aproveitar' as vantagens que lhe confere a situação de membro do Partido governamental, não quer dar-se ao trabalho de trabalhar com abnegação para o comunismo»* (V. Lenine, *«O Estado operário e o salário do Partido»*), não é mais um membro do Partido; se ainda por cima se recusa a corrigir-se acabará por se lançar contra as massas e a história rejeitá-lo-á.

Se um membro do Partido quer servir a maioria, o que lhe falta afinal, é acelerar a transformação da sua concepção

do mundo; o Presidente Mao dá uma grande importância a isso, e sublinhou a este respeito que *«não só aqueles cuja posição fundamental não mudou: todos devem aprender a reeducar-se»* (*«Intervenção na Conferência Nacional do Partido Comunista Chinês sobre o trabalho de propaganda»*). Se se tem uma concepção burguesa do mundo, é fácil sofrer a influência do revisionismo, seguir a linha revisionista, manter-se do lado da burguesia, voltar as costas aos objectivos e à linha do Partido, ver degenerar em revisionismo — o que não é raro na história das lutas que separam as duas linhas no seio do nosso Partido. Teng Siao-ping dá-nos um bom exemplo. Também nós devemos, nas lutas revolucionárias, conformar-nos aos ensinamentos do Presidente Mao, estudar conscienciosamente o marxismo, o leninismo e o pensamento de Mao Tsé-tung, aplicar-nos a refazer a nossa concepção do mundo, a eliminar a influência das ideias do direito burguês, romper radicalmente com as ideias tradicionais, para podermos ser o comunista que luta de todo o coração no interesse da grande maioria da população chinesa e do mundo, que consagra toda a sua vida à emancipação da humanidade inteira.

APAGAR A DISTINÇÃO ENTRE SOCIALISMO E CAPITALISMO É INADMISSÍVEL

Artigo de Kin Tche-pai, publicado na revista chinesa *Pékin Information*, nº 16, de 19 de Abril de 1976.

Refutação da fórmula «gato branco, gato preto»

No decurso da luta contra o vento desviacionista de direita que pretendia voltar a pôr em causa as conclusões justas, o Presidente Mao desmascarou e censurou Teng Siao-ping, o responsável comprometido na via capitalista que recusa emendar-se, que se opõe a que a luta de classes seja tomada como eixo, que pratica o revisionismo. O Presidente Mao declarou que *«ele não dá qualquer importância à luta de classes, jamais mencionou este eixo. E mantém a sua fórmula 'gato branco, gato negro', sem distinção entre o imperialismo e marxismo»*. A fim de prosseguir a linha fundamental do Partido e de levar até ao fim a revolução socialista, importa que nos atenhamos a

esta importante directiva, que reprovemos a fórmula reaccionária «gato branco, gato negro», que distingamos marxismo e revisionismo, socialismo e capitalismo e imperialismo.

*Circunstâncias do aparecimento da fórmula
«gato branco, gato preto» e o que ela contém*

«Branco ou negro, um bom gato é o que apanha os ratos». Esta frase reaccionária foi pronunciada em 1961. Na época, a sabotagem devida ao facto da clique renegada soviética de Krutchev, assim como de graves calamidades naturais, tinha causado dificuldades temporárias à nossa economia; a luta entre as duas classes, entre as duas vias e entre as duas linhas era além disso muito aguda, muito encarniçada. Perante estes problemas, os inimigos de classe — no interior como no exterior — rejubilavam maldosamente porque a nossa economia se encontrava «à beira da ruína» e pensavam que a China socialista se ia desmoronar. Fazendó eco destes brados, os chefes de fila da linha revisionista no nosso próprio Partido, asseguravam que estas dificuldades eram devidas ao regime socialista, à linha política, aos princípios e às decisões do Partido; mas estavam muito longe de mencionar as sabotagens feitas pelos revisionistas soviéticos, e as calamidades naturais. Avaliavam mal a situação: acreditando que o dia do regresso ao capitalismo tinha chegado, atacavam furiosamente o socialismo. Liu Chao-chi, renegado, agente do inimigo e traidor à classe operária, esfalfava-se dizendo que «é preciso um recuo suficiente na agricultura como na indústria e fixar as normas de produção por família e segundo o trabalho individual». Do mesmo modo, Lin Piao, arrivista e conspirador burguês, propunha que de entre todos os tipos de relações de produção existentes no mundo, «se escolhesse o que favorecesse o aumento da produção». O que queriam essas pessoas era estabelecer o modo de produção

capitalista. É em tais circunstâncias que Teng Siao-ping se fez notar, ele também, declarando que «branco ou negro, um bom gato é o que apanha ratos». Temendo não ser compreendido, dava mais esta explicação: «Aparentemente, logo que tais relações de produção são boas, seria preciso sem dúvida colocar-se assim: tais coisas que permitem, desse ponto de vista, retirar facilmente as amarras e desenvolver a produção não terão outro remédio senão ser adoptadas». «A partir do momento que permita aumentar a produção, a actividade individual pode ultrapassar a dificuldade.» Visivelmente, segundo ele o regime socialista não é bom para ninguém que «não possa apanhar ratos», enquanto que o regime capitalista lhe é superior, ele que é capaz de «apanhar ratos». Vê-se que queria transformar a nossa economia colectiva em economia privada, e conduzir para a via capitalista uma China nova comprometida na via do socialismo.

O que é que vale mais afinal, o socialismo ou o capitalismo? E para onde irá a China? A resposta é muito simples, porque o Presidente Mao a deu: «*O regime social actual no nosso País é de longe superior ao de outrora. Se assim não fosse, o antigo regime não teria sido derrubado e teria sido impossível instaurar um novo regime. Quando dizemos que, por comparação com as antigas relações de produção, as relações de produção socialistas correspondem melhor ao desenvolvimento das forças produtivas, entendemos por isso que lhes permitem a estas desenvolver-se a ritmos desconhecidos na antiga sociedade*» («*Sobre a justa solução das contradições no seio do povo*»). As dificuldades económicas passageiras que o nosso País tinha conhecido nesse momento, não eram mais do que obstáculos a transpor na nossa marcha em frente, e isso podia ser feito sob a direcção do Partido, com a iniciativa das massas populares e pelo próprio regime socialista. Guiados pela linha revolucionária e proletária do Presidente Mao, o nosso Partido e o País inteiro deram à luta de classes o papel de

cixo, criticaram o revisionismo e o capitalismo; asseguraram os princípios de independência e autonomia, contaram com as suas próprias forças, consolidaram e confirmaram o regime socialista pela ditadura do proletariado; aplicaram melhor a política do Partido nos campos; consolidaram a economia colectiva de propriedade em três escalões (sendo a equipa de produção a unidade de cálculo), suscitaram ainda mais a iniciativa socialista das massas. Deste modo, rapidamente se elevou e depois desenvolveu, a economia nacional e a situação melhorou imediatamente. De pois dessa altura o País teve catorze anos seguidos de boas colheitas, enquanto que a produção industrial se eleva de dia para dia. Não mostram, eloquentemente, os factos históricos que, em comparação com o regime capitalista, o regime socialista detém uma força incomparavelmente poderosa? Não será a crítica, a negação fustigante da fórmula «gato branco, gato negro» desprezante para o socialismo e favorável ao capitalismo? A realidade mostra sem objecção que *«só o socialismo pode salvar a China»*. (Ibid.) Se, aplicando o que pretendia Teng Siao-ping, se deixassem «todos os gatos» do capitalismo, se se tolerasse a produção privada, a especulação e a liberdade de empresa, a economia colectiva socialista desmoronar-se-ia, o próprio socialismo terminaria, a ditadura do proletariado degeneraria no nosso País em ditadura da burguesia, e o regresso ao capitalismo, tal como se produziu na União Soviética, repetir-se-ia. Eis o que o nosso povo não pode de modo algum aceitar. Queremos progredir e não retroceder — queremos seguir a via socialista, não a via capitalista.

*«Tomar as três directivas como eixo»
segue a pista da fórmula
«gato branco, gato preto»*

Durante a Grande Revolução Cultural Proletária, a fórmula «gato branco, gato preto» tinha sido censurada

pelas massas revolucionárias. Em palavras, Teng Siao-ping tinha reconhecido que estava «errado» e aceitava «emendar-se». Mas arrependeu-se verdadeiramente? Não, porque reincidiu após ter voltado ao seu posto; daí propagou melhor o seu «gato branco, gato negro» e prosseguiu a via capitalista. O seu programa revisionista para «tomar as três directivas como eixo» prolonga e desenvolve a sua antiga fórmula. Rejeita categoricamente o papel de eixo desempenhado pela luta de classes; nega a existência de classes e da luta entre elas na sociedade socialista — que é contudo um facto objectivo. Pelo contrário, propaga a teoria da extinção desta luta, porque procura de facto «asfixiar» os combates que o proletariado trava contra a burguesia, e impelir esta a recair sobre este.

Por outro lado, avançou outras inépcias semelhantes na esperança de substituir por todo o lado a linha revolucionária e proletária do Presidente Mao pela linha revisionista. Declarou, por exemplo, asperamente que «os que são brancos e rectos são úteis à República Popular da China», que «é preciso protegê-los e louvá-los». Por sua instigação, outras contrateses circularam igualmente, tais como «linha negra ou linha vermelha, só conta a que pode formar homens capazes de fazer coisas». Ser vermelho e perito ou branco e perito, respeita à via socialista ou capitalista. Ora só seguindo resolutamente a primeira, unindo-se sempre às massas operárias e camponesas, tornando-se vermelhos e peritos é que os intelectuais poderão levar a sua contribuição à revolução, à edificação socialistas. Quanto aos intelectuais obstinadamente comprometidos na via capitalista, se eles fossem só «peritos», seriam não só inúteis, mas nocivos ao nosso País que é socialista e está sob a ditadura do proletariado. Como disse o Presidente Mao: *«São pessoas que não gostam do nosso Estado fundado sobre a ditadura do proletariado; eles lamentam a antiga sociedade. À menor ocasião, eles fomentam distúrbios, procuram derrubar o Partido*

Comunista e restaurar o antigo regime. Entre a via do proletariado e a da burguesia, quer dizer entre a via do socialismo e a do capitalismo, eles obstinam-se em querer seguir a segunda.» (*«Intervenção na Conferência Nacional do Partido Comunista Chinês sobre o trabalho de propaganda»*) Os factos não o provaram? Em 1957, se certos direitistas dos meios da cultura, do ensino, das ciências e técnicas estavam gelados no lamaçal antipartido e anti-socialista, é porque tinham começado a tornar-se «brancos e peritos». Foram a base social e o instrumento de regresso ao capitalismo de Liu Chao-chi, Lin Piao e consortes. Dizer que eram úteis, era ver neles o meio de restaurar o capitalismo, de derrubar a ditadura do proletariado. Temperada pela Grande Revolução Cultural Proletária, a esmagadora maioria dos nossos intelectuais fizeram progressos: querem servir o socialismo, integrar-se nas massas operárias e camponesas; mas no seu espírito, conservam ainda ideias burguesas e é preciso que continuem a remodelar a sua concepção burguesa do mundo. Em 1957, o Presidente Mao emitiu este voto sincero de que *«os nossos intelectuais continuem a avançar e que, progressivamente, no decurso do seu trabalho e do seu estudo, adquiram uma concepção comunista do mundo, assimilem o marxismo-leninismo e se fundam em tudo com os operários e os camponeses»*, *«que não fiquem a meio caminho e que, com mais forte razão, não façam marcha atrás, porque isso os conduzirá ao impasse.»* (*«Sobre a justa solução das contradições no seio do povo»*). No momento em que um número sempre crescente dentre eles, seguindo os ensinamentos do Presidente Mao, tendem a tornar-se «vermelhos e peritos», eis que Teng Siao-ping lança de novo a «vantagem» de ser branco e perito — para, na realidade, ir contra a transformação ideológica dos intelectuais que o Partido conduz; queria reconduzir sobre a antiga via revisionista em privilégio antes da Grande Revolução Cultural os que desejam progredir e fazer dela

um instrumento para poder restaurar o capitalismo. Que perfídia!

Por outro lado, avançava constantemente que «era preciso primeiro audácia», é que se devia «conceder-lhe a prioridade». Faz silêncio sobre a classe que se devia servir, que via seguir, que linha aplicar. Segundo ele, é bom, a audácia; na realidade, é a fórmula «gato branco, gato preto». Na sociedade de classes, a «audácia» é uma coisa concreta, não pode ser nem abstracta nem colocada acima das classes. Para nós, trata-se de encorajar o espírito revolucionário e intrépido do proletariado que *«pode colher a lua do alto do firmamento, e tomar a embarcação no fundo dos cinco mares»*. Na longa marcha para o comunismo, não se deve temer a força de nenhum inimigo, nem nenhuma dificuldade, nem nenhum obstáculo, é preciso ousar lutar, ousar triunfar, ousar ir contra-corrente e ousar destruir a ordem antiga na sua totalidade, a fim de deificar um mundo novo. Gritando com toda a força «audácia antes de tudo», «decidir-se a pôr todo o seu coração no trabalho», que procura Teng Siao-ping? Quer encorajar um punhado de impenitentes responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista a bater-se «com todo o seu coração» contra o proletariado, ousar praticar o revisionismo, trazer de volta o capitalismo. A vontade do povo é seguir a via socialista e os que tomam a via capitalista estão completamente isolados e é a razão por que os que querem voltar a pôr em causa as conclusões justas e trabalhar para a restauração, não ousam agir. Perfeitamente consciente disso, Teng Siao-ping preconiza, pois que é preciso «audácia antes de tudo», apoiando-os e impelindo-os assim a agitar este vento desviacionista de direita, a voltar a pôr em causa as conclusões justas da Grande Revolução Cultural Proletária, a vingar-se dela.

Ainda que não se trate de filosofia, a fórmula «gato branco, gato negro» avançada por Teng Siao-ping diz respeito ao problema importante da teoria do conhecimento, a saber a escolha de um critério objectivo da verdade: «Um bom gato é o que ápanha os ratos» não faz mais do que retomar o pragmatismo burguês de triste renome que apoia que «o que é verdadeiro é o que é útil». Ainda que pretendendo colocar-se acima das classes, esta filosofia não é na realidade senão idealismo subjectivo puro e simples. Nega categoricamente o objectivo da verdade, como o facto de que a prática das massas populares constitui o único critério para verificar a verdade. Pelo contrário, toma o que lhe é útil, quer dizer à burguesia, como base de medida do verdadeiro e do falso. Com uma tal concepção reaccionária de «verdade», os falsos ruídos e as mentiras úteis às suas maquinações, a exploração cruel do povo trabalhador para o lucro da burguesia, a teoria da extinção da luta de classes, a teoria das forças produtivas ao serviço do regresso ao capitalismo, tudo isso se tornaria verdade. É claro que esta filosofia está destinada a defender a burguesia e o regime capitalista, que atinge o cúmulo do absurdo e da reacção. Posto ao serviço dos interesses da burguesia e destinado a enganar, o pragmatismo responde bem ao desejo dos revisionistas de provocar a restauração e a regressão, porque é no velho arsenal ideológico da burguesia que estes têm o hábito de colher para atacar o proletariado. Sob a capa de «aumentar a produção», Teng Siao-ping preconiza a exploração individual que permite rejeitar a via socialista: pretextando a «utilidade», opõe «branco e perito» a «vermelho e perito»; sob a capa de «conseguir resolver os problemas», encoraja a «audácia» de que se serve a burguesia para lutar contra o proletariado e para fazer frente à intrepidez revolucionária que este manifesta na luta para derrubar a burguesia e todas as outras

classes exploradoras, e assim por diante. Não é tudo isto pragmatismo burguês? Para combater o socialismo, não teme recorrer a ele — trata-se de encobrir o critério objectivo da verdade, negar a lei objectiva do desenvolvimento da sociedade e rejeitar o método marxista da análise de classe; eis até onde vai a sua degenerescência.

Socialismo e capitalismo são diametralmente opostos e a luta entre eles, sem compromissos, conduzirá ao desenvolvimento de um e à eliminação do outro tendo um vencido o outro; mas todos os revisionistas procuram eliminar esta luta. Como indicou o Presidente Mao: «*Os revisionistas apagam a diferença entre o socialismo e o capitalismo, entre a ditadura do proletariado e a da burguesia. O que eles preconizam é de facto não a linha socialista, mas a linha capitalista.*» (*«Intervenção na Conferência Nacional do Partido Comunista Chinês sobre o trabalho de propaganda»*). Depois «gato branco, gato negro», até «tomar as três directivas como eixo», o processo mostra que Teng Siao-ping tomou sempre uma orientação capitalista, quer dizer revisionista. Esta orientação pretendia negar que a luta entre o proletariado e a burguesia constitui a contradição principal na sociedade socialista, negar que o revisionismo continua a ser o perigo principal, voltar a pôr em causa as conclusões justas da Grande Revolução Cultural Proletária, tirar a sua desforra, de tal modo que possa substituir o regime socialista pelo capitalismo, a ditadura do proletariado pela da burguesia.

É preciso conceder uma importância determinada a tais lições negativas; os revisionistas, os antigos como os novos, recorreram sempre a noções abstractas colocadas acima das classes que apagam as fronteiras entre o socialismo e capitalismo, entre a ditadura do proletariado e da burguesia, isto com o fim de substituir a linha marxista-leninista pela linha revisionista. Quando se opunha à passagem da revolução de democracia nova à revolução socialista, Liu Chao-chi gritava que «a exploração capitalista

não é culpada, ela tem pelo contrário muitos méritos», e que «quanto mais se explora, tanto mais se aproveita o povo» — tudo isso para sabotar a causa revolucionária do socialismo. Eis que nos ensina pela negativa a grande importância que reside em definir um traço bem nítido na luta entre as duas classes e entre as duas linhas.

CRÍTICA DO PROGRAMA: «TOMAR AS TRÊS DIRECTRIZES COMO EIXO»

Artigo da revista chinesa *Pé-kin Information*, nº14, de 5 de Abril de 1976.

Através de toda a China, prossegue-se neste momento a crítica do programa que restaura o capitalismo, formulado pelo responsável do Partido que, sem se corrigir, persiste nesta via.

Génese do Programa Revisionista

Este programa, segundo o qual «é preciso tomar as três directrizes como eixo», foi estabelecido no Verão passado. O seu autor — com um objectivo inconfessado — deformou nele as directrizes do Presidente Mao: a que incide sobre o estudo da teoria da ditadura do proletariado, estudo destinado a combater e a evitar o revisionismo, a que incide sobre a estabilidade e a unidade, e a que incide sobre o desenvolvimento acelerado da economia nacional. Outras tantas coisas que o autor do

programa pôs no mesmo plano, pretendendo que era preciso «tomar as três directrizes como eixo de todo o nosso trabalho».

O Presidente Mao respondeu a isso: *«Que significa 'tomar as três directivas como eixo'? Estabilidade e unidade não querem dizer supressão da luta de classes: a luta de classes é o eixo que arrasta tudo o resto»*. Esta importante declaração dá bem a conhecer o que tem de revisionista um tal programa, negação do papel de eixo da luta de classes — que arrasta tudo o resto. Tratava-se portanto, no fim de contas, de restaurar o capitalismo na China.

Tratava-se ao mesmo tempo de se opor às directivas importantes que o Presidente Mao deu sobre a Teoria, em fins de 1974, quando colocava o seguinte: *«Porque é que Lenine disse que é preciso exercer a ditadura sobre a burguesia? Esta questão deve ser bem compreendida. Se não o fosse, cair-se-ia no revisionismo. Isso deve ser levado ao conhecimento de todo o País»*. *«O nosso País pratica, na hora actual, o sistema mercantil e o sistema de salários é desigual, há salários de oito escalões, etc.. Só se pode restringir tudo isso sob a ditadura do proletariado. É por isso que, se pessoas como Lin Piao chegarem ao poder, lhes é muito fácil instaurar o regime capitalista»*. Tais indicações devem permitir ao nosso povo agir com mais conhecimento de causa, tomando a luta de classes como eixo, mantendo a linha fundamental do Partido, consolidando a ditadura do proletariado, combatendo o revisionismo e impedindo a sua vinda. Mas isso enlouqueceu o responsável do Partido, comprometido na via capitalista mas que recusa emendar-se. Estudo da teoria da ditadura do proletariado pelo conjunto do Partido, do Exército e da população, crítica do capitalismo e do revisionismo, aprofundamento da revolução socialista — tanto na superestrutura como na base económica, — restrição do direito burguês, havia em tudo isso com que inquietá-lo ao mais alto grau. Constrangido

pelas circunstâncias, teve que preparar apressadamente este programa revisionista.

Recusa da Linha Fundamental do Partido

Este programa é revisionista porque trai totalmente as bases da teoria e da prática do nosso Partido, segundo as quais toda a actividade é constantemente centrada na luta de classes.

Até ao fim do período histórico do socialismo, o eixo que arrasta todo o movimento é só um, a luta de classes que o proletariado prossegue incansavelmente contra a burguesia — por outras palavras, a ditadura que exerce sobre ela em todos os domínios. Isso liga-se às próprias relações de classe, e à contradição principal da sociedade socialista.

Em vésperas da fundação da China Nova, na altura da segunda sessão plenária do Comité Central saído do VII Congresso do Partido, o Presidente Mao indicava que, no período que se ia seguir — o período da revolução socialista — a contradição principal no interior do País seria *«a contradição entre a classe operária e a burguesia»*. Depois, em 1972, determinava a linha fundamental do Partido para este período socialista, dizendo que *«a sociedade socialista se estende por um período histórico bastante longo, durante o qual continuam a existir as classes, as contradições de classes e a luta de classes, assim como a luta entre a via socialista e a via capitalista, assim como o perigo dum restauração do capitalismo. É preciso compreender que esta luta será longa e complexa, redobrar de vigilância e prosseguir a educação socialista. É preciso perceber e resolver correctamente os problemas respeitantes às contradições de classes e à luta de classes, distinguir, por um lado, as contradições entre o inimigo e nós, por outro lado, as contradições no seio do povo, depois dar-lhes uma justa solução. Senão, um País socialista como o nosso transformar-se-á no seu contrário: mudará de natureza e verá a restauração do*

capitalismo. A partir de agora, devemos falar desta questão, dia após dia, mês após mês, a fim de ter dela uma compreensão suficientemente clara e de seguir uma linha marxista-leninista».

Durante os vinte e seis anos que se seguiram ao nascimento da China Nova, o Presidente Mao recomendou constantemente, tanto a todo o Partido como a toda a nação, para «*tomar a luta de classes como eixo*»; e ele próprio mobilizou e encaminhou muitas vezes o País para conduzir em direcção da vitória a luta de classes — proletariado contra burguesia. A Grande Revolução Cultural Proletária, começada há dez anos, é um desses combates.

Lenine dizia que «*o oportunismo não estende o reconhecimento da luta de classes até ao que é precisamente essencial, até ao período de transição do capitalismo ao comunismo, até ao período de derrubamento e de supressão completa da burguesia*». (*O Estado e a Revolução*). Foi assim que o responsável em questão fez o jogo do ecletismo, criando uma confusão entre a contradição principal e as contradições secundárias. Deliberadamente, concedeu o primeiro lugar à estabilidade e à unidade, assim como ao desenvolvimento da economia nacional, que qualificou de «eixo». Isto na intenção de apagar a contradição entre o proletariado e a burguesia — o essencial das contradições que existem na sociedade socialista. Pregando o programa que «*toma as três directivas como eixo*», nega-se a existência das classes, da luta entre elas no seio da sociedade socialista e, portanto, nega-se o eixo e a própria luta de classes — quer-se alterar a linha fundamental do Partido.

Recusa sistemática de fazer das classes o eixo

O responsável de que falamos opôs-se sempre à tomada da luta de classes como eixo. Em 1957, depois de ter sido realizada por grosso a transformação socialista da propriedade dos meios de produção, declarou publicamente

que «as classes tinham agora praticamente desaparecido e que portanto, não se devia pôr mais o acento na luta entre elas». Em seguida e antes da Grande Revolução Cultural, associou-se a Liu Chao-chi para elaborar uma linha revisionista e puseram-na em prática. Durante esta revolução, o Partido e as massas revolucionárias denunciaram-no e criticaram-no, querendo fazê-lo sair do seu lodaçal e esperando que se corrigisse. Mas aí está, por mais que jurasse «nunca pôr em causa as conclusões estabelecidas», de facto, uma vez de volta ao seu posto, reincidiu. Este novo programa que elaborou está com efeito na linha do seu pensamento: um revisionismo marcado pela recusa de tomar a luta de classes como eixo.

Representante pessoal da burguesia, não deixa de reclamar que já não vê contradições de classes; e contudo, na China de hoje, subsistem restos destas classes saídas de pequenos proprietários de terras e de compradores; a burguesia sobreviveu, com bom número de pequeno-burgueses e de intelectuais cuja transformação ideológica ainda não foi efectuada com êxito. A pequena produção continua a engendrar o capitalismo e a burguesia constantemente, todos os dias, todas as horas, de uma forma espontânea e em vastas proporções. Há factos incontestáveis. Desde a fundação da China Nova, a luta renovada no Partido entre as duas linhas é aguda. Lenine, que fez uma análise penetrante das contradições de classes durante o período socialista, sublinhava a sobrevivência das classes, dizendo que estas continuariam a existir por muito tempo, mesmo nos países onde o proletariado tomou o poder. A teoria que sustenta a extinção da luta de classes não é senão um engodo. Quando Liu Chao-chi submeteu os revolucionários à repressão para proteger um punhado de renegados e de partidários fanáticos, quando Lin Piao fomentou o seu golpe de Estado armado contra-revolucionário e tramou o derrubamento da ditadura do proletariado, era o caso? E hoje que ele prega por sua vez esta mesma teoria, o

responsável do Partido, comprometido na via capitalista mas que recusa corrigir-se, não faz senão cobrir com uma cortina de fumo a sua tentativa de restauração do capitalismo, para melhor dissimular a ofensiva da burguesia contra o proletariado, para se vingar contra-atacando este último.

Utilização da bandeira vermelha para melhor a combater

Logo que foi elaborado, o programa revisionista do responsável supracitado levantou um vento desviacionista de direita que voltava a pôr em causa as justas conclusões. Assim as actividades restauradoras que se opõem tanto quanto possível à Grande Revolução Cultural Proletária progrediram nos meios do ensino, da ciência, da técnica, etc. Apareceram teorias fraudulentas revisionistas dirigidas também contra a Grande Revolução Cultural Proletária e contra a linha revolucionária do Presidente Mao. E compreendeu-se que, na origem do «vento» estava este responsável do Partido, que recorreu, para enganar e desmobilizar as pessoas, a esta manobra: três directrizes — efectivamente dadas pelo Presidente Mao — mas esvaziando-as do seu conteúdo revolucionário pois colocava-as no mesmo plano; daí o programa revisionista oposto à luta de classes, eixo de todas as coisas.

Lenine dizia que o oportunismo podia exprimir-se pelo intérprete de diversas doutrinas, compreendido em termos marxistas. Acrescentava que *«nos nossos dias, os termos marxistas servem para cobrir a negação total do marxismo»*. (*«O pacifismo inglês e a aversão inglesa pela teoria»*). Os revisionistas são useiros e vezeiros nisso. É uma impostura o realce dado por este responsável — entre as três directrizes — ao estudo da teoria da ditadura do proletariado, à luta contra o revisionismo para o evitar. Na realidade, não só nem estudou nem compreendeu o marxismo-leninismo, como recorreu a tudo para impedir as largas massas de

estudar a teoria da ditadura do proletariado; criticou as inovações socialistas e manifestou a sua crença de ver restringir o direito burguês, de ver reduzir-se a separação entre operários e camponeses, entre cidade e campo, entre trabalho intelectual e manual, de ver diminuir o terreno propício ao capitalismo e à burguesia; nunca disse que actualmente a contradição entre o proletariado e a burguesia representava a contradição principal na sociedade chinesa, nem que o revisionismo era o perigo principal.

Falou, isso é verdade, de estabilidade e de unidade, mas apenas para trabalhar para a sua destruição. Por estabilidade, entendemos aquela que contribui para a consolidação da ditadura do proletariado, e por unidade, a que é realizada a partir da linha revolucionária do Presidente Mao. Do mesmo modo, insistia para que se apoiassem nestes responsáveis comprometidos na via capitalista a quem a Grande Revolução Cultural tinha desagradado e de que eles se queriam vingar; e tinha-lhes dado postos importantes. Por outro lado, esforçaram-se por afastar e atacar, sob diversos pretextos, os antigos e os novos quadros fiéis à linha revolucionária do Presidente Mao, avançando que os jovens não deviam progredir senão «escalão por escalão» — tratava-se de arrebatá-los as suas funções actuais a um grande número de jovens quadros dirigentes e às forças novas, nascidos da Grande Revolução Cultural, o que permitiria sabotar a tripla união dos quadros idosos de meia-idade e jovens que o Presidente Mao preconiza. Numa palavra, tentava, mas em vão, introduzir a discórdia entre os antigos e os novos quadros, para dividir o Comité Central do Partido à cabeça do qual está o Presidente Mao.

Uma outra directriz importante do Presidente Mao é acelerar o desenvolvimento da economia nacional. É preciso fazer do nosso País, antes do fim do século, um Estado socialista poderoso e moderno — o próprio Presidente Mao lançou o seu vasto projecto. De que modernização se trata,

como realizá-la, tais são os problemas que põem em confronto as duas linhas, marxista e revisionista. Ora, o responsável comprometido na via capitalista e não arrependido, esse, exaltou a teoria das forças produtivas; mas nem uma palavra sobre a luta de classes tomada como eixo. Para ele, qualquer via é boa contanto que permita um desenvolvimento acelerado da economia nacional. Mais do que a primazia da política proletária, propôs «os lucros no posto de comando» e «os estímulos materiais»; em vez de se apoiar nas massas, propôs voltar a colocar «os peritos na gestão das fábricas»; em vez de «independência e autonomia, contar com as próprias forças», sugeriu reanimar «o servilismo face a tudo o que é estrangeiro». Assim, se se tivesse agido segundo esta linha revisionista, o sistema de propriedade socialista teria mudado de natureza, as relações entre os homens teriam degenerado em relações de empregador para empregado, o sistema de repartição capitalista teria ressuscitado e as relações de produção socialistas teriam desaparecido. Numa tal hipótese, era impossível acelerar o desenvolvimento económico ou, na verdade, realizando-se durante algum tempo, acabava por falhar; ou, ainda, criava uma modernização imperialista ou social-imperialista. Em todos os casos, a produção teria sido afectada e a marcha em frente das forças produtivas entravada.

A luta de classes acentua-se

A luta que se prossegue contra o vento desviacionista de direita representa a guerra entre o proletariado e a burguesia e um prolongamento, um aprofundamento da Grande Revolução Cultural, já largamente vitoriosa. Este combate mostra que os responsáveis comprometidos na via capitalista prosseguem o seu caminho, que a batalha que os opõe ao povo durará muito tempo ainda e que se repetirá. É esse o ponto crucial da luta de classes durante o período do

socialismo. Neste estádio, alguns não sabem onde está a burguesia. Onde encontrá-la? Certamente na sociedade mas, mais importante, ela existe também no Partido Comunista, onde está representada pelos responsáveis comprometidos na via capitalista, representantes dos interesses da burguesia de ontem e de hoje. Sob a ditadura do proletariado, eis o alvo principal da revolução. O Presidente Mao disse-o prevenindo o nosso povo de que *«é preciso estarmos vigilantes contra o aparecimento do revisionismo entre nós e mais particularmente, no seio do nosso Comité Central»*. Os responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista detêm um grande poder, essas pessoas são as mais perigosas quando praticam o revisionismo.

Todo o País — sob a direcção do Comité Central do Partido à cabeça do qual está o Presidente Mao — está decidido a tomar a luta de classes como eixo, a estigmatizar o programa revisionista deste responsável do Partido, comprometido na via capitalista mas não-arrependido, a conduzir até ao fim esta grande luta contra o vento desviacionista de direita.

DE DEMOCRATAS BURGUESES
A RESPONSÁVEIS COMPROMETIDOS
NA VIA CAPITALISTA

Artigo publicado na revista
chinesa *Pékin Information*,
nº 13, de 29 de Março de
1976.

Desencadeada e dirigida em pessoa pelo nosso grande dirigente, o Presidente Mao, a grande luta para fazer recuar o vento desviacionista de direita que visa pôr em causa as conclusões justas desenvolve-se judiciosamente em todos os domínios da superstrutura, do ensino, da ciência e da técnica, da literatura e da arte. A crítica é dirigida directamente sobre este responsável do Partido comprometido na via capitalista mas que recusa emendar-se e autor do programa revisionista que «toma as três directrizes como eixo». Trata-se de prosseguir e aprofundar a Grande Revolução Cultural Proletária, numa nova prova de força política e ideológica entre proletariado e burguesia, entre socialismo e capitalismo, entre marxismo e revisionismo.

Através desta luta, os nossos quadros e as nossas massas

adquirirão mais conhecimentos do marxismo, do leninismo, do pensamento de Mao Tsé-tung e a sua consciência das lutas — de classes e entre as duas linhas — tornar-se-á ainda mais clara, o que assegurará à revolução e à edificação socialistas uma nova aceleração.

Com o aprofundamento deste debate revolucionário, colocam-se importantes questões que merecem reflexão: porque é que responsáveis que eram revolucionários durante a revolução de democracia nova, se comprometeram na via capitalista durante este período da revolução socialista? Porque é que um responsável impenitente que aí se encontra negou a existência das classes na sociedade socialista, as suas contradições e as suas lutas? Porque se opôs à luta de classes como eixo e à linha fundamental formulada pelo Presidente Mao para o nosso Partido?

Uma análise de classes marxista das origens — de classes e ideológica — deste vento desviacionista de direita permite-nos tirar dele úteis lições.

Na VIII Sessão Plenária do Comité Central saído do VIII Congresso do Partido, em 1959, o Presidente Mao fez esta observação penetrante: os oportunistas de direita no seio do Partido nunca foram revolucionários proletários; não passam de democratas burgueses ou pequeno-burgueses infiltrados nas fileiras revolucionárias do proletariado; nunca foram marxistas-leninistas: vêm apenas fazer um troço da estrada com o nosso Partido. O responsável do Partido, comprometido na via capitalista mas impenitente, é dessas pessoas, que entraram nas fileiras revolucionárias do proletariado conservando a sua ideologia democrata burguesa; que adoptaram mais ou menos o nosso programa mínimo, o da revolução de democracia nova, mas que não quiseram o programa máximo, socialista e comunista. Não compreendendo este, não estão dispostos a aplicá-lo. Por outras palavras, a sua concepção do mundo não é a concepção comunista do mundo que o proletariado realiza, mas uma concepção burguesa. Através da longa luta revolu-

cionária, eles não modificaram, nem a sua posição, nem a sua concepção do mundo burguesas; e quando a revolução passou da etapa de democracia nova à do socialismo, a sua ideologia não tomou esta viragem revolucionária; ficaram na primeira etapa ao entrarem na etapa socialista — daí a sua insatisfação e a sua oposição à revolução socialista. A posição e a concepção do mundo dos democratas burgueses são portanto representativas da burguesia e estão na origem, do ponto de vista de classe e de ideologia, desta manobra desviacionista de direita que quer pôr em causa as conclusões justas.

A revolução de democracia nova e a revolução socialista que o Partido Comunista Chinês dirigiu, são duas fases revolucionárias cuja natureza, alvo e tarefas são essencialmente diferentes: a primeira destas fases desenvolveu-se na antiga China, país semicolonial e semifeudal. Com efeito, a contradição principal a resolver, dizia respeito então por um lado, às massas populares, isto é, os operários, os camponeses, a pequena burguesia e a burguesia nacional e, por outro, ao imperialismo, ao feudalismo e ao capitalismo burocrático. Tratava-se, portanto, de uma revolução de democracia burguesa, anti-imperialista e antifeudal, cuja tarefa era derrubar, sob a direcção do proletariado, a dominação do imperialismo, da classe dos proprietários de terras feudais e da burguesia compradora burocrática na China, depois de orientar a revolução para o socialismo.

Uma vez conseguida a vitória da revolução de democracia nova, a natureza e a contradição principal da nossa sociedade modificaram-se: a contradição principal no interior do País opõe o proletariado à burguesia. Uma tal contradição existe, não só na sociedade, mas repercute-se igualmente no Partido. A revolução socialista que vivemos é a que é conduzida pelo proletariado contra a burguesia e contra todas as outras classes exploradoras; visa, principalmente, em primeiro lugar, os responsáveis do

Partido comprometidos na via capitalista e a sua tarefa é substituir a ditadura da burguesia pela ditadura do proletariado; assim como assegurar o triunfo do socialismo sobre o capitalismo e, por uma longa luta de classes, fazer de tal modo que a burguesia não exista mais nem possa voltar a formar-se, que sejam definitivamente eliminadas as classes e que se realize o comunismo. Em 1949, a China — com a fundação da República Popular — fixou o início da revolução socialista. Mas se então se tivesse parado ideologicamente no antigo estádio — considerando e tratando a revolução socialista a partir da posição e da concepção do mundo próprias dos democratas burgueses — isso seria equivalente a representar a burguesia; ter-nos-íamos comprometido na via capitalista, ter-nos-íamos tornado ponto de mira da revolução socialista.

Depois do triunfo da revolução de democracia nova, membros do Partido, que ideologicamente continuavam na etapa da revolução democrática, não quiseram progredir na via socialista e prosseguir a revolução. O incorrigível responsável do Partido, comprometido na via capitalista, não é um desses? Essas pessoas representam agora a burguesia, temem ver a revolução socialista voltar-se contra eles, têm medo de ver afectados o sistema de propriedade privada, o direito burguês que amam, as concepções tradicionais que querem defender, receiam que se toque na sua posição e na sua concepção do mundo, burguesas. Quanto mais a revolução socialista avançar, mais aguda será a contradição que os opõe à revolução, aos operários, aos camponeses pobres e médios da camada inferior — todos fiéis à continuação da revolução. Neste processo da revolução socialista, recuam, marcham em sentido contrário ao da revolução.

Foi este responsável do Partido comprometido na via capitalista e não arrependido, anteriormente contrário à cooperação agrícola e às comunas populares e favorável à

fixação das normas de produção na base da família, que se levantou seguidamente contra a Grande Revolução Cultural e que reprimiu este movimento revolucionário de massas. E eis que, hoje, volta a pôr em causa as conclusões justas e que queria trazer de volta o capitalismo.

O Presidente Mao assinalou que *«o revisionismo é uma forma da ideologia burguesa. Os revisionistas apagam a diferença entre o socialismo e o capitalismo, entre a ditadura do proletariado e a da burguesia. O que eles preconizam é, de facto, não a linha socialista mas a capitalista»*. (*Intervenção na Conferência Nacional do Partido Comunista Chinês sobre o trabalho de propaganda*). Do ponto de vista ideológico e de origem de classe, o revisionismo não difere, portanto, das posições e das concepções do mundo burguesas. Oportunistas e revisionistas formam uma facção no seio do movimento operário, onde representam os interesses da burguesia, de que eles encarnam a corrente ideológica; e as suas particularidades são trair os interesses fundamentais do proletariado, de capitular perante a burguesia. Sempre intransigentes na posição burguesa, os revisionistas pregam as teorias da conciliação de classes, da extinção da luta entre elas e a teoria das forças produtivas. Tais sofismas revisionistas permitem-lhes opor-se à luta que o proletariado conduz contra a burguesia, declararem-se contra a ditadura do proletariado. Assim agiram Bernstein, Kautsky, Trotsky e Bukharine, depois Krutchev, Brejnev, Liu Chao-chi e Lin Piao; passa-se o mesmo com este responsável do Partido, impenitente, comprometido na via capitalista. O seu programa revisionista — tomar as três directrizes como eixo —, as doutrinas sobre a extinção da luta de classes e sobre as forças produtivas, tudo isso tem por objectivo ir contra as teorias da luta de classes e da ditadura do proletariado — teses do marxismo, do leninismo, do pensamento de Mao Tsé-tung — de forma a perturbar e a sabotar o estudo da teoria da ditadura do proletariado e a

crítica do romance *Chuei Hu* (À Borda da Água), movimentos desencadeados e dirigidos pelo próprio Presidente Mao. E também para aplicar a linha revisionista em todos os domínios. É de facto deste programa revisionista que provêm os argumentos fraudulentos lançados no ano passado contra a linha revolucionária do Presidente Mao, contra a Grande Revolução Cultural e contra as inovações socialistas — nomeadamente nas frentes do ensino, da ciência e da técnica, da arte e da literatura. Tendo ficado ideologicamente na etapa da revolução democrática, negando a existência das classes, das contradições de classes e da luta de classes durante o período do socialismo, este responsável só podia praticar o revisionismo. *«Que significa 'tomar as três directrizes como eixo'? Estabilidade e unidade não querem dizer supressão da luta de classes; a luta de classes é o eixo que arrasta tudo o resto»*. Esta crítica severa, formulada pelo Presidente Mao é dirigida contra o programa intitulado «tomar as três directrizes como eixo». No decurso de um quarto de século, alcançámos grandes vitórias na revolução socialista e portanto a luta de classes não está extinta: a classe em decadência está presente, enquanto indivíduos e enquanto classe; debate-se ainda, e só sonha com a restauração: burguesia, pequena burguesia, muitos intelectuais cuja correcção não foi bem encaminhada, tudo isso continua a existir; assim como a força do hábito da pequena produção e as influências herdadas — que engendram a burguesia e o capitalismo. E todos sabemos isso. As conspirações conduzidas pela burguesia no seio do Partido, pelos grupos antipartido de Liu Chao-chi e Lin Piao, a fim de derrubar a ditadura do proletariado e de restaurar o capitalismo, contiveram, contudo, as pessoas. A aparição no Partido de novos elementos burgueses como Lin Piao não nos serviu, por conseguinte, de lição? Depois disso, podia-se falar de extinção da luta de classes? Se o responsável do Partido

obstinado que segue a via capitalista quis «tomar as três directrizes como eixo», para fazer crer na extinção da luta de classes e na teoria das forças produtivas, não é que ele desejasse na verdade abolir esta luta, mas sim que desejava suprimir a luta do proletariado contra a burguesia; era-lhe necessário atacar o proletariado em nome desta última. «Estabilidade, unidade, desenvolvimento da produção» serviam-lhe de imagem distintiva para poder ir contra a ditadura do proletariado e para trabalhar para a restauração do capitalismo. A linha revisionista que seguia visava na realidade sabotar tanto a estabilidade e a unidade, como a produção socialista.

Depois da vitória da revolução democrática, a luta entre as duas linhas que se desenrola no Partido — durante o período do socialismo — gira à volta desta questão: impedir o processo da revolução na etapa em que ela se encontra e não avançar mais, ou então prosseguir a revolução socialista e lutar para realizar finalmente o comunismo; a clivagem está aí — conduzir ou não uma revolução incansável contra a burguesia — que separa nitidamente proletários e democratas burgueses, marxistas e revisionistas. Porque é que a Grande Revolução Cultural repeliu esse responsável obstinado do Partido, que se comprometeu na via capitalista? Porque é que ele considerava as inovações socialistas, nascidas da Grande Revolução Cultural, como uma espinha e porque é que procurava por todos os meios ajustar contas com ela? Porque é que deplorava tanto a mixórdia de ideias capitalistas e revisionistas criticadas durante a Grande Revolução Cultural e se esforçava por voltar a instituí-las? Foi porque, como indicou o Presidente Mao, *(A Grande Revolução Cultural Proletária é, na realidade, uma grande revolução política que o proletariado conduz, nas condições do socialismo, contra a burguesia e contra todas as outras classes exploradoras)* e que tem no seu activo ter abatido os dois quartéis-gerais burgueses, de Liu Chao-chi e de Lin Piao; ter estigmatizado a sua linha

revisionista, atacado os responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista e a burguesia no seio do Partido; ter criticado as ideologias da burguesia e de todas as outras classes exploradoras; ter reformado o ensino, a literatura e a arte e os outros sectores da superestrutura que não correspondiam a uma base económica socialista. Tudo isso se opunha tanto quanto possível aos interesses da burguesia cujos representantes impenitentes do Partido, partidários do capitalismo e da via capitalista que se obstinam em seguir. É o que faz com que sejam, indubitavelmente, opositores da Grande Revolução Cultural Proletária.

Na sociedade socialista, existem ainda traços da antiga sociedade — direito burguês, separação entre operários e camponeses, entre cidades e campos e entre trabalho intelectual e manual — o que constitui um terreno e condições favoráveis a um «reaparecimento» da burguesia e do capitalismo. Limitar o direito burguês, reduzir progressivamente e depois eliminar os restos da antiga sociedade, eis uma tarefa de longo fôlego que se deve realizar durante o período do socialismo; quanto mais a revolução socialista se desenvolver em profundidade, mais devemos insistir nesta tarefa e trabalhar neste sentido. O Presidente Mao disse: *«O nosso País pratica na hora actual o sistema mercantil e o sistema de salários é desigual, há salários a oito escalões, etc. Só se pode restringir tudo isso sob a ditadura do proletariado. É por isso que, se pessoas como Lin Piao chegassem ao poder, lhes é muito fácil instaurar o regime capitalista. Devemos ler, portanto, mais obras marxistas-leninistas»*. Estas observações repercutem a vontade, o desejo do proletariado e de todo o povo revolucionário, de fazer progredir a revolução socialista; mas, por outra via, isso suscita o medo e a oposição daqueles cuja ideologia ainda está ligada à do estádio da revolução democrática, aqueles que querem conservar o essencial do direito burguês. É por isso que,

quando a revolução os atinge e quer limitar a parte desse direito que eles defendem, se apressam a intervir. Porque é que este responsável veterano do Partido comprometido na via capitalista dedica um ódio tal às inovações que visam restringir o direito burguês sob todos os seus aspectos? Porque é que censurou tanto as críticas contra conceitos do direito burguês — estímulos materiais e «propriedade privada dos conhecimentos»? Porque é que foi tomado de terror quando se abordou este problema da restrição do direito burguês e procurou por todos os meios interpor-se? Porque representa a burguesia, quer defender e reforçar o direito burguês desta e se esforça por facilitar primeiro o seu renascimento e uma nova existência.

Estes fenómenos repetem-se no Partido há vinte e tal anos — desacordos, oposição mesmo à revolução socialista — as concepções de alguns continuam ligadas ao período da revolução democrática. Por exemplo, em 1953, quando o nosso Partido tinha decidido aplicar uma política de compras e vendas unificadas — medidas importantes para fazer avançar a revolução e edificação socialistas — alguns, no Partido, reagiram violentamente. Pretensos comunistas, ei-los transformados em representantes das forças capitalistas urbanas e rurais opostas à revolução socialista. No decurso do movimento de cooperação agrícola, Liu Chao-chi e consortes atacaram e suprimiram deste modo muitas cooperativas. As suas formas de pensar e de agir estavam em oposição às de centenas de milhões de camponeses. Em 1957, quando os direitistas burgueses aproveitaram o movimento de rectificação da ideologia e do estilo de trabalho para desencadear um ataque assanhado contra o proletariado, houve pessoas também no Partido para propor um programa burguês que respondesse aos desideratos destes direitistas. Em 1959, Peng Teh-huai, oportunista de direita; levantou-se contra a linha geral do Partido, negou o Grande Salto em Frente e a comuna popular. Uma vez mais se viam a nu aqueles que

continuavam a ser democratas burgueses, desejosos como estavam, durante o período da revolução socialista, de realizar um programa e palavras de ordem capitalistas. Mas eles não escaparam à sua sorte: foram varridos pela corrente da revolução socialista.

Durante este período, não é de admirar que no Partido alguns ficassem ideologicamente na etapa da revolução democrática e vejam as coisas e concebem o mundo de um ponto de vista burguês. O nosso Partido é grande, glorioso e justo; à luz da linha revolucionária e proletária do nosso grande dirigente, o Presidente Mao, a causa revolucionária dirigida pelo Partido, alcança magníficas vitórias; contudo, como os movimentos dirigidos pelo nosso Partido foram durante muito tempo de tipo democrático burguês, muitos democratas burgueses e pequeno-burgueses juntaram-se às fileiras revolucionárias e uma parte de entre eles receberam uma formação marxista-leninista e temperaram-se na longa luta revolucionária, abandonando gradualmente a sua concepção burguesa do mundo e adoptando posições proletárias. Todavia, um pequeno número ficou profundamente influenciado pela ideologia burguesa e nem se educou nem reformou através do Partido, e a sua posição, a sua concepção do mundo não mudaram. A burguesia existe na sociedade socialista. A sua ideologia pode certamente ser nociva para elementos da vanguarda do proletariado, e fazer deles democratas burgueses, revisionistas. A sua concepção do mundo persistirá e afirmar-se-á por toda a parte a propósito de questões políticas e ideológicas. Não pode ser de outra forma. Enquanto a revolução socialista avança, existem, como existiram e existirão, estes obstinados que a querem deter, mandá-la fazer marcha atrás.

Um Partido político proletário tem que conduzir uma luta decidida contra tais tentativas que visam transformá-lo e dar à sociedade um aspecto burguês. Em relação aos camaradas que cometeram erros, o princípio político do

Partido é e permanece: *«tirar a lição dos erros passados para evitar que se repitam e curar a doença para salvar o homem»*. Durante a luta actual, devemos seguir este princípio político, devemos ajudar pacientemente os camaradas que cometem erros a corrigi-los, isto com o fim de assegurar a unidade e o trabalho.

NOVO SURTO DA CRÍTICA CONTRA TENG SIAO-PING

Artigo da revista chinesa
Pékin Information nº 17,
de 26 de Abril de 1976.

Encorajado pelas duas resoluções do Comité Central do Partido, a campanha contra o vento desviacionista de direita que queria pôr de novo em causa as conclusões justas, toma um novo surto em Pequim, em Xangai, em Tientsin e arredores. Sob a direcção das organizações nos diversos escalões do Partido, as massas populares concentram o fogo da sua crítica sobre Teng Siao-ping, o mais importante responsável do Partido comprometido na via capitalista e que recusa emendar-se. Por todo o lado reina uma atmosfera marcada pela unidade militante pelo espírito de conduzir a revolução e a produção a novas vitórias.

Quatro milhões de habitantes de Pequim tomaram parte nas concentrações e manifestações para aclamar as resoluções do Comité Central do Partido.

Nas primeiras fileiras da luta contra este vento desviacionista de direita, as massas revolucionárias da

Universidade de Hsinghua e as da Universidade de Pequim revivificam ainda mais o seu espírito revolucionário. Em alguns dias vários milhares de dazibaos apareceram no *campus* da Universidade de Pequim. Os professores e os estudantes revolucionários da universidade disseram: o incidente político contra-revolucionário da praça Tien-an-men mostra como a luta de classes é encarnizada e complexa durante o período do socialismo. A teoria da extinção da luta de classes que pregou Teng Siao-ping não era mais que uma aparência enganadora para proteger uma burguesia que existe tanto no seio como fora do Partido, e um punhado de inimigos de classe — de que Teng Siao-ping é o representante geral — nos seus ataques desenfreados contra o proletariado. Comparando o incidente político contra-revolucionário da praça Tien-an-men com o que se produziu há vinte anos na Hungria, os professores e estudantes do departamento dos assuntos políticos internacionais e do departamento de história compreenderam se este punhado de inimigos de classe não tivesse sido reprimido, e se se tivesse permitido ao complot da classe reaccionária que representa Teng Siao-ping tomar a direcção, a burguesia teria subido ao poder e o capitalismo seria restaurado.

A sociedade siderúrgica Cheutu de Pequim, o sub-bureau dos caminhos de ferro de Pequim e outras unidades, tiveram encontros com milhares, por vezes dezenas de milhar de pessoas, para denunciar com indignação os crimes cometidos por Teng Siao-ping e pelo punhado de inimigos de classe. O pessoal de mecânica para locomotivas e material rolante de Nanqueu, do Grande Armazém do Estado de Pequim e outras unidades, conduziu de modo aprofundado, ponto por ponto, a crítica de Teng Siao-ping.

Os operários e os empregados da frente industrial da capital, ao passar o plano de produção para o primeiro trimestre deste ano, ripostaram assim por uma acção

concreta ao vento desviacionista de direita. Depois da publicação das resoluções do Comité Central do Partido, os operários do forno eléctrico nº 7 de aço de Pequim fazem cada dia uma fundição a mais do que o normal. A produção quotidiana recorde da IV secção de extracção da Hulheira de Mũ Tchengkien dobrou em relação à prevista pelo plano. O volume de carga e de descarga quotidianas no sub-bureau dos caminhos de ferro de Pequim ultrapassou todos os dias a percentagem prevista.

Nos campos dos arredores de Pequim, os membros das comunas populares utilizaram as escolas políticas, os debates radiodifundidos, as reuniões de crítica organizadas durante a pausa nos campos, os *dazibaos*, etc., para criticar em profundidade os crimes reaccionários de Teng Siao-ping. Agora que, sobre as vastas terras dos arredores de Pequim, os trabalhos de Primavera atingem o seu auge, o movimento de massas estende-se, a exemplo de Tatchai e os quadros e os membros das comunas populares estão em vias de vencer as calamidades naturais a fim de preparar uma boa colheita e de replicar assim com actos concretos a este vento desviacionista de direita.

As duas resoluções do Comité Central do Partido despertaram nos dez milhões de militares e de civis de Xangai um espírito militante revolucionário: cinco milhões tomaram parte nas manifestações de rua, resolvidos a avançar sobre o seu impulso vitorioso, a estigmatizar a linha revisionista contra-revolucionária de Teng Siao-ping e os seus crimes reaccionários; pretendem conduzir em profundidade e de maneira durável a luta presente para ir ao encontro de novas vitórias. Na fábrica de máquinas eléctricas que o Presidente Mao tinha inspeccionado há quinze anos, os operários debruçaram-se ainda mais sobre esta importante directiva do Presidente Mao: *«Em que consiste a Grande Revolução Cultural? É uma luta de classes! Liu Chao-chi pregava a teoria da extinção da luta de classes; ora nem ele próprio a aniquilou, ele queria proteger*

um punhado de renegados e fanáticos seus devotos. Lin Piao queria abater o proletariado, ele tramou um golpe de Estado. Então, houve extinção?» Eles impulsionaram a crítica a Teng Siao-ping ligando-a ao incidente político contra-revolucionário criado por um punhado de inimigos de classe na praça de Tien-an-men.

Numa nota escrita em 1955 num artigo sobre a cooperação agrícola no cantão de Taihsing, nos arredores de Xangai, o nosso grande dirigente, o Presidente Mao dizia que *«em quase todo o lado os oportunistas procuram barrar a corrente, mas sem nunca o alcançarem; por todo o lado, o socialismo progride vitoriosamente, deixando para trás todos os obstáculos levantados no seu caminho»*. No decurso das reuniões de crítica, os camponeses pobres e médios da camada inferior, tal como os quadros da localidade declararam: Teng Siao-ping fez parte destes oportunistas que procuram refrear a corrente revolucionária; mas os seus esforços para deter a roda da história estão votados ao fracasso.

A grande réplica ao vento desviacionista de direita, desencadeada e dirigida pelo nosso grande dirigente, o Presidente Mao, galvanizou o entusiasmo socialista dos habitantes de Xangai — onde o plano do Estado para o primeiro trimestre tinha sido completado antes do termo na frente industrial, e o seu valor global acusou um novo aumento em relação ao mesmo período do último ano, o que lhe dá o recorde da sua história. O volume do transporte das mercadorias pelas vias marítima, férrea, de estrada efluvial, assim como o do carregamento e descarga nos portos, estabeleceram também um novo recorde.

Em Tientsin, cuja municipalidade conta com sete milhões de habitantes, 2,5 milhões de pessoas desceram à rua para aclamar a grande vitória. Os estudantes operários-camponeses-soldados da Universidade de Tientsin e da Universidade de Nankai escreveram numerosos *dazibaos* dirigidos contra Teng Siao-ping. Na brigada de pro-

dução de Siaokintchuang, nos arredores da cidade, os camponeses improvisaram poemas nas suas reuniões para exprimir a sua determinação de conduzir a revolução até ao fim.

Em Tientsin, os operários, que trabalham sem parar, de noite ou de dia, em estreita cooperação, melhoram sempre sem cessar os seus recordes de produção. Nas fábricas de aço nºs 1, 2, 3 e na fábrica de laminagem a frio para fitas de aço e na fábrica de experimentação metalúrgica, a produção diária de lingotes e laminados aumenta nestes últimos dias. Da indústria têxtil sai cada dia uma produção suplementar de 40 000 metros de tecidos de algodão.

Boas novas de vitórias alcançadas na revolução como na produção — após se ter concentrado o fogo das críticas sobre Teng Siao-ping — chegam-nos de todo o País; na província de Liaoning, por exemplo, onde concentrações e manifestações tiveram lugar nesses dias, com uma participação total numa dezena de milhões de pessoas. Ou ainda, os operários da sociedade siderúrgica de Anchan que organizaram mais de 5 800 reuniões de crítica e de condenação; eles escreveram mais de 50 000 *dazibaos* e resoluções, exprimindo a sua determinação de conduzir até ao fim esta grande luta que compromete o destino e o futuro do nosso País e do nosso Estado. Os professores e os estudantes do Instituto de Agronomia de Tchaoyang disseram, eles também, da sua vontade de replicar concretamente ao vento desviacionista de direita que põe de novo em causa as conclusões justas. Alguns estudantes recentemente diplomados pediram para partir como camponeses para o Tibete. As boas novas afluem da frente da indústria, dos transportes e das comunicações do Liaoning. A situação, na revolução e na produção, melhora sempre na metrópole siderúrgica — Anchan — na do carvão — Fuchuen — assim como nas cidades industriais de Chenyang, de Liuta e de Penhsi.

APRENDER A CONTRADIÇÃO PRINCIPAL NA SOCIEDADE SOCIALISTA

Artigo de Tien Tche-song,
publicado na revista chinesa
Pékin Information, nº 17,
de 26 de Abril de 1976.

*Estudo da teoria do Presidente Mao
sobre a luta de classes
e crítica do programa revisionista
«tomar as três directivas como eixo»*

Compreendamos as classes e a luta entre elas no decurso do período socialista, concedamos toda a nossa atenção à contradição principal na sociedade socialista: o problema é fundamental para poder apreender correctamente a natureza da revolução socialista, o alvo que deve atacar, a sua missão e o seu fim e permite seguir judiciosamente a linha e os princípios políticos do Partido. Se os revisionistas rejeitaram sempre a luta de classes, se eles deformaram esta contradição principal, é com o objectivo de desviar a linha fundamental do Partido, é para derrubar a ditadura do proletariado, para restaurar o capitalismo. Após uma

vintena de anos, no decurso das lutas contra o revisionismo, o Presidente Mao pôs de pé o estudo sistemático, total e aprofundado, das contradições de classes na sociedade socialista. As lições que ele nos dá constituem uma arma ideológica poderosa para combater e impedir o revisionismo, para consolidar a ditadura do proletariado. No decurso da réplica actual contra o vento desviacionista de direita que pretendia repor em causa as conclusões justas, é preciso continuarmos a aprender e a assimilar todas estas directivas, é preciso estigmatizarmos o programa revisionista das «três directivas como eixo».

Retrospectiva histórica

Na II sessão plenária do Comité Central saído do VII Congresso do Partido Comunista Chinês — que tinha sido convocado na véspera da Libertação — o Presidente Mao indicou claramente que após a vitória da revolução de democracia nova, a contradição principal do País seria «*a contradição entre a classe operária e a burguesia*». Esta conclusão científica lançava os fundamentos teóricos da linha e da táctica do Partido para este período socialista. Mas mal encerrou a sessão, Liu Chao-chi, renegado, agente do inimigo, traidor à classe operária, comunicava noutras bases: pretendia por exemplo que «hoje, longe de ser criminosa, a exploração capitalista tem os seus méritos», que «quanto mais dura for, maiores serão os seus méritos». Assim, a burguesia tendo o «mérito» da exploração e «não sendo o alvo da luta», a revolução socialista mostrava-se inútil. Bastava «consolidar a ordem de democracia nova» em lugar de fazer a revolução socialista. Argumentos absurdos e que pretendiam rejeitar a luta de classes, opor-se à revolução socialista. O Presidente Mao refutou-os fortemente a propósito e, sob a sua direcção, o conjunto do Partido e da população lançaram — entre o Inverno de 1952 e o Verão de 1953 — vastos movimentos ditos *san-fan* (os

três «anti») (luta contra a corrupção, o desperdício e a burocracia nos organismos do Partido e do Governo) e o *Wu fan* (os cinco «anti») (luta contra as intrigas dos capitalistas: concussão, fraude fiscal, desvio dos bens do Estado, roubo das informações económicas provenientes de fontes governamentais); em 1954 foi esmagada a aliança antipartido de Kao K'ang e Jao Chu-che. Em 1955, foi derrotada a clique contra-revolucionária de Hu Feng, o sucesso do movimento de eliminação dos contra-revolucionários e o processo da transformação socialista da agricultura, do artesanato, da indústria e do comércio até então capitalistas; paralelamente, iniciou-se a luta no plano ideológico contra as ideias burguesas, assentando sobre a contradição principal (entre proletariado e burguesia) e fazendo a crítica virulenta da teoria da reconciliação entre as classes que preconizava Liu'Chao-chi.

Em 1956, deu-se o cumprimento fundamental da transformação socialista da propriedade dos meios de produção, seguido de debates entre marxistas e revisionistas para saber se se devia ou não pôr o acento sobre as contradições e sobre a luta entre proletariado e burguesia. Liu Chao-chi defendeu que tudo isso fosse «resolvido por junto», que a contradição principal já não era a oposição entre as duas classes, mas «entre o sistema socialista avançado e as forças produtivas sociais atrasadas». Ele fez mesmo inscrever estas concepções na resolução do VIII Congresso do P.C.C. em 1956 — sem conhecimento do Presidente Mao que, logo que se apercebeu, declarou imediatamente que elas eram erradas e antimarxistas. Com *Sobre a justa solução das contradições no seio do povo*, composto no princípio de 1957, o presidente Mao sistematizou o estudo das contradições das classes e da luta entre elas sob a ditadura do proletariado; continuou a atacar a teoria da extinção da luta de classes que pregavam Liu Chao-chi e consortes. Notava assim que «*na China, a transformação socialista, naquilo que respeita à*

propriedade, está praticamente concluída (...) contudo, subsistem vestígios das classes derrubadas dos latifundiários e compradores, a burguesia ainda existe e a transformação da pequena burguesia apenas começou. A luta de classes não chegou ainda ao seu termo. A luta de classes entre o proletariado e a burguesia, entre as diversas forças políticas e entre as ideologias proletária e burguesa será ainda longa e sujeita às suas vicissitudes e por momentos poderá mesmo tornar-se muito aguda.» E a luta contra os direitistas burgueses, em 1957, do mesmo modo que graves lutas de classes que se seguiram, corroboraram a justeza destas visões.

Em 1958, formulou a linha geral: *«Edificar o socialismo segundo os princípios: desenvolver todos os seus esforços; caminhar sempre em frente; quantidade, rapidez, qualidade e economia.»* Graças a ela, lançou-se o movimento do Grande Salto em Frente nas cidades e nos campos e acabava-se de pôr de pé as comunas populares. O aprofundamento contínuo da revolução socialista estimulou o desenvolvimento rápido da edificação socialista, semeou uma grande desordem entre os inimigos de classe do interior e do exterior, suscitou o seu ódio tenaz. Foi neste contexto que a clique antipartido de Peng Teh-huai entrou na arena: lançou ataques perversos contra a linha geral, contra o Grande Salto em Frente e as comunas populares, no decurso da oitava sessão plenária do Comité Central saído do VII Congresso do P. C. C., o que permite revelar à luz do dia este agente da burguesia. O Presidente Mao, à cabeça de todo o Partido, fez-lhe esta réplica enérgica: *«Esta luta de que Liuchan é o teatro constitui uma luta de classes; é o prolongamento da luta de morte entre as duas grandes classes antagónicas, a burguesia e o proletariado, no decurso da revolução socialista dos dez últimos anos. Na China, no seio do nosso Partido, parece que este género de lutas vai ainda prosseguir durante vinte anos pelo menos e pode continuar durante meio-século; em suma, estas lutas não*

terão fim senão com o desaparecimento completo das classes.» Diz-nos aqui em termos explícitos, que a luta no seio do Partido é regida pelas contradições de classes, que representa a luta entre o proletariado e a burguesia, cuja duração igualará a da luta entre as duas linhas.

De 1960 a 1962, encontrámos dificuldades económicas temporárias, devido a três anos consecutivos de calamidades naturais e porque a clique renegada dos revisionistas soviéticos dilacerou os contactos e retirou os seus peritos. Liu Chao-chi e os seus acólitos, julgando chegada a ocasião, reagiram rapidamente. Fazendo eco com o coro antichinês dos imperialistas, dos revisionistas e dos reaccionários do mundo, aplicaram ostensivamente uma linha perfeitamente revisionista e atacaram com furor o proletariado. Liu Chao-chi berrava que *«era preciso fazer um recuo suficiente na indústria e na agricultura e fixar as normas de produção por famílias e segundo o trabalho individual»*. Face a esta conspiração para reinstituir o capitalismo, o Presidente Mao lançou o apelo para *«jamais esquecer a existência das classes e da luta de classes»*, — isto por altura da X sessão plenária do Comité Central saído do VIII Congresso do P.C.C., em 1962. Fez então esta formulação ainda mais completa da linha fundamental do Partido para todo o período histórico do socialismo: *«A sociedade socialista estende-se por um período histórico muito longo, no decurso do qual continuam a existir as classes, as contradições de classe e a luta de classes, do mesmo modo que a luta entre a via socialista e a via capitalista, assim como o perigo de uma restauração do capitalismo. É preciso compreender que esta luta será longa e complexa, redobrar de vigilância e prosseguir a educação socialista. É preciso compreender e resolver correctamente os problemas colocados pelas contradições de classes, distinguir as contradições entre o inimigo e nós das contradições no seio do povo e depois dar-lhes uma justa solução. Senão, um País socialista como o nosso*

transformar-se-á no seu contrário; mudará de natureza e conhecerá a restauração do capitalismo. A partir de agora, devemos falar desta questão, dia após dia, mês após mês, ano após ano, a fim de ter uma compreensão suficientemente clara e de seguir uma linha marxista-leninista.» Sabíamos pois que a contradição principal, a contradição entre o proletariado e a burguesia, duraria ao longo de todo este período; também devemos dar-lhe toda a nossa atenção e conduzir uma luta constante. Senão, «passar-se-ia pouco tempo, talvez alguns anos ou uma dezena de anos, quando muito algumas dezenas de anos, antes que uma restauração contra-revolucionária aconteça inevitavelmente à escala nacional, que o partido marxista-leninista se torne um partido revisionista, um partido fascista e que toda a China mude de cor».

Sempre falando muito de contradições de classes, de linha e de tácticas do Partido na sociedade socialista, a burguesia, assim como os seus representantes no interior do Partido, motivados por uma natureza de classe reaccionária, procuravam sem cessar e por todos os meios deformá-las. No decurso do movimento de educação socialista iniciado em 1964 nas cidades e nas aldeias, Liu Chao-chi fez-se notar de novo declarando que a contradição principal no campo era «a do saneamento ou não saneamento dos quatro problemas» (político, ideológico, organizativo e económico), assim como «a confusão das contradições fora do Partido e no Partido» — negação pura e simples do problema de classe deste movimento, a base teórica que abria a via à linha reaccionária burguesa: ataques contra a maioria para proteger um punhado de pessoas. O Presidente Mao refutou severamente estes argumentos reaccionários: mostrando o aspecto de classe do movimento, ele sublinhou que, no decurso deste, era preciso «*tomar indefectivelmente na mão, como um eixo, a luta de classes e a luta entre a via socialista e a via capitalista*» e anunciou pela primeira vez

que «*este movimento visa principalmente os responsáveis do Partido que se comprometeram na via capitalista*». Esta directiva corrigiu pois a orientação, de tal sorte que provocou por todo o lado grandes vitórias.

A Grande Revolução Cultural Proletária, desencadeada e dirigida pelo Presidente Mao em pessoa, foi o resultado natural do prosseguimento da contradição principal entre o proletariado e a burguesia na sociedade socialista. Esta luta é pois em substância «*uma grande revolução política que o proletariado conduz (...) contra a burguesia e todas as outras classes exploradoras, a continuação da longa luta que opõe o Partido Comunista Chinês, assim como as massas populares revolucionárias que ele dirige, à reacção do Kuomintang, a continuação da luta de classes entre o proletariado e a burguesia*».

Antes de tudo, Liu Chao-chi e os seus lacaios organizaram um «plano do relatório de Fevereiro», no qual tratavam esta importante luta política entre proletariado e burguesia de «problema puramente académico» e de «opiniões diversas emitidas num debate». Tendo como argumento esta pobre teoria burguesa que «todos são iguais perante a verdade», teoria destinada a opor-se a que o proletariado exercesse a sua ditadura sobre a burguesia. A Circular de 16 de Maio de 1966, que o C. C. do P. C. C. elaborou sob a direcção do Presidente Mao, era uma condenação severa e convidava o conjunto do Partido e do povo a ligar-se ao desmascaramento e a denunciar «os indivíduos do género de Krutchev» «que se encontram actualmente no meio de nós». Esta Circular, o *dazibao* que o Presidente Mao escreveu em 5 de Agosto de 1966 — *Fogo sobre o quartel-general* — assim como a Decisão em 16 pontos do C.C. do P.C.C. sobre a Grande Revolução Cultural Proletária, adoptada em 8 de Agosto de 1966, foram outros tantos documentos de importância que armaram ideológica e politicamente centenas de milhões de pessoas, assegurando assim os progressos rápidos desta

grande luta impetuosa, sobre a via indicada pelo Presidente Mao. Após a supressão da clique antipartido de Liu Chao-chi, foi a de Lin Piao que tentou uma nova prova de força com o proletariado, no interesse dos antigos latifundiários e da burguesia caída. Na véspera do IX Congresso do P. C. C., em 1969, Lin Piao pôs-se de acordo com Chen Po-ta para preparar um relatório político destinado à reunião, relatório que nega categoricamente que a actual contradição principal permaneça a oposição entre o proletariado e a burguesia, do mesmo modo que recusa o prosseguimento da revolução sob a ditadura do proletariado e nega ao Partido como tarefa essencial manter a sua linha fundamental. Segundo ele, a tarefa principal após o Congresso, é desenvolver a produção. Este absurdo reaccionário de Lin Piao não é mais do que uma nova versão do sofisma revisionista de Liu Chao-chi, quer dizer «a contradição entre o sistema socialista avançado e as forças produtivas sociais atrasadas». Este relatório que visa suprimir a luta de classes e deformar a contradição principal na sociedade socialista e que prega a teoria das forças produtivas, foi rejeitado pelo C. C. do P. C. C. e pelo Presidente Mao.

O golpe de Estado da clique antipartido de Lin Piao tinha eclodido e abortado na segunda sessão plenária do C. C. saído do IX Congresso do P. C. C., em Agosto de 1970; depois, em 1971, Lin Piao e o seu bando digeriram o seu «*Projecto dos trabalhos 571*» para lançar um *putsch* contra-revolucionário. Tudo isso mostra que, preconizando o «desenvolvimento da produção», se queria enganar a população, enfraquecer a sua vontade revolucionária, no fim de uma restauração contra-revolucionária. O X Congresso do P. C. C., em 1973, reafirmou a linha fundamental do Partido, mas indicou que o fim desta clique não significava o fim do combate entre as duas linhas no interior do Partido. Esta luta persistirá muito tempo, repetir-se-á dez, vinte vezes; pessoas do estilo de Wang Ming,

Liu Chao-chi, Lin Piao, tornarão a aparecer: é uma lei objectiva que não depende da nossa vontade.

A luta actual

Para assegurar que o Partido e o Estado avancem na via marxista-leninista, o Presidente Mao deu, no princípio de 1975, importantes directivas sobre a questão da teoria: «*Porque disse Lenine que é preciso exercer a ditadura sobre a burguesia? Esta questão deve ser bem compreendida. Se não o fosse, cairíamos no revisionismo.*» Acrescentou: «*O nosso País pratica no momento actual o sistema mercantil e o sistema de salários é desigual, há salários a oito escalões, etc. Tudo isso não pode ser restringido senão sob a ditadura do proletariado. É a razão por que, se pessoas como Lin Piao chegam ao poder, lhes é muito fácil instaurar o regime capitalista.*» Isto põe ainda melhor em relevo a contradição principal e o perigo principal que se manterão com a etapa histórica socialista e aclara a importância capital da ditadura integral do proletariado sobre a burguesia; aplicando estas directivas, todo o País aprofundou o estudo da teoria da ditadura do proletariado. Assim, elevou o nível de consciência sobre a questão da luta entre as duas classes, entre as duas linhas; decidiu fazer de modo a que a burguesia não possa existir nem reformar-se. Do mesmo modo, está determinado a tomar a luta de classes como eixo, a manter-se na linha fundamental do Partido, a fazer a revolução estimulando a produção, o trabalho e os preparativos para uma guerra eventual, e a lutar para fazer, antes do fim do século, do nosso País um Estado socialista poderoso e moderno.

Foi nestas circunstâncias que Teng Siao-ping, responsável comprometido na via capitalista, criticado por ter mantido a linha revisionista de Liu Chao-chi e de Lin Piao e que recusa emendar-se, sentindo «a situação desfavorável», se apressou a elaborar este programa revisionista que

recomenda «tomar as três directivas como eixo». Tratava-se de rejeitar os ensinamentos do Presidente Mao — segundo os quais é preciso tomar a luta de classes como eixo — modificar a linha fundamental do Partido e arruinar o movimento de estudo generalizado da teoria respeitante à ditadura do proletariado. Temia em particular as críticas contra o direito burguês que ele protegia, como a fonte da sua via, cuja limitação não ousou impedir e denunciar. Serviu-se do ecletismo para pôr no mesmo plano estudo da teoria, luta e medidas preventivas contra o revisionismo, assim como estabilidade e unidade e desenvolvimento da economia. Pretender confundir do mesmo modo a corda mestra e as malhas da rede, substituir aquela por estas, o seu objectivo real não é desenvolver a economia, nem assegurar estabilidade e unidade, mas sabotar a grande unidade revolucionária assente sobre a linha revolucionária do Presidente Mao, trabalhar ostensivamente para a restauração e a regressão, vingar-se contra-atacando, reconduzir o capitalismo. As suas alegações: «miserável qualidade de ensino», «atraso das investigações científicas» que «entravam as quatro modernizações» (na indústria, na agricultura, na defesa nacional, na ciência e na tecnologia), «ausência de estudos» e «ausência de saber cultural» que são «o maior perigo» e «a mais grave crise» do momento, tudo isso visa negar que a contradição principal entre o proletariado e a burguesia tem o primeiro passo na sociedade socialista, e preparar a opinião de tal modo que seja a burguesia que exerça a sua ditadura sobre o proletariado. Os responsáveis que seguem a via capitalista e que recusam emendar-se impeliram a que soprasse «um tufão de profissionalismo» e «economismo», dizendo mesmo que «se um vento forte não basta, se pode levantar um tufão», etc.. Tratava-se de impelir as margas massas populares e os quadros a absorverem-se na produção e no seu trabalho para esquecer a luta de classes, a ditadura do proletariado — o que lhes permitia restaurar em toda a

qualidade o capitalismo.

O Presidente Mao, observador perspicaz, lançou nesse momento diante de todo o Partido e de todo o povo: «*Que significa tomar as três directivas como eixo?* *Estabilidade e unidade não querem dizer supressão da luta de classes; a luta de classes é o eixo que arrasta tudo o resto.*» Crítica directa contra esta linha revisionista que nega a necessidade de tomar a luta de classes como eixo. Os que levantaram este vento desviacionista de direita não fizeram mais do que espalhar argumentos impertinentes de diversas formas mas o seu objectivo essencial permaneceu o mesmo: recusar a luta de classes, desnaturar a contradição principal na sociedade socialista, de modo a modificar a linha fundamental do Partido, a assegurar a linha revisionista e a reconduzir o capitalismo. É a razão por que a luta que nós travamos contra os responsáveis impenitentes que, no seio do Partido, seguem a via capitalista, é essencialmente um novo combate de envergadura entre o proletariado e a burguesia; é também o prolongamento e o aprofundamento da Grande Revolução Cultural Proletária — que compromete a sorte e o futuro do nosso Partido e do nosso Estado.

Nó da luta entre as duas linhas no seio do Partido

Ao estudar de novo as teses do Presidente Mao sobre a luta de classes durante o período socialista e ao rever a luta que travámos contra os chefes de fila da linha revisionista — Kao Kang, Peng Teh-huai, Liu Chao-chi, Lin Piao, — vemos mais claramente isto: conforme se reconheça ou não a existência das classes, as suas contradições e a sua luta no contexto socialista, assim como a contradição entre o proletariado e a burguesia enquanto contradição essencial da sociedade socialista, isso significa que se pretende manter-se ou opôr-se à luta de classes como eixo, à necessidade da ditadura

do proletariado, à via socialista. O Presidente Mao fez a este respeito uma síntese: *«Durante todo o período de transição existem as contradições de classes, a luta de classes entre o proletariado e a burguesia, a luta entre as duas vias, socialista e capitalista. Comprometer-nos-íamos numa falsa via se esquecêssemos esta teoria e esta prática fundamental que são as do nosso Partido há mais de dez anos»*. A história do desenvolvimento da nossa causa socialista representa a luta de classes que nós conduzimos sem tréguas sob a direcção do Presidente Mao contra a burguesia. Após mais de vinte anos com ele e graças à linha revolucionária que traçou, o nosso Partido põe toda a sua atenção na contradição principal da sociedade socialista e prossegue activamente a luta que opõe o proletariado à burguesia: nos planos político, económico e ideológico, não cessamos de fazer a revolução socialista, de assegurar a vitória do proletariado sobre a burguesia, a vitória do socialismo sobre o capitalismo, a vitória do marxismo sobre o revisionismo; e esforçamo-nos por consolidar, por reforçar a ditadura do proletariado. Assim o nosso País pode prosseguir a sua marcha na via socialista.

Os defensores do revisionismo têm por regra negar esta contradição principal, pregar a teoria da extinção da luta de classes e a das forças produtivas, de modo a modificar o princípio que consiste em tomar como eixo a luta de classes. De facto, longe de renunciar a esta última, eles apenas pretendem asfixiar a que o proletariado trava contra a burguesia; combatem o prosseguimento da revolução sob a ditadura do proletariado; estão contra a sua ditadura total sobre a burguesia. Seus representantes, lançam ataques desenfreados contra o proletariado — sendo o seu desejo criminoso derrubar a sua ditadura e restabelecer o capitalismo. E o impenitente responsável em questão hoje não faz excepção. Ele e os seus semelhantes opõem-se ao marxismo, atacam a linha revolucionária e proletária do Presidente Mao e prosseguem a sua linha revisionista. A

prática da luta ensina-nos que o combate que se desenrola entre as duas classes, as duas vias e as duas linhas durará muito tempo, que estará sujeito a vicissitudes e mesmo por vezes encarniçado.

Um problema fundamental é o da concepção do mundo: *«O proletariado procura transformar o mundo segundo a sua própria concepção do mundo e a burguesia, segundo a sua. A este respeito, a questão de saber quem o conseguirá, socialismo ou capitalismo, não está ainda verdadeiramente resolvida.»* (Mao Tsé-tung, *Sobre a justa solução das contradições no seio do povo*) Tomar ou rejeitar a luta de classes como eixo relaciona-se em última análise com esta questão: saber com que concepção do mundo — proletária ou burguesa — conheceremos o mundo e o transformaremos. Servindo-se da lei marxista da unidade de contrários para estudar a sociedade socialista, o Presidente Mao mostrou claramente esta contradição principal da sociedade socialista (que opõe proletariado e burguesia) e indicou que era preciso manter-se a ditadura do proletariado e prosseguir sem falhar a revolução sob esta ditadura; quer dizer que era preciso conhecer e transformar o mundo segundo a concepção proletária do mesmo. Liu Chao-chi e Lin Piao, representantes da burguesia no seio do Partido, serviram-se de teses idealistas e metafísicas para considerar estes problemas; é a razão por que apenas podiam negar a luta de classes na sociedade socialista; é a razão por que criaram a confusão entre socialismo e capitalismo, entre ditadura do proletariado e ditadura da burguesia. A linha revisionista que eles aplicaram era marcada pelo divórcio do subjectivo e do objectivo, pelo divórcio da teoria e da prática. Entusiasmaram-se a transformar o mundo segundo a concepção burguesa. Teng Siao-ping, impenitente responsável comprometido na via capitalista, serviu-se de vis tácticas ecléticas para pôr num mesmo plano a contradição principal e as contradições secundárias — isto com o fim de se opor à dialéctica materialista. Se misturou

a corda-mestra e as malhas de rede e pretendeu fazer «tomar as três directivas como eixo», na realidade foi porque queria fazer desaparecer a luta de classes enquanto eixo, modificar a linha fundamental do Partido e restaurar o capitalismo.

Durante todo o período histórico do socialismo, a contradição principal continuará a ser a contradição entre proletariado e burguesia e o perigo principal, o revisionismo. A revolução tem por alvo a burguesia, em particular os responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista. Devemos prestar toda a nossa atenção a esta contradição principal da sociedade socialista; aprofundar o nosso conhecimento da revolução socialista na sua natureza, o alvo que ela deve atacar, a sua missão e o seu fim e conduzir até ao fim a luta contra o vento desviacionista de direita a fim de salvaguardar a linha revolucionária do Presidente Mao, de defender e desenvolver as conquistas da Grande Revolução Cultural Proletária e de consolidar a ditadura do proletariado.

UM MOVIMENTO DE MASSAS — O ESTUDO DA TEORIA PELOS OPERÁRIOS, CAMPONESES E SOLDADOS

Artigo publicado na revista
chinesa *Pékin Information*
n^{os} 32-33, de 12 de Agosto
de 1976.

Depois do desencadeamento da Grande Revolução Cultural Proletária — há dez anos — o estudo do marxismo, do leninismo e do pensamento de Mao Tsé-tung estende-se a centenas de milhões de pessoas no seio das diversas nacionalidades que compõem o nosso povo; tornou-se um movimento de massas, principalmente entre os operários, os camponeses e os soldados.

Este estudo de massas começou com a denúncia e a crítica da linha revisionista de Liu Chao-chi, acelerou-se na de Lin Piao e Confúcio em 1974 e, depois, no estudo da teoria da ditadura do proletariado, iniciada no ano passado. Assim vimos aparecer nas empresas industriais e mineiras, nas comunas populares e nas brigadas de produção, nos comités de bairro e nas companhias do Exército Popular de Libertação da China, escolas políticas nocturnas, grupos de

estudo e até escolas superiores políticas para o estudo das obras do marxismo-leninismo e do Presidente Mao. Toda a gente participa, homens e mulheres, jovens e velhos, inclusivamente sexagenários (e mesmo septuagenários). Lieu Yu-lan, por exemplo: tem 65 anos, vive em Pequim, em Peisinkiao; outrora analfabeta, aprendeu a ler e a escrever durante a Grande Revolução Cultural Proletária, depois lançou-se a fundo no estudo das obras do Presidente Mao e, além disso, dedicou-se a outras obras marxistas-leninistas durante o movimento de crítica a Lin Piao e Confúcio, e crítica — e com que energia — os pontos de vista reaccionários destes dois indivíduos, em ligação com as suas experiências da antiga e da nova sociedade; será chamada a fazer exposições (uma trintena) em organismos que dependem da autoridade central, em unidades do Exército e universidades.

Durante a Grande Revolução Cultural, a fim de aprofundar a crítica da linha revisionista e contra-revolucionária de Liu Chao-chi e de Lin Piao, os operários, os camponeses e os soldados, assim como os quadros, mergulharam, portanto, nas teses marxistas-leninistas entre as quais as de Mao Tsé-tung sobre a luta de classes e a ditadura do proletariado, assim como as suas obras filosóficas — principalmente *Sobre a prática e Sobre a contradição* — e seis obras marxistas-leninistas escolhidas para estudo pela autoridade central, em particular o *Manifesto do Partido Comunista* e *O Estado e a Revolução*. Mas muitos foram aqueles que, quadros dirigentes, operários, camponeses e soldados, abriram igualmente outras obras marxistas-leninistas, em particular os quatro tomos das *Obras escolhidas de Mao Tsé-tung*, assim como a história da China, a história mundial e a história da filosofia.

Na hora actual, no conjunto do País, toda a gente está a estudar e discutir os seguintes problemas: relações de classes e características da luta de classes em regime

socialista; existência da burguesia «no Partido Comunista»; — por que razão os responsáveis comprometidos na via capitalista «não deixaram de seguir esta via». Assim se aprofundou a compreensão da natureza, do objectivo, das tarefas e da conclusão da revolução socialista; é no estudo e na discussão que as massas populares conseguem perceber melhor o perigo dos responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista, sabotadores da revolução no seio das fileiras revolucionárias; conferem um impulso suplementar ao aprofundamento da crítica da linha revisionista de Teng Siao-ping e da luta contra o desvio de direita.

Uma tal amplitude no estudo vai ver levantar-se um exército de teóricos não profissionais — principalmente operários, camponeses e soldados — que formam a ossatura do estudo de massas. São presentemente cinco milhões — mais de 90% de operários, camponeses e soldados — em Pequim, em Tientsin, em Xangai, nas províncias de Liaoning e de Hopei e mesmo nas regiões autónomas das minorias nacionais: no Sinkiang — 100 000 apenas nesta região, — no Tibete, na Mongólia Interior, no Ninghsia e no Kuangsi.

Muitos grupos de estudo da Teoria determinaram assuntos que permitem uma aproximação aprofundada e contínua. Assim, o estaleiro naval Hongki de Talien, em Liaoning e certas fábricas e minas importantes de Pequim, de Xangai e de Tientsin constituíram institutos de pesquisas, gabinetes ou grupos de estudo, sobre a filosofia, a economia política, o socialismo científico, a história, a dialéctica da natureza, os assuntos internacionais e a crítica literária e artística. A província do Liaoning conta agora com mais de 13 600 grupos com 113 600 participantes.

Estes estudantes da Teoria, quer sejam operários, camponeses, soldados ou profissionais na matéria, redigiram vários milhares de artigos sobre as obras marxistas-leninistas e do Presidente Mao. Exemplos: «Notas sobre o Manifesto

do Partido Comunista» pelos operários da exploração petrolífera de Tating; «Estudar a Crítica do Programa de Gôtha, reforçar a ditadura do proletariado» pelos camponeses pobres e médios da brigada de produção de Tatchai e «Notas sobre o Imperialismo, Estádio supremo do capitalismo» pelos combatentes do E. P. L. da ilha de Tchenpao, todas elas publicações altamente apreciadas pelas largas massas populares.

O estudo das massas é uma nova realidade socialista, desenvolvida na Revolução Cultural Proletária e nascida numa luta encarniçada entre as duas linhas. Porque Liu Chao-chi e os seus partidários, temendo que as massas populares penetrassem na teoria revolucionária, lançaram mão de todos os meios para se opor ao desenvolvimento deste estudo e para impedir a difusão das obras marxistas-leninistas, apelidando de «simplismo», de «vulgaridade», de «pragmatismo», etc., o estudo dos operários, dos camponeses e dos soldados.

Uma tal linha será criticada na Revolução Cultural por todo o nosso povo e esta manigância patenteada, daí o impulso deste estudo.

Quanto a Lin Piao, se difundiu diversos absurdos, foi com o objectivo de sabotar este movimento e de tentar separar a aproximação das obras do Presidente Mao, das de Marx, Engels, Lenine e Staline. Contudo, em 1970, na altura da II sessão plenária do Comité Central saído do IX Congresso do Partido Comunista Chinês, o Presidente Mao lançará um grande apelo: «*Ler e estudar conscienciosamente para dominar o marxismo-leninismo*», apelo a que o povo responderá com o aprofundamento do movimento para «criticar Lin Piao e rectificar o nosso estilo de trabalho», depois pelo da crítica de Lin Piao e Confúcio — o estudo do marxismo, do leninismo e do pensamento de Mao Tsé-tung acabava de tomar um novo alento.

Desde o ano passado, os quadros e as massas estão empenhados num estudo sistemático das directrizes do

Presidente Mao sobre a teoria da ditadura do proletariado, criticando o revisionismo em relação com a prática, esforçando-se por limitar o direito burguês. Daí o pavor de Teng Siao-ping, o maior dos responsáveis do Partido irredutivelmente comprometidos na via capitalista, que se apressará a promover o seu programa revisionista «tomar as três directrizes como eixo» e a levantar um grande «furacão de profissionalismo» com a intenção de minar e de sufocar o movimento de estudo das massas.

Mas o povo das nossas diversas nacionalidades, munido desta arma ideológica acerada que é o marxismo-leninismo e o pensamento de Mao Tsé-tung, contrariou categoricamente esta nova expressão da linha revisionista e contra-revolucionária e perseverou no estudo dos clássicos do marxismo-leninismo e das obras do Presidente Mao.

Exemplo notável: Li Tchang-mao, esse velho operário de Tientsin, que prossegue, desde há uma dezena de anos o estudo das obras marxistas-leninistas, principalmente das do Presidente Mao.

Com 62 anos, é agora membro do Comité Permanente do Comité Revolucionário Municipal de Tientsin, Vice-Presidente da Federação Municipal dos Sindicatos e deputado à IV Assembleia Popular Nacional. A sua experiência permite-lhe dizer: Foi na luta que o marxismo, o leninismo e o pensamento de Mao Tsé-tung foram popularizados e penetraram nos nossos corações». Analfabeto na altura da Libertação, vai, no entanto, aprender a ler. Em 1958, com os outros operários da cidade, em resposta ao apelo do Presidente Mao: «*Façamos tábuas rasas dos velhos mitos, libertemos o nosso espírito*», está à cabeça no estudo das obras filosóficas do Presidente Mao. Eis como a filosofia começou a sair das salas de conferência para se tornar uma arma nas mãos do proletariado.

Mas Liu Chao-chi declarava: «Para que serve os operários estudarem a filosofia?» E Yang Hsien-tchen, um dos seus

agentes nos meios filosóficos, dizia: «Que vamos nós fazer, nós, filósofos, se os operários se põem a estudar a filosofia?» Era tentar estrangular esta nova realidade: o estudo da filosofia marxista-leninista pelas massas.

Então, Li Tchang-mao, mesmo a lutar pertinazmente contra Liu Chao-chi e Yang Hsien-tchen, ia manter um estudo perseverante da filosofia; e muitas vezes redigiu artigos para criticar diversos absurdos revisionistas, tais como «dois fundem-se num» de que Yang Hsien-tchen se tinha feito campeão, opondo-se à teoria marxista-leninista sobre a luta de classes. Durante a Grande Revolução Cultural Proletária, vê-lo-emos assim estigmatizar, com a pena, a tese do «génio» de Lin Piao e, na luta actual contra o vento desviacionista de direita, atacar a inépcia revisionista de Teng Siao-ping — «tomar as três directrizes como eixo».

Ele é presentemente responsável pelo estudo teórico de 1 300 000 operários e director das duas escolas nocturnas de teoria política dos operários na municipalidade. Com a formação de 300 000 operários-teóricos da cidade sempre na sua mira. Frequentemente convidado pelas universidades a fazer exposições sobre temas filosóficos ou diversos outros problemas e a publicar artigos nos jornais do Partido.

No estudo das obras marxistas-leninistas, incluindo as do Presidente Mao, os quadros e as massas elevam constantemente a sua consciência da luta contra o revisionismo. Por exemplo: Julho passado, Wang Tsuo-chan, secretário da célula do Partido da brigada de produção de Siaokintchuang, em Tientsin e membro do comité permanente da IV Assembleia Popular Nacional, assiste a um estágio de estudo onde ouve expor este «tomar como eixo as três directrizes» de Teng Siao-ping. Depressa faz compreender que se trata de um truque revisionista: «Dialecticamente, só pode existir uma única contradição principal no período socialista, a que existe entre o proletariado e a burguesia; esquecê-lo, é perder a linha

fundamental do Partido, é não dar nenhuma importância à luta de classes, é favorecer a restauração do capitalismo. Por isso, uma vez de volta à sua brigada de produção, não comunicará esta directriz e não a terá em conta na prática. Pelo contrário, vai reforçar, para os quadros e as massas da brigada, o estudo profundo das teorias marxistas-leninistas, em particular das do Presidente Mao, sobre a existência das classes, da luta de classes e da ditadura do proletariado, e a crítica da teoria da «extinção da luta de classes» e outros absurdos — daí, aliás, os resultados positivos alcançados por esta brigada de produção na revolução e na produção, mantendo a luta de classes como eixo, fazendo a revolução e estimulando a produção.

Depois, a todos os escalões, as organizações do Partido reforçaram a sua direcção sobre o estudo, organizando frequentemente diferentes tipos de estágios e formando monitores teóricos. Existem geralmente grupos de estudo centrais ou grupos encarregados da direcção do estudo nas organizações do Partido, a partir do nível do distrito.

AVANÇAR NA VIA DA GRANDE REVOLUÇÃO CULTURAL PROLETÁRIA

Artigo de Lieu Ta-kié, publicado na revista chinesa *Pékin Information*, nº 27, de 5 de Julho de 1976.

Decorreram dez anos desde o começo da Grande Revolução Cultural Proletária, desencadeada e dirigida pessoalmente pelo nosso grande dirigente, o Presidente Mao.

Este grande movimento político transformou numa forma revolucionária, o campo do ensino. Antes da Grande Revolução Cultural, Liu Chao-chi aplicava ali uma linha revisionista e contra-revolucionária, as ideologias feudal, capitalista e revisionista causavam estragos; praticava-se a discriminação para com os filhos dos operários e dos camponeses, enquanto a burguesia exercia ali a sua ditadura sobre o proletariado. Sou um intelectual da antiga sociedade, onde recebi a minha formação universitária. Ensino na Universidade Futan depois da Libertação. Tinha conservado muitas ideias antigas. Durante a Grande Revolução Cultural Proletária, compreendi a pouco e pouco

que grave perigo representavam para o socialismo as ideias burguesas nos domínios pedagógico e universitário.

Na Primavera de 1970, a Universidade Futan começou a seleccionar estudantes entre os operários, os camponeses e os soldados para organizar a título experimental um curso de literatura. A Universidade encarregou-me disso. Devia em primeiro lugar tratar o romance clássico chinês *O Sonho do Pavilhão Vermelho*, depois o romance francês *Le Rouge et le Noir*. Em trinta anos de experiência de ensino universitário, era a primeira vez que ensinava estudantes operários-camponeses-soldados. Preparei o meu curso com cuidado – cinquenta mil caracteres para o estudo do *Sonho do Pavilhão Vermelho* e setenta mil para *Le Rouge et le Noir*. Esforcei-me por explicar o fundo político dos autores e o conteúdo ideológico das obras do ponto de vista e pelo método da análise de classe. Pus em evidência os factores que, relativamente à época histórica, eram progressistas, sublinhando inteiramente as contradições da concepção do mundo dos autores – contradições devidas à sua época e à sua origem de classe. Critiquei igualmente as influências negativas destes livros na sociedade socialista. Os cursos foram redigidos e impressos, distribuí-os aos estudantes para que eles pudessem ter deles anteriormente uma ideia de conjunto. Na aula, pus o acento em alguns pontos essenciais e organizei frequentemente discussões depois dos cursos para recolher as sugestões e as opiniões dos estudantes, a fim de elevar o nível do ensino. Foi graças a estas horas passadas com os estudantes operários-camponeses-soldados, à sua solicitude e à sua ajuda nos estudos e nos combates comuns, que consegui uma tal atitude e um tal método de ensino. A experiência dos últimos dez anos convenceu-me de que é absolutamente necessário que os intelectuais tomem a via da integração com os operários e os camponeses.

Depois, desde o começo de 1971, embora continuando a ensinar, ocupei-me essencialmente da revisão do meu livro

A história do desenvolvimento da literatura chinesa, que tinha sido publicado antes da Libertação. E depois, apesar de duas novas edições, o seu conteúdo não tinha mudado muito. Como tinha elevado o meu nível de consciência política durante a Grande Revolução Cultural, tinha sido de opinião que uma revisão completa era absolutamente necessária. Antes de começar o trabalho, consultei sistematicamente as obras de Marx, Engels, Lenine e as do Presidente Mao que tratam da literatura clássica. Recolhi também importantes materiais históricos para analisar, com a ajuda do materialismo histórico, a evolução da literatura clássica chinesa das diferentes épocas, para dar uma apreciação histórica apropriada das obras e dos autores mais representativos. No que diz respeito às ideias negativas expressas pelos autores – ideias devidas à classe de que saíram – é preciso criticá-las de acordo com o princípio: receber o património cultural com espírito crítico. Depois de um ano de trabalho, publicou-se o primeiro tomo completamente revisto. Estava muito comovido pelas cartas de encorajamento dos operários, dos camponeses e dos soldados de todos os cantos do País. Antes da Libertação, tinham-se vendido apenas 3000 exemplares em sete anos; mas em menos de dois anos venderam-se 200 000 exemplares da nova edição. Para responder à procura dos leitores, vai-se fazer brevemente uma nova tiragem. Os sociais-imperialistas soviéticos e a clique Tchiang, restrita a Taiwan, atacam a Grande Revolução Cultural dizendo que «ela destruiu a cultura da China» e «arruinou os estudos e as pesquisas académicas». Não passam de calúnias ignóbeis.

Depois de 1974, os movimentos de massas foram desencadeados para criticar Lin Piao e Confúcio, para estudar a teoria da ditadura do proletariado e para criticar o *Chuei Hu* (À Beira da Água). A crítica da doutrina decadente de Confúcio, e de Mencio e da linha capitulacionista no *Chuei Hu* é em particular de grande importância para o estudo da nossa literatura clássica. Foi

nesta época que eu terminei a revisão do segundo tomo da minha *História do desenvolvimento da literatura chinesa*. Esforcei-me por analisar as relações de classe dos homens de letras e, tomando como ponto de partida a luta entre os confucionistas e os legistas, por explicar o processo histórico do desenvolvimento da literatura das dinastias dos Sui e dos Tang, assim como do período das cinco dinastias. Por isso, a edição revista distingue-se das antigas histórias da literatura. Por exemplo, os antigos investigadores da história da literatura realçavam Tu Fu e negligenciavam Li Pai. Desta vez fui para além das ideias tradicionais, interpretando e apreciando duma forma nova estes dois poetas da dinastia dos Tang. Li pai pertencia à classe dos pequenos e médios proprietários de terras que tinham laços estreitos com a economia comercial e industrial. Criticou a clique dominante dos grandes proprietários e a linha confuciana que defendia os seus interesses e lutou energicamente contra elas. A tendência principal dos seus poemas era, portanto, apoiar os conceitos legistas. Enquanto Tu Fu, saído duma família de proprietários de terras burocráticos e influenciado fortemente pelas ideias confucianas, tinha uma posição política e uma atitude conservadora na vida. É portanto natural que os seus poemas representem tendências e estilos diferentes. Os críticos do passado louvavam Tu Fu pela sua «lealdade e o seu amor filial» fazendo dele o «maior poeta de todos os tempos». Caluniava-se Li Pai atribuindo-lhe todas as sem-razões, o que era a manifestação evidente do confucionismo na crítica literária. Estas influências fétidas devem ser liquidadas. Contudo, não devemos ver as coisas de forma arbitrária ou unilateral. Para os poetas como Tu Fu, cujo pensamento era limitado pelas suas condições de classe e pelas ideias confucianas, devemos tomar em consideração os reveses políticos que sofreram na vida, assim como as contradições do seu pensamento. Resumidamente, devemos adoptar o método dialéctico

segundo o qual um se divide em dois. Embora criticando a sua ideologia dirigida pela doutrina confuciana, devemos notar que eles também criaram obras excelentes em épocas diferentes e que contribuíram mais ou menos para a poesia da dinastia dos Tang. É por isso que eles ocupam uma posição na história da literatura chinesa. Foi com esta concepção que redigi o segundo tomo do meu livro, que vai aparecer brevemente.

Apesar de ter mais de setenta anos, sinto-me completamente jovem. No futuro, redobrarei de esforços para estudar as obras do Presidente Mao e corrigir a minha concepção do mundo. Tomarei uma parte activa na luta actual contra o desvio de direita e para estigmatizar a linha revisionista e contra-revolucionária de Teng Siao-ping. Esforçar-me-ei por obter novos resultados nos meus trabalhos de pesquisa. Pelas minhas acções concretas, darei a minha parte à consolidação e ao desenvolvimento das aquisições da Grande Revolução Cultural e à defesa da linha revolucionária do Presidente Mao.

CORPO DOCENTE SAÍDO DA TRIPLA UNIÃO

Artigo de Fu Sin-tsi, publicado na revista chinesa *Pé-kin Information* nº 4, de 26 de Janeiro de 1976.

Último artigo saído de uma série a respeito da revolução no ensino na Universidade Tongtsi de Xangai. Os dois primeiros, «Um bom exemplo do ensino à porta aberta» e «G e r a r e t r a n s f o r m a r a Universidade — estudando», apareceram nos nºs 1 e 2.

«*O problema essencial na reforma do ensino é o dos docentes*», disse o Presidente Mao. E eis que um novo corpo de docentes toma forma graças à revolução neste domínio. Compõem-se de operários, de camponeses, de soldados, de técnicos revolucionários e de docentes «de origem» (isto é aqueles que vêm da antiga sociedade, ou que se formaram antes da Grande Revolução Cultural Proletária, quando a linha revisionista dominava). E desempenha hoje um papel importante na promoção desta revolução.

A Formação

De acordo com o princípio do Partido que «*a educação deve estar ao serviço da política do proletariado e ser combinada com o trabalho produtivo*», recrutámos em

1969 um primeiro grupo de estudantes operários-camponeses-soldados, a que deram cursos nos estaleiros de construção, onde se conduzem paralelamente concepção e trabalhos. Era a primeira vez que participava em tais actividades pedagógicas.

Diplomado em 1947 pelo Departamento de Engenharia Civil na Universidade de Tongtsi, sou agora professor de arquitectura nesse estabelecimento há vinte e alguns anos; e contudo, no estaleiro tive bastantes dificuldades em associar ne ensino teoria e prática; o que demonstra, como disse Lenine, nas *«Tarefas das Uniões e da Juventude»*, que *«um dos grandes males e flagelos que a antiga sociedade capitalista nos legou, foi a ruptura total entre o livro e a prática da vida»*. Como antigamente ensinava sempre na sala de aula, uma vez o curso terminado, reunia as minhas coisas e ia-me embora. Continuava a fazer o mesmo no estaleiro. Assim, dando vários cursos sobre a estrutura de um rebordo de telhado, enchia sempre o quadro de desenhos; e ao fazer isto, tinha o sentimento de fazer conscienciosamente o meu trabalho — com grande prejuízo dos alunos que me disseram: «Professor, o senhor só desenha no quadro e o depósito está muito perto, porque não nos dirigimos lá para dar uma vista de olhos?» Eles têm razão, pensei eu, mas não estando familiarizado com o terreno, receava enganar-me e ridicularizar-me.

Nesse momento, um membro da equipa de propaganda operária que participava no ensino disse-me: «Não tenhas medo; chega uma ou duas vezes para se habituar. Vou-te mostrar como se fazer». E ele levou os estudantes para participarem na construção de um telhado, pregar as tábuas, colocar as telhas e o resto, explicando-lhes pela prática como se fazia o trabalho. Satisfeitos desta vez, os estudantes declaravam que «olhando e mexendo é fácil fixar». Boa lição, para os que foram formados na antiga escola, que *«feitas as contas eles têm mais a aprender com*

os operários do que estes com eles». (Engels: «Resposta à redacção do Sachsische Arbeiter — Zeitung»).

Uma análise de classe dos docentes de origem permitiu ao Comité do Partido para a Universidade constatar que, se a maior parte deles querem servir o socialismo e integrar-se com os operários e os camponeses, profundamente influenciados como são pelos conceitos burgueses têm tendência para desligar a teoria da prática e a sua concepção do mundo permanece na essência burguesa; por isso a sua transformação ideológica requer um certo tempo e, para conduzir a bom termo a revolução proletária no ensino, a universidade deverá infundir um sangue novo no corpo docente tradicional.

Aplicando a directriz do Presidente Mao: *«Para realizar a revolução proletária no ensino, é preciso que ela seja dirigida pela classe operária, é preciso que as massas operárias tomem parte nela»*, o Comité do Partido da escola tomou oficialmente ao seu serviço como professores operários que trabalhavam na produção, assim como convidou projectistas de um gabinete de concepção como conselheiros para a elaboração dos projectos. Os professores-operários e a sua grande experiência prática, os antigos professores e os seus conhecimentos livrescos bastante bons, os projectistas e a sua experiência concepcional — cada um dando o seu forte e completando-se, formam em conjunto um corpo de ensino de tipo novo. Hoje, Tongtsi inclui 280 docentes de origem, 14 professores-operários e 10 professores-projectistas, aos quais é preciso acrescentar uma centena de operários encarregados dos cursos, que não estão separados do trabalho de produção.

Uma sólida ossatura

Os professores-operários representam a classe operária nas fileiras dos docentes; sofreram a opressão imperialista,

capitalista e feudal, ela abomina o antigo sistema, assim como é a mais resoluta a conduzir a revolução. No antigo regime, a cultura e o ensino sempre foram o monopólio dos proprietários de terras e da burguesia, sendo as massas operárias as suas vítimas. Por isso sabem melhor do que ninguém o que é preciso para dirigir os estabelecimentos escolares e para formar os sucessores da sua classe. Os professores-operários são em número pouco importante, mas são eles que dirigem a revolução no ensino, participando nele e estão à altura de manter a orientação proletária. Constituem portanto uma sólida ossatura neste triplo corpo de ensino.

Vários anos de contactos com os professores-operários permitiram convencer-me do bom conhecimento da luta de classes e do combate que travam as duas linhas. Na sua profissão de docentes, eles aplicam estritamente as instruções do Presidente Mao que dão a direcção da educação ao proletariado e encorajam as realidades novas do socialismo; enquanto criticam sem descanso e rejeitam os desvios burgueses e revisionistas.

Querendo pôr termo ao divórcio entre a teoria e a prática, organizámos estudos em ligação com os projectos-tipo — isto é: confia-se aos docentes e aos estudantes uma tarefa real da concepção e da realização de um projecto escolhido, para lhes permitir tirar dele um trabalho político e uma formação instrutiva.

Uma vez, uma classe seguia um curso prático para fazer um atelier com um andar, quando o professor em função, temendo assumir a responsabilidade, recusou tomar as coisas em mão; tal como o desenhador, que fazia parte da equipa e que julgava os estudantes incapazes de cumprir uma tal tarefa. Encontrávamo-nos perante este dilema: ia-se ou não ousar perseverar na via indicada? Um professor-operário avançou e declarou: «É preciso encorajar as inovações socialistas e não se deixar aterrorizar pelas dificuldades. Eu encarrego-me disso!» E ele pôs-se à cabeça

dos docentes e dos estudantes para se aplicar na tarefa, que conduziu com êxito.

Notemos que antes da Grande Revolução Cultural Proletária, certos professores entre nós inculcavam nos estudantes conceitos idealistas e burgueses, dizendo-lhes que para aprender a arquitectura, «é preciso ter os olhos do pintor, a inspiração do escritor, a sensibilidade do poeta, o cérebro do filósofo e aspirar a tornar-se arquitecto», ou ainda «façam o vosso caminho por vós próprios», «procurem a fama», etc..

Em compensação, os professores-operários põem em primeiro plano a transformação ideológica dos estudantes, seguindo os ensinamentos do Presidente Mao, dizendo-lhes constantemente para não separarem nem os estudos profissionais da política proletária, nem os seus estudos teóricos da prática. Pedem-lhes para se inspirarem nas boas qualidades da classe operária, de se impregnarem do seu melhor, através do trabalho manual, da concepção proletária do mundo.

Contudo, alguns dos nossos docentes, consciente ou inconscientemente, causam ainda prejuízo aos estudantes citando-lhes um montão de coisas burguesas, brilhantes mas vazias. Enquanto os professores-operários os formam pacientemente de forma que em tudo no seu trabalho apliquem o princípio de economia e de diligência preconizada pelo Partido.

Influenciada por ideias caducas, certa estudante pendia para a procura da elegância nos planos; assim, uma vez, ao conceber um projecto, ela quis conservar um espaço regular entre vários tubos de escoamento ao longo de uma superfície vertical e foi levada a recurvar um deles que caía precisamente no ângulo do telhado de um hângar de ferramentas. Ao ver isso, um professor-operário disse-lhe: «Deslocando um pouco este tubo podemos mantê-lo direito e economizar-se-á material e trabalho. Inútil procurar fazer efeito.» E isso levou a estudante a perceber o seu erro.

O Comité do Partido para a Universidade interessa-se particularmente pela formação dos professores-operários: envia-os um a um para um estágio de estudo das obras de Marx, Engels, Lenine e Staline assim como as do Presidente Mao; dá-lhes frequentes ocasiões para voltar às suas equipas de trabalho e de participar assim na produção. Tudo isso com o objectivo de conservar as suas belas qualidades, próprias à classe operária, e o seu forte — a experiência prática. Ao mesmo tempo, o Comité submete-se ao princípio definido pelo Presidente Mao, segundo o qual as pessoas que têm experiência prática devem estudar a teoria e debruçar-se sobre os livros; só então poderão sistematizar a sua experiência, sintetizá-la e elevá-la ao nível da teoria. Ao fazer isto, organizou, na intenção dos professores-operários, estágios de seis a nove meses, onde eles estudam certa especialidade em teoria, depois tomam parte na concepção de projectos-tipo. Isso permite-lhes possuir uma melhor experiência prática e um certo nível teórico no seu ofício. Resultado: estão hoje à altura de receber sozinhos conjuntos complexos e a dar cursos.

Eis um outro exemplo: o professor-operário Huang Kin-cheng tem trinta anos de ofício na marcenaria, na construção — portanto uma rica experiência prática. Com a ajuda dos docentes profissionais da Universidade, elevou sensivelmente o seu saber teórico. E dá lições, intimamente ligadas à prática, que são muito vivas. Por isso os estudantes seguem os seus cursos com prazer. Além disso, participa na redacção dos textos de ensino, de que ele próprio redigiu 90 000 caracteres, ou seja um quarto do manual intitulado *«Noções Elementares de Construção de Casas»*, e desenhou 57 ilustrações — uma obra que já foi publicada.

Nova contribuição dos velhos professores

Graças à remodelação ideológica e à sua integração nos operários e camponeses, os velhos professores — como nós

— desempenham hoje um papel novo na educação.

Lenine tinha assinalado bastante bem que *«os homens cultivados cedem à influência e à política da burguesia porque receberam toda a sua cultura do ambiente burguês, através deste ambiente»*. (*Sucessos e Dificuldades do Poder dos Sovietes*). Com efeito, formado pelo ensino de outrora, tomava anteriormente os meus «conhecimentos» por um capital que me permitisse adquirir renome e proveito pessoais. Antes da Libertação, tinha trabalhado para um capitalista numa companhia privada de construção — e efectivamente, vendia-lhe os meus conhecimentos. Depois da Libertação, sob a influência da linha revisionista, os meus conceitos de «propriedade privada dos conhecimentos» não se modificaram naturalmente. Assim, em 1961, tendo-me a direcção da Universidade encarregado de redigir uma obra de um milhão de caracteres sobre a *Construção das Casas*, limitei-me a reproduzir o trabalho dos outros, e atribuíram-me o título de «redactor-chefe», assim como um salário para o manuscrito — bom negócio financeiro, e para meu renome! Parecendo-me então que tudo isso resultava do meu saber, estava muito satisfeito.

Depois rebentou a Grande Revolução Cultural Proletária, que devia varrer as minhas ideias de «propriedade privada dos conhecimentos». Com efeito, encarregado um dia de preparar um curso sobre questões de realizações, a minha falta de experiência para transpor no estaleiro as medidas do plano fez-me pedir a ajuda de um professor-operário que, esse, possuía uma experiência prática neste domínio. Ele explicou-me tudo, sem nenhuma restrição. Não tratando a sua competência como uma propriedade privada, trouxe-me uma grande ajuda, e nada de lhe dar qualquer importância. Este grande desinteresse foi portanto para mim um bom modelo a seguir.

Mais tarde, quando me encontrei numa região montanhosa do Este, onde participava na aplicação prática da revolução no ensino, assim como nos trabalhos de

construção, as dificuldades de transporte tornaram difícil num momento o fornecimento de tijolos, e o trabalho foi suspenso. Inquietude entre os operários, tal como em mim. Propus então utilizar grandes calhaus apanhados no mesmo lugar; e tendo a ideia sido aprovada pela direcção assim como pelos operários, fizeram em conjunto experiências de calhaus sem areia, com bons resultados. Tivemos com que montar várias dezenas de milhar de metros quadrados de construções, e pudemos cumprir a nossa tarefa.

Outrora, nós, velhos professores, ensinávamos sem formar homens, hoje, dedicamo-nos a melhorar a nossa própria concepção do mundo, velamos também por lhes dar uma educação política e ideológica, de tal forma que seja a política que domine os cursos profissionais. Por exemplo, nós levamos os estudantes a visitar bairros de habitações operárias — pardieiros de antes da Libertação e alojamentos construídos desde então para eles pelo governo popular; convidamos velhos operários a recordar os sofrimentos da antiga sociedade. Isto permite-lhes portanto simultaneamente fazer inquéritos sobre a construção recebendo uma educação de classe. Fazendo planos, já não consideram a concepção como um simples trabalho técnico, mas como um testemunho de classe: o serviço de corpo e alma do povo.

Temos mesmo ocasião, para instruir os estudantes, de nos servir de exemplos que mostram o que sofremos com a linha revisionista antes da Grande Revolução Cultural. Na época tinha concebido um imóvel de habitação não procurando senão a pretensa «alta qualidade» e o «conforto». Daí o seu custo elevado. O que ia naturalmente contra o princípio de edificar tudo com diligência e economia. Levando os estudantes aos lugares, tirei com eles a lição disso, e criticámos a linha revisionista responsável por isso — o que lhes deu uma lição viva sobre a linha política.

Há trinta velhos professores como eu entre os 280 do-

centes de origem. A maioria deles fizeram, a diversos graus, progressos; isso graças à educação do Partido, à participação na Grande Revolução Cultural, à crítica da linha revisionista, como também ao facto de eles se dirigirem aos depósitos, ao campo, onde as massas operárias e camponesas fazem ver as coisas de outra maneira. Hu Juei-hua é um exemplo disso: encarregado de curso, desde a sua chegada junto da equipa de construção de um depósito onde grandes esforços se fazem para acelerar a mecanização, rompe com os maus hábitos dos intelectuais — tudo na boca, nada nas mãos —, e participa nos trabalhos ao lado dos operários. Em seis anos e alguns meses, conseguiu realizar com eles uma dezena de inovações técnicas que elevaram a produtividade, melhoraram as condições de transporte, reduziram a carga do trabalho e economizaram as matérias-primas. Pôde, além disso, tirar da experiência adquirida em comum na prática das inovações técnicas, conhecimentos teóricos, que introduziu no ensino. O que foi muito apreciado pelos estudantes. «Eu ensino desde há várias dezenas de anos, disse ele, não sem emoção, mas só hoje tomei o bom caminho. Toda a minha vida futura seguirei a linha revolucionária que o Presidente Mao nos indicou». Tal é a nossa resolução comum, tais são os nossos sentimentos, de velhos professores.

VISITA À FÁBRICA DE LOCOMOTIVAS E VAGÕES DE TALIAN

Artigo dos correspondentes
Tchen Kin e Hsiang Jen, pu-
blicado na revista chinesa *Pé-
kin Information*, nº 19, de 10
de Maio de 1976.

Que fazer para que uma velha fábrica, que só podia reparar locomotivas a vapor, as possa passar a fabricar, inclusive os próprios grandes motores Diesel? Segundo o sistema capitalista, o proprietário coloca os capitais, os engenheiros fazem os planos para as fábricas, o equipamento e a tecnologia; quanto aos operários, só lhes resta trabalhar com as suas mãos — apertar parafusos, pôr engrenagens —, mas eles não têm o direito nem o dever de tocar em qualquer outra coisa.

As nossas empresas socialistas seguem uma via completamente diferente — segundo os métodos de «empreender grandes movimentos de massas», e «mobilizar as massas para as inovações e a revolução técnicas». Por isso, a fábrica deve esforçar-se por contar com as suas próprias forças — o que não exclui, bem entendido, a

assistência do Estado em investimentos ou em material, nem a ajuda das outras unidades num espírito de cooperação socialista. «Empreender grandes movimentos de massas» é mobilizar todos os trabalhadores da fábrica — desde os simples operários até aos peritos, os cozinheiros e os vigilantes das crianças, os quadros administrativos — para os convidar a fazer propostas, sugestões e críticas; a direcção do Partido está encarregada de centralizar as ideias justas para depois as repercutir nas massas e apoia-se na sabedoria e na força colectivas para as pôr em prática.

Mas, desejosos de manter a antiga ordem capitalista, os revisionistas opõem-se a tais métodos, que repugnam igualmente aos defensores dos conceitos tradicionais caducos. Para eles, trata-se de procedimentos «irregulares como nunca se viram», «tagarelices que conduzem à desordem». Às propostas audazes, sobretudo às formuladas pelos operários, respondem habitualmente que «isso não tem valor — não se encontra isso nos documentos estrangeiros!» E quando o movimento de massas sofre derrotas e reveses, intervêm, inflexíveis: «Assim mesmo! É um trabalho especializado, não se admitem esses métodos!»

Na verdade, os métodos são ou não viáveis? Nas empresas de Liuta que visitámos, a resposta, afirmativa, resulta de realizações convincentes: um exemplo: o da fábrica das locomotivas e de vagões de Talien. Uma empresa de Estado com um efectivo de 8 700 pessoas, e onde se fabricam hoje em série locomotivas Diesel e vagões de diversos tipos.

Desenvolver o potencial

O Presidente Mao disse que «não podemos utilizar os atalhos batidos do desenvolvimento técnico, seguidos pelos outros países, deixando-nos arrastar por eles. Devemos romper com a rotina e utilizar o mais possível as técnicas de

vanguarda a fim de fazer do nosso País um Estado socialista, poderoso e moderno, num período histórico que não seja demasiado longo».

A China do passado deixou-nos uma base industrial muito fraca; para realizar a industrialização socialista, por um lado, construímos o número necessário de empresas que formam a ossatura e que são dotadas de uma técnica bastante avançada; por outro lado, procedemos à transformação socialista das fábricas existentes, assim como à sua revolução técnica, esta conduzida essencialmente graças aos esforços do seu pessoal e tirando o máximo do potencial da fábrica.

Fundada há 75 anos, a fábrica de locomotivas e de vagões de Talien foi praticamente uma oficina de reparação, durante os quarenta anos da ocupação de Liuta pela Rússia czarista e depois pelos imperialistas japoneses. Nas vésperas da Libertação, o inimigo tinha lançado fogo a todas as informações técnicas, destruído os edifícios e os materiais. Depois da Libertação, sob a direcção do Partido, a fábrica foi transformada numa empresa socialista de Estado, cuja produção recuperou rapidamente. Mas foi no decurso de vinte anos que se seguiram que deviam desenrolar-se três revoluções técnicas de grande envergadura.

A primeira começou em 1954, tendo como objectivo passar da reparação à fabricação, e em Outubro de 1956 saiu daqui uma primeira série de locomotivas a vapor inteiramente chinesas.

A segunda data: 1958, o ano do Grande Salto em Frente. Os operários e os técnicos conjugaram os seus esforços para fabricar em três anos uma locomotiva Diesel de dois mil cavalos — prototipo original e que sairá em série a partir de 1962. Infelizmente, no decurso destas duas experiências, a interferência da linha revisionista de Liu Chao-chi impediu os operários de utilizar plenamente a sua iniciativa e o seu espírito criador.

Em 1969, nasceu a primeira locomotiva Diesel de quatro

mil cavalos e, em 1972, decidiu-se fabricá-la em série: a terceira revolução técnica tinha começado. Desta vez, com a Grande Revolução Cultural Proletária em curso — que se opunha à linha revisionista de Liu Chao-chi — o Comité do Partido e o Comité Revolucionário, novamente instalados, aplicaram a linha revolucionária do Presidente Mao e mobilizaram plenamente as massas; daí os seus belos resultados: uma dezena de milhar de inovações técnicas realizadas, 30 000 metros quadrados de edifícios construídos, 300 novas máquinas fabricadas, 1 200 antigas renovadas, 59 cadeias de produção automáticas instaladas. As novas locomotivas Diesel, inteiramente concebidas pela fábrica, respondem às normas avançadas do mundo. Em regra geral, uma tal conversão da produção pede pelo menos quatro anos, mas aqui bastaram dois anos e meio, aliás sem a admissão de novos operários. Em Junho de 1974, a fábrica abriu uma nova página da sua produção: as suas novas locomotivas, modernas e de grande potência, saem doravante em série.

Travar uma «guerra popular»

Esta nova fase de produção exigiu um reapetrechamento técnico, um apoio material nos pontos fracos, a renovação de 80% das velhas máquinas, a solução com bom resultado dos problemas técnicos. Como se procedeu? O Comité do Partido decidiu lançar um novo movimento de massas — um grande princípio que o Presidente Mao formulou na «carta da Sociedade Siderúrgica de Anchan» para que o proletariado possa gerir a empresa.

Em primeiro lugar, o Comité do Partido fez conhecer às massas o significado deste movimento, as suas tarefas e os seus princípios de base, de forma a mobilizá-las. Depois de longas discussões, elaboraram-se planos; sob a palavra de ordem de combate: «Com 8000, lançar-se nas 4000 — isto é com 8 000 operários, fabricar locomotivas de 4 000 cv.. A

«direcção do ataque» de cada oficina é fixada, assim como o projecto principal de cada equipa de produção e a inovação que deve realizar cada trabalhador.

Graças à Grande Revolução Cultural, os operários são muito mais orgulhosos de ser donos do País e têm um melhor sentido das suas responsabilidades. Estão determinados a igualar e a ultrapassar o nível internacional, e a fazer honra à sua pátria socialista. Lançam-se nesta «guerra popular» que representam as inovações técnicas, o que lhes permitirá aperfeiçoar os equipamentos, construir edifícios, sem para isso fazer apelo a um aumento do pessoal.

Lieu Kuo-jong, membro do Partido e trabalhador modelo da oficina nº 12 de mecânica, foi o primeiro a lançar esta palavra de ordem: «Edificar o socialismo com um espírito de abnegação comunista», palavra de ordem que põe em prática dando o exemplo: não contente por cumprir, tanto em qualidade como em quantidade, a sua parte da produção, consagra toda a sua energia à revolução técnica, o que o faz alcançar notáveis sucessos. Encorajados pelo seu modelo, numerosos operários põem-se a trabalhar sem descanso, de tal forma que dois fazem o trabalho de três e que as normas de uma jorna são realizadas em meia jorna. Isto permite consagrar mais energias às inovações técnicas. Toda a fábrica transborda de actividade.

O primeiro combate consistiu em «operar» as velhas máquinas, muitas das quais datam dos anos 30 ou 40: teriam sido postas fora de serviço. Mas os operários vão «restaurá-las». Um torno vulgar, por exemplo, fabricado em 1908 e considerado demasiado velho, foi restaurado pelos operários para fazer dele uma máquina ferramenta semiautomática de lâminas múltiplas, que multiplica sete vezes o rendimento.

Uma outra linha de ataque foi a supressão das pesadas necessidades manuais e a melhoria das condições de trabalho. Na oficina de derrame do ferro, por exemplo, a

moldagem dos eixos motores outrora efectuava-se à mão; para o modelo de uns trinta quilogramas, um operário robusto precisava de vinte minutos para o tirar do molde e, à menor imperícia, estragava o molde. Os operários lançaram, portanto, uma «ofensiva», conjugando o seu saber e as suas forças, para fabricar — no espaço de catorze dias — uma máquina que facilita grandemente a desmoldagem, agora realizada em meio minuto e sem problemas.

Transpor os cumes da ciência e da técnica representa um outro objectivo importante. Em 1973, os operários tomaram nota das observações do departamento de transporte ferroviário, que as locomotivas Diesel que fabricavam ultrapassavam em numerosos pontos as que se tinham importado, excepto no que toca ao rectificador de silício de 200 A — de fraco rendimento e demasiado pesado. «Devemos possuir, tinham declarado, o que têm os países estrangeiros e mesmo o que eles ainda não têm». E decidiram criar componentes de silício de 500 A para refrigeração a ar». Esta decisão obtém inteiramente o apoio do Comité do Partido e a batalha começa sem mais demora. A fim de não multiplicar as forças de trabalho, as diferentes oficinas, cantina e creche incluídas, trazem a sua ajuda em mão-de-obra. Os operários trabalham estudando assiduamente e o objectivo será atingido cem dias mais tarde. Seguidamente, tendo informação de que no estrangeiro estes componentes atingem um rendimento de 800 A, quiseram fazer uma nova «marcha» para 1000 A. Este sucesso será também alcançado depois de quatro meses de lutas árduas.

Não só as oficinas, como os gabinetes administrativos e os outros serviços se puseram igualmente em acção. Por exemplo, se outrora a construção dos edifícios era tarefa apenas das equipas profissionais, agora as fronteiras das profissões foram quebradas: toda a gente participa. Constroem-se assim as oficinas necessárias, assim como

21 000 metros quadrados de habitação para os operários; pelo seu lado, os cozinheiros desenvolvem o seu ramo e põem a funcionar uma cortadora semiautomática para legumes e carne; o hospital dos operários é também aumentado, pelos próprios trabalhadores, que criam simultaneamente uma fábrica de medicamentos equipada com máquinas do seu fabrico. Quanto aos quadros dos escritórios, encontramos-os frequentemente na brecha, a participarem na produção ao mesmo tempo que assinalam as inovações técnicas dos operários, a fim de as sistematizar e popularizar sem demora. Sozinho, o serviço encarregado dos trabalhos de construção e do equipamento organizou, nuns três anos, duzentas e setenta reuniões sobre o trabalho para dar a conhecer a experiência de vanguarda adquirida o que acelerou o progresso da revolução técnica no conjunto.

O «gigante de aço» — conquista da tripla união

Movimento de massas não quer dizer rejeição da competência dos quadros técnicos; pelo contrário, permite-lhes integrarem-se mais estreitamente com os operários e desempenhar assim um papel mais importante. A tripla união entre operários, quadros e técnicos — um outro princípio fixado pelo Presidente Mao na *Carta da Sociedade Siderúrgica de Anchan* — é já coisa feita nesta fábrica, como noutras empresas do País. Tem os seus frutos: utiliza, com efeito, a rica experiência dos operários, os conhecimentos científicos dos técnicos e a competência dos quadros na organização, criando assim uma força centrípeta; além disso, traduz concretamente as novas relações de produção na indústria socialista.

No atelier nº 2 de mecânica, vimos um «gigante de aço» com vinte e cinco metros de comprimento e duzentas toneladas de peso — um conjunto de máquinas-ferramentas de comando numérico, compostas por vinte mil peças. Com as suas trinta e duas placas e os seus vinte e três motores

conjugados, este gigante está em vias de acabar automaticamente a bancada de um motor, que entra numa extremidade da grande máquina e sai pela outra já com 578 buracos. Eis um rendimento multiplicado por oito.

Operários e técnicos que participam na tripla união contam-nos a história do seu nascimento: em 1973, o combate pela conversão da produção atinge o auge. Todos os sectores avançam por saltos, excepto o da fábrica dos *carters* que se arrasta. Depois do longo acabamento, é preciso furar uns setecentos buracos sobre um *carter* de cinco toneladas, e calibrá-los — isto porque é preciso primeiramente traçar linhas, suspender a peça acima da máquina e mudar as lâminas várias dezenas de vezes. Trabalho intensivo mas rendimento muito baixo e os operários têm pressa de acabar com um tal sistema.

No decurso de uma reunião da oficina, Tong King-cheng, um operário veterano, propõe: Não se pode fazer uma máquina-ferramenta automática — carregava-se num botão, o bloco entrava por uma extremidade e saía pela outra todo furado? » A iniciativa é audaciosa, mas abre novos horizontes. O engenheiro Hsiang Yi-ying estuda o problema com os operários e considera finalmente que se poderia conceber uma grande máquina-ferramenta de múltiplas placas e traça o plano delas. Mas vai-se conseguir? É pouco certo.

Tendo conhecido o projecto, todos os membros do Comité do Partido vêm à oficina, ouvem uma exposição e tomam imediatamente a decisão de dar o seu acordo de princípio ao projecto. Kuo Che-hao, o secretário do Comité do Partido, antigo quadro do Exército, encoraja os operários dizendo: «A orientação deste projecto é justa e a sua realização representará um grande progresso. Ponhamos todos os nossos esforços para o conseguir; mas se falhar não têm importância; para aprender também é preciso pagar alguma coisa.»

O apoio do Comité do Partido fortaleceu a vontade dos

operários, elevou o moral dos técnicos e encorajou os quadros da oficina. Por isso ousaram atingir um novo cume: fazer funcionar esta grande máquina por controlo numérico. Aliás, são eles próprios que se encarregam da concepção e da montagem. Sem perder um instante formou-se um grupo de tripla união. Compreende quatro operários veteranos, quatro técnicos mais um quadro dirigente da oficina. A elaboração dos planos começa. O quadro toma a direcção, Hsiang Yi-ying assume as funções de desenhador-chefe, os outros técnicos encarregaram-se dos planos e os velhos operários fazem todas as sugestões que permitem corrigir as ideias inaplicáveis. Graças a uma tal cooperação estreita, produzem mil e duzentas plantas em três meses. As vinte e quatro oficinas participam também encarregando-se do acabamento das peças e, sob a direcção e organização do ministério, uma dúzia de empresas de Pequim, de Xangai e de Chenyang trazem a sua colaboração. Depois de dezasseis meses de trabalho acelerado, todas as dificuldades são superadas umas após outras. Em Março de 1974, o «gigante de aço» vê finalmente o dia e entra logo em função.

Vendo-o fabricar com uma tal capacidade, ficámos impressionados uma vez mais com este ensinamento do Presidente Mao: «*As massas são os verdadeiros heróis*»; porque se se compreende facilmente que para fazer a revolução é preciso apoiar-se nas massas, a edificação do País — mesmo num domínio especializado — pede portanto também que se mobilizem as massas. Fazendo isto, pode-se utilizar a divisa: quantidade, rapidez, qualidade e economia; em caso contrário, não só o resultado será negativo no plano económico mas, o que é mais grave, afastar-nos-emos política e ideologicamente de um princípio fundamental — apoiar-se de todo o coração na classe operária — pender-se-á para métodos revisionistas, estilo «gestão da fábrica pelos peritos», «responsabilidade única do director».

Grandes movimentos de massas, baseados nos princípios da *Carta da Sociedade Siderúrgica de Anchan*», trouxeram grandes mudanças à fábrica de locomotivas; e acontece o mesmo através de toda a cidade de Liuta, que conhece um rápido desenvolvimento. Marcada pela colonização, só tinha outrora oficinas de reparação, lagares e fábricas têxteis; é hoje uma próspera cidade industrial socialista, centrada na construção mecânica, na indústria química e ligeira. E em 1975, o valor global da sua produção industrial foi 25, 6 vezes a de 1949.

O seu nível actual é ainda muito elevado, mas a linha revolucionária do Presidente Mao, a *Carta da Sociedade Siderúrgica de Anchan* e o apelo para «seguir o exemplo de Taking» abriram uma fase de expansão acelerada à sua indústria socialista, como aliás em todo o País, numa larga via que conduz a um futuro radioso e que já se vê na realidade, cheia de sentido.

A CRÍTICA A TENG SIAO-PING ACELERA O DESENVOLVIMENTO IMPETUOSO DA INDÚSTRIA E DAS COMUNICAÇÕES

Artigo tirado da revista chinesa *Pékin Information* n.º 19, de 10 de Maio de 1976.

A revolução tudo transforma e tudo pode transformar. Graças à grande luta conduzida durante alguns meses para criticar Teng Siao-ping e ripostar ao vento desviacionista de direita, em particular com o impulso das duas importantes resoluções adoptadas por unanimidade pelo *Bureau* Político do Comité Central do Partido Comunista Chinês por proposta do nosso grande dirigente, o Presidente Mao, grandes mudanças sucederam através do país nas frentes da indústria, das comunicações e da construção de base.

Situação excelente no plano político

O sinal característico da situação excelente é a plena mobilização das massas populares. A classe operária desempenha o papel principal nesta luta revolucionária. Sob

a direcção das organizações do Partido em todos os escalões, as massas operárias, dinâmicas e combativas, condenam os crimes cometidos por Teng Siao-ping que procurou, mas em vão, derrubar a ditadura do proletariado e trazer de volta o capitalismo. Armadas com o pensamento de Mao Tsé-tung e endurecidas pela Grande Revolução Cultural Proletária viram Teng Siao-ping como o representante da burguesia que se encontra tanto no Partido como no exterior, representante ainda dos proprietários de terras, dos camponeses ricos, dos contra-revolucionários, dos maus elementos e dos direitistas que recusam reeducar-se; que é ele igualmente o principal culpado do incidente político contra-revolucionário da praça Tien-an-men. Indignadas com tudo isso, as massas dirigem a ponta da sua lança contra Teng Siao-ping, contra a sua linha revisionista e contra-revolucionária; e este importante responsável do Partido que se comprometeu na via capitalista e recusa emendar-se, encontra-se agora isolado, como um rato que atravessa a rua, perseguido por toda a gente.

Nas primeiras linhas, os dirigentes das empresas industriais e das comunicações asseguram com firmeza a política revolucionária do Presidente Mao; eles dão o exemplo estudando, criticando e ripostando ao vento desviacionista de direita; do mesmo modo, aplaudem as novas realizações socialistas, de que são os promotores, enquanto que velam para limitar o direito burguês. Assim, as equipas dirigentes — tripla união das três gerações — avançam num combate solidário.

Através desta luta, os quadros e os operários compreendem melhor que é essencial prosseguir a revolução socialista na superestrutura e na infra-estrutura, melhorar continuamente as relações de produção socialistas, manter à cabeça das empresas verdadeiros marxistas e as largas massas operárias, restringir o direito burguês, de forma a consolidar a ditadura do proletariado e anular as manobras do capitalismo. Mantêm bem alta a bandeira da «Carta da

Sociedade Siderúrgica d' Anchan», põem a política no posto de comando e reforçam o papel dirigente do Partido; suscitam movimentos de massas, fazem participar os quadros no trabalho manual e os operários na gestão das fábricas; melhoram os regulamentos, asseguram uma estreita cooperação entre quadros, operários e técnicos, animam a revolução técnica; condensam as experiências para tomarem medidas práticas.

Os grupos operários de estudo da teoria marxista-leninista desempenham um papel de vanguarda na luta contra o vento desviacionista de direita. Dezenas, centenas de milhar de operários-teóricos activam-se em todas as cidades industriais, grandes e médias. Aplicam-se no estudo do marxismo; fazem críticas aos crimes reaccionários cometidos por Teng Siao-ping, contra a sabotagem provocada por um punhado de inimigos de classe. Novas universidades operárias «21 de Junho» desenvolvem-se sem cessar. Nove sectores da indústria e das comunicações têm ao todo 3700 escolas deste tipo; e são centenas de milhar de operários, enriquecidos pela experiência prática, que realizam bem as suas tarefas na revolução e na produção com o seu espírito socialista e os seus conhecimentos políticos, que defendem activamente nas empresas industriais e mineiras a linha revolucionária do Presidente Mao.

A situação excelente nas empresas demonstra que a ditadura do proletariado conhece uma consolidação sem precedentes. Deste modo o desenvolvimento ulterior da produção socialista segue uma linha politicamente correcta.

A Revolução estimula o desenvolvimento das forças produtivas

As críticas a Teng Siao-ping e contra o desvio de direita deram um grande impulso ao desenvolvimento da produção.

No decurso do primeiro trimestre, a produção do petró-

leo, do carvão, da electricidade, dos adubos químicos, do aço, da fundição, dos metais não-ferrosos; do cimento, o valor global da produção das indústrias mecânicas e electrónicas, o volume do frete e o tráfico de passageiros por via férrea e fluvial aumentaram todos máis de 12^o/o em relação ao mesmo período no ano passado; a fabricação de treze artigos principais destinados à agricultura cresceu em boas proporções; a dos tractores, entre outras, deu um salto de 20^o/o, a dos motocultivadores de 37^o/o. Em dezasseis artigos principais da indústria ligeira, treze ultrapassaram a produção do mesmo período em 1975.

Em 29 províncias, municipalidades e regiões autónomas, 28 reflectem um aumento em relação ao ano passado, com fortes proporções em certos casos. Novos recordes são constantemente alcançados, são feitas inovações, são criados novos artigos, saem edifícios da terra uns atrás dos outros. Quer se construam ou aumentem as empresas metalúrgicas, os campos petrolíferos, as minas de hulha, as centrais eléctricas, as fábricas de adubos químicos, as fábricas de fiação de produtos sintéticos, por toda a parte há uma aceleração. No decurso do primeiro trimestre, a capacidade anual de produção do petróleo bruto aumentou em cerca de dois milhões de toneladas; a do gás natural de 900 milhões de metros cúbicos; vinte e oito poços recentemente abertos nas hulheiras entraram ao serviço e concluiu-se a construção de quatro fábricas de açúcar. Na linha Tientsin-Pukeu, com 1100 km, foram já colocados 997 km de carris de via dupla; novos *pipe-lines* estendem-se a perder de vista.

Os mineiros, cheios de espírito revolucionário, mantêm-se à cabeça da revolução na produção. Durante o primeiro trimestre deste ano, a produção nacional de carvão bruto e puro, a abertura de galerias, a nova capacidade de produção, ultrapassaram num quarto as normas fixadas para o plano anual. Um tal aumento raramente se viu depois da Libertação. As hulheiras de Kailuan, de Tatong e sessenta

outros importantes centros mineiros conhecem sucessos notáveis; e o mesmo acontece nas minas de uso local, assim como nas pequenas hulheiras — o volume do carvão produzido por estas no decurso destes três primeiros meses representa dois quintos do total para o País.

A indústria petrolífera, que continua a manter um ritmo seguro graças à manutenção da política proletária no posto de comando, avança a grandes passos no decurso da luta contra o vento desviacionista de direita. Este ano, o campo petrolífero de Taking realizou todos os meses o plano de Estado e o essencial das normas, tanto financeiras como técnicas, e estabeleceu novos recordes. Em Setchuan, os operários do petróleo conseguiram recentemente abrir o seu primeiro poço de 6011 metros, o que significa que a tecnologia do furo na China atingiu um nível superior.

Os operários da metalurgia e os operários da construção naval, com o espírito de independência e autonomia que praticam e contando com as suas forças, produziram aço e navios, em maior quantidade e de melhor qualidade. Por estes actos concretos, rejeitam o servilismo perante o estrangeiro, com a mão dada energicamente aos peritos nas fábricas, e outras teorias erradas dos revisionistas e pregadas por Teng Siao-ping. Durante este primeiro trimestre, a sociedade siderúrgica d' Anchan estabeleceu, assim, recordes para seis dos seus nove artigos principais. Na sociedade siderúrgica de Paoteu, os operários que conduzem o seu combate na unidade, produziram um aço de grande qualidade a partir da fundição a alto teor de fósforo. Várias outras fábricas de aço, dando prova de uma vontade revolucionária, fabricam condutas para os *pipe-lines*, para as caldeiras de alta pressão, e uma mistura de aço para os montantes de prensas hidráulicas, assim como aço para a construção naval — outros tantos materiais que anteriormente tinham de ser importados.

Os operários do estaleiro naval Hutong, em Xangai, empenharam-se na construção do *Futcheu*, um cargueiro de

longo curso de 25 mil toneladas, que foi lançado no fim de Março último. O estaleiro naval de Hongki de Talien, esse, lançou sucessivamente à água, no decurso do trimestre, dois petroleiros de 24 mil toneladas e, recentemente, um outro petroleiro de uma vintena de milhar de toneladas foi lançado antes da data prevista. No mesmo tempo, o estaleiro fabricou um motor de 18 mil cavalos — outra estreia —, destinado a um cargueiro de 50 mil toneladas. Os operários demoliram desta maneira o servilismo perante o estrangeiro e o capitulacionismo que Teng Siao-ping preconizava.

As administrações dos caminhos de ferro de Pequim, de Kharbine, de Sian e de outros lugares que controlam milhares de quilómetros de vias férreas, estão em plena actividade; senhores do País, os ferroviários trabalham num espírito comunista, e cumpriram assim antes do tempo o plano de transporte fixado pelo Estado para este trimestre e estabeleceram um recorde.

As massas são os verdadeiros heróis, a força motriz da história. Houve um tempo em que Teng Siao-ping — o mais importante responsável do Partido que se comprometeu na via capitalista mas que recusou corrigir-se — arvorou-se em «economista consumado», em «salvador do mundo». Parecia que, sem ele, tudo ia andar mal. Nada disso aconteceu; a situação excelente que a nossa produção industrial conhece no primeiro trimestre é eloquente; ela arrancou a falsa máscara de economista a um Teng Siao-ping que — nova falsidade — pretendia que a frente económica do nosso País se apresentava «sob as cores mais sombrias». Sinistra intenção de inimigos de classe para torpedear a revolução sabotando a produção, mas que acaba por uma derrota vergonhosa.

Criticando a teoria das forças produtivas desenvolvem-se as do socialismo

Teng Siao-ping, esse irreductível chefe de fila, no

Partido, da via capitalista, queria que «se acabasse de criticar a teoria das forças produtivas, sem o que a produção não avançaria mais». Na sua opinião, quem critica esta teoria opõe-se ao desenvolvimento da produção, insinuando que qualquer esforço neste sentido seria interpretado como um encorajamento à teoria das forças produtivas. Deste modo, Teng Siao-ping queria que as suas patranhas servissem de guia e provocar a desordem.

Teng Siao-ping, pregando a teoria das forças produtivas, queria opor-se à revolução socialista na superestrutura e nos domínios das relações de produção, para suprimir a luta que o proletariado conduz contra a burguesia, dizem os operários da refinaria de petróleo nº 3 de Fuchuen.

Eles são de opinião que depois da tomada do poder pelo proletariado, os defensores da linha revisionista que se encontram no Partido, têm em comum esta particularidade de exaltarem a teoria das forças produtivas; para fazer isto, por um lado propagam a teoria da extinção da luta de classes que incitará a burguesia a declarar-se contra o proletariado, e por outro lado eles enganam as pessoas com teorias economistas burguesas, com as quais queriam conduzir as largas massas ao capitalismo. Assim fizeram a clique traidora de Krutchev e de Brejnev, e de Liu Chao-chi e Lin Piao; assim queria fazer Teng Siao-ping logo que tivesse retomado as suas funções.

Quer-se verdadeiramente impedir a produção ao criticar a teoria das forças produtivas? Era por táctica política que Teng Siao-ping propagava tais tolices, e para semear a confusão. O nosso Partido tem por regra constante pôr o acento sobre o trabalho económico e sobre o desenvolvimento das forças produtivas. Desde 1945, o Presidente Mao dizia que «para saber que papel desempenham a política e a actividade prática deste ou daquele Partido na vida do povo chinês, se este papel é positivo ou negativo, importante ou modesto, será necessário, no fim de contas, ver se eles contribuem para o desenvolvimento das forças produtivas, e

em que medida, eles as travam ou as libertam».

Depois do estabelecimento da China nova, o Presidente Mao estabeleceu os grandes princípios que permitem fazer a revolução, activar a produção; e uma série destas directrizes e destas medidas políticas concretas que tocam o desenvolvimento da produção permitiram efectuar grandes realizações para a economia socialista. Fazer no decurso do século do nosso País um Estado socialista poderoso e moderno é um grande projecto do Presidente Mao, e o nosso povo, as centenas de milhões de habitantes, tendem para este objectivo. Os desviacionistas de direita não viram a realidade em frente quando vituperaram contra o Partido, pretendendo que ele apenas se interessava com a política e a revolução, e não pela economia nem pela produção. Puras falsidades!

Pela sua própria experiência, os operários, os quadros, tal como os técnicos, sabem que é na verdade a teoria das forças produtivas que trava o desenvolvimento das forças produtivas socialistas, que criticando esta teoria se farão avançar entre nós estas últimas e se consolidará a ditadura do proletariado. As divergências entre nós e Teng Siao-ping não tocam a produção nem as «quatro modernizações», mas a orientação e a linha que se segue ao realizá-las. É preciso saber se se quer que a modernização seja socialista, capitalista ou social-imperialista. Se se tomar a luta de classes como eixo central e se se aplicar o grande princípio do Presidente Mao de fazer a revolução e promover a produção, melhorar o nosso trabalho, preparar-nos activamente na previsão de uma guerra, ter-se-á a garantia de que se realizarão estas quatro grandes modernizações socialistas.

Depois da Grande Revolução Cultural, a nossa indústria conhece uma forte expansão e a edificação socialista prossegue vigorosamente, o que demonstra muito bem que só a revolução pode libertar as forças produtivas. Por isso a palavra de ordem dos operários e dos empregados é agora: conduzir a revolução, fazer avançar a produção, repos-

tar concretamente ao vento desviacionista de direita.

Nesta conjuntura excelente, avançaremos vitoriosamente; e pode-se prever que com o progresso da nossa luta, a edificação e a produção da nossa indústria conhecerão resultados ainda melhores, que trarão um novo contributo à consolidação da ditadura do proletariado.

AMPLA POPULARIZAÇÃO DO PENSAMENTO DE MAO TSÉ-TUNG

Artigo de Suen Ying-fang,
publicado na revista chinesa
Pékin Information, nº 23, de
7 de Junho de 1976.

Há dez anos o caudal da Grande Revolução Cultural Proletária atingia a nossa aldeia situada à beira de água. Tinha então 19 anos e acabava de ser eleito chefe-adjunto da nossa brigada de produção. Respondendo ao apelo do Presidente Mao que nos dizia: «*Deveis seguir os assuntos de Estado e conduzir até ao fim a Grande Revolução Cultural Proletária*», e votando um ódio implacável a Liu Chao-chi, esse renegado, esse agente do inimigo e esse traí-dor à classe operária, lancei-me nesta grande luta.

Na nossa aldeia, as massas afixavam jornais murais para denunciarem Liu Chao-chi. Mas, insuficientemente instruído, eu não conseguia lê-los totalmente.

Além disso, nas reuniões, combatia-se a linha revisionista e contra-revolucionária de Liu Chao-chi por meio de críticas penetrantes, discutindo e enumerando factos. Enquanto que eu, fraco em teoria como era, não conseguia

aprofundar as minhas críticas. Tudo isto me atormentava.

Na Primavera de 1967, durante uma reunião que tinha lugar uma manhã na nossa comuna popular, subi à tribuna e condenei Liu Chao-chi pelos crimes que tinha cometido ao tentar desagregar a economia colectiva. Comparei a nossa vida de hoje com a de antes da Libertação e o caminho estreito da produção individual com a via luminosa da comuna popular. Tinha um monte de factos na mão e todavia não conseguia denunciar em profundidade a linha revisionista no plano teórico.

Terminada a reunião, sentia não ter cumprido bem a tarefa que me tinham confiado os camponeses pobres e médios da minha aldeia. Absorvido nas minhas reflexões mal dormi nessa noite.

Era um quadro eleito pelas massas. Empregava toda a minha energia para cumprir com êxito o meu trabalho. Estava sempre à cabeça na produção colectiva. Muitas vezes citado na ordem do dia, pela organização do Partido, coberto de elogios pelos camponeses pobres e médios pensava que a continuar assim, isso era já bastante. Mas esta reunião fazia-me compreender que agora isto já não era igual, que a luta se travava hoje nos cérebros — um combate que se travava sem baionetas e sem espingardas! Para combater o revisionismo e edificar a sociedade socialista, tinha de aprender a teoria revolucionária.

Decidi aumentar os meus conhecimentos e trabalhar com ardor na teoria marxista-leninista. No estudo das obras do Presidente Mao pedia muitas vezes aos outros para me ensinarem as palavras que eu não conhecia, e por vezes esquecia-me de dormir e de comer.

Os meus camaradas inquietavam-se por minha causa: «Tem cuidado com a tua saúde!»

Os inimigos de classe, esses, troçavam de mim: «Para que serve aprender a tocar clarim aos 24 anos, quando já não se tem bastante fôlego para tocar? »

Mas o apoio do Partido e dos camponeses pobres e mé-

dios dava-me força e confiança, e prometi a mim mesmo não abandonar sem ter atingido o meu objectivo.

Na *Crítica do Programa de Gotha* tive dificuldades desde a primeira frase: «*O trabalho é a fonte de toda a riqueza e de toda a cultura*». Marx sublinhava que se tratava dum ponto de vista oportunista porque «*o trabalho não é a origem de toda a riqueza*». Como compreender este conceito? Os cereais são cultivados pelos nossos camponeses, os tecidos de algodão tecidos pelos operários, e a cultura criada pelo povo trabalhador. Porque é que Marx afirmava que «*o trabalho não é a origem de toda a riqueza* »?

Consultei os camponeses pobres e médios. «Antes da Libertação, disse-me um velho camponês pobre, nós, os camponeses pobres e médios, trabalhávamos muito ao longo do ano, sazonalmente ou à jorna. Mas faltava-nos sempre tudo e só conseguíamos engordar os proprietários da terra e os camponeses ricos.» Assim, para apreender o sentido da crítica feita por Marx, era preciso recorrer à análise de classe. Relendo a *Crítica do Programa de Gotha* e o *Manifesto do Partido Comunista*, consegui então discernir o conceito reaccionário de Lassalle que iludia este ponto capital: os trabalhadores despojados dos seus meios de produção nas sociedades de classes estavam desde há mil anos sujeitos a uma exploração cruel. Lassalle falava em abstracto do «trabalho», sem fazer nenhuma alusão ao facto de que os proprietários de escravos, os proprietários de terras e os capitalistas estavam erigidos, em «detentores das condições objectivas do trabalho», enquanto que os escravos, os camponeses e os operários estavam reduzidos à escravidão. Defendia um absurdo oportunista que apaga a luta de classes e vai contra toda a análise de classe. De repente, compreendia melhor esta tese de Marx: «*o trabalho não é a origem de toda a riqueza*».

O importante no estudo da Teoria é a perseverança. Em 8 anos, li os quatro volumes das *Obras Escolhidas de Mao Tsé-tung*, o *Manifesto do Partido Comunista*, a *Crítica ao*

Programa de Gotha, o Estado e a Revolução e outras obras marxistas-leninistas, assim como várias obras dos legistas. Tomei notas e escrevi artigos.

«Estudar nos livros, é uma maneira de aprender; aplicar o que se aprendeu, é mais uma, mais importante ainda», disse o Presidente Mao. Seguindo este ensinamento, dediquei-me pois a guiar-me pela teoria na prática.

Eleita secretária da célula do Partido da brigada de produção na Primavera de 1971, um problema me preocupava: como pôr fim à situação atrasada da 4ª equipa de produção por meio do estudo da teoria revolucionária?

Alguns quadros da equipa faziam notar que as suas condições de produção não eram boas: terras baixas e um solo pouco fértil. Os da brigada de produção consideravam que os quadros da equipa não estavam à altura. Qual era, no fim de contas, a causa principal? Depois de ter estudado de novo os ensinamentos dos guias revolucionários sobre a luta de classes e a linha fundamental do Partido, convenci-me de que a verdadeira causa não residia aí, e que era preciso armar-me com o conceito da luta de classes e fazer uma análise de classe. Como diz o Presidente Mao, *«que se dê toda a importância à luta de classes, e tem-se a chave de todos os problemas»*. E depressa descobrimos que um punhado de inimigos de classe incitavam ao espírito de clã para sabotar a unidade revolucionária dos camponeses e o movimento de emulação de Tatchai na agricultura. Nós mobilizámos em seguida, as massas contra eles. A equipa mudou rapidamente de aspecto, tanto do ponto de vista da revolução como do ponto de vista da produção.

Das profundas mudanças que se produziram na nossa brigada nestes últimos anos, a mais importante é a popularização do marxismo, do leninismo, do pensamento de Mao Tsé-tung. Quando se actua conscientemente segundo esta doutrina revolucionária, qualquer problema é fácil de resolver. As seis equipas de produção da nossa brigada possuem agora a sua própria escola política nocturna. Oitenta e sete

camponeses pobres e médios formam-se no estudo da Teoria, que desempenha um importante papel de vanguarda na crítica contra a linha revisionista e contra-revolucionária de Teng Siao-ping e a resposta ao vento desviacionista de direita. Têm o apoio e a aprovação dos camponeses pobres e médios.

REALIZAÇÕES DO INSTITUTO DE PESQUISA NUCLEAR DE XANGAI

Artigo publicado na revista
chinesa *Pékin Information*,
nº 23, de 7 de Junho de
1976.

No ano passado, o Instituto de Pesquisa Nuclear de Xangai realizou com bom resultado uma centena de projectos, isto é, cinco vezes mais do que em 1965, ano que precedeu a Grande Revolução Cultural Proletária. Entre estes resultados, doze são duma importância capital para o desenvolvimento da nossa economia e para o reforço da nossa defesa nacional, enquanto suprimiram por vezes lacunas na nossa pesquisa científica.

As realizações assim registadas são essencialmente devidas a que os investigadores continuam a integrar-se com os operários e os camponeses. Antes da Grande Revolução Cultural, influenciados pela linha revisionista de Liu Chao-chi, tinham-se encerrado nas bibliotecas, indiferentes aos problemas que tocassem o desenvolvimento da economia nacional ou a produção. Depois, com a Revolução Cultural, as críticas desta linha, o princípio de que a pesquisa cientí-

fica deve ser posta ao serviço da política do proletariado e associar-se ao trabalho produtivo, levaram-nos a informar-se das necessidades reais da indústria e da agricultura indo aos sítios — às fábricas, às minas, às comunas populares — onde conduzem as pesquisas científicas de harmonia com os operários e os camponeses.

O instituto começou os seus trabalhos sobre os instrumentos de medida de isótopos muito antes da Revolução Cultural, mas então os resultados eram escassos e os raros aparelhos fabricados nem sequer eram utilizáveis na produção. Com os progressos da Revolução Cultural, as coisas mudaram radicalmente, os investigadores passaram a trabalhar nas fábricas, convidando os operários a colaborar com eles para criarem e fabricarem os instrumentos necessários. Só durante o ano de 1975, saíram um certo número de analisadores fluoroscópicos isotópicos, de aparelhos para determinar a densidade, detectores de fugas, vários dos quais estão em serviço.

O Instituto pôs, além disso, em pé um grupo de pesquisa sobre energia atómica aplicada à agricultura; e este grupo irradiou no ano passado um milhar de lotes de sementes provenientes de numerosas explorações agrícolas da China oriental. Isto permitiu obter boas sementes e aumentar o rendimento. Foram feitos igualmente esforços para fabricar rádio-isótopos e compostos patenteados — produtos necessários à indústria, à agricultura e à medicina. O ano passado viu concluir-se uma quarentena de projectos, cifra que representa o triplo da de 1974.

Para participar na luta contra o cancro, os investigadores foram fazer inquéritos nas fábricas, nos hospitais e nos campos; com a ajuda dos operários, puseram em estado de funcionamento um detector transistorizado de tumores cutâneos intermusculares, cujos testes clínicos mostram que a precisão é da ordem dos 90%.

Em 1975, o Instituto convidou operários, quadros, técnicos e cientistas, vindos de cerca de mil e quinhentas

empresas, para se juntarem às suas pesquisas; isso permitiu aos investigadores resolver muitos problemas urgentes respeitantes à irradiação de diferentes tipos, a preparação de rádio-isótopos e de compostos patenteados, assim como a preparação para funcionamento de instrumentos electrónicos nucleares.

Em alguns anos, o instituto franqueou mais um cabo na análise e activação tanto das partículas carregadas, como na dos micro-elementos específicos no silício, no cobre, no aço e noutras matérias. Isto permitiu-lhe fornecer informações a grande número de fábricas; ao mesmo tempo novos progressos foram registados em física nuclear e em química de radiação.

NEGAR A REVOLUÇÃO
NA LITERATURA E NA ARTE
É QUERER RESTAURAR O CAPITALISMO

Artigo do grupo de crítica de massas da Universidade de Pequim e da universidade de Hsing hua, publicado pela revista chinesa *Pékin Information*, nº 22, de 31 de Maio de 1976.

A grande luta que o nosso grande dirigente, o Presidente Mao, desencadeou e dirigiu em pessoa contra o vento desviacionista de direita que pretende pôr em causa as conclusões justas, está em vias de se desenvolver em profundidade.

Fabricando o seu programa revisionista: «tomar as três directivas como eixo», Teng Siao-ping — o principal responsável do Partido comprometido na via capitalista e que recusa emendar-se — atacou não só o proletariado nos domínios do ensino, da ciência e da técnica, como fez também com que se superasse um vento desviacionista de direita para pôr em causa as conclusões estabelecidas nos meios literários e artísticos. Apontou o ferro de lança sobre o

nosso grande dirigente, o Presidente Mao, cuja linha proletária e revolucionária criticava dementemente, tanto através do denegrimiento das peças modelo de tema revolucionário e da direcção que o proletariado exerce sobre a literatura e a arte, como procurando derrubar o justo veredicto pronunciado contra a linha revisionista que tinha prevalecido nos meios da literatura e da arte durante os dezassete anos que precederam a Grande Revolução Cultural. Tudo isto numa vã tentativa para alcançar um objectivo nefasto, o de restaurar o capitalismo na literatura e na arte bem como na cena política. Se queremos defender a linha revolucionária do Presidente Mao, defender a orientação da revolução na literatura e na arte, assegurar e alargar as suas conquistas, e exercer uma ditadura integral sobre a burguesia, devemos repelir energicamente este vento desviacionista de direita.

O presente vale mais do que o passado

Teng Siao-ping, o principal responsável do Partido que seguia irredutivelmente a via capitalista, declarou que a revolução na literatura e na arte «se encontrava no atoleiro» e que isso era uma «questão de linha». Houve mesmo pessoas a exigir uma «reavaliação» do que se passou nesses meios no decurso dos dezassete anos que precederam a Grande Revolução Cultural.

A linha da Revolução Proletária é, nisto, justa ou falsa? Na frente literária e artística a situação actual é melhor ou pior que outrora? Tais são as questões de princípio que devem ser postas a claro.

Antes da Grande Revolução Cultural, o quartel-general burguês de Liu Chao-chi detinha a direcção dos meios literários e artísticos, nos quais aplicava a sua linha revisionista e contra-revolucionária, e entregava-se «*com ardor ao encorajamento da arte feudal e capitalista e não da arte socialista*». O antigo Ministério da Cultura era com efeito um

«ministério dos imperadores e altos dignitários, ministério dos donzéis e das donzelas ou ainda ministério das personagens estrangeiras dos tempos volvidos». Elementos da superestrutura, a literatura e a arte não serviam, então, nem os operários nem os camponeses, nem os soldados, nem a política proletária, nem tão-pouco o socialismo ou a base económica socialista; desempenhavam pelo contrário um papel nefasto. Podia-se permitir que tal situação se prolongasse e não passasse pela revolução? Certamente que não.

Foi apenas quando o proletariado deteve a direcção deste domínio, durante a Grande Revolução Cultural, que a linha revisionista foi desmantelada. Graças a isso as peças modelo de tema revolucionário fizeram a sua aparição marcante: o teatro, a literatura, o cinema, a música, a dança, o *quyi* (contos e baladas cantadas), as belas-artes, conheceram profundas mudanças no tocante à linha política, à orientação, às ideias directrizes da criação, às formas de arte e à formação dos artistas. Imperadores e reis, generais e ministros, letrados e cortesãos desapareceram também, da cena para dar lugar aos corajosos operários-camponeses-soldados. Vários milénios de uma história desfigurada retomaram a sua verdadeira forma. Hoje, a literatura e a arte reflectem a via militante que traçou a revolução chinesa, mostram o espectáculo exaltante da revolução e da edificação socialistas, descrevem a via combatente dos operários, dos camponeses e dos soldados, cantam o desenvolvimento vigoroso das novidades revolucionárias e glorificam a grande vitória da linha revolucionária do Presidente Mao. Um grande número de criações notáveis ferem como punhaladas aceradas a ideologia das classes exploradoras, soam como um clarão da carga, que encoraja centenas de milhões de pessoas a prosseguir valentemente a revolução.

A revolução na literatura e na arte, que conheceu muitas vicissitudes durante os últimos dez anos, está agora flores-

cente. Progride em todas as direcções — tanto em quantidade como em qualidade literária. Numerosas e belas obras, nascidas da inspiração das peças modelo de tema revolucionário, atingiram um nível ideológico e artístico incomparável, assim como numerosos novos filmes agora realizados. Junto dos operários-camponeses-soldados, a criatividade atinge o seu auge durante as horas de descanso. As representações teatrais dão-se principalmente na base. A literatura e a arte que progridem com sucesso ao serviço dos operários-camponeses-soldados, da política do proletariado e do socialismo, forjam um sólido instrumento que consolidará a base económica socialista e a ditadura do proletariado. Não é possível qualquer comparação com a situação anterior à Grande Revolução Cultural, quando proliferavam as «ervas venenosas» e os «génios malfetores» faziam a lei, não servindo então a literatura e a arte senão a uma minoria, e exercendo a burguesia a sua ditadura sobre o proletariado nesse domínio.

As massas populares realçam forte e justamente que «anteriormente, quanto mais representações se viam, mais nos irritávamos; hoje quanto mais se vê, mais contentes estamos». Adoptando a posição reaccionária da burguesia Teng Siao-ping defendia que o problema da linha a seguir não estava ainda resolvido nos domínios da literatura e da arte; e não sem motivo: a que ele queria era a linha revisionista, directamente oposta à linha revolucionária do Presidente Mao.

É verdade que, como toda a novidade, se este domínio se desenvolve e progride, comparado às esperanças dos operários-camponeses-soldados e ao grande salto em frente, há uma certa margem, e devemos desenvolver ainda os nossos esforços deste ponto de vista. Mas a orientação desta revolução não tem mancha.

Para pôr de novo em causa as conclusões justas, Teng Siao-ping procedeu ao desprezível procedimento que consistia em pretender opor-se ao «ultra-esquerdismo». Quando

assistiu, por exemplo, à representação do filme *Tchuen-miao*, não esperou pelo fim para o classificar desta maneira. Interrogamo-nos sobre a razão de uma tal raiva perante um filme que as grandes massas aclamam. Porque o picou vivamente, porque faz o elogio da Grande Revolução Cultural Proletária, porque coloca o personagem de Tien Tcuen-miao, que representa uma jovem geração de homens temperados através da Grande Revolução Cultural, e que fustiga os responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista. Atacando este filme, Teng Siao-ping mostra simplesmente ser de extrema-direita. Para ele, não só esta criação, mas também a revolução literária e artística assim como toda a Grande Revolução Cultural Proletária são «ultra-esquerdistas». Aliás nunca reconheceu a existência de uma linha revisionista nesta esfera antes da Grande Revolução Cultural, nem a de responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista. Segundo ele, a Grande Revolução Cultural, revolução política conduzida pelo proletariado contra a burguesia, é um erro completo, e as críticas contra os responsáveis de tendência capitalista, «ultra-esquerdismo».

Em palavras declarou «jamais voltar a pôr em causa as conclusões estabelecidas», mas nos actos mostrou-se descontente com a Grande Revolução Cultural e decidiu liquidá-la. Desde que fez sair da caixa o seu programa revisionista «tomar as três directivas como eixo», pôs-se à cabeça de alguns indivíduos com os quais fez um grande barulho para tentar provocar a discórdia e pôs a correr boatos. O objectivo era rejeitar na sua totalidade as revoluções literária e artística, recusar a linha revolucionária do Presidente Mao na matéria, «desviá-las» e votá-las à dominação revisionista de antes da Grande Revolução Cultural, o que permitiria de novo corromper as massas, deteriorar os seus pensamentos e fazer da literatura e da arte o berço da restauração capitalista. Mas tudo isso vai contra a vontade do povo. Isso ressalta do sonho utópico.

As peças modelo de tema revolucionário são os resultados concretos da linha traçada pelo Presidente Mao nas *Intervenções às conversações sobre a literatura e a arte em Yenan*; são também as conquistas da revolução proletária na literatura e na arte. É a atitude em relação a estas peças que é o centro da luta entre as duas classes, entre as duas vias e entre as duas linhas. Continuando a aperfeiçoar-se, acumularam uma rica e preciosa experiência que delas fazem os modelos das obras socialistas entre nós.

Mas, com astúcia, Teng Siao-ping caluniou-as dizendo que «uma só flor se abra». Depois, respondendo a um sinal, um punhado de pessoas, juntamente com ele, defenderam as propostas mais impertinentes a propósito das experiências teatrais, isto com o fim de negar o seu papel dirigente, de deformar o seu espírito essencial. É uma manifestação impressionante da oposição actual da burguesia ao proletariado. E o ferro de lança destes ataques dirige-se sobre este problema de base: tomar ou não, na literatura e na arte, a luta de classes como eixo e descrever ou não os heróis do proletariado.

Existem ainda lutas de classes na sociedade socialista? Existem sempre pessoas obstinadas das classes exploradoras derrubadas; e a pequena burguesia continua, numerosa, e numerosos são também os intelectuais que não estão ainda devidamente reformados; do mesmo modo subsistem a força do hábito da pequena produção e das heranças nocivas do passado; da mesma maneira os responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista ainda não desapareceram. Assim a luta de classes não está extinta, e a criação literária e artística deve tomar solidamente esta luta como eixo; do mesmo modo, escritores e artistas devem «*condensar estes factos quotidianos, exprimir numa forma típica as contradições e as lutas que eles encobrem*»,

esforçar-se por reflectir a luta de classes actual, nomeadamente a que conduzem o proletariado e o povo revolucionário contra os responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista; devem descrever de uma forma viva e original a natureza, os objectivos, as tarefas e as perspectivas da revolução socialista. Pelo contrário, as propostas absurdas que negam ser preciso pôr em cena esta luta de classes são uma teoria que propaga a sua extinção na literatura e na arte, uma nova mistura, retocada, da teoria da ausência do conflito — e que não são na verdade mais do que meios de que se serve a burguesia contra o proletariado para poder asfixiar a luta deste último contra si. Os que propagam estas propostas não extinguiram a sua luta; porque conduzem contra ele não só combates quotidianos como uma luta bem encarniçada.

Devem os escritores e artistas cantar os heróis do proletariado? A questão é primordial para saber que classe social ocupará a frente da cena, e se o proletariado pode exercer uma ditadura integral sobre a burguesia no domínio da superestrutura. As peças de teatro modelo de tema revolucionário, que souberam finamente descrever todos estes personagens típicos, cantam o espírito revolucionário comunista e maltratam as ideologias reaccionárias e decadentes, incluindo os conceitos burgueses e a doutrina de Confúcio e de Mêncio. Também se chocaram com a censura dos revisionistas, para os quais a criação de tais imagens — heróis sublimes e perfeitos do proletariado — conduziria a «repetições monótonas». Mas não é aí que a calúnia escuma relativamente a uma literatura e a uma arte revolucionárias. Certamente, existe uma «similitude» entre estas figuras heróicas, que é o de terem o mesmo carácter geral. Nas peças modelo de tema revolucionário, este tipo comum é incarnado por personagens diferentes; tendo cada um contudo a sua própria personalidade e características que o distinguem dos outros. Não é um facto que as peças modelo — elas não têm senão uma dúzia de anos — cobri-

ram já um vasto campo de grandes temas e criaram um grande número de personagens plenos de vigor?

É claro que são tais peças que fizeram com que se abrissem as «cem flores» na literatura e na arte revolucionárias. Porque falava então Teng Siao-ping de «uma só flor»? Porque não queria sobretudo que se abrissem estas cem flores. Os factos mostraram-nos, ontem como hoje, que, representante da burguesia no seio como fora do Partido, ele não cessou de alimentar este ódio profundo por estas «flores perfumadas», enquanto que desmaia diante das obras feudais, capitalistas e revisionistas. O que ele queria era esmagar as «flores do proletariado» e fazer brotar as suas «ervas venenosas», que teriam feito da literatura e da arte instrumentos de retorno ao capitalismo. É esse o centro do problema.

Revolução ideológica dos trabalhadores literários e artísticos

Querendo concluir o seu programa revisionista «tomar as três directivas como eixo», Teng Siao-ping reclamou com insistência uma «arrumação» «em todos os domínios»; mas, sob a capa desta «arrumação», procurava «desviar» a literatura e a arte — quer seja da formação de um grupo dirigente ou dos homens de classe — para as remeter para a rotina e assim poder lançar um contra-ataque contra o proletariado e afectar a linha revolucionária do Presidente Mao neste domínio.

Também caluniava os novos grupos dirigentes destes meios, qualificando-os de incompetentes, de incapazes de fazer sequer um bom jornal, enquanto tecia elogios ao antigo Ministério da Cultura — vã tentativa para pôr no lugar os «profissionais», esses apaixonados pela restauração que tinha, uma vez mais, feito entrar à força na direcção. Se um tal complot surtisse efeito, a burguesia exerceria de novo a sua ditadura sobre o proletariado na literatura e na

arte, e as perspectivas seriam sinistras.

Aguerridos através da Grande Revolução Cultural e com a prática da revolução, o corpo dos trabalhadores literários e artísticos que aderem à linha revolucionária do Presidente Mao está em vias de se formar, um grande número de jovens, recém-chegados, saem das fileiras dos operários-camponeses-soldados e depressa ganham peso. A mudança é benéfica no espírito dos trabalhadores que se debruçaram sobre as obras de Marx, Engels, Lenine e Staline e sobre as do Presidente Mao, que foram para a frente dos três grandes movimentos revolucionários, que se aproximaram dos operários, dos camponeses e dos soldados. Depois de terem aprendido com ela, podem descrevê-los, levá-los à cena. Também o acolhimento e o apoio das massas populares são calorosos. Com os seus preconceitos e o seu gosto artístico de classe, a burguesia manifesta desprezo pelo que toca o proletariado, e ataca os escritores e os artistas revolucionários dizendo que eles têm um «baixo nível». Não se interessa de modo algum pela maturidade crescente de que dá provas a jovem geração; procura pelo contrário esmagar estas novas forças crescentes. Esforço perdido.

A literatura e a arte eram o «domínio hereditário» das classes exploradoras, e a influência decadente do feudalismo, do capitalismo e do revisionismo tinha-se enraizado. Dominados pela linha revisionista de Liu Chao-chi e consórcios, antes da Grande Revolução Cultural, muitos «se comportaram como burocratas e senhores, recusando aproximar-se dos operários, camponeses e soldados e reproduzir a revolução e a edificação socialistas». Durante a Grande Revolução Cultural, se os trabalhadores literários e artísticos fizeram mais ou menos progressos atingindo a sua nova visão das coisas, é preciso ver claramente a existência dos conceitos políticos burgueses, das ideias de direito burguês, das teorias literárias e artísticas burguesas, e do modo de vida burguês. Se uma tal

situação não mudasse, não podiam levar a bom termo a tarefa histórica da revolução proletária nos domínios da literatura e da arte. A oposição de Teng Siao-ping a tais transformações visava disputar estes meios ao proletariado, por parte da burguesia, e estabelecer uma base social que preparasse a restauração do capitalismo.

Este vento desviacionista de direita que Teng Siao-ping levantou nos meios literários e artísticos não era um facto isolado nem fortuito; fazia parte integrante da sua linha revisionista oposta à linha revolucionária do Presidente Mao. Os responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista procuraram assegurar-se de novo desta importante parte da opinião pública que são a literatura e a arte, com o fim de se servirem disso para a restauração do capitalismo. A luta para rechaçar este vento desviacionista de direita é na realidade a continuação, o aprofundamento da luta entre as duas classes, entre as duas vias e entre as duas linhas assim como o prolongamento e o seguimento da Grande Revolução Cultural Proletária. Devemos conduzir esta luta até ao fim.

—

PROGRESSOS NA EDIÇÃO

Artigo publicado na revista chinesa *Pékin Information*, nºs 32-33, de 12 de Agosto de 1976.

Excelentes resultados obtidos nos meios da edição. E isso através dos seus permanentes esforços ao serviço da política proletária, do socialismo, dos operários, dos camponeses e dos soldados, durante os dez anos que se seguiram ao desencadeamento da Grande Revolução Cultural Proletária.

A tiragem de 4,8 biliões de exemplares das obras de Marx, Engels, Lenine e Staline e do Presidente Mao, durante este período, é oito vezes superior ao total dos dezasseis anos anteriores a 1966. Só em 1975, o município de Pequim publicou cerca de 400 000 exemplares das *Obras Escolhidas de Marx e de Engels* e das *Obras Escolhidas de Lenine*. E as diferentes regiões do país puseram em circulação, pouco mais ou menos, 200 explicações dos clássicos marxistas-leninistas e das obras do Presidente Mao, desde o movimento de massas para o estudo da teoria da ditadura do proletariado. Recordemos que, em 1947, rela-

cionado com o movimento de crítica a Lin Piao e Confúcio, as Edições do Povo tinham publicado quatro brochuras compreendendo entre elas as *«Passagens das Obras de Lu Sun que Criticam Confúcio»* — de que saíram 280 milhões de exemplares. Este ano, durante a luta contra o vento desviacionista de direita que contesta as conclusões justas, os trabalhadores dos meios livres e da edição puseram em circulação, entre os operários, os camponeses e os soldados, um certo número de obras literárias e artísticas tendo por tema a crítica da linha revisionista de Teng Siao-ping.

Tendo a Revolução Cultural desmantelado a dominação dos intelectuais burgueses na edição, os nossos redactores vão regularmente às fábricas, às comunas populares e às unidades do Exército Popular. Participam ali no trabalho produtivo colectivo e organizam as massas e os quadros revolucionários na composição literária. E estas, por sua vez, enviam os seus melhores representantes às editoras participar na redacção e na direcção — novo sistema à «porta aberta» manifestamente duma grande vitalidade. Exemplo: entre 1974 e 1975, as Edições do Povo publicaram 129 obras de ciências sociais, das quais, 70, escritas principalmente por operários, camponeses e soldados. Com esta participação, numerosas obras de romance viram a luz do dia nestes últimos dez anos, nas nossas províncias — excepto Taiwan —, nas nossas regiões autónomas e nas nossas municipalidades, directamente subordinadas à autoridade central. 47 novos títulos (romances e novelas) apareceram em 1975: é muito mais do que no ano recorde neste domínio antes da Revolução Cultural. As Edições Literárias do Povo estão em contacto permanente com 1 700 escritores amadores (operários, camponeses ou soldados) dos quais 775 já publicaram as suas obras. Coisa inimaginável antes da Revolução Cultural.

Uma parte das vinte e quatro obras que compõem a obra de Lu Sun, grande revolucionário, grande pensador e grande escritor nacional, está editada sob a forma de opúsculos, e

com a colaboração de especialistas do autor, anotada por operários, camponeses e soldados; as anotações das suas obras completas começaram assim.

Operários estabeleceram igualmente recolhas de citações de Marx, de Engels, de Lenine e de Staline. Os estudantes operários, camponeses e soldados que pertencem às faculdades de línguas estrangeiras de dezoito centros de ensino superior participaram na tradução dos clássicos marxistas-leninistas.

Activos na criação e na composição literárias, os operários, camponeses e soldados, sob a direcção única do Partido, desempenham igualmente um papel importante no controlo das publicações, a fim de lhes garantir a orientação política correcta, e de as adaptar à sua procura; por exemplo, dois romances, *«Nas Vésperas»* e *«A Via Luminosa»*, relatando ambos a luta entre as duas linhas, uma na frente do ensino e outra, no campo; antes deles terem sido publicados, os seus autores tinham participado numa vintena de reuniões para recolher opiniões e sugestões dos operários, camponeses e soldados. Acontece que antes de estarem «próprios para imprimir», certos manuscritos circulam entre várias centenas de pessoas para recolher opiniões.

«Que o antigo sirva o actual, que o que é estrangeiro sirva o nacional». De acordo com este princípio do Presidente Mao, um grande número de obras escritas pelos le-gistas famosos da antiga China foram publicados depois de 1974, estimulando o movimento nacional de comentário sobre a polémica confúcio-legista, a análise das lutas de classes de outrora e a crítica dos actos de Liu Chao-chi, de Lin Piao e de Teng Siao-ping, todos partidários da restauração e do retrocesso.

Nestes dez últimos anos terão visto igualmente várias novas versões do *«Sonho do Pavilhão Vermelho»*, célebre romance político e histórico, verdadeiro espelho das lutas de classes na sociedade feudal chinesa — traduzido também na língua escrita de uma das minorias nacionais: em

uighur.

Outro título: *As Vinte e Quatro Histórias*, 3 200 volumes, 40 milhões de caracteres; reúnem vinte e quatro livros de história redigidos por historiadores sob a forma de anais, desde a dinastia dos Han (206 A.C. — 220) até ao limiar da dinastia dos Tsing (1644-1911) — quatro milénios de história chinesa, do lendário período de Huangti ao fim da dinastia dos Ming (1368-1644). No decurso da Grande Revolução Cultural, a editora Zhong Hua apelou a uma centena de pessoas — incluindo especialistas de renome e historiadores jovens e de meia-idade — para anotar os seus textos, rever e corrigir as edições precedentes e, a partir da tese marxista sobre as classes e sobre a luta de classes, redigir uma introdução para cada um dos livros de história. Vinte e um saídos desde já nesta nova edição, as três outras — *História das Cinco Dinastias (907-960)*, *História dos Yuan (1271-1368)* — estão a ser impressos.

CONFISSÃO DUM CONTESTATÁRIO DAS CONCLUSÕES JUSTAS, DUM ARTESÃO DO RETORNO AO CAPITALISMO

Crítica de um texto redigido por instrução de Teng Siao-ping; Artigo do grupo de crítica de massas da universidade de Pequim e da universidade Hsing Hua, publicado na revista chinesa *Pékin Information*, nº 28, de 12 de Junho de 1976.

No ano passado, por instrução de Teng Siao-ping — o mais importante dos responsáveis do Partido que se obstinam na via capitalista —, e quando este levantou um vento de desvio de direita que visava contestar as conclusões justas, foi redigido um texto de dez mil caracteres, intitulado: «Sobre o Programa Geral para todas as Actividades do Partido e do Estado», texto destinado em grande parte a confirmar que «tomar as três directivas como eixo»(1) é o «pro-

(1) — Este programa revisionista data do Verão de 1975 — Teng Siao-ping, esse responsável do Partido que se obstina na via

grama geral do trabalho», que não tem validade apenas neste momento, mas também para os «próximos vinte e cinco anos». Ora, este texto venenoso — que não teve, aliás, a sorte de ser tornado público — forneceu-nos um contra-exemplo, como raramente se terá produzido, de tal forma revela inteiramente as suas verdadeiras intenções: tornar a pôr em causa as conclusões justas e voltar atrás. A sua análise ajuda-nos a perceber melhor o quanto este «tomar as três directivas como eixo» de Teng Siao-ping constituía um programa essencialmente revisionista; e, também, a que ponto as maquinações dele, devidamente organizadas, se baseavam numa teoria e tinham por detrás um programa.

Sublinhemos, de passagem, a grande esperança que o seu instigador punha nesta obra, da qual dizia que, «uma vez publicada, teria um efeito de choque». Mas que choque? E porquê dá-lo? Consideremos primeiro o incidente contra-revolucionário da Praça de Tien-an-men: um punhado de inimigos de classe ateia um incêndio, desanca as pessoas, e pode-se distinguir estes dois punhos a que sempre recorreu a burguesia, tanto dentro como fora do Partido: a opinião pública e a violência contra-revolucionárias — é com este punho de revisionista que tenta atacar a Grande Revolução Cultural Proletária, a linha revolucionária do Presidente Mao, o sistema socialista de ditadura do proletariado.

capitalista, recorria, assim, à tática que consiste em «brandir a bandeira vermelha para se lhe opor», para desnaturar, de forma eclética, as directrizes do Presidente Mao, colocando no mesmo plano a que se relaciona com a teoria da ditadura do proletariado e a luta para combater e evitar o revisionismo, com a que se refere à necessidade de promover a estabilidade e a unidade, e com a que se relaciona com o desenvolvimento da economia nacional: tudo isso sob o título de «programa geral de todos os sectores de actividade». É o que se designa

«Opor-se ao esquerdismo» para atacar a Grande Revolução Cultural

Da primeira à última linha, este pretenso programa geral ostenta um ar de «criticar Lin Piao» e de «se opor ao esquerdismo». Mas, na realidade, ataca a Grande Revolução Cultural. Sabe-se que Lin Piao prosseguiu uma linha revisionista de extrema-direita. Mas que, não sem segunda intenção, os autores qualificam de «ultra-esquerdismo». Insistem com demagogia na necessidade de «liquidar totalmente» as «influências nefastas» do «esquerdismo», para que surja uma situação política de «estabilidade e de unidade». Ora, de acordo com a sua posição constantemente ultra-direitista, não podem considerar a Grande Revolução Cultural senão como «ultra-esquerdista»; a crítica a Lin Piao serve apenas para mascarar a sua vontade de a denegrir: na boca deles, «ir contra o esquerdismo» torna-se sinónimo de oposição à linha marxista-leninista do Presidente Mao.

Em que consiste a Grande Revolução Cultural? É uma luta de classes, uma grande revolução política que o proletariado conduziu, nas condições do socialismo, contra a burguesia e todas as outras classes exploradoras, tendo como alvo principal os responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista. O Presidente Mao indicou, recentemente: «Conduz-se a revolução socialista, e não se sabe sequer onde está a burguesia; ora ela existe no Partido Comunista; são particularmente os responsáveis comprometidos na via capitalista. Eles não deixaram de seguir essa via.» Recusar reconhecê-los como o maior alvo da revo-

pela expressão «embaraçar a corda da rede nas malhas e fazer passar estas por aquela». Teng tentava, assim, negar a linha fundamental do nosso Partido e a necessidade de tomar a luta de classes como eixo em todos os nossos sectores, tal como o Presidente Mao sublinhou muitas vezes, durante o período do socialismo.

lução cultural, significa negá-la. Teng Siao-ping pretendeu abusivamente que ela tinha «ferido» «quadros experimentados» — e no texto os ataques são centrados sobre o facto de que ela teria abatidos «bons quadros do Partido». Ora nós temos o direito de colocar a nós próprios esta questão: não deviam ser excluídos um punhado de traidores, de agentes secretos e de contra-revolucionários que se tinham infiltrado no nosso Partido? Não deviam ser denunciados e criticados os responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista? A Grande Revolução Cultural educou profundamente os quadros na luta de classes e na luta entre as duas linhas. E salvou um certo número daqueles que se tinham comprometido no erro, ajudando-os positivamente a prosseguir a revolução sob a ditadura do proletariado.

Ora, este texto apresenta de forma tendenciosa o combate travado contra os responsáveis comprometidos na via capitalista, descrito como acção «ultra-esquerdista», permanecendo mudo sobre as directrizes do Presidente Mao quanto à natureza, o objectivo e as tarefas da Grande Revolução Cultural, que cobre de invectivas, lamentando esses responsáveis irredutíveis, a fim de suscitar a respeito daquela o mau humor de certos quadros que foram criticados pelas massas devido aos seus erros. Eis que revelam uma vez mais o recurso à táctica confúcio-menciana «curvar-se para melhor se expandir», ainda que Teng Siao-ping tivesse jurado nunca mais desdizer as conclusões estabelecidas».

A Grande Revolução Cultural Proletária constituiu um movimento sem precedentes na história, «*nunca um movimento de massas teve tanta amplitude nem tanta profundidade*». Com várias centenas de milhões de homens revoltados contra os responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista — testemunhava assim um espírito revolucionário cuja importância o Presidente Mao apreciou muito e cujo desenvolvimento louvou calorosamente. Ora a experiência histórica da ditadura do proletariado prova-

-o: para barrar o caminho do poder aos revisionistas, o esforço duma minoria não chega, é preciso mobilizar também todo o povo na luta. A Revolução Cultural consistiu precisamente num tal empenho, e no recurso às massas no combate ao revisionismo.

Mas, como fiel defensor da tese confuciana: «em cima a inteligência, em baixo a estupidez» — concepção idealista da história —, Teng Siao-ping chegará a afirmar que «o apoio nos operários, nos camponeses e nos soldados é totalmente relativo». O que o texto retoma e desenvolve ao atacar por sua vez as massas que se julga conduzidas com facilidade, cegamente, na sua revolta — mera população ignorante, aos olhos de Teng Siao-ping.

Porquê uma tal perfídia contra a Grande Revolução Cultural? Porque ela atingiu o coração destes responsáveis comprometidos na via capitalista. E demonstrou assim o gigantesco poder deste movimento revolucionário de massas.

Ora, colocados em oposição às massas, estes responsáveis só têm ódio para com elas. Eis que se descobre claramente a face reaccionária destes senhores burgueses no seio do Partido. Recordemos as palavras do Presidente Mao que criticavam Peng Teh-huai, chefe de fila da linha revisionista de então, pelas suas alegações a respeito do movimento revolucionário de massas: «*Vistes como Lenine criticava o renegado Plekhanov, como ele criticava os senhores burgueses e os seus lacaios? os cães e os porcos da burguesia agonizante e da democracia pequeno-burguesa que se arrasta atrás dela?*» Senão, deitai-lhe uma vista de olhos, de acordo?

Enquanto, ditado por ele, se compunha este «programa geral», Teng Siao-ping emitia este ponto de vista: «A propósito da Grande Revolução Cultural Proletária, esqueçam-na, não pensem nela, nem a mencionem mais! Eu tenho uma memória de galinha, esqueci tudo». Aqui estão bem expressos o seu ódio, o seu rancor para com a Revolução

Cultural — ele deixa perceber como se inquietava com ela, tal como nos anos quarenta, que era inútil preocupar-se por tão pouco, e que era conveniente prosseguir a via capitalista, como no passado. «Memória de galinha». «Esqueci tudo». Tudo! Mentiras! Um tal frenesim no ataque testemunha plenamente o contrário: dia após dia, ajustar contas com o proletariado e com o povo revolucionário, pôr em causa as conclusões justas da Revolução Cultural, praticar a restauração do capitalismo. E ir até ao fim para isso.

«Voltar a pôr ordem», na realidade voltar a pôr em causa as conclusões justas da Revolução Cultural.

Abstendo-se cuidadosamente de revelar estas intenções, Teng Siao-ping afirmou: «Estamos agora na presença de uma tarefa que consiste em voltar a pôr na ordem todos os sectores de actividade». E, precisa o texto, deve-se «tomar as três directrizes como eixo, estabelecer o balanço da rica experiência adquirida depois da Grande Revolução Cultural Proletária, suspender concretamente, nos diferentes domínios, as medidas políticas que são impostas para o trabalho, dirigir e regular este trabalho segundo este programa geral e medidas políticas concretas». Ora, o que significa estabelecer o balanço da Revolução Cultural a partir dum programa que consiste em «tomar as três directrizes como eixo»? Não seria pretender que os balanços formulados pelo nosso Partido na altura dos seus IX e X Congressos já não tinham validade? E estaria doravante caduca a directriz do Presidente Mao: «*A Grande Revolução Cultural Proletária em curso é inteiramente indispensável e o mais oportuna possível para consolidar a ditadura do proletariado, evitar a restauração do capitalismo e edificar o socialismo*»? Tudo isso é claro: este «balanço» que Teng Siao-ping quer dar à Revolução Cultural, segundo o seu programa e a sua linha

revisionista, não é mais do que a sua negação. Ele quer igualmente «suspender» medidas políticas, «voltar a pôr na ordem» os diferentes sectores de actividade. Porquê? Com o único objectivo de se opor e de negar as medidas políticas proletárias definidas pelo Presidente Mao para o nosso Partido, com o único objectivo de transformar o nosso trabalho, de rever o nosso Partido e o nosso País segundo a concepção burguesa das coisas.

Duma assentada o texto enumera nove domínios para «voltar a pôr na ordem» — sendo «o mais importante» pôr ordem no Partido com as equipas dirigentes em pontos-chave. Deve-se abater os «inimigos de classe anti-marxistas», vituperam os autores, «retomar a direcção». Mas aqui, «inimigos de classe anti-marxistas» é uma definição particular, reaccionária. Designa os revolucionários proletários que aplicam resolutamente a linha revolucionária do Presidente Mao. Não é de admirar que os revisionistas considerem como «inimigos de classe» os que permanecem fiéis ao marxismo e à ditadura do proletariado. «Inimigos de classe» anti-marxistas que, com astúcia, colocam no mesmo plano de Lin Piao, esse traidor ao Partido e à nação, acusando-os de «retomar em seu proveito falsos esplendores» e de «voltar a entoar as suas velhas cantigas».

Mas, na realidade, é traçar o retrato destes autores. Porque os inúmeros factos revelados durante a luta contra o vento desviacionista de direita souberam mostrar quanto o próprio Teng Siao-ping, esse responsável irredutivelmente comprometido na via capitalista, fazia sua a linha revisionista de Liu Chao-chi e de Lin Piao, e utilizava a táctica habitual de «brandir a bandeira vermelha para se lhe opor», a fim de combater ferozmente o marxismo, o leninismo, o pensamento de Mao Tsé-tung. Recorrer à demagogia, provocar tumultos, caluniar a Grande Revolução Cultural Proletária, denegrir os revolucionários proletários, dizer bem alto o que um punhado de contra-revolucionários confessos ou disfarçados não ousavam exprimir, tudo isso tinha um

objectivo: dividir o nosso Partido, semear a discórdia entre as massas, arrancar o poder ao proletariado.

Porquê tanta impaciência em pôr em causa as conclusões justas da Revolução Cultural e em arrancar o poder ao proletariado? Porque ele procurava transformar a linha fundamental do Partido e voltar ao capitalismo em todos os campos — a resposta está contida no texto do «programa».

Restaurar o capitalismo a pretexto de «ocupar-se da produção»

No seu primeiro parágrafo, o artigo insiste sobre os grandes objectivos do nosso desenvolvimento económico, fixados para os 25 anos futuros por altura da II sessão plenária do Comité Central do Partido e da IV Assembleia Popular Nacional. Neste período, precisou, «tomar as três directivas como eixo» deve constituir o «programa geral em todos os sectores de actividade».

Assim, o espírito destas duas reuniões foi deliberadamente desnaturado, assim como a palavra de ordem de modernização socialista para o fim do século lançada pelo nosso Partido, tendo por eixo a luta de classes. Assim, inverteram-se as relações de determinantes e determinados, entre revolução e produção, entre política e economia, sendo a realização da modernização colocada no posto de comando, acima de tudo. Porque, quando os autores apregoam que «tomar as três directivas como eixo» está ao serviço da realização deste objectivo, é de facto eliminar o recurso à luta de classes — o eixo —, assim como as missões fundamentais da prossecução da revolução sob a ditadura do proletariado.

Apenas permanece a que diz respeito à «modernização».

que equivale a dizer que o nosso Partido seria um «partido
que o seu progra-
ma é natu-

reza, mesmo antes do fim do século.

O ponto de vista marxista considera que as forças produtivas, a base económica, desempenham, regra geral, um papel principal e decisivo no desenvolvimento histórico. Mas ao mesmo tempo admite a retroacção das relações de produção e da superestrutura sobre as forças produtivas e sobre a base económica. A transformação das primeiras desempenha um papel principal e decisivo, quando entram o desenvolvimento dassegundas. *«Parasaberque papel desempenham a política e a actividade prática deste ou daquele Partido na vida do povo chinês, se este papel é positivo ou negativo, importante ou modesto, será preciso afinal, ver se eles contribuem para o desenvolvimento das forças produtivas e em que medida as travam ou as libertam»*, assinalava o Presidente Mao em *«Sobre O Governo de Coligação»*, mas acrescentando que *«só a destruição do invasor japonês, a aplicação da reforma agrária, a emancipação do campesinato, o desenvolvimento duma indústria moderna e a edificação duma nova China que seja independente, livre, democrática, unificada, forte e próspera, permitirão libertar as forças produtivas sociais e terão a aprovação do povo chinês»*. Insistia na revolução, único meio de libertar as forças produtivas.

Pela segunda vez, durante o período socialista, sublinhava que as transformações contínuas nas relações de produção e na superestrutura têm como efeito estimular a expansão das forças produtivas; e, além disso, fixava este princípio ao nosso Partido: *«fazer a revolução e promover a produção»*. Depois, o poderoso impulso do nosso desenvolvimento, em todos os campos, veio corroborar eloquentemente quanto a Revolução Cultural constituía um poderoso indutor para as nossas forças produtivas sociais.

Ora, este princípio — *«fazer a revolução e promover a produção»* — pôr a política proletária no posto de comando e a produção no posto de execução, é exactamente o programa revisionista «tomar as três directivas como eixo» e

que divulga em todas as coisas a teoria das forças produtivas. Assim são deliberadamente suprimidas as últimas linhas da passagem que acabamos de citar, o que constitui uma deformação ostensiva, a fim de poder demonstrar a possibilidade de desenvolver a produção sem recorrer à revolução. Assim compreender-se-á que, qualquer que seja a via que tome, o «revolucionário autêntico e que aplica uma linha justa, é aquele que consegue «desenvolver a produção». — Numa palavra, mais uma vez a expressão de Teng Siao-ping, «gato branco, gato preto».

Segundo esta lógica, as duas superpotências são «as mais justas» e «as mais revolucionárias», já que possuem mais aço, mais bombas atômicas, enquanto os numerosos países do terceiro mundo, vítimas do controlo e da pilhagem imperialistas e social-imperialistas, são «menos justas» e «menos revolucionárias», já que a sua economia permanece momentaneamente num estado de subdesenvolvimento. Aqui está o ridículo que fazem cair sobre si estes pretensos «peritos do marxismo»!

A experiência histórica mostra que os revisionistas — antigos ou modernos — recorreram frequentemente a histórias a propósito dos problemas económicos para contestar a revolução e a ditadura do proletariado. Teng Siao-ping segue-lhes as pisadas, apresentando-se como «o mais apreensivo com os problemas da produção», como aquele que conhece melhor este domínio, o «perito» em matéria económica.

Na realidade, por este meio indirecto, que procurava ele? O retorno ao capitalismo. Por detrás da sua palavra de ordem «fazer tudo para realizar a modernização», opunha-se, tanto quanto podia, à revolução nos sectores da superestrutura; e, por outro lado, prosseguiu obstinadamente uma linha revisionista no domínio económico, a fim de desorientar a nossa edificação socialista.

Vimo-lo muito empenhado na circulação das concepções económicas burguesas — prioridade à ciência, senhor todo-poderoso dos regulamentos revisionistas, interesses mate-

riais pessoais em primeiro plano. Mas, em compensação, recusando falar do factor humano e da revolução, iludindo deliberadamente a questão do combate contra os responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista, a fim de passar em silêncio a luta do proletariado contra a burguesia.

É contra a direcção do Partido e pela «gestão da empresa pelos especialistas»; contra a que se ponha a política proletária no posto de comando e pelos estímulos materiais; contra o apoio nas massas e a organização de movimentos de massas, mas pela elaboração de normas que «estruturam, controlem e oprimam» os operários; partidário do reforço da iniciativa da autoridade central e contra a sua combinação simultânea com a das autoridades locais; por uma «ditadura das normas», contra o princípio de «caminhar com as duas pernas»; por trazer «grandeza e modernismo», contra a política de independência e de autonomia e de contar com as próprias forças; pela moleza e pela atitude de servilismo frente ao que é estrangeiro — e o culto que professa a este respeito mostra que é burguês e comprador: assim, sabotou a nossa edificação socialista, com todas as consequências desastrosas que isso implica.

Se deixássemos esta linha reinar, a nossa edificação económica afundar-se-ia num pântano capitalista e o nosso País voltaria ao estado de colónia ou de semi-colónia.

*Voltar a pôr em causa as conclusões justas
vai contra a vontade do povo*

A redacção deste «programa geral» é uma nova confirmação da existência objectiva da luta de classes — e esta não depende da vontade humana. Quão feroz parecia Teng Siao-ping nos seus ataques contra o proletariado, que queria derrubar dum só golpe, jurando abater «os inimigos de classe antimarxistas» e «lutar pela verdade», com uma «firme convicção». Mesmo se, durante algum tempo, o

vento desviacionista de direita pôde sóprar mais fortemente, é fraco por natureza. Porque *voltar a pôr em causa as conclusões justas vai contra a vontade do povo* e os «sopradores» deste vento não têm a verdade na boca. Pelo contrário, temem-na e têm medo das massas populares que a possuem.

Depois do artigo concluído, pensando que a situação evoluía num sentido desfavorável, vão dedicar-se activamente a corrigi-lo, suprimindo-lhe certas frases, tais como combater «os inimigos de classe antimarxistas». É curioso que de uma só vez, já não se possam queixar dos «inimigos de classe», por mais antimarxistas que sejam. E que estas pessoas decididas a «lutar pela verdade», «com uma firme convicção», tenham subitamente tão má consciência! A ponto de se sentirem obrigadas a produzir algumas correcções neste texto, acrescentando-lhe palavras que até então não queriam pronunciar, e suprimindo-lhe certas passagens a que pareciam atribuir tanta importância. Porquê? Porque procuravam assim, disparar contra o proletariado setas ainda mais mortíferas, menos visíveis. Mas os seus esforços foram vãos. Todas estas alterações revelaram por si mesmas as intenções dos seus autores.

Na história, a consolidação dos conhecimentos adquiridos numa grande revolução exigem frequentemente mais tempo do que o exigido pelo próprio desenvolvimento desta revolução — no decurso da qual e durante o longo período posterior se prossegue constantemente a luta entre os que tentam pôr em causa as suas conclusões e voltar ao passado, e aqueles que se opõem a isso. A Grande Revolução Cultural Proletária, desencadeada e dirigida pelo próprio Presidente Mao, franqueou o caminho à prossecução da revolução sob a ditadura do proletariado. A questão que tinha de solucionar era permitir a mobilização das massas na época socialista numa revolução contra a burguesia, principalmente contra a que se encontrava no seio do Partido. Forneceu uma experiência particularmente

preciosa para combater e evitar o revisionismo, consolidar a ditadura do proletariado, impedir o retorno ao capitalismo e edificar o socialismo. A sua natureza, as suas tarefas e o seu significado determinam o facto daqueles que praticam o revisionismo, a regressão e a restauração da antiga ordem nunca deixarem de rever as suas conclusões; conforme a aprovarmos ou a negarmos, assim somos ou não agentes sinceros do socialismo, prontos a prosseguir até ao fim a revolução sob a ditadura do proletariado, ou pelo contrário, propensos a parar a meio caminho.

A grande luta em curso contra o vento desviacionista de direita, que contestava as conclusões justas, é o seu prolongamento e aprofundamento, está ligada à evolução e ao futuro do nosso Partido e do nosso País, é por consequência um assunto de máxima importância. Estamos resolvidos a fazer em pedaços os ataques da burguesia, a consolidar e a desenvolver as magníficas aquisições da Grande Revolução Cultural Proletária, para que o nosso País avance vitoriosamente à luz da linha revolucionária do Presidente Mao.

O CAMINHO DUMA JOVEM ACTRIZ

Artigo publicado na revista chinesa *Pékin Information*, nº 27, de 5 de Julho de 1976.

A revolução na literatura e na arte, assinalada pela criação de peças modelo com tema revolucionário, ter-nos-á permitido não só a criação de obras de qualidade dum experiência apreciável, mas também a formação de artistas proletários — uma bela vitória da Grande Revolução Cultural Proletária e da linha revolucionária do Presidente Mao em matéria de literatura e arte.

O caminho percorrido por Yang Tchuen-hsia, uma jovem actriz da ópera de Pequim, é um exemplo típico.

Ela representa Keh Siang na «Montanha das Azáleas» — Ópera de Pequim de tema revolucionário contemporâneo que descreve a insurreição dum exército camponês em 1928, que guiada pelo Partido, se reunirá mais tarde à base de apoio revolucionária dos montes Tsinggang; Keh Siang, personagem principal da peça é precisamente a delegada do Partido junto dos camponeses sublevados, enviada pela organização do Partido de Tsinggang. Ela interpreta com su-

cesso esta combatente heróica, proletária, que, sem nunca perder de vista o seu grande objectivo, o comunismo, luta para libertar todos os oprimidos — daí a apreciação calorosa dos espectadores operários-camponeses-soldados.

A sua idade: trinta e três anos. Mas já há vinte e duas primaveras na cena em que se desenrolavam numerosos combates.

Em 1954, ela usa ainda o seu lenço de seda vermelho, de pioneira, quando entra no conservatório de arte dramática de Xangai. Tem onze anos. Na época, a linha revisionista de Liu Chao-chi domina os meios artísticos. Ensina-se aos futuros artistas as peças antigas, cujos heróis são apenas imperadores, reis, os seus generais e os seus ministros, jovens letrados e lindas cortesãs. Inculcam-se ali ideias burguesas, tais como «conquistar o mundo pela frescura do seu jogo».

O seu primeiro papel na escola é uma Ópera *Kunqu* (teatro em dialecto de Sutchu): o *Palácio da Longevidade*. Uma obra do século XVII que conta os amores de Li Long-ki — imperador da dinastia dos Tang (no século VIII) — e da sua favorita Yang Yu-huan. Para se colocar no lugar da personagem, Yang Tchuen-hsia deve imitar a *coquetterie* e as maneiras caras às senhoras das classes exploradoras de há mil anos. E esgançar-se todo o santo dia a aprender palavras de uma frivolidade aflitiva, de que ela não vê muito bem o significado — «*Recebi os seus benefícios, recebi os seus favores, numa apoteose ao céu subi...*»

Um mundo separa esta jovem pioneira da nova China socialista, cheia de vida, e uma concubina do palácio imperial penetrada de sentimentos decadentes. Educar assim os jovens resume-se a «*formar para a burguesia servidores úteis*» (Lenine: *As tarefas das Uniões da Juventude*).

Depois dos seus estudos acabados, juntou-se à Companhia dos jovens actores da Ópera de Xangai. Fixa, então, a si própria um objectivo: tornar-se uma vedeta; conseguir o

papel principal. Vai, durante alguns anos, exhibir-se nas óperas poeirentas, e sucessiva e proporcionalmente afastar-se ideologicamente das massas operárias e camponesas. O futuro da pátria, o ideal da revolução, tudo isso já não interessa.

Uma vez, a companhia apresentou uma obra antiga nos subúrbios de Xangai; mas sob os dichotes dos camponeses pobres e médios que criticaram o espectáculo: «Vocês chamam-se companhia de jovens actores, mas só representam velhos espectáculos deformados; porque não representam novas peças socialistas?» Censura que foi direita ao coração da jovem actriz.

1964: a revolução na Ópera de Pequim leva à da literatura e da arte. Depois da Grande Revolução Cultural Proletária que vai denunciar e criticar sem piedade a linha revisionista neste domínio, Yang Tchuen-hsia acorda nestas lutas. Compreende bem o que a linha revisionista queria fazer dos jovens actores: uma aristocracia intelectual, um instrumento ao serviço da restauração do capitalismo, contra o socialismo. Gradualmente, compreende o que lhe resta fazer: encarnar a imagem heróica dos operários, dos camponeses e dos soldados, reflectir a sua vida militante, criar para eles: só desta maneira se pode servi-los, assim como à política proletária.

Em 1971, é-lhe confiado o papel de Keh Siang. Ela que no passado interpretava as senhoras das classes exploradoras, hoje encarna com talento, os personagens operários-camponeses-soldados e os revolucionários proletários. Que transformação na sua concepção do mundo e no seu ponto de vista sobre arte!

Durante a Grande Revolução Cultural, conduzida pela linha revolucionária do Presidente Mao, Yang Tchuen-hsia desmbaraçou o seu espírito desta canga burguesa que é a procura de vantagem e de fama pessoais; mergulhou na vida militante das massas operárias e camponesas. Com os seus camaradas da Companhia, foi às fábricas, às comunas

populares e às unidades do Exército Popular de Libertação, para criar e preparar obras. Passa lá todos os anos um certo tempo, vivendo e trabalhando lá, ao lado dos operários e dos camponeses. A companhia dá todos os anos perto de seis representações em cada dez nas empresas industriais, mineiras e nos campos — os actores podem directamente recolher as opiniões dos espectadores operários-camponeses-soldados.

Assim, pela sua participação no trabalho produtivo colectivo no decurso destes últimos anos, Yang Tchuen-hsia pôde realmente compreender, compreender concretamente, que as massas trabalhadoras são os criadores do mundo. Pôde partilhar os seus sentimentos — este ódio implacável para com a sociedade antiga e esta afeição pela nova. Sendo completa e profundamente encorajada e educada pelo espírito revolucionário que os heróis das peças de tema revolucionário contemporâneo testemunham. Estes heróis, que ousam romper radicalmente com a antiga ideologia, com o antigo sistema social. Tomou o compromisso de se consagrar à arte revolucionária, no seu jogo (1), pela revolução e em toda a sua vida estas transformações ideológicas constituem a base do seu sucesso na interpretação dos heróis proletários.

O que tinha aprendido no Conservatório permitia-lhe apenas exprimir a «fragilidade» das mulheres das classes exploradoras que desprezam o trabalho manual; evidentemente, hoje isso não pode convir para a imagem dos operários-camponeses-soldados. Por isso aprende junto deles, nas suas lutas quotidianas, a fim de reter os seus gestos, de forma a reflectir a sua ideologia e o seu porte heróico. No III acto da *Montanha das Azáleas*, vê-se Keh Siang penetrar vivamente em cena, com o ombro carregado com um palanche (2) de arroz, depois mudar de ombro com

destreza a sua carga, e enxugar o rosto com o lenço que lhe protege o pescoço; depois do que, ela avança na direcção dos espectadores, poisa agilmente a carga e sacode os ombros. Toda uma série de movimentos soberbos directamente tirados da vida, ainda mais, da própria realidade, que exprimem de uma forma tangível a qualidade e a figura magnífica duma trabalhadora heróica do proletariado. Não se encontra neste momento nada de comum com as maneiras de senhoras aristocráticas e de meninas *coquettes* que interpretava outrora.

«Se pude chegar a isso, declara Yang Tchuen-hsia, foi graças ao Partido, graças às massas e à Grande Revolução Cultural Proletária que me ensinaram muito.» Durante os ensaios da *Montanha das Azáleas*, a célula do Partido e os seus camaradas da companhia procuraram todos os meios para a ajudar a superar as dificuldades do seu papel. Era sobretudo fraca em artes marciais. Ora a personagem exige isso. Mas os actores hábeis na matéria ajudá-la-ão refazendo dez vezes, vinte vezes cada movimento, todos os dias. À sua voz faltava ainda um pouco de amplitude. Mas cantores ensiná-la-ão a aliar o seu timbre natural ao falsete tradicional — método que permite melhorar-lhe a força. Foi nestes ensaios que Yang Tchuen-hsia conseguiu compreender o que é o espírito colectivo nas criações artísticas socialistas. «A personagem de Keh Siang que interpreto reúne em si todo o conhecimento dos meus camaradas», dirá a jovem actriz.

Evocando o caminho que seguiu, Yang Tchuen-hsia, muito comovida, sublinhará: «A Grande Revolução Cultural Proletária é a revolução literária e artística deram-me uma juventude revolucionária, ao meu espírito e à minha arte».

(1) — Modo como um actor desempenha os seus papéis.

(2) — Palanche: pau para transportar aos ombros dois baldes.

O RENDER DA GUARDA
DA REVOLUÇÃO PROLETÁRIA
ESTÁ ASSEGURADO

Direcção de tripla união
dos quadros idosos, de meia-idade e jovens

Artigo dos correspondentes
Tcheng Tche e Tcheu Kin,
publicado pela revista chinesa
Pékin Information, nº 26 de
28 de Junho de 1976.

A tripla união — quadros idosos, de meia-idade e jovens — assegura nos diversos escalões da direcção uma grande vitalidade, e permite que milhões de continuadores da revolução proletária se possam expandir. É uma importante aquisição da Grande Revolução Cultural Proletária e uma das realizações do socialismo.

Dirigimo-nos recentemente à perfeitura de Chekiatchuang (província do Hopei), não longe de Pequim, onde entrevistámos um grande número de quadros, jovens e veteranos. Eis uma das suas duas reportagens.

Chekiatchuang é uma das dez perfeituras da província

de Hopei. Compreende a municipalidade de Chekiat-chuang, sede da província, e dezoito distritos em torno, com uma população de 6,17 milhões de habitantes. Aqui, as equipas dirigentes da prefeitura, da municipalidade, dos distritos e das comunas populares realizaram a tripla união, quer dizer, têm como membros quadros de idade madura e média com uma grande experiência, e numerosos jovens plenos de dinamismo.

Entre nós, o Partido exerce a sua autoridade sobre o conjunto dos sectores da indústria, da agricultura, do comércio, da cultura e do ensino, do Exército, do Governo e do Partido. Os comités deste último para a municipalidade e os distritos dirigem os negócios de todos os sectores sob a sua administração. Entre os seus membros, contam-se nesta prefeitura 17 % de quadros idosos — mais de 51 anos —, 61 % de quadros de meia-idade e 22 % de quadros jovens — menos de 35 anos. A prefeitura compreende 438 comunas populares — escalões de base onde funcionam a administração local e a gestão económica. Entre os secretários do Partido e seus adjuntos, os jovens de menos de trinta anos representam 37 %.

Depois de 1971, 2027 jovens foram designados para estes postos de direcção, ao escalão da comuna e acima. Os quadros mais idosos e eles aprendem uns com os outros e trabalham em estreita colaboração tomando a luta de classes como eixo e seguindo a linha fundamental do Partido — tudo isso torna os órgãos de direcção mais dinâmicos, mais sólidos, que conduzem as massas para fazer a revolução e promover a produção, e consolidam-se, reforçam-se as aquisições da Grande Revolução Cultural Proletária. No ano passado, após vários anos de boas colheitas, a produção de cereais sobre o conjunto da região registou de novo excelentes resultados. Por seu lado, o Plano de Estado para a produção industrial foi concluído trinta dias antes do seu termo.

Pela revolução proletária

Pôr os jovens quadros nos postos de direcção, exercitá-los e formá-los, eis aquilo de que precisa a causa da revolução proletária; por outro lado, assim se saberá se a jovem geração é capaz de prosseguir a revolução marxista-leninista que empreendeu a velha geração de revolucionários proletários.

Após a morte de Staline, o País que conheceu a grande revolução de Outubro assistiu à usurpação da direcção do Partido e do poder de Estado pela clique revisionista de Krutchev. As mudanças que se produziram na União Soviética permitiram aos profetas imperialistas esperar uma «evolução pacífica» com a terceira ou a quarta geração do Partido Comunista Chinês. Quando em 1964 o Presidente Mao fez o balanço das experiências feitas pela ditadura do proletariado na China e no estrangeiro, e nomeadamente da degenerescência da União Soviética, escrevia em *«O pseudo-comunismo de Krutchev e as lições históricas que dá ao mundo»* que *«para estar seguros de que o nosso Partido e o nosso País não mudarão de côr, devemos não só ter uma linha e uma política justas, mas educar e formar milhões de continuadores da causa revolucionária do proletariado»*, questão essencial para a revolução proletária nos cem, nos mil, mesmo nos dez mil anos futuros.

O Presidente Mao colocou cinco condições para ser dignos continuadores desta causa; e, no decurso da Grande Revolução Cultural Proletária, as massas fizeram esta experiência de tripla união nas equipas dirigentes, que facilitou largamente uma tal formação, como pretendem as afirmações do Presidente Mao. Os Estatutos do Partido Comunista Chinês, adoptados em Agosto de 1973 pelo X Congresso, estipulam a este respeito que *«os órgãos de direcção a todos os escalões do Partido devem ser eleitos pela via da consulta democrática, em conformidade com as*

condições requeridas para serem os continuadores da causa revolucionária do proletariado e o princípio da tripla união das pessoas idosas, das pessoas de meia-idade e dos jovens» Na Constituição da República Popular da China adoptada em Janeiro de 1975 pela IV Assembleia Popular Nacional, a frase seguinte foi inserida igualmente: os órgãos dirigentes do Estado «devem encarnar a tripla união das pessoas idosas, das pessoas de meia-idade e dos jovens».

Após o X Congresso do Partido, todos os dirigentes da prefeitura de Chekiatchuang, do mesmo modo que os das outras regiões, logo que estudaram as cinco condições colocadas pelo Presidente Mao e as suas outras teses pertinentes, assim como os novos Estatutos do Partido, criticaram as ideias conservadoras de desprezo pelos jovens e de respeito unicamente pela velhice, pois estão interessados cada vez mais, e com mais seriedade ainda, na tripla união. Também os três quartos dos dois milhares de jovens quadros actualmente num posto ao nível da comuna popular ou superior foram designados depois de Agosto de 1973.

Na escolha dos jovens quadros, o comité do Partido para a prefeitura apoia-se nas cinco condições pré-citadas de que o fundamental é praticar o marxismo e não o revisionismo; porque aquele que pratica o marxismo, e que serve de todo o coração os interesses da grande maioria do País e do mundo, é capaz de fazer corpo com ela, de se abrir com ela, do mesmo modo que saberá aplicar de forma exemplar o centralismo democrático do Partido, permanecer em ligação estreita com as massas, ter a coragem de fazer críticas e autocríticas. Pelo contrário, aquele que praticar o revisionismo, quem servir a burguesia, no Partido como fora dele, não se encaminhará senão para o sectarismo e a cisão, desligar-se-á das massas, opor-se-á mesmo a elas.

Para praticar o marxismo, é preciso antes de tudo estudar conscienciosamente as obras de Marx, Engels, Lenine, Staline e as do Presidente Mao: numerosos são os jovens quadros que nisso se empenham e, uma vez no

posto, o Partido dá-lhes toda a ocasião para continuar neste sentido. Assim, em Chêkiatchuang, 100% em 1974 e 80 % em 1975 dos 360 novos quadros da municipalidade foram enviados para formação para o instituto do Partido ou escola de quadros do «7 de Maio». Muitos deles, apesar das suas ocupações, continuam a passar uma a duas horas por dia com as obras clássicas marxistas-leninistas a mais do tempo normalmente fixado para isso. Eis o exemplo da jovem An Su-mei, de vinte e quatro anos, chefe adjunto do *bureau* municipal têxtil. Ela aproveita os seus momentos antes e depois do trabalho para estudar a teoria além da jornada semanal consagrada a este fim e à de trabalho manual na fábrica de têxteis. Nestes últimos anos, ela leu o *Manifesto do Partido Comunista*, *A Crítica do Programa de Gotha*, *Ludwig Feurbach e o fim da filosofia clássica alemã*, *O Estado e a revolução* e os quatro tomos das *Obras Escolhidas de Mao Tsé-tung*, para os quais escreveu quase 300 000 caracteres de notas. «Assim, diz ela, posso compreender melhor a teoria marxista-leninista, fazer o meu balanço e ver as minhas insuficiências no meu trabalho.» Graças a uma tal consciência, a camarada An fez grandes progressos; e, ocupada como está, ela não se interessou menos pela luta de classes — que é a contradição principal — e não teme autocriticar-se de todas as tendências erradas.

Crescer nas tempestades

O Presidente Mao notou que *«é no decurso das lutas de massas que aparecem os continuadores da causa revolucionária do proletariado; é no meio das grandes tempestades revolucionárias que eles se forjam e engrandecem.»*

A Grande Revolução Cultural é uma tempestade sem

lução política que o proletariado conduz, na sociedade socialista, contra a burguesia e contra todas as outras classes

exploradoras. De um tal movimento de massas emerge necessariamente um grande número de revolucionários de elite. E isso permitiu às centenas de milhões de habitantes, guiados pela linha revolucionária do Presidente Mao, abater os dois quartéis-generais da burguesia que se dissimulavam no interior do Partido — o de que Liu Chao-chi era o chefe de fila, e o de Lin Piao; criticaram a sua linha revisionista, assim como as ideias, a cultura e as tradições caducas de todas as classes exploradoras. Como disse Lenine, durante a revolução, os povos *«aprendem mais numa semana do que num ano de vida normal, sonolenta»*. (*«Os ensinamentos da revolução»*). Temperadas pela Grande Revolução Cultural, as massas receberam um grande ensinamento, compreenderam melhor a luta de classes e a luta entre as duas linhas. Com um ardor militante, os guardas vermelhos e os jovens revolucionários combateram como pioneiros corajosos e realizaram actos imorredoiros. Hoje, muitos deles subiram a postos de direcção, onde representam formas novas com as quais é preciso contar.

Quanto a Wang Feng-wu, de 26 anos, membro do Comité Permanente do Comité do Partido para a municipalidade, Vice-Presidente do Comité Revolucionário Municipal de Chekiatchuang, é um outro exemplo. Em 1966, filho de operário, estuda numa escola técnica. Logo que o Presidente Mao acendeu o fogo da Grande Revolução Cultural, foi um dos primeiros, com os seus camaradas, a afixar os *dazibao*, a dirigir o ferro de lança sobre a linha revisionista aplicada no ensino e sobre os responsáveis do Partido que seguem a via capitalista. No 18 de Agosto, estava em Pequim com os seus companheiros para ter contactos e desfilar diante do Presidente Mao na praça de Tien-an-men, como dezenas de milhar de outros jovens vindos dos quatro cantos do País.

Foi nesse dia que foi fundada a organização dos guardas vermelhos da sua escola. De volta a Chekiatchuang, começaram então a conduzir a revolução, em estreita li-

gação com um grande número de professores e de alunos da cidade. Feng-wu ganha experiência através das lutas, e torna-se chefe dos guardas vermelhos da municipalidade. Em 1968, logo que se fundou o Comité Revolucionário de Chekiatchuang, enquanto representante das massas, foi eleito Vice-Presidente. Depois, ocupou-se dos jovens instruídos desejosos de ir trabalhar a terra assim como do ensino. Assegurou as funções de secretário da Liga da Juventude Comunista no comité municipal. Mas o que é de longe mais caro à sua memória, são os dias passados nas fábricas, onde trabalhava como operário, o tempo em que no campo, se educava junto dos camponeses pobres e meio-pobres. Disse: «Nós, os jovens, se não nos integramos com os operários e com os camponeses, não poderemos tornar-nos revolucionários dignos desse nome. » Este ano, ligou-se a uma comuna popular dos arredores, onde a situação é muito complexa, o que ele considera uma boa ocasião para se formar.

No distrito de Hulu, toda a gente admira a secretária adjunta do Comité do Partido, a jovem Wang Sieu-tche, que tem 27 anos. Ela fez-se felicitar por ter tomado a cabeça do movimento de crítica contra Lin Piao e Confúcio, pelo estudo da teoria da ditadura do proletariado, que dirige com entusiasmo — dando o exemplo no estudo e na crítica, e tendo redigido uma trintena de artigos. Por outro lado, conduziu as massas populares contra os actos de sabotagem devidos aos inimigos de classe. Louvou-se também o espírito de vanguarda de que deu provas ao mobilizar as massas para que, tomando o exemplo de Tatchai, abram — em duas primaveras e dois invernos — um reservatório com a capacidade de um milhão de metros cúbicos numa região montanhosa onde a necessidade de água é grande.

Por que razão esta jovem rapariga filha de camponeses pobres adquiriu tantas qualidades? «É, diz um secretário adjunto do Comité do Partido para o distrito, porque cresceu nas tempestades da luta de classes.» Era guarda

vermelha durante a Grande Revolução Cultural. Em 1968, Sieu-tche voltou ao campo, no dia seguinte ao apelo do Presidente Mao: *«É necessário que os jovens que têm instrução vão ao campo para se fazerem reeducar pelos camponeses pobres.»* Colocando-se sob a direcção do Partido e apoiando-se nos camponeses pobres e meio-pobres, opôs-se resolutamente aos burgueses antigos e novos, aos latifundiários derrubados que sonham voltar ao antigo regime. Logo que Wang passou para a direcção em 1971, o Partido enviou-a muitas vezes onde a luta de classes era muito complexa, onde as condições eram difíceis. Foi assim que se aguerriu e amadureceu rapidamente. *«Vai-se mais depressa com a vara ao ombro do que de mãos vazias»*, diz ela. Hoje ela é não só uma secretária adjunta respeitada pelas massas como também membro do Comité Permanente do Comité do Partido na perfeitura.

Operários e camponeses de elite

Na perfeitura de Chékiatchuang, pretendeu-se com base nos critérios estabelecidos pelo Presidente Mao respeitantes aos continuadores da causa da revolução proletária — escolher operários, camponeses pobres e meio-pobres de elite para os pôr na direcção; do mesmo modo, prestou-se uma grande atenção à formação dos quadros femininos.

Os camaradas dirigentes do Comité do Partido para a perfeitura disseram-nos que, graças à Grande Revolução Cultural Proletária, um grande número de elementos de valor, cuja consciência da luta de classes e da luta de linhas é elevada, e que fornecem uma fonte inesgotável de novos quadros, saíram de entre os operários e os camponeses. Segundo um recenseamento na perfeitura, forneceram 76 % dos novos quadros no decurso destes cinco últimos anos.

Partido político do proletariado, o nosso Partido forma a vanguarda deste, o nosso País é um Estado socialista de di-

tadura do proletariado, que dirige a classe operária e que é baseada na aliança dos operários e dos camponeses. Pela sua própria natureza, o Partido e o Estado querem pois que se vele pela formação de quadros operários e camponeses.

Lenine dizia já há muito tempo: *«Os homens devotados aos interesses das massas laboriosas e capazes de assumir um trabalho de direcção são muito, muito numerosos entre os simples operários e camponeses. Há entre eles um muito grande número de homens devotados pela organização e pela administração... Estes novos talentos, modestos, pouco aparentes, não são fáceis de descobrir.»* *«Ora, é este trabalho difícil que devemos, que devemos absolutamente realizar, colher de uma forma mais profunda forças na classe operária e entre os camponeses trabalhadores.»* (*«O Estado operário e o salário do Partido»*) Os diversos órgãos do Partido, ao nível da perfeitura, realizaram um trabalho minucioso neste domínio, indo os seus membros à base apontar o parecer das massas e examinar regularmente o trabalho realizado pelos novos quadros.

A prática mostra ainda mais claramente o contributo de uma tal promoção de operários e camponeses de elite a postos de direcção para poder limitar o direito burguês e *«evitar esta transformação (...) do Estado e dos órgãos do Estado, na origem servidores da sociedade, em mestres desta»*. (F. Engels; *Introdução à Guerra Civil em França*).

Logo que estão nestas funções, operários e camponeses conservam quase, ou completamente, os seus rendimentos de origem: para os operários, o mesmo salário, para os camponeses os pontos de trabalho normais da sua equipa de produção de origem; e a sua remuneração é atribuída à economia colectiva. O Estado concede-lhes todavia uma pequena subvenção mensal, que cobre os gastos que integra a sua nova atribuição.

Por altura do IX Congresso do Partido Comunista Chinês, em 1969, falando dos camaradas vindos da base e eleitos para o novo Comité Central do Partido, o Pre-

sidente Mao declarou: *«É preciso velar para que eles não se desliguem das massas nem da produção e também para que cumpram a sua tarefa.»* Escusado será dizer que este princípio é igualmente válido para os jovens quadros saídos da base. Na perfeitura, destes dirigentes de tipo novo são numerosos os que permanecem em contacto estreito com as massas, e participam regularmente na produção colectiva. Por mais que tenham mudado de função, guardaram intactas as suas qualidades de trabalhadores.

É por exemplo a jovem camponesa Lieu Kienying que, com 24 anos, é Vice-Presidente da Comissão Científica e Técnica para a perfeitura. Os seus sucessos nas investigações sobre um insecto nocivo para a ervilha valeram-lhe os elogios nos meios científicos; quadro dirigente desta comissão em 1973, fez frequentes investigações no campo, participou no trabalho manual e conduziu o seu trabalho no mesmo sítio. Logo que chega, vai juntar-se aos camponeses. No auge da estação, leva as suas refeições que toma nos campos, com os aldeões. «Eu sou como um jovem rebento de que as massas são o solo, disse, preciso de me enraizar nelas para melhor as servir. Se, uma vez quadro, já não nos consideramos como operários ou camponeses, caímos no revisionismo.»

Outro exemplo: Li Tseng-tseng, secretário adjunto do Comité do Partido para o distrito de Pingchan. Terminados os seus estudos primários em 1954, dedicou-se à agricultura; sucessivamente guarda-livros de uma cooperativa agrícola, secretário da célula do Partido numa brigada de produção, secretário do comité do Partido numa comuna popular, foi chamado em 1973 às funções de secretário adjunto do Comité do Partido para o distrito. Nestes dois últimos anos, dirigiu uma dezena de milhar de operários para escavar um canal de 104 Km — projecto de importância para o desenvolvimento agrícola. Encontrá-mo-lo em Sipaipo, onde começa o canal. Com uma toalha branca em volta da cabeça, tem realmente o ar do camponês do Norte e não se dis-

tingue em nada dos seus camaradas. Como está muitas vezes no trabalho manual e partilha a vida, os estudos dos camponeses nas obras, chamam-lhe familiarmente «secretário de campo».

Travámos conversação com um grande número de jovens quadros oriundos de operários e de camponeses; e achámo-los ricos de experiência prática, assíduos ao estudo, libertos de ideias conservadoras e abertos à luta de classes e à luta entre as duas linhas. Constituem assim verdadeiramente o futuro meio; e os factos desmentiram os ataques que lançaram contra a tripla união um Teng Siao-ping, principal responsável no Partido a obstinar-se na via capitalista. As realizações socialistas não podem ser destruídas — à luz da linha revolucionária e proletária do Presidente Mao, estas equipas dirigentes em tripla união melhoram, animam-se e desempenharão um papel cada vez mais importante na revolução e edificação socialistas.

CONTINUA E APROFUNDA-SE A GRANDE REVOLUÇÃO CULTURAL PROLETÁRIA

Universidade de Hsing Hua

Artigo da revista chinesa
Pékin Information, nº 12,
de 24 de Março de 1976.

Qual a natureza do actual grande debate revolucionário de massas na frente educacional que se desenrola com êxito em todo o País? Numerosos factos ocorridos nos últimos meses na Universidade de Hsing Hua mostram que esta luta contra o vento desviacionista de direita destinado a negar a Grande Revolução Cultural Proletária é uma gigantesca batalha entre o proletariado e a burguesia e a continuação e aprofundamento desta grande revolução. Corresponde ao futuro e ao destino do nosso Partido e do nosso Estado.

Esta luta desencadeou-se na Universidade de Hsing Hua. Por volta do Verão passado, levantou-se na sociedade um vento direitista destinado a revogar os veredictos justos. O seu propósito era negar a Grande Revolução Cultural Proletária iniciada e dirigida pessoalmente pelo Presidente

Mao desde há dez anos e as inovações socialistas emergidas durante a mesma, revogar os veredictos justos sobre ela e praticar o revisionismo. Justamente nesse momento, um punhado de pessoas que persistem na linha revisionista avançou para a cena para atacar a linha revolucionária do Presidente Mao e o Comité Central do Partido, encabeçado por ele. Com penetrante compreensão da actual tendência na luta de classes, o nosso grande dirigente, o Presidente Mao preparou a tempo esta oportunidade favorável e iniciou pessoalmente um grande debate revolucionário. Sob a direcção das organizações do Partido, os quadros e as massas da Universidade de Hsing Hua começaram a denunciar e a criticar em grande escala o revisionismo. Logo em seguida, lançaram um poderoso contra-ataque ao vento direitista destinado a revogar os veredictos justos em todo o terreno educacional.

Esta luta não é isolada nem ocasional. Tem um profundo sentido político. Relacionando as extravagantes e absurdas afirmações revisionistas nos círculos educacionais com os estranhos fenómenos surgidos na sociedade e comparando a actual luta com as anteriores do marxismo contra o oportunismo, os professores, estudantes, pessoal administrativo e operários da Universidade de Hsing Hua chegaram à compreensão de que esta luta não é meramente uma controvérsia sobre a qualidade da educação e sobre como realizar as «quatro modernizações» (a modernização da indústria, a agricultura, a defesa nacional e ciência e tecnologia) nem sobre o problema de direcção numas quantas entidades. Os que soltaram o vento revogatório direitista lançaram, com efeito, uma ampla e desenfreada ofensiva contra o proletariado no campo político, ideológico e organizativo. Tentaram adulterar a linha fundamental do Partido para desviar assim todo o País da sua orientação marxista-leninista e do seu caminho socialista e mudar a sua cor política. Os estudantes operários-camponeses-soldados disseram com razão: «Se este vento direitista tivesse levado

a sua avante, o capitalismo teria sido restaurado na China e milhões dos nossos irmãos de classe teriam perdido a vida».

Mal se iniciou o debate, alguns estudantes de Hsing Hua, colaram um *dazibao* intitulado «Os seguidores da via capitalista continuam ainda a sua via», concentrando o seu ataque principal num punhado de seguidores da via capitalista dentro do Partido. À medida que se aprofundava o debate, a linha demarcatória das classes tornava-se cada vez mais clara. Os representantes burgueses que levantaram o vento direitista destinado a revogar os veredictos justos eram principalmente aqueles seguidores da via capitalista que foram criticados e desmascarados durante a Grande Revolução Cultural Proletária mas que recusaram corrigir-se. Alguns deles deram-se por vencidos quando a crítica de massas estava no seu apogeu, mas trataram de revogar os veredictos justos logo que passou a crítica, enquanto outros efectivamente nunca admitiram a sua derrota. Entre eles, alguns são elementos alheios à classe infiltrados nas fileiras revolucionárias e outros tomaram parte activa na revolução democrática mas estão em oposição ao proletariado em todos os aspectos durante o período do socialismo. Alguns deles foram companheiros de luta do Partido no passado mas nunca foram marxistas e a sua concepção do mundo é burguesa. Hoje, quando se aprofunda sem cessar a revolução socialista, passaram-se para o lado das classes adversárias, quer dizer, da classe latifundiária e da burguesia. Logo que voltaram aos seus postos de trabalho, persistiram em tomar a via capitalista representando porfiadamente as aspirações das ditas classes.

Os factos mostram que os seguidores da via capitalista seguem todavia a sua via e existem realmente capitulacionistas. Onde está a fonte deste vento revogatório direitista? Precisamente naquele dirigente seguidor do caminho capitalista dentro do Partido que preservou na linha revisionista de Liu Chao-chi e Lin Piao e recusou corrigir-se até

à data.

Os quadros e as massas conseguiram compreender mais profundamente que no presente a contradição principal ainda é a existente entre o proletariado e a burguesia, que o perigo principal actual é ainda o revisionismo e que os mais perigosos são os dirigentes seguidores da via capitalista dentro do Partido que representam os interesses da classe latifundiária e da burguesia. O facto dos seguidores do caminho capitalista continuarem ainda o seu caminho é um fenómeno social que existirá ainda por muito tempo durante todo o período do socialismo. Isto está determinado pela lei da luta de classes e é independente da vontade do homem. Agarrando a tendência do desenvolvimento do movimento, o Comité do Partido da Universidade de Hsing Hua elaborou imediatamente um plano para aprofundar o grande debate. Agarrando firmemente a essência do vento revogatório direitista, que nega tomar a luta de classes como chave e trata de mudar a linha fundamental do Partido e restaurar o capitalismo, os quadros e as massas criticaram sistemática e penetrantemente as falácias revisionistas na frente educacional e noutros domínios na sociedade.

No decurso do debate, os professores, estudantes, pessoal administrativo e operários estudaram com avidez obras de Marx, Engels, Lenine, Staline e do Presidente Mao em estreita combinação com a luta actual. Estudaram as experiências de luta dos mestres revolucionários e as amargas lições acerca da degenerescência da União Soviética em social-imperialista, elevando assim constantemente o nível da sua crítica.

Proporcionaram um exemplo revolucionário os estudantes-operários-camponeses-soldados do departamento de automatização industrial que criticaram os que tinham desencadeado o vento revogatório direitista e alegado que «o pobre nível cultural dos estudantes» «arrasta para trás a modernização da indústria, a agricultura, a defesa nacional

e a ciência e tecnologia». Escreveram um *dazibao* intitulado «Os que desencadearam o vento revogatório direitista esforçam-se pela modernização ou pela restauração?», no qual citaram inumeráveis factos para provar que não são os estudantes mas sim este vento o que «arrasta para trás as quatro modernizações». Indicaram que a burguesia somente simula falar da luta de classes. Ao portar-se desta maneira, tem como propósito adormecer as massas populares e opor-se à luta travada pelo proletariado contra a burguesia. Se não prestarmos atenção e não mantivermos a luta de classes e a linha política, fracassaremos no alcançar da modernização, ou mesmo que a logremos temporariamente num certo período, terminaremos no fracasso mais tarde ou mais cedo, ou obteremos uma de tipo imperialista ou social-imperialista. Os que desencadearam o vento revogatório direitista usaram as «quatro modernizações» como garrote para esmagar as novas coisas socialistas e atacar o proletariado. Trabalharam na aparência pela modernização e, na realidade, pela restauração do capitalismo. Os seus clamores para lançar satélites no espaço não são mais do que folha de parra para encobrir a sua verdadeira intenção de arrastar pelo chão a bandeira vermelha.

Sob pretexto das «quatro modernizações», os que levantaram o vento revogatório direitista negaram abertamente tomar a luta de classes como eixo e, na realidade, pretendiam tomar a sua linha revisionista como eixo. Ao incitar por todo o lado as gentes a provocar um «furacão a favor do trabalho profissional» e um «furacão económico» gritando que «se não bastar um furacão de força 8, se levante outro de força 12», procuraram de um só golpe deitar por terra a política proletária, a luta de classes, que é o eixo, e a linha fundamental do Partido.

O que é o eixo? Os mestres revolucionários do proletariado elucidaram-no, há tempo, claramente, nas suas brilhantes exposições. Marx e Engels assinalaram: «*Durante cerca de quarenta anos temos vindo a destacar a luta*

de classes como força directamente propulsora da história, e particularmente a luta de classes entre a burguesia e o proletariado como a grande alavanca da revolução social moderna. Esta é a razão por que não podemos marchar ao lado de homens que pretendem extirpar do movimento esta luta de classes». (Marx e Engels a A. Bebel, G. Liebrecht, W. Bracke e outros (Carta circular).)

Lenine indicou: *«A política não pode ser colocada senão acima da economia. Raciocinar de outro modo é esquecer o abc do marxismo». (Uma vez mais acerca dos sindicatos, A situação actual e os erros de Trotsky e Bukharine.) «O oportunismo não estende o reconhecimento da luta de classes precisamente ao mais fundamental, o período de transição do capitalismo ao comunismo, ao período da derrocada da burguesia e da completa destruição desta». (O Estado e a revolução).*

O Presidente Mao assinalou: *«Há que não esquecer nunca a luta de classes». «A estabilidade e a unidade não significam renunciar à luta de classes. A luta de classes é como a corda chave de uma rede, e tudo o resto são malhas».*

Logo ao estudar as instruções dos mestres revolucionários e ao analisar as extravagantes e absurdas afirmações desviacionistas de direita encaminhadas para a revogação dos veredictos justos, os professores, estudantes, pessoal administrativo e operários da Universidade de Hsing Hua conseguiram ver claramente que o programa político dos que desencadearam o vento revogatório direitista adulterava a linha fundamental do Partido a fim de tornar realidade o seu objectivo criminoso de restaurar o capitalismo. Os sofismas tais como «o nível da educação é baixo», «a investigação científica ficou atrasada» e isto «arrasta para trás as quatro modernizações» derivaram todos deste programa. Lançando um contra-ataque vingativo ao proletariado, os seguidores da via capitalista que seguem ainda essa via opuseram-se freneticamente ao marxismo e atacaram a linha revolucionária proletária do Presidente Mao.

Tudo aquilo a que se aferraram porfiadamente é precisamente a já frustrada linha revisionista impulsionada primeiramente por Liu Chao-chi e em seguida por Lin Piao e as sinistras teorias revisionistas da extinção da luta de classes e das forças produtivas que Liu Chao-chi defendeu durante 17 anos e que Lin Piao tratou de meter no Informe Político perante o IX Congresso Nacional do Partido.

Com o fim de minar a linha fundamental do Partido, eles arvoraram «bandeiras vermelhas» para se oporem à bandeira vermelha, ao mesmo tempo que recorreram a truques de eclectismo. Os professores, estudantes, pessoal administrativo e operários da Universidade Hsing Hua descobriram que estas tácticas não são mais do que cópias da de Bukharine. Na polémica desenvolvida entre Lenine por um lado, e Trotsky e Bukharine por outro, Bukharine alegou que a focagem de Lenine era «política», enquanto que a de Trotsky era «económica»; e o mesmo tratou de combinar as duas para fazer um «amortizador». Refutando severamente este disparate, Lenine disse: *«A insistência de Bukharine para combinar a perspectiva política com a económica fizeram-no cair no eclectismo teórico».* *«Os senhores esquecem o abc do marxismo quando dizem (ou dão a entender) que a perspectiva política é equivalente à «económica» e que os senhores podem abarcar «uma e outra». (Uma vez mais acerca dos sindicatos, A situação actual e os erros de Trotsky e Bukharine.)* O eclectismo é revisionismo. Os revisionistas que estão próximos do final, dos seus últimos dias, não se detêm a repetir as tácticas caducas para opor-se à revolução e tapar os olhos e ouvidos do povo.

Através do debate de massas, os professores e estudantes da Universidade Hsing Hua viram que este vento direitista destinado a revogar os veredictos justos tem as suas raízes tanto no estrangeiro como no país. Devido à existência do direito burguês e às velhas ideias tradicionais, estamos constantemente expostos aos ataques por parte dos virus da

velha sociedade. Por isso, este vento encontra certo mercado entre alguns quadros e elementos das massas. O actual grande debate tem como objectivo temperar as massas no decurso da luta, aprofundar a sua compreensão sobre a origem social do revisionismo e reduzir ao máximo o solo revisionista. Os professores e estudantes desta Universidade manifestaram: «No grande debate, livrar-nos-emos das grilhetas espirituais e conseguiremos uma esplêndida vitória para a linha revolucionária proletária do Presidente Mao».

FAÇAMOS DA ESCOLA UM INSTRUMENTO DA DITADURA DO PROLETARIADO

Artigo dos estudantes operários - camponeses-soldados do departamento de radiotécnica da Universidade de Pequim, publicado na revista chinesa *Pékin Information*, nº 11, de 15 de Março de 1976.

O grande dirigente do povo chinês, o Presidente Mao, coloca a seguinte questão: *«Porque disse Lenine que é preciso exercer a ditadura sobre a burguesia? Esta questão deve ser bem compreendida. Se ela não o fosse, cair-se-ia no revisionismo.»* Também é de um grande interesse prático que estudemos a teoria marxista respeitante à ditadura do proletariado e à revolução no ensino, e isto em ligação com a luta entre as duas classes e entre as duas linhas, no nosso domínio, a fim de manter a orientação desta revolução e de fazer da escola um instrumento da ditadura do proletariado.

O ensino tem um manifesto carácter de classe

Para o marxismo, o ensino constitui uma parte importante da superestrutura, um ensino determinado reflectindo a política e a economia duma dada sociedade, sobre as quais age em compensação com energia. Nas sociedades de classes, serviu sempre a política de uma classe que, revolucionária ou contra-revolucionária, o utiliza para derrubar a ditadura do seu adversário ou manter a sua. Não existe ensino acima das classes.

Na sociedade capitalista, é pois a ditadura da burguesia que serve, porque esta procura por todos os meios fazer dos seus filhos seus sucessores, seus defensores, dando aos filhos dos trabalhadores uma formação escravizante que fará os seus servidores úteis, susceptíveis de enriquecer os capitalistas sem perturbar a sua quietude e a sua ociosidade. Lenine sublinhou que era natural que *«toda a antiga escola, inteiramente impregnada do espírito de classe, não desse conhecimentos senão às crianças da burguesia. Cada palavra era adaptada aos interesses da burguesia. Nestas escolas não se educava a nova geração dos operários e dos camponeses senão para os conduzir no interesse da burguesia.»* (*As Tarefas das Uniões da Juventude*).

O ensino ao serviço do proletariado é o extremo oposto ao das classes exploradoras. Derrubar definitivamente a burguesia e todas as outras classes exploradoras, substituir a ditadura do proletariado pela da burguesia, permitir ao socialismo vencer o capitalismo para alcançar finalmente o comunismo, tal é a nobre missão histórica do proletariado. E assim se formula também o papel essencial que é chamado a desempenhar o ensino ao seu serviço. Após a Revolução de Outubro, Lenine tinha claramente enunciado que o proletariado devia transformar radicalmente a educação — dando-lhe uma imagem que seja o seu reflexo — «de modo a fazer dele um instrumento da sua ditadura»; eis o que dizia: *«O P.C.R. dá-se como tarefa acabar a obra*

começada pela Revolução de Outubro de 1917 — transformar a escola de instrução de dominação de classe nas mãos da burguesia em instrumento de destruição desta dominação, assim como liquidar inteiramente a divisão da sociedade em classes. A escola deve tornar-se um instrumento da ditadura do proletariado, quer dizer o veículo não apenas dos princípios do comunismo em geral, mas também da influência ideológica, educativa e de organização do proletariado sobre as camadas semi-proletárias e não proletárias de trabalhadores, com vista a derrubar completamente a resistência dos exploradores e realizar o regime comunista.» (Projecto de programa do P.C.(b)R.)

A luta entre as duas linhas no ensino

É preciso fazer da escola um instrumento que permitirá à ditadura do proletariado formar a rendição que continuará a sua obra revolucionária, ou fazer dela um instrumento ao serviço da ditadura da burguesia, destinada a dar uma aristocracia intelectual que vise restaurar o capitalismo? Eis o problema fundamental da luta conduzida no ensino entre as duas linhas.

A fundação da República Popular da China em 1949 marcou a grande vitória da revolução de democracia nova e o princípio da revolução socialista entre nós. Neste ponto da revolução, o Presidente Mao tomou grandes medidas para consolidar o poder proletário recentemente estabelecido de que um dos objectivos importantes era *«realizar com prudência e método a reforma do antigo sistema de educação nos estabelecimentos de ensino e a das antigas instituições culturais na sociedade»* de forma a responder às necessidades duma nova superestrutura e duma nova base económica.

Nós queremos manter a ditadura do proletariado e edificar o socialismo, enquanto que Liu Chao-chi e con-

sortes pretendiam «consolidar a ordem da democracia nova», o que quer dizer de facto restaurar o capitalismo. Tocando a educação, berravam: «nós não sabemos muito bem como repartir o ensino... então, que fazer senão continuar por junto como outrora, prolongar o passado?» Na verdade, o ponto crucial da luta do ensino será precisamente respeitante a esta escolha entre uma transformação completa do sistema e «continuar como outrora».

Durante os longos anos da guerra revolucionária, o Presidente Mao não deixou de se interessar pelo programa da escola. Aplicando o princípio de ligar a verdade universal do marxismo-leninismo à prática da revolução chinesa, definiu um conjunto: uma orientação, dos princípios e dos métodos que nos dizem respeito. Em Dezembro de 1937, numa dedicatória para a criação e a abertura duma escola pública do Chensi do Norte, indicou explicitamente as tarefas da escola proletária: *«é necessário formar em grande número elementos que constituirão a vanguarda revolucionária, terão clarividência política e serão penetrados de espírito de combate e de sacrifício. Francos, devotados, activos e honestos, eles não procurarão o seu interesse pessoal, mas preocupar-se-ão unicamente com a emancipação da nação e da sociedade. As dificuldades não lhes farão medo; eles afrontá-las-ão sempre com firmeza e irão corajosamente em frente. Sem arrogância nem ostentação, terão sentido prático e os pés bem assentes na terra. Se a China possuir um grande número destes elementos de vanguarda, poderá cumprir facilmente as tarefas da sua revolução.»* Em Yenan, fundou ele próprio a Universidade militar e política anti-japonesa em consideração aos quadros, na qual a transformação da ideologia dos estudantes e a manutenção de uma justa orientação política tinham a primazia sobre todas as outras actividades escolares, e onde se aplicavam os princípios marxistas-leninistas: ligar a teoria à prática, combinar a educação ao trabalho produtivo, integrar os intelectuais nos operários e camponeses.

Nas bases de apoio, as escolas — que seguem a linha revolucionária do Presidente Mao — tinham formado inúmeros combatentes revolucionários, contribuindo assim largamente para a vitória da revolução chinesa.

Ostensivamente oposto à linha revolucionária do Presidente Mao, Liu Chao-chi, que negava as experiências adquiridas nas bases de apoio da época, queria «continuar por junto como outrora», quer dizer deixar as nossas escolas sob o domínio dos latifundiários e da burguesia, de modo a pô-los ao serviço duma restauração do capitalismo.

Em 1957 são publicadas *Da justa solução das contradições no seio do povo e Intervenção à Conferência Nacional do Partido Comunista Chinês sobre o Trabalho de Propaganda*. O Presidente Mao sistematizava aí a teoria do prosseguimento da revolução sob a ditadura do proletariado, dizendo que *«a nossa política no domínio da educação deve permitir aos que a recebem de se formar sobre o plano moral, intelectual e físico para se tornarem trabalhadores cultos, tendo uma consciência socialista»*. Graças aos esforços e à luta dos comunistas, dos membros da Liga da Juventude, dos quadros e dos intelectuais revolucionários, o ensino conheceu alguns progressos. Depois, em 1958, a revolução no ensino avançou em todo o País e atacou violentamente o antigo sistema de educação. Mas, até às vésperas da Grande Revolução Cultural Proletária, visto que Liu Chao-chi se encarniçava em aplicar a sua linha revisionista neste domínio, a burguesia continuou a exercer a sua ditadura sobre o proletariado. Em 1966, o Presidente Mao contra-atacou lançando esta palavra de ordem de combate: *«É preciso reduzir a escolaridade e conduzir a revolução no ensino. É inadmissível que os intelectuais burgueses continuem a reinar nas escolas.»* A Grande Revolução Cultural Proletária, que ele próprio desencadeou e dirigiu, ia reduzir em migalhas os dois quartéis-generais — o de Liu Chao-chi e o de Lin Piao — cujas linhas revisionistas criticou. A partir do 27 de

Julho de 1968, ao apelo do Presidente Mao, operários, camponeses pobres e meio-pobres, em coordenação com as equipas de propaganda do pensamento Mao Tsé-tung do E.P.L., entram nos estabelecimentos escolares, retomam o poder nesta esfera, destruindo o monopólio dominador dos intelectuais burgueses, e dando uma nova face à revolução no ensino. A Grande Revolução Cultural Proletária modificou completamente a orientação política e as formas de conduzir a escola, de que ela fez um instrumento da ditadura do proletariado; instrumento que executa a linha fundamental do Partido, que forma os continuadores da obra revolucionária do proletariado. Uma vez ocupado o terreno, a classe operária dirige a revolução nas universidades que transforma pelo marxismo, o leninismo, o pensamento de Mao Tsé-tung, aplicando como faz conscienciosamente o princípio de que *«a educação deve estar ao serviço da política do proletariado e ser combinada com o trabalho produtivo»*. De acordo com as directivas do Presidente Mao na data de 21 de Julho de 1968, reformou-se o recrutamento, tomando os estudantes de entre os operários e os camponeses; aplicou-se o ensino «à porta aberta», que une docentes e estudantes — outras tantas coisas que permitem à nova geração de intelectuais proletários desabrocharem. Estas transformações profundas testemunham a grande vitalidade da revolução que se desenvolve e abrem-lhe vastas perspectivas.

É preciso notar que a vitória assim adquirida não é mais do que o primeiro passo duma «marcha de dez mil lis»; porque desde sempre, a escola é o «domínio hereditário» das classes exploradoras, o lugar onde se concentram os intelectuais, onde os conceitos de educação destas classes, assim como as velhas forças do hábito, têm ainda um campo muito largo; quanto à maioria dos intelectuais, a sua concepção do mundo é fundamentalmente burguesa — será pois preciso um período muito longo para poder pôr fim a este estado de coisas, e a luta no ensino entre as

classes e entre as duas linhas permanecerá ainda extremamente aguda. Em relação a isto, as propostas inconsistentes mantidas neste meio, e segundo as quais a orientação da revolução que aí se conduz depois da Grande Revolução Cultural Proletária não seria «sempre fixada de forma satisfatória», não visam mais na verdade que pôr de novo em sela a linha revisionista, e restabelecer nas nossas escolas o antigo sistema pedagógico — dito de outra maneira, o reinado dos intelectuais burgueses. Devemos por consequência manter a orientação desta revolução, fazer com que tome lugar o marxismo, o leninismo, o pensamento de Mao Tsé-tung, e transformá-la para dela fazer um instrumento da ditadura do proletariado.

Tomar a luta de classes como eixo

Para realizar esta transformação, é-nos preciso tomar a luta de classes como eixo, defender a linha fundamental do Partido, criticar sem descanso o revisionismo, a ideologia da burguesia e de todas as outras classes exploradoras. A linha fundamental do Partido ensina-nos que *«a sociedade socialista estende-se sobre um período histórico muito longo, no decurso do qual continuam a existir as classes, as contradições de classe e a luta de classes, do mesmo modo que a luta entre a via socialista e a via capitalista, do mesmo modo que o perigo de uma restauração do capitalismo»*. O domínio do ensino é uma frente importante da luta de classes, onde *«os preconceitos burgueses estão particularmente enraizados»*. (Lenine; *Discurso à conferência da Rússia das direcções do ensino político das secções de província e do distrito da instrução pública*) No nosso País, a educação, concebida pela classe feudal dos latifundiários, pela burguesia e pela linha revisionista, deixou por todo lado um veneno difícil de extirpar, que lhes permite agarrar-se a este «domínio hereditário» para se opor à ditadura do proletariado. Ainda que criticadas, as teses propagadas depois de vários milénios

pelas classes exploradoras — «os que trabalham com a sua cabeça dirigem, os que trabalham com as suas mãos são dirigidos», «estuda-se para ser mandarim», «a propriedade privada dos conhecimentos», «primazia da cultura intelectual», desprezo pelo trabalho manual, desdém pelo que é prático — encontram ainda audiência; e com tudo isso, elas e os seus agentes queriam corromper as massas, envenenar o espírito das pessoas jovens, a fim de alcançar o seu objectivo contra-revolucionário: o derrubamento da ditadura do proletariado e a restauração do capitalismo. Do mesmo modo, a clique anti-partido de Lin Piao pretendeu perfidamente desacreditar o movimento dos jovens instruídos para se instalar no campo e integrar-se nos operários e camponeses, movimento que ele comparava a uma «forma disfarçada de trabalho forçado», da mesma maneira que o dos quadros que vão à «escola do 7 de Maio» era tratado como forma de «paralisação», etc. Era o mesmo que se servir do direito burguês para atacar o nosso Partido e a ditadura do proletariado.

A luta permanece aguda hoje entre as duas classes, entre as duas linhas, nesta frente da educação: é completamente errado afirmar que o principal perigo actual é «desinteressar-se pela cultura». A realidade da luta de classes que a escola conheceu demonstra que o primeiro perigo continua a ser o revisionismo; também «*nos cabe uma tarefa importante na frente ideológica, a de desenvolver a crítica contra o revisionismo*», e a linha fundamental do Partido representa o elemento vital para o nosso Partido e para o Estado. Não é senão assegurando verdadeiramente a luta de classes como eixo, e aplicando constantemente esta linha, que poderemos dirigir a revolução até à vitória e conduzir a bom termo a educação.

Reforçar o papel dirigente da classe operária nas escolas

Para que a escola seja um instrumento nas mãos da

ditadura do proletariado, é necessário que nela seja consolidado e reforçado o papel dirigente da classe operária; ora, depois da fundação da República Popular da China, e até à véspera da Grande Revolução Cultural Proletária, é a linha revisionista que, durante dezassete anos, aí reinou, e a burguesia que aí exerceu a sua ditadura sobre o proletariado. Liu Chao-chi e companhia, que queriam restaurar o capitalismo, opuseram-se com todas as suas forças a uma direcção proletária na escola, afirmando que «os profanos não podem dirigir os profissionais», e que era preciso que «os professores dirigissem os estabelecimentos», de tal modo que os intelectuais burgueses tinham o seu monopólio.

No decurso da Grande Revolução Cultural Proletária, o Presidente Mao declarou que *«para cumprir a revolução proletária no ensino, é preciso que ele seja dirigido pela classe operária, é preciso que as massas operárias nele tomem parte e realizem, em colaboração com os combatentes do Exército de Libertação, a tripla união revolucionária com os elementos activos que, entre os alunos, os docentes e os trabalhadores das escolas, estão decididos a prosseguir esta revolução até ao fim. As equipas operárias de propaganda permanecerão muito tempo nas escolas, e participarão em todas as tarefas da luta-crítica-transformação e dirigirão para sempre as escolas. No campo, é aos camponeses pobres e médios da camada inferior, os mais seguros aliados da classe operária, a quem compete encarregar-se delas.»* Esta directiva é como uma arma acerada que abaterá o ensino burguês, e a garantia essencial que se estabelecerá o do proletariado.

Uma questão de base é a da direcção na revolução no ensino; em torno dela a luta entre proletariado e burguesia é longa, encarniçada. Uma opinião absurda, recentemente emitida, pretendia «uma direcção pelos profanos apaixonados da ciência», quer dizer, na realidade, opor-se a que a direcção permaneça na classe operária — que é mais

revolucionária. Só com a sua direcção se transformará radicalmente o antigo sistema e se conduzirá ao seu termo a revolução proletária. Ao apelo do Presidente Mao, a classe operária fez a sua entrada nos estabelecimentos escolares onde quebrou o embargo dos intelectuais burgueses, onde dirigiu docentes e estudantes revolucionários numa crítica ininterrupta do antigo sistema e da linha revisionista existente entre nós — isso, sucessos brilhantes. Vários anos de experiência concreta mostram que nos devemos apoiar com toda a confiança na classe operária e reforçar a sua direcção, se se quer transformar a escola segundo a linha revolucionária do Presidente Mao.

«É por intermédio da sua direcção (do Partido Comunista) que o proletariado assume o seu papel dirigente», e o Partido Comunista Chinês representa este proletariado; ele é a sua vanguarda. Para assegurar o papel dirigente da classe operária na frente da educação, é pois preciso reforçar ao mesmo tempo a direcção do Partido e colocar todas as actividades escolares sob a sua direcção unificada. Apenas assim se assegurará que a linha revolucionária e a política definidas pelo Presidente Mao serão verdadeiramente aplicadas, que o reforço da ditadura do proletariado se instalará na escola.

Unir-se com os operários e os camponeses

Para fazer da escola um instrumento da ditadura do proletariado, é preciso prosseguir a escola «à porta aberta», integrar-se nos operários e nos camponeses. Tal é a via a seguir se os intelectuais querem transformar a sua concepção do mundo — porque elas lhes permitem reeducar-se. O Presidente Mao sublinhou várias vezes a importância desta reintegração e mostrou concretamente como cumpri-la; disse com efeito que *«para aprender o marxismo, não basta estudá-lo nos livros; é sobretudo pela luta de classes, o trabalho prático e os combates com as*

massas operárias e camponesas que se chega realmente a fazê-lo seu.» Notou igualmente que os nossos professores e os nossos mestres primários, que se dedicam a formar alunos, a educar o povo, *«sendo mestres e educadores eles têm por primeiro dever educar-se. E isso tanto mais que atravessamos um período de grandes mudanças no regime social».* *«É preciso aprender junto dos produtores — dos operários, dos camponeses pobres e dos camponeses médios da camada inferior e, na escola, junto dos alunos, ao pé daqueles que se ensina.»*

Através das críticas que a Grande Revolução Cultural Proletária fez das linhas revisionistas de Liu Chao-chi e de Lin Piao, o sistema educativo conheceu uma mudança radical entre nós. A linha revolucionária do Presidente Mao, o ensino «à porta aberta», abriram mais aos professores e aos estudantes a grande via que os uniu aos operários e aos camponeses. Os intelectuais outrora desligados destes, do trabalho manual e da prática, mergulhados nos seus livros, hoje entram nas fábricas, vão ao campo e às unidades do exército: eles aprendem assim e reeducam-se graças aos operários, aos camponeses e aos soldados, o que acelera muito a sua transformação. Dá-se então conta que uma tal integração é a regra de ouro para os intelectuais que querem mudar, tornar-se proletários.

A escola «à porta aberta» significa que os alunos «se consagraram principalmente aos seus estudos, esforçando-se por adquirir uma formação noutros domínios, quer dizer não só sobre o plano cultural, mas igualmente nos planos industrial, agrícola e militar; eles devem também criticar a burguesia». Isso permite-lhes estudar o marxismo, o leninismo e o pensamento de Mao Tsé-tung através dos três movimentos revolucionários (luta de classes, luta pela produção e pela experimentação científica), compreender melhor a luta de classes e a luta entre as duas linhas, prosseguir a revolução sob a ditadura do proletariado e reforçar a sua capacidade de distinguir o verdadeiro

marxismo do falso. Guiados pela política proletária, os estudantes ligar-se-ão ao mesmo tempo à aquisição do saber profissional, aprenderão as técnicas de ponta — nacionais e estrangeiras — e pretenderão empreender criações audaciosas, ao mesmo tempo que se tornarão combatentes resolutos a lutar contra o revisionismo e a detê-lo, assim se começa a consolidar a ditadura do proletariado; eles tornar-se-ão trabalhadores instruídos, com espírito socialista. Pelo contrário, apresentar o ensino «à porta aberta» como «um abandono dos estudos», como «a prática, a prática, a prática», é uma perfeita calúnia contra os professores e os estudantes decididos a seguir esta via do «7 de Maio».

Unir, educar e transformar os intelectuais

Para fazer da escola um instrumento da ditadura do proletariado, é preciso guiar-se pelo marxismo, o leninismo, o pensamento de Mao Tsé-tung, para criar um exército de professores proletários e, competentes, para assegurar um trabalho consciencioso de união, de educação, de transformação dos intelectuais.

Na sua Intervenção na Conferência Nacional do Partido Comunista Chinês sobre o Trabalho de Propaganda, o Presidente Mao, pela análise de classe marxista, estudou cientificamente a situação dos nossos intelectuais. Mostra que existem três atitudes entre eles a respeito do marxismo: a da ala esquerda, firme; a dos elementos do centro, vacilante e a da ala direita, oposta. Os que conhecem muito bem o marxismo, que têm uma atitude firme e uma posição clara sobre o proletariado, são uma minoria, mas constituem o núcleo central e têm a força. A maioria tem uma posição intermédia — apoiam o socialismo, querem servir o povo e aprovam o marxismo sem o conhecerem bem; a sua concepção do mundo, essencialmente burguesa, não tem uma atitude bem firme e vacila desde que se

levante uma tempestade. Os intelectuais resolutamente opostos ao marxismo e hostis ao Estado, são em número ínfimo. Durante mais de dez anos, a luta entre as duas classes e entre as duas linhas que as frentes ideológica e política conheceram — particularmente durante a Grande Revolução Cultural Proletária e o movimento de crítica contra Lin Piao e Confúcio — prova a justeza desta análise. Negá-la seria negar a necessidade de transformar a concepção do mundo dos intelectuais.

Modificar esta concepção burguesa permanece o problema essencial deste grupo. O Presidente Mao sublinhou-o: *«A maior parte dos nossos intelectuais vêm da antiga sociedade e de famílias que não pertencem às classes laboriosas. Alguns, que saíram de famílias operárias ou camponesas, são contudo intelectuais burgueses, porque a educação que eles receberam antes da Libertação era a da burguesia e a sua concepção do mundo permaneceu essencialmente burguesa. Se eles não rejeitam o que é antigo para adoptarem a concepção proletária, serão sempre diferentes dos operários e dos camponeses pelo seu ponto de vista, a posição que eles tomam e os seus sentimentos; eles não concordarão com eles e estes nunca lhes abrirão o coração.»* Para responder às necessidades da revolução e da edificação socialistas, os intelectuais devem prosseguir o estudo assíduo do marxismo, do leninismo, do pensamento de Mao Tsé-tung, rejeitar resolutamente as concepções burguesas do mundo e assegurar as do proletariado; eles não devem parar a meio caminho, sobretudo fazer marcha atrás, porque não teriam mais saída. O Presidente Mao disse-nos também que *«não só aqueles cuja posição fundamental não mudou: todos devem aprender e reeducar-se.»* Estudantes operários-camponeses-soldados, não fazemos excepção: para nós igualmente, o problema existe de dever transformar a nossa concepção do mundo e devemos dar-lhe o primeiro lugar. Feito isto, desempenharemos muito melhor o nosso papel, que é, uma vez entrados na universidade, de a

administrarmos nós próprios e de a transformarmos pelo marxismo, o leninismo, o pensamento de Mao Tsé-tung.

A revolução proletária no ensino é uma revolução social em profundidade, uma luta no fim da qual o proletariado triunfará da burguesia e o marxismo do revisionismo. «*Sem destruir, não se pode construir. Destruir é criticar, é fazer a revolução. Para destruir é preciso raciocinar e raciocinar é construir. Assim, vem primeiro a destruição que traz em si a construção.*» Devemos tomar a luta de classes como eixo, armar-nos da teoria sobre a ditadura do proletariado, criticar resolutamente a corrente errada que queria negar a revolução no ensino e manter o papel dirigente do Partido, instalar solidamente a política proletária no posto de comando, exercer indefectivelmente uma ditadura integral sobre a burguesia nos diversos sectores da superestrutura e fazer da escola um instrumento da ditadura do proletariado.

RÉPLICA AO DESVIO DE DIREITA NOS MEIOS CIENTÍFICOS E TÉCNICOS

Artigo do grupo de crítica de massas da Universidade de Pequim e da Universidade de Hsing Hua, publicado na revista chinesa *Pékin Information* nº 18, de 30 de Abril de 1976.

Por altura do último Verão, vários dirigentes que aplicavam a linha revisionista nos meios científicos e técnicos, instigados pelo principal responsável do Partido que se comprometeu na via capitalista e que recusa emendar-se, procuraram negar as conquistas das transformações realizadas durante a Grande Revolução Cultural Proletária, numa tentativa para reconduzir as investigações científicas na antiga via do revisionismo caro a Liu Chao-chi.

A luta que se trava actualmente nestes meios faz parte do grande combate que o Presidente Mao, em pessoa, desencadeou e que dirige contra o vento desviacionista de direita visando pôr de novo em causa as conclusões justas.

O artigo que se segue trata dos problemas levantados pela luta entre as duas linhas que os meios científicos e técnicos conduziram e o seu fundamento.

No decurso da Grande Revolução Cultural Proletária e do movimento de crítica a Lin Piao e Confúcio, que desencadeou e dirigiu pessoalmente o Presidente Mao, criticou-se em profundidade a linha revisionista de Liu Chao-chi e de Lin Piao e deu-se assim um impulso vigoroso à ciência e à técnica. Uma quantidade de importantes realizações — entre elas aterragem *ad hoc* de um satélite artificial, a síntese da insulina e a determinação da estrutura cristalina provam que a ciência e a técnica entre nós se elevaram a um novo estágio. Após isso, há algum tempo, um vendaval desviacionista de direita manifestou-se nestes meios. Vários defensores da linha revisionista gritaram: «O que é, afinal de contas a linha revisionista no domínio das investigações científicas? Quem poderá dar uma explicação clara? » Tais propósitos reaccionários são precisamente uma amostra desta linha revisionista.

É preciso manter a ditadura do proletariado

«Unamo-nos num único objectivo, o de consolidar a ditadura do proletariado. Isso deve realizar-se em cada fábrica, cada cidade, cada organismo e cada escola.» Esta nova directiva do Presidente Mao, que explicita a tarefa fundamental comum a todas as frentes do País, deve ser aplicada com firmeza, sem nos desviarmos. O que não impediu, nos meios científicos e técnicos, os desviacionistas de direita de afirmarem sem rodeios que «não é preciso falar de ditadura do proletariado na nossa frente»; sendo uma das razões que «não se poderia submeter a ciência e a técnica à ditadura».

Esta última diz respeito às relações de uma classe com outra e não às relações entre homens e coisas; as ciências

naturais têm por tarefa estudar as leis da natureza — mas os cientistas e os técnicos, as unidades de investigação científica e técnica, assim como os seus serviços de direcção e de administração, encontram-se numa sociedade de classes; são condicionados pela luta entre elas e pela que se trava entre as duas linhas, estão ao serviço da ditadura de uma classes determinada. Sob o regime capitalista, ciência e técnica estão entre as suas mãos e as ciências naturais estão pois subordinadas ao capital — servem os interesses dos capitalistas assim como a sua ditadura. Na sociedade socialista, pelo contrário, devem estar entre as mãos dos trabalhadores, ao serviço da consolidação da ditadura do proletariado e dos interesses do povo trabalhador. Os desviacionistas de direita deformam pois a ditadura do proletariado, que deve exercer-se no domínio da ciência e da técnica, quando a apresentam como a ditadura sobre elas. O que eles procuram, tomando como argumento a especificidade dos sujeitos de investigação, é contestar a necessidade da ditadura do proletariado nos sectores científico e técnico — é bem uma táctica revisionista.

O proletariado tem por missão exercer uma ditadura integral sobre a burguesia ao nível da superestrutura, incluindo todos os sectores da cultura. Monopolizado durante longos anos pelas classes exploradoras, o domínio das ciências e da técnica está profundamente impregnado dos preconceitos e das influências tradicionais da burguesia. Durante os dezassete anos que precederam a Grande Revolução Cultural, Liu Chao-chi e o seu bando conduziram nesse domínio uma linha revisionista; e um grande número de estabelecimentos de investigação científica eram reinos dos intelectuais burgueses. A Grande Revolução Cultural Proletária fez nascer muitas coisas novas e favoráveis à consolidação da ditadura do proletariado, mas as conquistas não estão ainda sólidas e certas unidades estão ainda nas mãos da burguesia. Quem deterá finalmente a frente científica e técnica, que linha se lhe aplicará, que

orientação e que via se seguirá? A luta em torno destas questões permanece muito aguda, muito complexa. Defender que «não é preciso falar de ditadura do proletariado» é, aqui, de facto, negar a luta de classes entre o proletariado e a burguesia, rejeitar o seu papel de eixo central, opor a teoria da extinção da luta de classes à linha fundamental do Partido, suprimir as conquistas da Grande Revolução Cultural Proletária para voltar ao antigo estado de coisas, deixar enfim que a burguesia imponha a sua ditadura ao proletariado.

Conduzir a ditadura do proletariado na frente científica e técnica não significa apenas reprimir um punhado de contra-revolucionários opostos à revolução socialista e que sabotam a edificação do socialismo; implica em substância seguir devidamente a linha revolucionária do Presidente Mao, assim como os princípios e as medidas políticas do Partido; implica criticar sem desfalecimento o revisionismo, a burguesia e as ideias burguesas infiltradas nas teorias científicas; pôr a investigação efectivamente ao serviço da política proletária, ao serviço dos operários-camponeses-soldados e de a combinar com o trabalho produtivo.

Nos meios científicos e técnicos, onde abundam os intelectuais, a ditadura do proletariado tem por tarefa importante vencer a sua concepção burguesa do mundo pela do proletariado, de os unir em torno deste, de os educar e de os transformar. Mas a sua transformação ideológica, bem como a afirmação caluniosa dos desviacionistas de direita — segundo a qual eles seriam «o objecto da ditadura» — são duas coisas profundamente diferentes. Através da Grande Revolução Cultural Proletária e do movimento de crítica a Lin Piao e Confúcio, uma esmagadora maioria de intelectuais fez muito bons progressos. Esta afirmação reaccionária visa denegrir, combater a ditadura do proletariado e através disso os desviacionistas de direita traem o seu medo por esta ditadura.

Fazer ocupar o domínio da ciência e da técnica pelo marxismo

Utilizar o marxismo para ocupar o domínio da ciência e da técnica, para dirigir a investigação, desembaraçar-se do idealismo, da metafísica e de toda a ideologia burguesa — é um importante papel da ditadura do proletariado.

O Presidente Mao notou que «o marxismo cinge o realismo na literatura e na arte, mas não se lhe pode substituir na criação artística, assim como abraça a teoria atómica e electrónica em física, mas não se lhe pode substituir». Esta passagem cobre todas as relações entre o marxismo e as ciências naturais. Deformando esta tese, os desviacionistas de direita dos meios em questão escondem que o marxismo cinge as ciências naturais, mas acentuam o outro ponto — o facto de toda esta doutrina «não se lhes poder substituir» — tudo isso com o objectivo de se opor a que o marxismo guie as ciências naturais.

Notemos além disso que o marxismo cobre estas ciências: no decurso da criação da sua doutrina, Marx e Engels fizeram não só o balanço das experiências da luta de classes, mas também o da rica seara das ciências naturais. O marxismo é a cristalização de todos os conhecimentos humanos, incluindo as ciências naturais — como indicou o Presidente Mao: Marx «estudou a natureza, a história e a revolução proletária e criou o materialismo dialéctico, o materialismo histórico e a teoria da revolução proletária». Marx deixou-nos os seus *Manuscritos matemáticos* e, na *Dialéctica da natureza*, Engels fez a síntese teórica de numerosos ramos das ciências naturais. Para fazer o ponto das descobertas, posteriores à morte de Engels, ¹Lenine escreveu em seguida *Materialismo e empirocriticismo*, no qual critica a filosofia reaccionária burguesa. Do mesmo modo, o Presidente Mao dedicou-se constantemente a fazer a síntese filosófica das ciências naturais; em *Sobre a contradição* e *Sobre a prática*, faz um importante balanço

das suas realizações e, em *Sobre a justa solução das contradições no seio do povo* resume a lei dialéctica do seu desenvolvimento.

Cobrindo assim as ciências naturais, o marxismo torna universalmente válida para todos os ramos a lei geral da dialéctica materialista que esclarece. É verdade que cada ramo tem um objecto específico conforme a variedade das formas dinâmicas da matéria e o carácter específico das suas contradições. Quando afirmamos que o marxismo não se pode substituir às ciências naturais, não pretendemos dizer que isso enfraquece o seu papel director; pelo contrário, queremos que se derive a partir de uma posição, de um ponto de vista e segundo os métodos marxistas para fazer uma análise e um estudo concretos, dialécticos, da sua vocação.

Antes da Grande Revolução Cultural, idealismo e metafísica marcavam muito seriamente os meios científicos e técnicos, devido às actividades de sapa de Liu Chao-chi e consortes, assim como à ausência de um estudo assíduo das obras marxistas-leninistas, entre elas as obras do Presidente Mao. Depois de então, os trabalhadores destes meios dedicaram-se seriamente a este estudo, mas isso é apenas um primeiro passo; esforços prolongados, uma luta de todos os momentos são ainda necessários para que esta doutrina presida efectivamente às investigações científicas e para que ocupe realmente o domínio. Nestas condições, os argumentos reaccionários dos desviacionistas de direita visam de facto asfixiar este movimento de massas que o pessoal científico e técnico desencadeou.

A experiência histórica mostra que as ciências naturais são um domínio que os revisionistas utilizam contra o marxismo; os marxistas devem pois bater-se neste campo. Foi também aqui que a luta de Marx e de Engels contra Duhring se desenrolou em boa parte. No *Anti-Duhring*, Engels critica ponto por ponto às perspectivas antimarxistas de Duhring, entre outras, sobre a cosmogonia, a física, a química e a

biologia. Após a derrota de revolução russa de 1905, Lenine interessa-se por sua vez pelas ciências naturais; põe-se ao corrente das recentes descobertas e da «crise da física»; critica então fortemente o machismo (1) e os seus adeptos russos, a fim de combater a linha revisionista de Bogdanov. A directiva do Presidente Mao de «fazer tábua rasa dos velhos mitos, empreender na independência a produção industrial, a produção agrícola, a revolução técnica e a revolução cultural», assim como as que dizem respeito à oposição às tentativas para asfixiar as forças nascentes, constituem uma crítica pertinente da filosofia compradora de servilismo perante o estrangeiro — e outros conceitos idealistas e metafísicos que tocam os domínios científico e técnico. Mas os desviacionistas de direita permanecem abertamente opostos à sua influência pelo marxismo.

Integrar-se nos operários e camponeses

Com a investigação «à porta aberta», o pessoal integra-se com os operários e camponeses; trata-se, aí, de realizações socialistas devidas à Grande Revolução Cultural Proletária; mas os desviacionistas de direita agarraram-se a estas inovações revolucionárias, argumentando que as investigações «à porta aberta» fazem «padecer a teoria de um contacto excessivo com a prática», que «a insistência posta na integração com os operários e os camponeses faz com que não se ouse empreender trabalhos teóricos».

Opor a união com a produção e o desenvolvimento das teorias científicas, eis na verdade uma visão do conhecimento que considera as coisas ao contrário. O que é então uma teoria? «Não existe no mundo senão uma única teoria verdadeira: a que é tirada da realidade objectiva e confirmada por ela.» O acto de produção do homem é a própria base da sua actividade prática; e para dizer a

(1) — De Mach, filósofo idealista, criticado por Lenine em *Materialismo e Empirocriticismo*. (N.T.)

verdade, as teorias das ciências naturais nasceram e desenvolveram-se graças a esta actividade. *«Quando a sociedade tem necessidades técnicas, impulsiona mais a ciência do que dez universidades.»* Hoje, a nossa produção industrial e agrícola, como a nossa edificação em plena expansão, colocam às ciências naturais uma quantidade de problemas teóricos, cuja solução não é possível senão pela abundância das experiências práticas acumuladas, que por sua vez contribuem para o desenvolvimento das teorias. Se, do ponto de vista dos desviacionistas de direita, tivéssemos virado as costas às actividades de produção industrial e agrícola e se nos contentássemos em reflectir entre quatro paredes, ser-nos-ia possível encontrar as nossas respostas entre as linhas das revistas estrangeiras, que nos teriam conduzido pela ponta do nariz. Antes da Grande Revolução Cultural Proletária, sob a influência nefasta da linha revisionista de Liu Chao-chi, numerosas unidades trabalhavam numa redoma fechada para «elevar o seu nível», sem qualquer ligação com as fábricas ou com o campo. Resultado, «os investigadores desperdiçam fortunas tendo por único ‘resultado’ cair no revisionismo». Através da Grande Revolução Cultural, os cientistas e os técnicos criticaram esta linha revisionista e interessaram-se de perto pelos três grandes movimentos revolucionários — luta de classes, luta pela produção, experimentação científica — e a aplicação do princípio «prática-teoria-prática» trouxe-lhes um princípio de sucesso nos seus esforços.

Com esta integração com os operários e os camponeses, avançando sobre a via luminosa traçada pelo Presidente Mao, os homens de ciência e os técnicos puderam reeducar-se no plano político e modificaram a sua concepção do mundo. Por outro lado, é-lhes preciso com efeito continuar a aprender no plano profissional. Quando os desviacionistas de direita sublinham a necessidade de «fazer soprar o tufão do profissionalismo», de que excluem a integração com os operários e os camponeses,

vê-se claramente a quem eles se opõem e o que lhes é caro.

«Desde o princípio, o nascimento e o desenvolvimento das ciências são condicionados pela produção» e os trabalhadores estão directamente relacionados pela produção. As múltiplas experiências, positivas ou negativas, acumuladas no decurso de uma longa prática, constituem o recurso que alimenta o desenvolvimento das teorias científicas. Não é senão com modéstia no estudo e tirando as conclusões das novas experiências feitas pelas massas, fazendo-as concentrar nisso a sua inteligência, que se pode utilizar plenamente a sua especialidade e alcançar uma maior contribuição. Escusado será dizer que encorajar as investigações «à porta aberta» não significa nem que se deva suprimir o laboratório, nem que seja preciso dissuadir o pessoal científico e técnico de aprofundar os seus conhecimentos pessoais; isso quer dizer que as investigações em laboratório serão necessárias ligadas às das massas e que se preservará numa orientação justa, que as combine com o trabalho produtivo, com os operários e os camponeses.

Conduzir vigorosos movimentos de massas

É preciso mobilizar as massas para fazer avançar a ciência e a técnica? É uma questão de princípio, que diz respeito à linha que se seguir.

«Em todo o trabalho, um tal movimento (movimento de massas) é necessário; sem ele, nada pode avançar.» O desenvolvimento da nossa ciência e da nossa técnica é caracterizado pelo seu apoio em vigorosos movimentos de massas.

País socialista, a China não o pode realizar apoiando-se numa ajuda externa; um princípio fundamental da nossa revolução e da nossa edificação socialista é *«independência e autonomia e contar com as suas próprias forças»*. Não nos devemos arrastar, a passo de caracol, atrás dos outros; devemos ganhar tempo, adquirir velocidade para recuperar,

para ultrapassar os níveis mundiais de ponta. Para atingir este objectivo, é preciso conduzir com vigor estes movimentos de massas, apoiar-se na inteligência e na força do povo — o que não se poderia fazer se apenas se contasse com uma minoria de pessoas.

A participação das massas nas investigações científicas é muito importante para reduzir as diferenças entre cidade e campo, entre operários e camponeses, entre trabalho intelectual e trabalho manual e para restringir o direito burguês. Semelhantes movimentos de massas, na frente científica e técnica, permitirão aos simples trabalhadores penetrar nestes dois domínios e quebrar assim o monopólio das classes exploradoras. No nosso País, os operários, os camponeses e os soldados, libertos de velhos mitos, com o espírito libertado, lançam-se com ímpeto nos campos da experimentação científica. A classe operária e o campesinato pobre e médio da camada inferior realizaram muitas façanhas; são, entre outras: uma tecnologia nova na extracção do petróleo em Taching, a criação de «campos-esponjas» em Tatchai — contribuição para o desenvolvimento da pedologia — a afinação de brocas ditas *qunzuan*, a invenção de novos recursos de luz, a automatização da produção nas pequenas fábricas de bairro e até o lançamento de cargueiros de 10 000 toneladas de fabricação inteiramente chinesa, o desenvolvimento rápido da nossa indústria e catorze anos seguidos de boas colheitas. Tudo isso ilustra que «as massas são os verdadeiros heróis», que os grupos de investigação científica de base formam a força principal que fará avançar a ciência e a técnica.

Nós continuamos a estar interessados no papel do pessoal e preconizamos sempre a sua união com os agrupamentos de massas, porque consideramos que só uma tal união poderá acelerar consideravelmente o desenvolvimento da ciência e da técnica. Quando dizemos que é preciso conduzir vigorosos movimentos de massas nesta frente, entendemos entre outras coisas que é preciso apoiar-se sobre este pessoal e encorajá-lo a praticar o

entendimento com as formações de massas. O êxito dos nossos ensaios nucleares e termo-nucleares, o lançamento dos nossos satélites artificiais, são devidos à colaboração dos operários, dos quadros, dos cientistas e dos técnicos, aos grandes movimentos de massas. Os desviacionistas de direita procuram afastar os trabalhadores científicos e técnicos dos operários e dos camponeses e conduzi-los numa via falsa. Uma vez comprometida a sua especialidade num tal impasse, não teriam qualquer perspectiva de futuro.

Profanos que dirigem especialistas

Que linha se vai seguir? Isso depende numa grande medida da classe que detém a direcção. Os desviacionistas de direita pediram publicamente que o poder seja confiado às «autoridades de primeiro plano admitidas pelas pessoas da ciência» e opõem-se pois a que o proletariado exerça a sua direcção sobre a ciência e a técnica.

Este é um argumento típico de «gestão dos centros de investigação pelos peritos», cuja ideia chave é afastar a direcção do Partido. Voltar-se-ia assim à prática de antes da Grande Revolução Cultural que Liu Chao-chi preconizava, para que o poder tornasse a voltar para as mãos dos intelectuais burgueses. A este respeito, estes desviacionistas de direita exibiram a sua «arma mágica» — que não é mais do que o argumento deformado empregue pelos direitistas burgueses quando dos seus ataques contra o Partido em 1957; a saber que os que não compreendem nada das questões profissionais não podem assumir a direcção, que os profanos não vão dirigir os especialistas.

A lei geral da dialéctica materialista, é que «os profanos dirijam os especialistas» e considerar que a direcção não pode ser assegurada senão pelos especialistas leva a recusar o controlo da política sobre as questões profissionais, a excluir na prática toda a possibilidade de exercer uma direcção unificada sobre as instituições profissionais. Bem entendido, isso não significa de modo nenhum dizer que os

camaradas encarregados da direcção do Partido, na frente científica e técnica, deixem de adquirir os conhecimentos apropriados. O nosso Partido encorajou sempre os quadros a iniciarem-se nos ofícios, a tentar ser ao mesmo tempo «vermelhos e peritos» — de tal modo que possam aplicar melhor a linha revolucionária do Presidente Mao e reforçar sem cessar a direcção do Partido.

Se o velho argumento citado está de novo em voga nos meios científicos e técnicos, isso deve-se a que as classes exploradoras não deixam o seu território hereditário antes de se debaterem até ao fim. Num tal mundo, que requer conhecimentos particulares, a burguesia utiliza geralmente, como um capital, estes conhecimentos que lhe permitem medir-se durante muito tempo com o proletariado e disputar-lhe a direcção. Assim a direcção do Partido nesta frente deve reforçar-se consideravelmente; todo o enfraquecimento, por mais pequeno que seja, deve ser impedido.

«É preciso estarmos vigilantes contra o aparecimento do revisionismo entre nós», ensina-nos constantemente o Presidente Mao. O vento desviacionista de direita que soprou nos meios científico e técnico para rejeitar as conquistas da Grande Revolução Cultural não é um fenómeno isolado; encontrou a sua origem em Teng Siao-ping, principal responsável do Partido comprometido na via capitalista e que recusa corrigir-se, que aplicou uma linha revisionista, oposta à linha revolucionária do Presidente Mao. E esta linha revisionista tem por característica recusar à luta de classes o papel de eixo director; pretende desviar a linha fundamental do Partido, rejeitar a Grande Revolução Cultural Proletária — isto numa vã tentativa para restaurar o capitalismo entre nós. A grande luta actual na China contra o vento desviacionista de direita que põe de novo em causa as conclusões justas, pretende consolidar e desenvolver as conquistas desta Grande Revolução Cultural Proletária e impedir o retorno ao capitalismo.

A RESPOSTA À CORRENTE DE DIREITA NA FRENTE DA SAÚDE PÚBLICA

Artigo de Miao Yu, publicado na revista chinesa *Pékin Information*, nº 24, de 14 de Junho de 1976.

Desenvolve-se uma luta na frente da saúde pública contra o vento desviacionista de direita que quis voltar a pôr em causa as conclusões justas; ela liga-se ao combate que o Presidente Mao lançou para o fim do ano passado e que dirige pessoalmente contra a linha revisionista de Teng Siao-ping — o mais importante dos responsáveis do Partido que se obstinam na via capitalista.

O presente artigo é consagrado aos problemas levantados e à natureza desta luta entre as duas linhas.

O vento desviacionista de direita, que Teng Siao-ping levantou, como nº 1 dos responsáveis do Partido irredutivelmente comprometidos na via capitalista, para voltar atrás sobre as conclusões justas, afectou igualmente e directamente os meios da saúde pública; atacando as coisas

novas socialistas nascidas neste sector, encarniçando-se para impedir e sabotar a aplicação da directriz do Presidente Mao: «*Concentrar o trabalho médico e sanitário nas regiões rurais*», atacou também, portanto, a linha proletária do Presidente Mao.

Mas as manobras de Teng Siao-ping encontraram de novo a oposição dos quadros e das massas, suscitaram a indignação entre o povo trabalhador e é sobre estas questões importantes que estigmatizam a sua linha revisionista.

É preciso criticar o «Ministério da Saúde para os senhores da cidade»

Para negar ter aplicado, antes da Grande Revolução Cultural, em colaboração com Liu Chao-chi, uma linha revisionista oposta à linha revolucionária do Presidente Mao, Teng Siao-ping esforçou-se por colocar no mesmo plano os sucessos positivos desta e os resultados negativos daquela, avançando, por exemplo, esta declaração ambígua que durante os «passados vinte e cinco anos» o Ministério da Saúde Pública «tinha seguido» uma linha justa — o que lhe permitia, com uma frase, passar sob silêncio a sabotagem e a interferência da linha revisionista de Liu Chao-chi durante os dezassete anos que precedem a Revolução Cultural e negar a necessidade, o sentido profundo desta revolução. Sob a sua direcção, criou-se imediatamente na saúde pública uma corrente de direita que queria contestar as conclusões justas e recuperar a linha revisionista aplicada nesse período. Falavam sobre os «imensos sucessos obtidos em vinte e cinco anos»; é preciso também, dizia-se, que «a saúde pública encare as coisas da mesma maneira». Esforços destinados a opor-se directamente à crítica penetrante que o Presidente Mao tinha feito do antigo Ministério — um «*Ministério da Saúde para os senhores da cidade*».

Antes da Revolução Cultural, Liu Chao-chi e os seus homens tinham recusado aplicar as importantes directrizes do Presidente Mao, colocar a medicina ao serviço dos operários-camponeses-soldados, centrar os esforços na profilaxia, mobilizar as massas para tratar as doenças, combinar a medicina tradicional chinesa e a medicina ocidental, etc. Na época, os serviços médicos colocaram o grosso das forças humanas, materiais e financeiras nas cidades; os centros de tratamento encontravam-se longe dos campos e a prevenção tal como o tratamento das doenças correntes e frequentes eram negligenciados. Um tal Ministério, que não se preocupava com a saúde das massas camponesas, merecia ser estigmatizado. Visto que ele se interessava pela cidade em detrimento do campo, é porque estava ao serviço, não da classe operária e dos outros trabalhadores, mas do punhado de senhores — muito particularmente dos responsáveis comprometidos na via capitalista e contrária à linha revolucionária do Presidente Mao. Era uma altura em que os trabalhadores, que vinham a tratamento, recebiam nos hospitais uma assistência puramente formal, quando não os punham simplesmente na rua. O sistema médico, além disso, tal como as consultas e os tratamentos, a orientação da pesquisa médica, os objectivos da formação fixados pelos institutos especializados, tudo estava ao serviço dum certo punhado de habitantes da cidade. Estas realidades irritaram muito os operários-camponeses-soldados, vítimas desta política, assim como os quadros e as massas empregados por este Ministério.

Estar ao serviço da grande maioria ou duma minoria, tal é a diferença fundamental entre a linha proletária e a linha revisionista no que nos diz respeito.

Se o Presidente Mao qualificou o nosso serviço de então de «*Ministério da Saúde para os senhores da cidade*», foi porque Liu Chao-chi e consortes tinham aplicado uma linha revisionista. No nosso País há 800 milhões de habitantes,

cujas maioria é camponesa e, no entanto, entre a cidade e o campo, no que dizia respeito às condições médicas e sanitárias, a diferença era como da noite para o dia. Fazer os métodos da antiga sociedade, reduzir a pouco e pouco e depois suprimir completamente esta diferença é para nós uma das principais tarefas da revolução socialista. Na oposição, Liu Chao-chi e C^a. iam no sentido contrário para voltar a um capitalismo que não dá razão nem à cidade nem ao campo.

Colocando a saúde pública ao serviço duma minoria cidadina, esta linha revisionista procurava na realidade aumentar o direito burguês, fazer do serviço médico socialista um viveiro de novos elementos burgueses. Um contra-exemplo típico vem-nos da União Soviética, onde os serviços médicos e sanitários servem apenas a classe privilegiada; os novos elementos burgueses, tanto no seio como no exterior do Partido, consideram-nos como um privilégio, monopolizando o que há de melhor em matéria de centros de repouso, de medicamentos e de facilidades — de que eles podem aproveitar sem sequer mexer um dedo. Do outro lado, os trabalhadores não têm outro recurso senão queixarem-se da má sorte se ficam doentes. Este antagonismo entre classes corresponde precisamente ao sonho que Teng Siao-ping acariciava. Se quisermos verdadeiramente pôr em prática a linha revolucionária do Presidente Mao na nossa esfera, é necessário atacar a linha revisionista que Liu Chao-chi e consortes aplicaram e o vento desviacionista de direita originado por Teng Siao-ping.

Não deixaremos denegrir nem os médicos de «pés descalços» nem a cooperação médica

Graças à Revolução Cultural, produziram-se profundas transformações no nosso País. Durante estes últimos anos, levámos sucessiva e proporcionalmente, o trabalho sanitário

para os campos, onde se colocou o grosso do pessoal, das instalações e das despesas. Em particular, depois do aparecimento nos nossos campos destas duas inovações socialistas — os médicos «de pés descalços» e a cooperação médica — a insuficiência de médicos e de medicamentos faz-se sentir cada vez menos. Situação que enraiveceu Teng Siao-ping: acusou os médicos «de pés descalços» de «terem um nível baixo» e, instigado por ele, soprou um vento contra a cooperação médica, «aplicada durante o período socialista quando deveria esperar pelo comunismo».

Que dizer do nível técnico dos médicos «de pé descalço»? Dispensando os seus esforços para evitar e para tratar as doenças mais correntes e mais espalhadas no campo, combinam a medicina tradicional chinesa e a medicina ocidental; sabem além disso apanhar e cultivar os simples (1), preparar eles próprios os medicamentos; o que lhes dá um certo nível técnico e uma experiência bastante completa. Doenças declaradas «incuráveis» pelos especialistas burgueses foram curadas por eles. Por outro lado, diplomados pelas faculdades de medicina do estilo antigo, que tinham seguido um ensino fora da prática, são muitas vezes, no início, incapazes de voar com as próprias asas e o que aprenderam na faculdade aplica-se em geral às necessidades dos habitantes das cidades; uma vez no campo, privados do material e das instalações disponíveis na cidade, já não sabem como começar. Comparados aos médicos «de pé descalço» — que conhecem bem os sintomas das doenças do campo e as suas causas assim como os problemas médicos dos camponeses — são os primeiros que não têm um nível muito elevado. É certo que os médicos «de pé descalço» têm necessidade de se aperfeiçoar profissionalmente na prática e pelo estudo; mas achando o seu «nível baixo», Teng Siao-ping não visava elevá-lo, queria preparar a opinião para fazer desaparecer esta inovação

(1) — Plantas medicinais.

socialista.

Graças à linha revolucionária do Presidente Mao sobre a saúde pública, a cooperação médica nos campos fez-se quase ao mesmo tempo que os médicos «de pé descalço», reflexo do desejo que têm os países pobres e remediados de acabar o mais depressa possível com a falta de médicos e de medicamentos. É uma iniciativa revolucionária de desenvolvimento da via socialista, porque com ela nascem a organização e a entreaajuda médicas e farmacêuticas. Uma parte das quotizações médicas é acumulada pelos membros das próprias comunas populares, outra é fornecida pelos bens públicos — que criam uma reserva colectiva para a saúde —, e o resto é recolhido no próprio lugar. As somas reunidas são inteiramente destinadas aos membros da comuna popular para a prevenção e o tratamento das doenças. Um tal sistema permite, pois, aos camponeses doentes fazerem-se curar sem ficarem na miséria; além disso, favorece a restrição do direito burguês. Tal é a superioridade da cooperação médica. Uma das tarefas do período histórico do socialismo é precisamente desenvolver as inovações socialistas deste tipo. Como dizer depois disso que «aplicámos durante o período socialista uma coisa que deveria esperar pelo do comunismo»? Criações comunistas surgirão muito naturalmente na sociedade socialista; se fosse necessário por isso suprimi-las, não significaria que o socialismo, em vez de caminhar para o comunismo, deveria voltar ao capitalismo? Os comunistas devem trabalhar incansavelmente para criar as condições que facilitarão a chegada do comunismo.

Não deixaremos que se negue a luta de classes

Para além de tudo isso, Teng Siao-ping defendeu que, na hora actual, o problema essencial na saúde pública era «que não há interesse pela técnica», «nem pelo saber profissional»; isto é, que a contradição principal não é, no

nosso País, a luta de classes entre proletariado e burguesia, mas entre aprender e não aprender a técnica. Negação flagrante da linha fundamental do Partido, teoria da extinção da luta de classes.

Os ataques de Teng Siao-ping giram sempre à volta dos problemas essenciais que determinam a orientação e a via a seguir, a saber colocar ou não a medicina ao serviço da classe operária e dos camponeses pobres e médios, isto é, da maioria, de a centrar ou não nos campos. Sobre estas grandes questões de princípio, há uma luta contínua entre as duas classes, entre as duas vias, entre as duas linhas, e ela prosseguirá durante todo o período histórico do socialismo.

Se o proletariado se deixasse apanhar pelas mentiras e pelos sofismas de Teng Siao-ping, se se encerrasse nas questões «técnicas» e «profissionais», se se afastasse do eixo que é a luta de classes, então a medicina resvalaria para uma má via; porque, «adquirir uma saber profissional», «aprender técnicas», não passam de pretextos. A coberto da teoria da extinção da luta de classes, os revisionistas visam na realidade «extinguir» a luta do proletariado contra a burguesia que fabrica e utiliza esta arma ideológica para adormecer a vigilância do proletariado e poder atacá-lo.

O Presidente Mao notou que «a sociedade socialista estende-se por um período histórico bastante longo, durante o qual continuam a existir classes, contradições de classe e luta de classes, assim como a luta entre a via socialista e a via capitalista, assim como o perigo de restauração do capitalismo». Esta directriz aplica-se a todos os sectores de actividade, a todas as profissões. A saúde pública tem as suas contradições, mas a principal reside na luta que opõe o proletariado à burguesia e determina a existência e o desenvolvimento das outras contradições, sobre as quais age. O problema da técnica não encontrará solução correcta senão quando se colocar a política proletária no comando e se tomar em mãos a luta de classes. O objectivo do aperfeiçoamento técnico é melhorar a saúde

da população, ou procurar nome e proveito pessoais? Se este problema não for resolvido, arriscamo-nos a perder-nos numa via má; devemos, portanto, assegurar-nos de que a luta de classes será o eixo, devemos criticar sem descanso as ideias individualistas burguesas, encorajar os trabalhadores médicos a integrarem-se aos operários e aos camponeses, ajudá-los a rever com toda a consciência a sua concepção do mundo, de forma a que eles passem para o lado do proletariado e desejem de todo o coração servir o povo. Só assim eles poderão resolver facilmente os problemas da técnica.

Atacando a direcção do Partido, Teng Siao-ping alegou que esta «não compreende as questões profissionais». Reclamou com insistência que os serviços médicos sejam dirigidos por «profissionais». O Presidente Mao tinha reprovado as ideias erróneas de certos dirigentes dos meios médicos que diziam que a sua profissão era um trabalho técnico, particular — «se vocês não conhecem o trabalho, não têm o direito de me dirigir». Para o Presidente Mao, o Partido deve exercer a sua direcção em tudo e portanto dirigir também o trabalho da saúde pública. E esta direcção deve representar a sua linha revolucionária proletária. Mas eis que um Teng Siao-ping repisa as suas velhas banalidades, utilizadas em 1957 pelos direitistas burgueses para atacarem o Partido: «aqueles que não têm conhecimentos não estão aptos a tornar-se dirigentes; amadores não podem dirigir profissionais». Fazendo isto, procurava pôr outra vez nos postos de direcção defensores da antiga ordem, responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista e que recusam corrigir-se; do mesmo modo que queria recriar um «Ministério da Saúde para os senhores da cidade», isto é, ao serviço de um retorno ao capitalismo.

A história não volta atrás. A Grande Revolução Cultural Proletária fez compreender melhor às massas populares o que eram a luta de classes e a luta entre as linhas. Hoje, Teng Siao-ping está muito isolado e as suas maquinações

perversas de restauração não terminarão nunca. Como nos outros sectores, as massas revolucionárias e os quadros da frente da saúde pública aplicam-se no estudo das directrizes do Presidente Mao sobre a luta de classes e sobre a ditadura do proletariado, de forma a repelir o vento desviacionista de direita lavado por Teng Siao-ping, e para levar até ao fim a revolução no corpo médico.

«A BAÍA DO PENEDO»,
ÓPERA DE PEQUIM

Artigo publicado na revista
chinesa *Pékin Information*,
nº 24, de 14 de Junho de
1976.

É uma peça modelo de tema revolucionário contemporâneo que foi criada enquanto progride a revolução proletária na literatura e na arte.

Desde 1964, guiando-se pela linha revolucionária do Presidente Mao para a literatura e para a arte, o proletariado estimulou a revolução em domínios que a burguesia, tanto no exterior como no seio do Partido, considerava «reservados», opondo-se primeiro à Ópera de Pequim, depois ao ballet e à sinfonia. No fim de lutas difíceis, um certo número de peças de tema revolucionário viram o dia; as massas populares chamam-lhes agora «peças-modelos», modelos em que apresentam um conteúdo político revolucionário sob uma forma artística tão perfeita quanto possível e servem de exemplo.

Se tais obras são tão bem acolhidas pelo público é porque o armam ideologicamente para criticar o antigo

mundo e construir um novo. Tal é o mérito da *Baía do Penedo*. Em 1962 e 1963, no meio das manifestações internacionais antichinesas provocadas pelo imperialismo, o revisionismo e a reacção, a clique de Tchiang Kai-chek refugiada no nosso território sagrado de Taiwan, enviou muitas vezes comandos atacar o continente; as suas tentativas malograram-se, uma após outra, perante a resposta armada do Exército e dos civis do litoral, inspirados pela linha revolucionária do Presidente Mao. Estes combates, em que adquiriram celebridade numerosos heróis deram origem aos cantos dos seus feitos: *A Baía do Penedo* mostra um episódio destas lutas, num porto de pesca na costa do sudeste.

A peça toma como linha directriz a luta de classes e canta os corajosos milicianos do porto que, sob a direcção da célula do Partido, esmagam os ataques surpresa que os agentes de Tchiang Kai-chek lançam.

Em 1963, dois dias antes da festa nacional, estes últimos tentam um desembarque na Baía do Penedo. O seu chefe, Tubarão Negro, era recentemente o déspota que controlava a pesca na zona e é responsável pela morte de muitos pescadores. Mantendo relações secretas com um agente secreto dissimulado nas nossas fileiras, quer desencadear uma operação surpresa para alcançar êxito num movimento contra-revolucionário.

Do nosso lado, o dispositivo de combate está na praça quando o comando chega à proximidade da terra. O agente infiltrado entre as massas populares é cercado pelo exército e pelos pescadores desde que passa à acção. E o homem que vem ter ligação com ele, mal tocou no solo e cai na armadilha armada pela milícia popular.

Quem está em frente dos nossos inimigos? Simples pescadores, milicianos, crianças, pessoas idosas. Todos votando um ódio implacável à antiga sociedade, amando de todo o coração o Presidente Mao, o Partido Comunista e o sistema socialista. Os velhos conheceram todos os

sofrimentos do regime de outrora, no qual o Tubarão Negro pôde assassinar os pais deles. A segunda geração, essa não esquece estas infelidades; mesmo se as feridas estão curadas, conserva sempre presentes no espírito as lutas que conduziu contra o déspota local. Quanto aos jovens, encontram agora vigor e maturidade na tempestade das lutas de classes e dos conflitos entre as duas linhas. Todos trabalham e levam uma vida feliz, mas a necessidade de prosseguir a revolução sob a ditadura do proletariado, é clara para eles. Por isso, de espingarda na mão, estão sempre prontos a combater qualquer inimigo, visível ou escondido.

Lu Tchang-hai é o representante de todos estes pescadores; secretário da célula do Partido para a brigada de produção da Baía do Penedo, é chefe de companhia da milícia popular e o personagem principal desta ópera. É um herói que mantém permanentemente uma grande vigilância revolucionária e que luta com toda a consciência para consolidar a ditadura do proletariado. Para ele, os interesses da colectividade devem passar à frente dos interesses pessoais. Assim, voltando do mar depois de dois meses de pesca, desde que tem conhecimento da aproximação do inimigo, em vez de voltar para sua casa, conduz directamente a sua companhia ao combate.

A sua inteligência e a sua perspicácia são as suas grandes qualidades; examina as acções e movimentos do adversário, nota que o porto está aberto — o que ele julga imediatamente ser um sinal de reconhecimento entre o agente dissimulado e um inimigo do exterior. Vigilante e hábil, serve-se da mesma capa para ganhar a confiança do homem que veio ter a ligação; e quando este último, todo contente de ter conduzido com êxito a sua intriga, se perde em doces sonhos, Lu Tchang-hai tirou dele todas as informações sobre o desembarque.

Lu Tchang-hai possui uma coragem sem medo e esta bravura, como a sua capacidade, triunfam sobre um inimigo superior em número.

O último acto da ópera passa-se sobre o Recife-de-dentes-de-lobo, um recife isolado. Tubarão Negro e o seu bando, depois de ter sofrido uma série de derrotas, refugiavam-se ali. Ferido, Lu Tchang-hai encontra-se só na sua perseguição, aceita este risco de ser morto a todo o momento, sem preocupação pela sua vida, porque mesmo isolado no meio dos inimigos, sente todo o povo atrás dele e tem toda a confiança na vitória. Com todas as garras de fora, o adversário debate-se desesperadamente; mas a sua ferocidade não pode substituir a sua vulnerabilidade — fica encurralado. E Lu Tchang-hai sabe pôr em jogo uma inteligência, um valor que desconcertam os bandidos. Ele terá êxito, finalmente, ao fazê-los cair na armadilha preparada; depois, com a sua faixa ensanguentada envolverá uma luz de sinal para dar o alarme. O Exército e os civis chegam para exterminar os assaltantes. Ao ouvir o nome de Lu Tchang-hai — tão caro aos pescadores — o inimigo é tomado de pânico.

Uma outra personagem da ópera: Hai-ken, miliciano e chefe duma equipa de pesca. Este considera que a via «pacífica» lhe convém muito; não se interessa senão pelo trabalho e pela produção. Inconsciente do perigo dum retorno ao capitalismo, falta-lhe vigilância revolucionária. É assim que se deixa enganar pelas maneiras do agente dissimulado de Tchiang Kai-chek. Chega a beber com ele, toma a responsabilidade de lhe confiar uma barca da equipa e perde mesmo a sua espingarda. Lu Tchang-hai, seu superior, não lho censura, nem levanta sanções contra ele, como exige o regulamento; mas tenta trazê-lo ao bom caminho evocando com ele os sofrimentos e as lutas de outrora, de forma a que penetre o sentido da luta de classes, que reacenda em si um novo ódio, mais forte ainda, para com o inimigo, o que o fará voltar às fileiras dos combatentes.

Quantos portos de pesca e aldeias semelhantes à Baía do Penedo não há na China! E os heróis, os grupos milicianos

como Lu Tchang-hai e a sua companhia, são inumeráveis!

Durante a revolução de democracia nova, apoio das forças regulares, a nossa milícia popular, realizou actos imorredouros nos combates contra os inimigos do País e do exterior. Em 1958, quando o Presidente Mao apelava para «*pôr de pé por toda a parte divisões da milícia popular*», as forças da milícia multiplicaram-se; «presente ao primeiro apelo, apto para o combate e seguro de vencer» torna-se a divisa dos nossos milicianos. Como diz um dos personagens da peça, «cada família representa um posto de guarda, cada pescador, um soldado». E acontece o mesmo através de toda a China.

«*Qual é a muralha verdadeiramente indestrutível? São as massas, os milhões e milhões de homens que, de todo o seu coração, com todos os seus pensamentos, apoiam a revolução*». E o inimigo que quisesse atacar o nosso País seria esmagado por eles.

A ópera de Pequim é a combinação de um conjunto de técnicas artísticas: cantos, diálogos, dança, combates representados por gestos, acompanhamento musical... Depois de ter rompido com as convenções rígidas desta antiga ópera, as peças de tema revolucionário criaram novas regras e a *Baía do Penedo* prossegue nesse sentido, desenvolvendo entre outros, cantos e língua falada cuja versificação é muito do gosto de todos.

Opondo-se a uma tal revolução na literatura e arte, Teng Siao-ping — o mais importante dos responsáveis do Partido que se obstinaram na via capitalista — declarou-se contra as peças-modelo de tema revolucionário, que apresentou como «uma flor solitária que desabrocha». Calúnia perfeita! No jardim das nossas artes, na verdade, cem flores se abriram, uma das quais é a *Baía do Penedo*. Esta ópera passou recentemente em filme nos ecrans do País e os operários-camponeses-soldados apreciaram-na muito.

ÍNDICE

Nota introdutória	11
Manter a linha fundamental do Partido	13
A Grande Revolução Cultural continuará a brilhar	27
Uma grande vitória da ditadura do proletariado	41
Compreender o essencial para aprofundar a crítica a Teng Siao-ping	49
A propósito da ideologia burguesa compradora de Teng Siao-ping no plano económico	55
Crítica dos sofismas revisionistas de Teng Siao-ping na indústria e nos transportes	67
Teng Siao-ping trai o marxismo-leninismo na sua totalidade	83
Teng Siao-ping e o incidente contrarrevolucionário da praça Tien-an-men	101
Avancemos contra ventos e marés	107
Edificar o Partido na luta	111
Uma grande vitória	117
Manter firmemente a orientação geral da luta	123
O incidente político contrarrevolucionário da praça Tien-an-men	127
Tomar infalivelmente a luta de classes como eixo	141
Pôr de novo em causa as conclusões justas vai contra a vontade do povo	135

A essência da luta actual	153
Seguir a linha fundamental e estudar a teoria	157
A ditadura do proletariado e a Grande Revolução Cultural	161
Os proletários são optimistas revolucionários	171
A luta no seio do Partido e o desenvolvimento do Partido	181
As massas são os verdadeiros heróis	193
Os comunistas ao serviço da grande maioria	199
Apagar a distinção entre socialismo e capitalismo é inadmissível	209
Crítica do programa: «tomar as três directrizes como eixo»	219
De democratas burgueses a responsáveis comprometidos na via capitalista	229
Novo surto da crítica contra Teng Siao-ping	240
Aprender a contradição principal na sociedade socialista	245
Um movimento de massas — o estudo da teoria pelos operários, camponeses e soldados	259
Avançar na via da Grande Revolução Cultural Proletária	267
Corpo docente saído da tripla união	273
Visita à fábrica de locomotivas e vagões de Talien	283
A crítica de Teng Siao-ping acelera o desenvolvimento impetuoso da indústria e das comunicações	293
Ampla popularização do pensamento de Mao Tsé-tung	303

Realizações do Instituto de Pesquisa Nuclear de Xangai	309
Negar a revolução na literatura e na arte é querer restaurar o capitalismo	313
Progressos na edição	323
Confissão de um contestatário das conclusões justas, de um artesão do retorno ao capitalismo	327
O caminho de uma jovem actriz	341
O render da guarda da revolução proletária está assegurado	347
Continua e aprofunda-se a Grande Revolução Cultural Proletária	359
Façamos da escola um instrumento da ditadura do proletariado	367
Réplica ao desvio de direita nos meios científicos e técnicos	381
A resposta à corrente de direita na frente da saúde pública	393
«A Baía do Penedo», Ópera de Pequim	403

COMPOSTO E MONTADO
NAS
EDIÇÕES MARIA DA FONTE
E IMPRESSO NA
ELO – MAFRA